

ENIO LUIZ DE CARVALHO BIAGGI

***REVISTA LITERÁRIA* DO CORPO DISCENTE DA UFMG:
UM PERIÓDICO REVELADOR DE ESCRITORES**

**BELO HORIZONTE
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG
2013**

ENIO LUIZ DE CARVALHO BIAGGI

***REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA UFMG:*
UM PERIÓDICO REVELADOR DE ESCRITORES**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Curso de Letras – Estudos Literários, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Literatura Comparada.

Área de Concentração: Estudos Literários – Literatura Comparada

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Orientadora: Prof^a Dr^a Eneida Maria de Souza

BELO HORIZONTE
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG
2013

Para

Laura e Naomy, minhas filhas;

Paloma, minha fiel e paciente companheira,
para suprir e compensar minha ausência;

meus pais, sem os quais nada disso teria
sido possível.

À Profª Eneida Maria de Souza, orientadora e amiga, pela dedicação, carinho e paciência;

à banca de examinadores, pela atenção e envolvimento;

à Dra. Elisabeth Carneiro, pela informações prestadas;

à Profª Sônia Queiroz, sempre amiga e companheira, pelo auxílio na elaboração deste trabalho;

ao Prof. Reinaldo Martiniano Marques, pelas críticas que, de certa forma, me ajudaram a traçar o norte da minha jornada;

ao amigo, conselheiro e colega de trabalho, Prof. Fabrício Marques, quem muito me auxiliou com sugestões que surgiam a partir de nossas discussões nos intervalos intrajornadas de onde lecionamos juntos;

ao Jorge Munhoz, por ter me fornecido as edições da *RL*;

ao escritor e professor Ronald Claver, quem me apoiou e me incentivou, ainda no início dessa pesquisa, a leva-lá adiante, a qualquer custo, dada a sua importância não apenas para os estudantes da UFMG dos dias atuais, mas para toda aquela geração que fez história na *Revista Literária*;

ao escritor Jaime Prado Gouvêa, por ter me esclarecido, ao contar sua experiência de vida, como aluno e escritor, o modo de fazer arte naqueles anos;

ao jornalista e escritor Humberto Werneck, pela presteza e auxílio nas informações solicitadas;

ao Prof. Luiz Cláudio Vieira de Oliveira, pela revisão textual;

ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (Poslit), departamento institucional a que esta pesquisa se vincula;

aos escritores Luís Gonzaga Vieira, Walden Carvalho, Duílio Gomes e a todos que, de alguma forma, auxiliaram no desenvolvimento desta pesquisa;

meus agradecimentos.

Em memória de Plínio Carneiro,
fundador da *Revista literária do corpo
discente da UFMG (RL)*.

*Já falaram que a Revista era minha filha, e a uma
filha a gente trata sempre bem. Tenho pelas
edições da Revista que eu fiz um especial carinho,
carinho mesmo, ao ver aquilo que nasceu nas
minhas mãos e que cresceu comigo, e que está
fazendo 17 anos.*

Plínio Carneiro
(Nota publicada na edição nº 20 da *Revista Literária
do corpo discente da UFMG*)

RESUMO

Análise comparativa da *Revista Literária do corpo discente da Universidade Federal de Minas Gerais (RL)* abordando sua história, importância e relação com outros periódicos artísticos a ela contemporâneos. Neste estudo, busca-se ressaltar a contribuição da revista para a formação do nosso cenário cultural, além de sua importância em revelar talentosos escritores da literatura brasileira, hoje autores consagrados. A revista foi um periódico que alcançou proporções internacionais e inteiramente produzida pelos alunos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com incentivo da reitoria da instituição. Por ser um período de importantes acontecimentos no cenário político e, conseqüentemente, uma época de efervescência artística no âmbito cultural, os anos de 1965 a 1980, referentes às quinze primeiras edições da revista, constituirão o *corpus* deste trabalho. Por fim, também foi realizado um estudo sobre a produção artística e das tendências críticas literárias dos anos de 1960 e 1970, bem como as manifestações político-ideológicas desse período histórico.

Palavras-chave: *Revista Literária*. Periódicos. Corpo Discente. UFMG.

ABSTRACT

Comparative analyses of the *Revista Literária do corpo discente da Universidade Federal de Minas Gerais* (*Literary Magazine of the Faculty members of the Federal University of Minas Gerais*) approaching its history, importance and relation to other contemporary journals artistically oriented. This study aimed at highlighting this journal's contribution to the formation of our cultural scenario and the importance it had in revealing talented writers of Brazilian literature, who have become well known ones today. The *Revista Literária* was a journal produced by the students of the Federal University of Minas Gerais encouraged by the dean of this institution. Since it was a period of many important events in the political scenario and consequentially a time of artistic effervescence in the national sphere, the time from 1965 to 1980 which refer to the fifteenth first editions of the journal, will be the *corpus* of this paper. Furthermore, a study about the artistic production and the literary tendencies of the 1960's and 1970's, as well as the political-ideological manifestations of this period, was done.

Keywords: *Revista Literária*. Journals. Student's Magazine. UFMG.

RESUMEN

Análisis comparativa de la *Revista Literaria del Corpo Discente de la Universidad Federal de Minas Gerais (RL)* abordando su historia, importancia y relación con otros periódicos de cuño artístico contemporáneos. En este estudio se busca resaltar la contribución de la revista en la formación de nuestro escenario cultural y su importancia en la revelación de talentosos escritores de la literatura brasileña, consagrados autores en la actualidad. La revista fue un periódico que alcanzó proporciones internacionales siendo totalmente producida por los alumnos de la Universidad Federal de Minas Gerais con la ayuda de la rectoría. Por ser un período de importantes acontecimientos en la escena política y, por consiguiente, una época de efervescencia artística en el ámbito cultural, los años de 1965 a 1980, referentes a las quince primeras ediciones de la revista, constituirán el *corpus* de este trabajo. Por fin, también fue realizado un estudio sobre la producción artística y de las tendencias críticas-literarias de los años 1960 y 1970, bien como las manifestaciones político-ideológicas de ese período histórico.

Palavras-clave: *Revista Literária*. Periódicos. Corpo Discente. UFMG.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 <i>Capa da Revista Literária do corpo discente da Unversidade Federal de Minas Gerais (RL). Belo Horizonte, 1985-1989.</i>	71
FIGURA 2 <i>RL – Seção "Resenha". Belo Horizonte, 1985.</i>	72
FIGURA 3 <i>RL – Relação dos textos recebidos (Seção "Resenha"). Belo Horizonte, 1989.....</i>	73
FIGURA 4 <i>RL – Seção "Publicações recebidas". Belo Horizonte, 1989.</i>	74
FIGURA 5 <i>Nota "Crise literária" (RL). Belo Horizonte, 1980.....</i>	76
FIGURA 6 <i>Nota "RL: dez anos". Belo Horizonte, 1976.</i>	77
FIGURA 7 <i>RL – Nota sobre edição dedicada a Plínio Carneiro. Belo Horizonte, 1988.</i>	78
FIGURA 8 <i>RL – Seção "Cartas". Belo Horizonte, 1996.</i>	79
FIGURA 9 <i>RL – Seção "Cartas". Belo Horizonte, 1980.</i>	80
FIGURA 10 <i>RL – Seção "Cartas". Belo Horizonte, 1980.</i>	81
FIGURA 11 <i>RL – Seção "Cartas". Belo Horizonte, 1980.</i>	82
FIGURA 12 <i>Oswaldo Augusto Palhares Teixeira. Sem pre vi sí vel, 1996.</i>	113
FIGURA 13 <i>Oswaldo Augusto Palhares Teixeira. Sol – pó ente, 1996.</i>	114
FIGURA 14 <i>Oswaldo Augusto Palhares Teixeira. Ó ínfimo, 1996.</i>	114
FIGURA 15 <i>Sônia Queiroz. Dívida, 1980.....</i>	115
FIGURA 16 <i>Ronald Claver Camargo. Recado, 1989.....</i>	116
FIGURA 17 <i>Plínio Carneiro. Nosso tempo, 1977.</i>	117
FIGURA 18 <i>Carlos Alberto Marques dos Reis. Brincadeira, 1988.</i>	118
FIGURA 19 <i>Maria Consuelo Porto Gontijo. A coruja, 1977.</i>	119
FIGURA 20 <i>RL – Regulamento e folha de rosto. Belo Horizonte, 1966.....</i>	124
FIGURA 21 <i>Editorial e Apresentação da RL, Belo Horizonte, 1966.....</i>	125
FIGURA 22 <i>Duílio Gomes. Confissões de Arnoldo, 1966.</i>	128
FIGURA 23 <i>Duílio Gomes. Fragilidade, 1968.</i>	130
FIGURA 24 <i>Osias Ribeiro Neves. Incidente, 1977.</i>	133
FIGURA 25 <i>Alan de Freitas Passos. Parada de forno. 1980.</i>	139

FIGURA 26 Nota sobre o concurso de ilustrações publicada na edição 10 da <i>RL</i> . Belo Horizonte, 1976.	143
FIGURA 27 Gisele de Moura Siqueira. Ilustração do texto <i>Aviso na entrada do cinema</i> , de Anísio Viana da Silva. Belo Horizonte, 1989.	144
FIGURA 28 Ilustração do texto <i>Quintais antigos</i> , de Marcelo Ribeiro Leite de Oliveira. Belo Horizonte, 1988.	145
FIGURA 29 Roberto de Oliveira Melo. Ilustração do texto <i>Das águas que sabem de marçós</i> , de Fabrício César da Cruz e Franco. Belo Horizonte, 1996.	146
FIGURA 30 Elizabeth Netto Calil Zarur. Ilustração do texto <i>Carrinho de rolimã</i> , de Maria de Fágima Rocha. Belo Horizonte, 1975.	147
FIGURA 31 João Valdênio Silva. Ilustração do texto <i>A mulher exilada</i> , de Venus Brasileira Couy. Belo Horizonte, 1989.	148
FIGURA 32 Sérgio Nunes Morais. Ilustração do texto <i>Além</i> , de Hugo de Almeida Souza. Belo Horizonte, 1976.	149
FIGURA 33 Maria José Boaventura Leite. Ilustração do texto <i>O coronel não verá jamais os seus filhos</i> , de Luiz Fernando de Souza Emediato. Belo Horizonte, 1975.	150
FIGURA 34 Lina Isabel Cristina de Azevedo. Ilustração do texto <i>O ventre da Terra</i> , de Sandra Lyon. Belo Horizonte, 1975.	151
FIGURA 35 Cláudia Paoliello. Belo Horizonte, 1989.	152
FIGURA 36 Geraldo Breno Rodrigues Amaral. Belo Horizonte, 1989.	153

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
A CRIAÇÃO DA REVISTA	20
1 A LINGUAGEM DA MÍDIA	27
1.1 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS SUPORTES LIVRO E PERIÓDICO	27
1.2 A INFORMAÇÃO NO ESTADO DE EXCEÇÃO: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS TEXTOS LITERÁRIO E INFORMATIVO	37
2 O VALOR DA CULTURA: A IMPORTÂNCIA DA OBRA DE ARTE NAS ESFERAS POLÍTICA E ECONÔMICA	46
3 <i>REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (RL): 30 ANOS DE INCENTIVO À ARTE E À CULTURA</i>	59
3.1 AS REVISTAS LITERÁRIAS BRASILEIRAS NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970	59
3.2 <i>RL: GENEALOGIA DE UM PERIÓDICO REVELADOR DE TALENTOS</i>	69
4 A IMPORTÂNCIA DA <i>RL</i> NA FORMAÇÃO DE ESCRITORES	83
4.1 O PAPEL DO INTELLECTUAL, DO ARTISTA E DO ESCRITOR NOS CENÁRIOS CULTURAL, POLÍTICO E SOCIAL	83
4.2 OS ANOS DE 1960 E 1970: A CRÍTICA CULTURAL E A <i>RL</i>	100
4.3 A REVELAÇÃO DE JOVENS POETAS BRASILEIROS NA <i>RL</i>	110
4.4 OS CONTOS PUBLICADOS NA <i>RL</i>	121
5 O PRESENTE DOS AUTORES DA REVISTA	141
CONCLUSÃO	176
REFERÊNCIAS	187
ANEXOS	194

INTRODUÇÃO

Ano de 1971. O escritor Luiz Vilela publicava seu romance *Os novos*, retratando uma geração de jovens intelectuais, ainda inseridos no meio universitário, preocupados em fazer história e transformar a sociedade por meio da literatura. Escrito num contexto conturbado politicamente, período da ditadura militar no Brasil, esse livro é o retrato de como o próprio autor se reunia com outros estudantes, na própria instituição de ensino ou em bares da cidade, para discutir filosofia, política, arte, ciência, literatura.

Os novos é uma obra que registra os bastidores de autores que marcaram uma época, momento em que proliferou, em Minas Gerais, o *boom* de jovens contistas. Além do quadro político daquela época, que levou vários artistas a se organizarem e fundarem movimentos artísticos a fim de se manifestarem contrariamente ao sistema, o alargamento do número de suportes midiáticos destinados a veicular textos e ideias foi, de certa maneira, responsável pela ocorrência de um período fértil para nossa cultura.

Dentre os vários tipos de mídia existentes naquele momento, os periódicos (jornais, revistas, suplementos) foram, sem dúvida, um dos principais meios de circulação desses textos. Dentre as revistas de literatura, uma, em particular, merece destaque: a *Revista Literária do corpo discente da UFMG (RL)*,¹ por ter sido um periódico exclusivo de estudantes universitários, justificando sua escolha como *corpus* para o desenvolvimento deste estudo. As dificuldades que os escritores em

¹ Ao longo deste estudo a sigla *RL* será utilizada para denominar o periódico.

início de carreira, portanto ainda sem expressão, encontravam ao tentar publicar seus trabalhos muitas vezes levavam esses artistas a se organizarem e a criarem seus próprios meios de divulgação. Dessa mobilização, nasciam os periódicos, como jornais, revistas e folhetins artístico-literários. Alguns ainda editavam seus livros com recursos próprios, e depois percorriam bares, livrarias e eventos culturais da cidade tentando vender os exemplares para ter retorno financeiro e visando dar publicidade a seu trabalho.

Outro meio encontrado pelos artistas para divulgarem seus textos se davam pela participação em concursos literários. Além de ganharem premiações em dinheiro, os trabalhos dos escritores vencedores eram editados e publicados sob a forma de livros. Iniciava-se, dessa forma, o reconhecimento de seu talento enquanto autor. Escritores consagrados, de forma geral, possuem trabalhos premiados em concursos, que são eventos de valorização da cultura cujos avaliadores são formados por intelectuais de expressão. Esses críticos, ao selecionarem textos vencedores dos concursos, legitimam, por meio de seu discurso dotado de poder, ditando as tendências literárias do momento. Seus critérios de escolha – aspectos formais, estilísticos, contedúísticos, temáticos – tendem a ser seguidos também por outros escritores, visando imergir nesse mercado.

O interesse por realizar este trabalho ocorreu no ano de 2005, a partir de uma conversa com a professora e escritora Sônia Queiroz, na época minha orientadora de mestrado em Teoria da Literatura, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Eu havia lhe pedido uma sugestão tendo em vista meu interesse em fazer o doutorado acerca de periódicos, que, naquela ocasião, indicou-

me como *corpus* de estudo a *RL*, por seu prestígio, sua importância e pela ausência de estudos acadêmicos sobre ela.

Como só tivera ouvido falar da revista, sem conhecê-la a fundo, dirigi-me imediatamente à biblioteca da faculdade a fim de que pudesse conhecer melhor o periódico. Os elogios feitos à revista por minha orientadora despertaram em mim o interesse em explorá-la. Além disso, o fato de se tratar de uma revista que se encontrava esquecida, desconhecida e obscura, inclusive na própria instituição a que estava vinculada, aumentou ainda mais minha motivação para elaborar esse trabalho, a fim de resgatá-la no meio acadêmico.

Por meio do Jorge Munhoz, funcionário da Faculdade de Letras que trabalhou com a *RL* na época de sua publicação, consegui um exemplar de cada edição. Os volumes se encontravam trancados numa sala empoeirada, junto a outras publicações que não foram vendidas e que também estavam abandonadas, no quarto andar da própria instituição.

De modo geral, as revistas acadêmicas apresentam menor circulação dentre os usuários de bibliotecas que livros, tendendo a ficar, portanto, mais confinadas nas prateleiras. Pela periodicidade de suas publicações, jornais e revistas, diferentemente do que ocorre com os livros, trazem o que há de mais atual e, ao mesmo tempo, transitório, temporário, mas que revelam a tendência e a efervescência do momento. Com o advento de novas edições, os volumes mais recentes tendem a suprimir as anteriores, tornando-as obsoletas, ultrapassadas. Periódicos normalmente são bastante lidos enquanto novidade, devido a sua efemeridade e sua tendência vanguardista, transformando-se, posteriormente, em arquivos memorialísticos.

Para analisar a *RL* pensei, no início, em participar do processo seletivo para o doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, por saber que naquela instituição há um forte grupo que pesquisa periódicos: o Núcleo de Estudos Literários & Culturais (Nelic), criado em 1996. Atualmente coordenado pela professora Susana Scramim, o Nelic é formado por pesquisadores renomados na área de literatura e história, como os professores Jorge Hoffmann Wolff, Carlos Eduardo Schimdt Capela, Jair Tadeu da Fonseca, Renata Telles, Manoel Ricardo de Lima e Maria Lúcia de Barros Camargo.

Entretanto, essa ideia de ir para Florianópolis foi abandonada, decidindo-me por fazê-lo na própria UFMG, entendendo como injustificável o fato de sair daqui para ir à UFSC estudar um periódico exclusivo de alunos. Além disso, por ser em Minas Gerais o local em que se encontra a maioria dos autores que participaram da revista, acreditava que teria maior acesso aos materiais que pudessem viabilizar minha pesquisa (documentos, depoimentos pessoais, etc.).

Por analisar comparativamente um periódico produzido no meio universitário nas décadas de 1960 a 1990, contextualizando-o e resgatando sua importância enquanto revista que contribuía para a divulgação da cultura local e do pensamento de professores e alunos da UFMG, este estudo exercerá função semelhante à de um roteiro, vinculando-se à área de Literatura Comparada, em especial à linha de pesquisa Literatura, História e Memória Cultural (LHMC). Esse mapeamento objetiva, dentre outras coisas, contribuir para a catalogação de um material ainda desconhecido da maioria dos novos leitores. A relevância dessa tese para a Universidade Federal de Minas Gerais e para a teoria literária se refere, portanto, a

sua contribuição como arquivo de (re)composição do *corpus*, que possui como objeto a *RL*, e enquanto trabalho acadêmico.

Desde o início da realização desta pesquisa, quando pensei em cursar o doutorado na linha de pesquisa Literatura, História e Memória Cultural (LHMC), imaginava a dificuldade que encontraria ao longo desta jornada, uma vez que o tema a ser estudado destoava do *corpus* e da linha trabalhada no mestrado – Literatura e outros Sistemas Semióticos (LSS) –, quando analisei a obra de Guimarães Rosa. Naquela oportunidade, foram lidos criticamente os contos “Famigerado”, presente no livro *Primeiras estórias*, e “Cara-de-Bronze”, novela publicada na obra *No Urubuquaquá, no Pinhém* pertencente à ex-coletânea *Corpo de baile*, enquanto textos transemióticos. A dissertação desenvolvida, intitulada *Cinema e vídeo na obra de Guimarães Rosa: uma análise intersemiótica de “Cara-de-Bronze” e “Famigerado”*, foi defendida em 2007, também pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (Poslit) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

As diferenças entre as linhas de pesquisa a que se vinculavam os curso de mestrado e de doutorado culminaram, num primeiro momento, na primeira barreira encontrada durante a realização desta pesquisa, exigindo maior quantidade de leitura de textos críticos e teóricos. Metodologicamente, este estudo foi realizado utilizando-se, como base, textos bibliográficos sobre periódicos, teoria da literatura, arquivologia, gêneros textuais de periódicos – em especial jornais e revistas –, estudos sobre manifestações culturais entre as décadas de 1960 a 1980, além de textos que abordam a função social do intelectual.

Ao longo desta pesquisa também foi desenvolvido um questionário com quinze perguntas enfocando, dentre outros assuntos, a *RL*, seu contexto histórico-cultural,

tendências críticas literárias, encontro de escritores e sua vida profissional naquele momento e na atualidade. Porém, apesar de tê-lo encaminhado a alguns participantes da revista, por e-mail, apenas dois autores o responderam, contribuindo para o desenvolvimento deste estudo.

A importância do resgate deste periódico simboliza a retomada de parte da história da universidade, a partir de um grupo de escritores marcados, na mesma época, como “geração suplemento”, atuando no *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Esses personagens foram importantes para o momento, ajudando a difundir a cultura local e ideias por meio de textos. A revista ainda serviu de foco de resistência na luta contra a ditadura militar nos anos de chumbo. Enquanto acervo arquivístico, a *RL* merece ser resgatada pelo que representou para a comunidade acadêmica, hoje funcionando como arquivo de uma parte da história literária mineira a não ser esquecida.

Andreas Huyssen aborda, criticamente, a angústia da sociedade contemporânea pela preservação da memória, individual e coletiva, por meio do arquivo, que desencadeou no fenômeno de explosão de produtos culturais e ações políticas, a partir de representações simbólicas como monumentos e museus. Essa necessidade de manter a memória viva estimulou, nesse contexto, a produção artística voltada basicamente para os grandes acontecimentos históricos, em especial aqueles relacionados a grandes narrativas, no sentido lyotardiano do termo, como as duas grandes guerras e o holocausto.² Esse fenômeno permitiu a releitura desses grandes eventos, mesmo que alguns textos promovessem essa discussão sob o viés

² Cf. HUYSSSEN. *Seduzidos pela memória*, p. 10.

da espetacularização, como, por exemplo, nos casos dos filmes *Titanic*, de James Cameron, e *La vita è bella (A vida é bela)*, de Roberto Benini, ambos de 1997.

A preservação da memória por meio de arquivos e museus enquanto formas de resgate e de retorno ao passado sofreu um *boom* na sociedade do final do século passado, principalmente a partir dos anos de 1960, em consequência do surgimento “de novos movimentos sociais em busca por histórias alternativas e revisionistas”.³ Segundo Huyssen, “a procura por outras tradições e pela tradição dos ‘outros’ foi acompanhada por múltiplas declarações de fim: o fim da história, a morte do sujeito, o fim da obra de arte, o fim das metanarrativas”.⁴ Essas questões levantadas pelo autor nos incitam a refletir sobre a importante função desempenhada pelos arquivos no momento em que as novas tecnologias tendem a apagar os rascunhos e a conviver com a memória de forma precária e efêmera.

A simultaneidade no mundo pós-moderno aliado à globalização pode culminar numa verdadeira “antropofagia cultural”, através de tensões que envolvem relações de poder. O fenômeno da globalização propõe a imposição de uma cultura hegemônica sobre as demais, desrespeitando-se a alteridade e a diversidade das minorias. O arquivo, por sua vez, ajuda a preservar a identidade de um povo, que luta pelo direito de “ser diferente”.

Jacques Derrida conceitua etimologicamente “arquivo” como vocábulo proveniente do termo “arconte” – quem exerce o comando, detendo o poder sobre o objeto arquivístico –, simbolizando aquele que dispõe de informações, quem organiza uma história de acordo com seus interesses, acarretando na dupla raiz etimológica

³ HUYSEN. *Seduzidos pela memória*, p. 10.

⁴ HUYSEN. *Seduzidos pela memória*, p. 10.

da palavra “arquivo” enquanto *arkhê* (começo e comando).⁵ A partir desse conceito, verifica-se que o arquivo pode ser utilizado para a reconstituição de algo que simbolicamente representa, a partir da perspectiva de quem o reconstrói, ou seja, de quem detém o poder, o arconte.

Enquanto elementos que visam à preservação da memória coletiva, ao lado de arquivos e museus, intelectuais também exercem papel preponderante nesse contexto social contemporâneo de preservação da memória. O teórico palestino Edward Said sustenta essa afirmativa utilizando, como exemplo, o caso dos modernistas brasileiros, intelectuais que falaram em nome daqueles que não tinham voz.⁶ Não há dúvidas de que o mundo está sendo musealizado e que um dos fatores que contribuiu para esse fenômeno foi a emergência da sensação temporal de final de século e de milênio, conforme afirma Andreas Huyssen. Ainda segundo ele, essa “cultura da memória” na qual estamos inseridos é fruto de interesses político-financeiros num contexto marcado pela espetacularização de grandes eventos históricos explorados pela indústria artística, por lutas locais frente à globalização.

O discurso da memória é marcado pela amnésia, apatia ou embotamento como consequência da mídia, “desde a imprensa e a televisão até os CDROMs e a Internet – que faz a memória ficar cada vez mais disponível para nós a cada dia.”⁷ A partir desse contexto e diante da incerteza sobre se o excesso de memória é que acarreta no medo do esquecimento ou se é o medo do esquecimento é que alimenta o desejo de lembrar, Huyssen afirma que essa busca incessante pela preservação da

⁵ DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 7.

⁶ Cf. SAID. *Cultura e política*, p. 37.

⁷ HUYSEN. *Seduzidos pela memória*, p. 18.

memória não é apenas de um fenômeno individual, porém um processo coletivo, um fenômeno social. No entanto, ainda segundo ele, a ameaça do esquecimento é proveniente da própria tecnologia à qual depositamos uma enorme quantidade de registros e informações.”⁸

A memória é sempre transitória, notoriamente não confiável e passível de esquecimento; em suma, ela é humana e social. Dado que a memória pública está sujeita a mudanças – políticas, geracionais e individuais –, ela não pode ser armazenada para sempre, nem protegida em monumentos.⁹

A CRIAÇÃO DA REVISTA

A *RL* foi instituída em 1966, mesmo ano de criação do *Suplemento Literário* do jornal *Minas Gerais* e um ano antes do surgimento do Festival de Inverno da UFMG (1967), por três alunos da universidade – Plínio Carneiro, estudante de Sociologia, formado em Jornalismo pela Faculdade de Filosofia e assessor de imprensa do Reitor da UFMG; Luiz Gonzaga Vieira, aluno do curso de Letras, também formado em Jornalismo; e Luiz Vilela, acadêmico em Filosofia.

De caráter artístico e acadêmico, o periódico foi, nestes trinta anos de publicação, patrocinado pela Reitoria da UFMG. Em geral, apresentava divisão estrutural em duas partes: a primeira, contendo contos e poemas vencedores dos concursos – os três textos vencedores de cada modalidade seguidos de mais cinco trabalhos escolhidos como menção honrosa; a segunda parte, contendo os ensaios, contos e poemas de ex-alunos e professores da universidade, além da inserção, a

⁸ Cf. HUYSSSEN. *Seduzidos pela memória*, p. 33.

⁹ HUYSSSEN, *Seduzidos pela memória*, p. 37.

partir da décima edição da revista, dos textos imagéticos premiados pelo concurso de ilustrações e da seção “Resenha”, destinada a veicular informações acerca dos textos recebidos pelo Conselho Editorial, trazendo, inclusive, quadro com dados estatísticos. Ao longo de sua existência, o concurso da *RL* recebeu 2.348 contos e 11.426 poemas. Foram, ao todo, 13.761 trabalhos de 3.507 estudantes da UFMG publicados em 26 edições do periódico. Sua divulgação alcançou âmbito internacional.

A partir dos anos de 1980, quando a universidade desviava seu foco para o advento dos cursos de pós-graduação, a *RL* passou dar maior ênfase à publicação de ensaios acadêmicos. Esse tipo de texto que geralmente é produzido nas academias começou a ganhar força, passando a serem mais fundamentados e analíticos. Periódicos atuais vinculados às instituições de ensino superior normalmente objetivam a publicação de textos crítico-teóricos feitos pela comunidade universitária. Na realização desta pesquisa não foram encontradas revistas literárias universitárias criadas nos mesmos moldes da *RL*.

Há rumores de que o Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFMG (Poslit), departamento a que esta pesquisa se vincula, estava interessado em retomar, na modalidade eletrônica, a *RL*. As diversas vantagens que a mídia digital proporciona sobre o texto impresso viabilizariam seu retorno. Dentre esses aspectos, pode-se citar o fato gerar menos custo para a instituição, uma vez que não necessitaria de papel para imprimi-la; seria um periódico ecologicamente correto, em meio à escassez de papel nos dias atuais; a chance de obter maior alcance nas divulgações de suas edições é potencializada, tornando-se ainda mais acessível ao público que na época em que circulava na modalidade impressa; por ser um arquivo

virtual, não há a possibilidade de se deteriorar com o tempo; isso sem contar com a facilidade de ser armazenada, uma vez que não ocupa espaço físico na estante, mas tão somente no *hard disk* do computador.

Dada sua importância para a cultura e para a academia, acredita-se que, da mesma forma que houve movimento entre alunos e professores da universidade na época da ditadura militar em prol da manutenção da revista, deveria emergir outro manifesto, agora a favor de seu resgate, devido ao que a revista simboliza e ao que representa para a instituição. Criada num momento de explosão literária em todo o Brasil, a *RL* serviu de plataforma para universitários que se tornariam, mais tarde, importantes escritores e pesquisadores do nosso cenário acadêmico-cultural. Por esse motivo, a relevância desta pesquisa deve-se, sobretudo, a sua contribuição para a preservação da memória cultural e ao resgate histórico-literário, através da análise comparativa entre a revista e outros periódicos da época ou entre as obras posteriores de escritores hoje consagrados e seus primeiros trabalhos que nela foram publicados.

Como afirmado anteriormente, este trabalho se propõe a desempenhar a função de um roteiro, mapeando as produções e os personagens do periódico. Para sua realização, devido ao grande número e diversidade de textos e gêneros publicados na revista, foi necessária a realização de um recorte no objeto de análise, selecionando, como foco, os primeiros quinze volumes da *RL*. Este trabalho se divide, estruturalmente, em cinco capítulos, além da introdução e da conclusão. As duas primeiras partes possuem perfil conceitual, servindo de base teórica para a análise do *corpus*.

No primeiro capítulo, foi realizado um estudo comparativo entre os diferentes suportes midiáticos (livros, revistas, jornais, blogs) enfocando, em particular, a importância dos periódicos como veículos fundamentais para a valorização da cultura. Seu desenvolvimento se justifica pelo fato de verificarmos o dinamismo com que são veiculadas as informações nesses suportes, revelando sua contribuição para a tendência cultural num determinado momento.

O segundo capítulo, intitulado "O valor da cultura: a importância da obra de arte nas esferas política e econômica", versa sobre as premiações da revista e o valor mercadológico da obra-de-arte enquanto mercadoria no sistema econômico capitalista, analisando o papel da indústria cultural nesse processo. Esse capítulo tem, como propósito, o auxílio da reflexão sobre as premiações oferecidas pelos concursos artísticos como forma de incentivo à produção cultural e à impulsão na carreira profissional do escritor. Nele, são discutidas as relações existentes entre a profissão de escritor e o mercado cultural a partir de uma perspectiva econômica. Verificou-se que os concursos são uma forma de valorizar o trabalho do escritor iniciante, ajudando-o a se promover profissionalmente, tornando-o conhecido no meio artístico. Além disso, o escritor Antônio Barreto, considerado um dos autores contemporâneos que mais venceu concursos literários (no total, mais de 150 premiações), afirmou em entrevista concedida ao professor Helton Gonçalves de Souza, para o programa *Vereda literária*, que os concursos literários, por oferecerem como prêmio a publicação das obras vencedoras, servem como uma espécie de atalho para que escritores em início de carreira possam publicar seus textos, driblando as barreiras editoriais.

O terceiro capítulo se refere à importância da *RL* no quadro artístico-literário da cultura nacional. Para isso, foi realizado um levantamento do quadro histórico-cultural da capital mineira na década de 1960, bem como as tendências literárias e os periódicos que surgiram e circularam naqueles anos. Foi necessário contextualizar a revista histórica e culturalmente, a fim de que pudéssemos perceber o diálogo que o periódico estabelecia com outros suportes e eventos culturais, como o *Suplemento Literário* e o Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais.

No quarto capítulo deste estudo, é abordada a contribuição da *RL* para a geração de escritores mineiros, estudantes universitários naquele momento. Enquanto escritores promissores, os acadêmicos se destacariam nos quadros culturais de âmbito nacional e internacional. Também neste capítulo é abordada a função que o intelectual desempenha nos cenários político, cultural e social, sua relação com o poder, sua influência na formação de opiniões, além de sua contribuição na legitimação de saberes e ações de pessoas ligadas ao poder público. Por fim, foi feito um levantamento sobre a crítica cultural, seu papel, importância e sua relação com o cenário político nos anos de 1960 e 1970.

No quinto e último capítulo, é realizado um levantamento da atualidade de alguns escritores que contribuíram para a *RL*, previamente selecionados para essa pesquisa. Os critérios utilizados para esta escolha foram a quantidade de premiações conquistadas nos concursos da revista, a quantidade de publicação de textos em outros periódicos afins, a ascensão profissional enquanto escritores, professores ou críticos de literatura e a possibilidade de acesso. Dos textos teóricos utilizados enquanto referencial, merecem destaque os livros de semiologia *Cultura das mídias* e *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?*, publicados pela professora

da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Lúcia Santaella. A teoria do leitor pós-moderno, elaborada pelo crítico Silviano Santiago, a partir dos estudos de Walter Benjamin sobre o *flâneur*, na narrativa de Charles Baudelaire, também serviu de base para analisarmos comparativamente os processos de escrita e leitura, enfocando narradores e leitores tradicionais e contemporâneos, diante de diferentes tipos de textos e suportes.

Além dos textos citados acima, também foram utilizadas como referencial as teorias desenvolvidas pelo pesquisador Pierre Lévy, no livro *Cibercultura*, que enfoca o contexto eletrônico e digital que estamos vivendo; as reflexões críticas sobre periódicos publicadas pelos pesquisadores do Nelic, enfocando sua importância para a promoção e divulgação da cultura local, em especial as elaboradas pela professora Maria Lúcia de Barros Camargo; as teorias desenvolvidas por dois intelectuais franceses: o filósofo François Lyotard, pensador sobre o valor da cultura enquanto mercadoria no contexto capitalista, e o sociólogo Pierre Bourdieu, que discute a função política e social do intelectual; as discussões estilísticas acerca da poesia visual de Phildelpho Menezes; e, principalmente, os trabalhos realizados sobre historiografia cultural e literária nos anos de 1960 e 1970, em especial os publicados pelas autoras Heloísa Buarque de Holanda, Marília Andrés Ribeiro e Rachel Esteves Lima.

Durante a elaboração desta tese, no entanto, alguns problemas vieram à tona dificultando seu desenvolvimento. Como exemplo, podemos citar o falecimento de autores importantes que publicaram na revista e a falta de acesso a outros, seja pela distância, seja por não ter conseguido localizá-los ou contatá-los. Também podemos

somar a essas dificuldades a indisponibilidade ou a falta de interesse por parte de pessoas que por ela passaram, apagando sua história.

A falta de arquivos que serviriam de dados para a realização desta análise, aliada à incerteza das pistas, foram, juntas, os maiores empecilhos com que me deparei nesta jornada. Como não há, ainda, nenhum texto teórico envolvendo o objeto deste estudo, não me restou outra alternativa senão reconstituir sua trajetória, traçando-se, assim, o seu perfil histórico.

Além disso, o curto prazo para a finalização deste estudo, agravado pela ausência de auxílio financeiro, obrigando-me a dividir tempo de estudo com o trabalho, interferiu na qualidade da abordagem analítica de alguns temas. No final, penso que essas dificuldades e o carinho para com a revista, que notei na maioria das pessoas com quem tive contato nessa jornada, serviram de combustível para seguir adiante em minha pesquisa, incentivando-me a concluí-la.

Acredito que este trabalho de vanguarda servirá apenas como a ponta do iceberg para a releitura de um periódico que andava esquecido, empoeirado, empilhado nas prateleiras da biblioteca da universidade. Tenho certeza de que os trabalhos envolvendo a revista estão apenas se iniciando. Continuarei desenvolvendo este estudo por saber que ainda há muito a ser explorado, e, ao mesmo tempo, ficarei na expectativa de que ele sirva como referência para o advento de novos trabalhos, com o intuito de reviver, pela memória, o passado de várias gerações de estudantes, jovens escritores e intelectuais que passaram por e fizeram história na UFMG. Penso que devemos isso a eles.

1 A LINGUAGEM DA MÍDIA

1.1 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS SUPORTES LIVRO E PERIÓDICO

Iniciaremos este estudo com um capítulo teórico comparativo entre mídias, suportes e textos literários e informativos. Para isso, utilizaremos como principal referencial teórico a obra professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e autora de diversos livros publicados sobre semiologia e cultura das mídias, a semioticista Lúcia Santaella. Dentre seus textos, abordaremos, com maior ênfase, dois: *A cultura das mídias* e *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?*. Neste livro, Santaella defende a ideia de que, atualmente, estamos vivenciando o processo de convergência entre as culturas de massa, popular e erudita. Alerta, no entanto, que convergir não significa identificar: elas apenas dividem o mesmo espaço e ocupam territórios comuns. Segundo ela, o que favorece o processo de hibridização dessas diferentes culturas é justamente o crescimento da quantidade de veículos midiáticos disponíveis. Para a análise desse fenômeno, é necessário valeremo-nos dos debates promovidos pela ciência da cultura e pela semiótica, pois, se a cultura é elemento inseparável da comunicação, só podemos estudar as mídias, que são veículos comunicacionais, em sua relação com a cultura.

[...] a semiótica percebe os processos comunicativos das mídias também como atividades e processos culturais que criam seus próprios sistemas modelares secundários, gerando códigos específicos e signos de estatutos semióticos peculiares, além de produzirem efeitos de percepção, processos de recepção e comportamentos sociais que também lhe são próprios.¹⁰

¹⁰ SANTAELLA. *Cultura das mídias*, p. 13.

Santaella nos ensina que os produtos que compõem a chamada “cultura de massa” ou “popular”, caracterizam-se pelo uso de máquinas em sua confecção, como impressoras, computadores, câmaras fotográficas e satélites, dentre as quais podemos citar, como exemplo, os jornais, as revistas, a televisão e o CD. Seus objetos possuem distribuição rápida, em geral são sistemas baratos, que possuem reprodução seriada e são bastante acessíveis, por estarem amplamente disponíveis.

Por sua vez, a chamada “cultura erudita” compreende o que no século XVIII se conhecia por “Belas Artes”. São elas a arquitetura, a pintura, a escultura, a literatura e a música. Diferentemente dos objetos que são classificados como populares ou massivos, as obras que compreendem esse tipo de cultura se caracterizam pela beleza, habilidade, elegância, perfeição, ausência de finalidade prática e de utilidade. Já os veículos de comunicação em massa – como o jornal, a TV e o cinema – são dotados de provisoriedade, suas informações são efêmeras, passageiras, fugazes, característica essa que pode provocar no espectador uma sensação de nostalgia pelo passado. Além disso, nas comunicações de massa, o lugar do emissor é ocupado por poucos, enquanto o lugar do receptor é ocupado por uma massa indiferenciada.

Outra característica da cultura de mídia apontada por Santaella é a mobilidade: a informação passa de uma mídia para outra, repetindo-se com algumas variações em sua aparência. Segundo ela, o tempo de duração da informação numa revista semanal é diferente da mesma informação no jornal diário. Na periodicidade e na profundidade com que as informações são transmitidas residem os conceitos de notícia e de informação: “se, para uma revista semanal, o que interessa é

transformar a notícia em informação, para o jornal interessa reter a notícia da informação.”¹¹

Os suportes revista, livro e jornal se diferenciam, ainda, pela quantidade de autores envolvidos com o processo de editoração e de elaboração dos textos que serão veiculados. Em geral, o processo de elaboração de um livro é mais complexo e, conseqüentemente, mais demorado, pois, na maioria das vezes, envolve apenas um autor escrevendo sobre um tema. Às vezes, o que encontramos é uma coletânea de textos reunidos num único livro. Quanto à publicação dos periódicos, esta se mostra mais dinâmica, por envolverem artigos diversos de autores distintos, temáticos ou não. No caso do jornal, a periodicidade com que as notícias são divulgadas deve ser ainda maior do que a da revista. A notícia de hoje já não nos interessa amanhã. Diferentemente dos textos informativos estampados em livros e jornais, na literatura, geralmente publicada em livros, os textos tendem a se perpetuar no tempo: esse é o desejo íntimo da maioria dos literatos. Em regra, a frequência com que as notícias publicadas em revistas circulam deve ser menor que a dos jornais, porém superior à dos livros, uma vez que os textos que nelas se encontram geralmente não possuem a mesma intenção de se tornarem atemporal, perpetuando-se, como ocorre com os textos literários, nem a de se anular a cada nova edição publicada, como ocorre com os jornais.

No século XX, presenciamos a emergência do veículo de comunicação que rapidamente veio a se tornar dos maiores expoentes na cultura de mídia: a televisão. Seu sucesso como veículo propagador da cultura massa pode ser atribuído ao fato de a TV ser considerada, segundo Santaella, a mídia das mídias. Devido a seu caráter

¹¹ SANTAELLA. *Cultura de mídia*, p. 18.

“antropofágico”, a televisão pode absorver e devorar todos os demais veículos de comunicação e formas de cultura, das mais primitivas às mais desenvolvidas:

cinema, jornal, documentário, etc. Ora, via de regra, um balé ou um concerto, por exemplo, quando televisionados, adquirem necessariamente novas feições que são próprias daquilo que a TV possibilita ou limita. Perde-se nesses casos, como é óbvio, a presença viva dos emissores da transmissão de TV, ficam moldados aos limites de enquadramento e corte típicos da televisão como veículo: tela pequena, imagens panorâmicas de baixa definição, perda da acústica, etc. [...] No entanto, trata-se sempre de um jogo de perdas e ganhos, onde o mais relevante é o fato de que a TV pode absorver qualquer outra mídia, impondo a elas qualidades de organização, ritmo e aparência que lhe são próprios.¹²

De todos os discursos que circulam numa sociedade, o da televisão produz o efeito de maior familiaridade: a aura televisiva não vive da distância e sim de mitos cotidianos. Só existe um jeito de aprender televisão: vendo-a. E é preciso convir que esse aprendizado é barato, antielitista e nivelador.¹³ Ao lado da TV e da internet, outro importante veículo de massa na cultura de mídias em que vivemos é o jornal impresso. Essa mídia, que era um dos meios de comunicação mais utilizados no século XIX, sofreu reestruturação em sua forma de diagramação no século passado.

O fato de vivermos numa sociedade basicamente visual – basta observarmos a predileção dos usuários por mídias vinculados a esse sistema semiótico, tendo como maior expoente a televisão, um dos veículos mais utilizados pela sociedade de massa – obrigou o jornal impresso a passar por reformulação e reestruturação em sua forma de diagramação, a fim de garantir sua sobrevivência. Dessa forma, devido à presença marcante da visualidade nos meios de comunicação com a multiplicação

¹² SANTAELLA. *Cultura das mídias*, p. 24.

¹³ SARLO. *Cenas da vida pós-moderna*, p. 91.

dos textos imagéticos veiculados ao lado de textos verbais, o jornal impresso teve que se reestruturar para atender aos anseios e exigências dessa nova sociedade. Utilizado como um dos principais veículos na transmissão diária de notícias, o jornal se caracteriza por ser uma mídia transemiótica por excelência: ele reúne, em seu bojo, textos derivados de diversos sistemas de signos.

Além disso, o jornal possui uma peculiaridade: seus textos verbais precisam ser organizados esquematicamente, de maneira breve e condensada, nos parâmetros da diagramação atual. Essa mídia teve que se amoldar às exigências da sociedade contemporânea, sendo obrigada a se reorganizar estruturalmente, incorporando textos imagéticos como recurso auxiliar da mensagem do texto verbal na veiculação da informação, o que impulsionou a veiculação dos textos, proporcionando-nos sua leitura rápida, diferente da leitura debruçada, solitária e concentrada que é exigida pelo livro.¹⁴

Tal como o jornal impresso, a literatura do século XX incorporou a visualidade em seus textos. Influenciada pelo cinema, arte que se caracteriza pela imagem em movimento, a narrativa literária desse período é marcada pela fragmentariedade, enquanto que a poesia é marcada pela visualidade. Esse novo estilo de composição levou o poeta Décio Pignatari se unir aos irmãos Haroldo e Augusto de Campos, na década de 1950, criando, no Brasil, o movimento conhecido como Concretismo, tendência poética que valoriza a visualidade em seus textos.

Falar em tendência da poesia visual é posicionar essa poesia na perspectiva do tempo. Tendência significa propulsão, força que determina o movimento

¹⁴ Cf. SANTAELLA. *Cultura das mídias*, p. 71.

de um corpo. Falar em tendência significa, portanto, auscultar e apalpar para quais direções de futuro os impulsos do presente se inclinam.¹⁵

Santaella, no entanto, estabelece distinção entre “poesia escrita com apelo visual” e “poesia escrita sem apelo visual”, uma vez que toda poesia escrita é, por excelência, visual. A explosão do jornal impresso, ocorrida no séc. XIX, com a diagramação de seus textos e com o aumento das letras nas páginas – que ela chama de “visualidade estrutural ou diagramática” –, impulsionou o surgimento da literatura com apelo visual. Outro fator que contribuiu para que a plasticidade fosse incorporada ao texto literário se deu com o advento da utilização da fotografia, ao lado do texto verbal, trazendo informação visual ao texto jornalístico nessa relação transtextual.

Para Roger Chartier,¹⁶ há uma tríplice ruptura no discurso contemporâneo provocada pelo mundo eletrônico, sendo que a primeira ruptura diz respeito à inovação na forma de difusão da escrita; a segunda refere-se à nova relação que se estabelece entre os textos e, por fim e conseqüentemente, a imposição de uma nova forma de inscrição (materialidade, não linearidade, mobilidade, simultaneidade, plasticidade, topografia, performance, grafismos, entre outras).

Segundo Ana Paula Ferreira, o que diferencia as escritas digital/eletrônica das demais é o modo topográfico como atuação na negação da linearidade, uma vez que aquela é fluida e multifacetada, funcionando por fluxos, tal como o espaço em que

¹⁵ SANTAELLA. *Cultura das mídias*, p. 75.

¹⁶ CHARTIER *apud* FERREIRA. Espaço e ambiência em poesia digital, p. 36.

se encontra: o meio digital, tornando-a mais dinâmica que os outros tipos de linguagem¹⁷.

Conforme observou Pierre Lévy, o ciberespaço propicia não apenas uma “rede” enquanto nova forma de comunicação entre as pessoas por meio de computadores interligados entre si, mas também contribui para o desenvolvimento de uma cibercultura, uma nova ordem de pensamento, com novas técnicas (materiais e intelectuais), novos modos de pensamento, de práticas, de atitudes e de valores que emergem conjuntamente com este contexto digital¹⁸: “O ciberespaço não compreende apenas materiais, informações e seres humanos, é também constituído e povoado por seres estranhos, meio textos, meio máquinas, meio atores, meio cenários: os programas”¹⁹.

Ainda segundo Lévy, o espaço virtual é um campo desterritorializado, “capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular”.²⁰ Assim, os cibertextos podem ser considerados, sob esse prisma, atemporais e destituídos de um caráter desterritorializante, que se apresentam, sobretudo, na lógica emergente dos Estados-nações nos últimos séculos. A ciberliteratura é exemplo desse fenômeno, cujos textos se adequaram a essa nova ordem sociotecnológica, desmaterializada, desterritorializada, dinâmica e instantânea, que condicionam uma nova lógica de organização social do

¹⁷ Cf. FERREIRA. Espaço e ambivalência em poesia digital, p. 38-39.

¹⁸ Cf. LÉVY. *Cibercultura*, p. 17.

¹⁹ LÉVY. *Cibercultura*, p. 41.

²⁰ LÉVY. *Cibercultura*, p. 47.

pensamento, uma nova era: a era do arquivo da transmissão do compartilhamento e da memória digitais.

Apesar dos diversos suportes midiáticos de que dispomos atualmente, graças a suas peculiaridades enquanto veículo comunicacional e âmbito de publicização, Santaella afirma que não há competitividade entre as mídias de naturezas diferentes, mas um sistema de intercomplementariedade, pois cada canal de comunicação veicula a notícia ou a informação nos limites que lhe são inerentes.

A audição de uma notícia no boletim radiofônico, por exemplo, na maior parte das vezes, desperta a curiosidade do ouvinte, levando-o a buscar o noticiário da TV em busca de maiores detalhes e, principalmente, das imagens vivas da notícia para a qual foi despertado. Assim também, o noticiário noturno da TV, muitas vezes, leva o espectador a buscar o jornal impresso do dia seguinte na expectativa de encontrar nele esclarecimentos e maior detalhamento analítico e interpretativo.²¹

Dessa forma, os veículos midiáticos formam uma rede intersemiótica em que cada mídia desempenha função proposta pelos recursos que lhe são peculiares, cujas informações estão interligadas entre si, numa verdadeira cadeia semiótica comunicacional. Cada surgimento de novas mídias impulsiona uma redefinição desse sistema, fazendo com que o veículo recém-criado se configure e se reajuste, visando sua compatibilização com as demais mídias preexistentes, implicando, também, na reestruturação da figura do leitor.

Se por um lado, a mídia envolve um tipo de produção discursiva comprometida com um circuito econômico movido pela obtenção e manutenção da audiência máxima, por outro, ela encontra-se inserida em um contexto histórico-cultural de interação entre indivíduos e entre eles o espaço

²¹ SANTAELLA. *Cultura das mídias*, p. 20.

social do qual fazem parte. Nesse sentido, o dispositivo midiático produz e promove a circulação de mensagens que buscam atingir um número cada vez maior de receptores a partir da reconstrução desse espaço público, supostamente universal, mas dependente das especificidades de cada comunidade (Charaudeau, 1997). O processo de produção e o de recepção das mensagens da mídia funda-se na construção de um “mundo real” com base em padrões de comportamentos partilhados que são mobilizados, tanto no sentido de serem consolidados, tanto no sentido de serem questionados.

Sob essa perspectiva, os produtos midiáticos podem reforçar a organização social já vivenciada pelos indivíduos, ou podem propor uma alteração desse contexto. Logo, a mídia tanto pode favorecer a atualização das tradições quanto propor novas identidades e novos padrões de conduta.²²

A teoria sobre o leitor pós-moderno, elaborada pelo crítico Silviano Santiago, em 1986, demonstra essa redefinição do sistema apontado por Santaella. O narrador pós-moderno, isento de experimentação acerca do fato que conta, retrata uma nova forma de composição (e, conseqüentemente, uma nova ordem de leitura) dos textos contemporâneos. Com o advento da internet, a emergência dos textos digitais, interligados em rede por meio de hiperlinks, proporcionou a reestruturação da organização dos textos e, simultaneamente, da lógica de sua leitura na contemporaneidade.

A rede transtextual com que os textos estão interconectados – utilizando-se o conceito de transtextualidade, de Gérard Genette –, seja no mesmo suporte (links em sites da internet, por exemplo), seja pela complementariedade dos diferentes tipos de mídia (a notícia que é lida no jornal impresso da manhã, instiga o leitor a ligar a TV para assistir ao noticiário e a acessar um site de notícias em seu computador em busca de informações mais atualizadas sobre o mesmo evento) provoca, no leitor, uma falsa sensação “realismo” pela participação instantânea nos

²² LYSARDO-DIAS, *apud* EMEDIATO *et al.* *Análise do discurso*, p. 30.

eventos lidos. Esse fenômeno, entretanto, não está presente apenas nos textos publicados nos veículos midiáticos, podendo, também, ser verificado em textos artísticos, sobretudo nos textos classificados pela crítica como pertencentes à chamada “cultura erudita”, conforme demonstra Lúcia Santaella. O dinamismo de intercomplementariedade das informações nos canais de comunicação pode extrapolar as mídias avançar para outros ramos da cultura como, por exemplo, a literatura e a música, levando-nos, assim, a refletir com as proposições “quantos livros não se tornaram *best-sellers* devido a um filme?” ou “quantos discos ou fitas são vendidos em quantidades, depois de um concerto ou show?”.

Para melhor compreensão da relação existente entre os veículos das chamadas “cultura de mídia” (em específico a revista e o jornal, por serem periódicos compostos por textos informativos) e “cultura erudita” (por ser nosso objeto de estudo, aqui focaremos na literatura), faz-se necessário analisarmos comparativamente os tipos de texto informativo e ficcional, estabelecendo semelhanças e diferenças estruturais entre eles, verificando suas formas de composição (escrita) e seu processo de leitura (recepção).

1.2 A INFORMAÇÃO NO ESTADO DE EXCEÇÃO: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS TEXTOS LITERÁRIO E INFORMATIVO

Historicamente, intelectuais sempre estiveram engajados em questões de cunho social e político, servindo-se dos veículos de mídias para divulgarem seus pensamentos. É por meio da mídia que se divulgam atividades e decisões dos entes políticos, eventos culturais, ideologias, sendo uma das formas por que se questionam ou se reafirmam valores, ações, ideias e crenças, o que acarreta numa grande preocupação por parte dos agentes públicos e intelectuais com o conteúdo que nela é veiculado.

A imprensa, então, sempre foi um dos principais meios de comunicação e, por isso, sua liberdade de expressão é tida como imprescindível para o bom exercício e manutenção da democracia. Independentemente de seu suporte, por meio dela a sociedade se mantém informada sobre as principais decisões dos líderes governamentais, tornando-se públicas e transparentes suas ações enquanto entes da administração pública. Devido a isso, por ser um importante veículo formador de opinião pública, a imprensa nacional sofreu forte repressão no período ditatorial no Brasil – décadas de 1960 e 1970 – consequência da censura, que restringiu a liberdade de expressão em nossos meios de comunicação por meio do Ato Institucional nº 5, decreto emitido pelo governo militar em 13 de dezembro de 1968.

Para que haja transparência nas decisões governamentais, uma vez que a divulgação das decisões dos administradores públicos serve como mecanismo de controle e vigília de suas próprias ações, os fatos relacionados à nossa realidade

social, econômica e política devem ser divulgados à população por intermédio dos veículos de comunicação, sobretudo, pela imprensa.

A censura sobre os veículos midiáticos, entretanto, é fato recente em nosso passado histórico. Os militares na época da ditadura, com o objetivo de controlar as informações que eram veiculadas na imprensa, restringiram o que poderia ser noticiado por ela, limitando e selecionando o conteúdo de suas matérias.

A censura política, conduzida em momentos de autoritarismo, geralmente age de forma intermitente, mas não constante, e de maneira diferenciada em relação aos veículos de comunicação. Desde o golpe de 1964, informa Aquino (Idem: 516), instauram-se mecanismos para controlar as informações e com a divulgação que a imprensa poderia produzir para o público. Assim, em 1964, cria-se o Serviço Nacional de Informações (SNI) e, no final da década, estruturam-se os centros de informação do Exército (CIE), da Aeronáutica (CISA) e se rearticula o centro da Marinha (CENIMAR) (D'Araújo, 1994).²³

Antônio Luiz Assunção afirma que o discurso midiático sob a égide do Estado ditatorial no regime de exceção busca fundar sua legitimidade no princípio da organização social. Segundo ele, a tríade que sustentava a formação ideológica se estruturava nas representações sociais do real, produzidas pela mídia, que se instituíam geograficamente 1) na figura do Estado; 2) socialmente na família; e, finalmente, 3) moralmente e religiosamente na igreja.²⁴

No entanto, os suportes midiáticos, muitas vezes, distorciam a realidade em suas informações, densas de ideologias, que visavam atender a interesses próprios da instituição que as divulgava. O que se observa, então, é a predominância de interesses privados por parte dos editores que estavam à frente desses veículos,

²³ BARBOSA. *História cultural da imprensa no Brasil*, p. 187.

²⁴ Cf. ASSUNÇÃO *apud* EMEDIATO (*et al.*). *Análise do discurso*, p. 16-17

mascarando suas intenções na retórica discursiva subentendida nas entrelinhas dos seus textos que descreviam os fatos sociais.

Densas de subjetividade e de parcialidade, as informações contidas na mídia propagam mais do que as notícias que se destinavam a divulgar: transmitem ideologias visando à formação da opinião pública – afinal, o jornalista, ao mesmo tempo em que informa, deve analisar a realidade comentando as decisões e as ações dos governantes. Para isso, ele se serve, muitas vezes, da figura do intelectual, convidando-o a manifestar-se publicamente, buscando, dessa maneira, legitimidade para seu discurso.

Esse fenômeno persuasivo, porém, não é exclusivo dos textos informativos. Conforme veremos a seguir, também é comum artistas divulgarem ideologias por meio de seu trabalho. Apesar da semelhança na forma de como são utilizados por seus autores, é necessário, antes, estabelecermos diferenças de ordem estrutural e nas formas de composição e de recepção entre estes dois tipos de texto (informativo e literário). Para isso, buscaremos, primeiramente, aproximar os ofícios de jornalista e de literato.

Conforme já foi afirmado anteriormente, o jornalista, enquanto escritor, deve ir além da transmissão objetiva e imparcial da notícia: deve ser um analista da situação fática, um crítico da realidade. Deve-se atribuir ao jornalista o papel de formar opiniões. Atividade semelhante a essa era desempenhada pelos cronistas do final do séc. XIX, engajados com as manifestações artísticas da época, encontrando

seu maior expoente no ilustre fundador da Academia Brasileira de Letras: Machado de Assis.²⁵

Quanto ao ato de escrita – processo de composição dos textos, portanto, ato vinculado à tarefa do autor – e a sua diferença estrutural, Cláudia Lemos diferencia textos literários e informativos se valendo dos critérios de objetividade (enquanto oposição à subjetividade e à ficcionalidade da exposição dos fatos) e de multiplicidade e totalidade (como sinônimo de brevidade, de síntese).

Existem, contudo, pelo menos duas diferenças importantes entre o romance e o jornalismo. A primeira diz respeito à ideia de objetividade e a segunda à relação entre multiplicidade e totalidade. Se é verdade que o leitor busca no romance uma resposta a sua necessidade de conhecer e organizar o mundo, também é verdade que espera encontrar essas respostas num formato indireto, sintético. Ainda que o romance pretenda cobrir toda a extensão do real e de suas relações, o contrato de leitura estabelecido com o público supõe ficção, com o que ela comporta de liberdade, seleção e distanciamento dos fatos.²⁶

Para a autora, predomina, nos textos literários, a minúcia dos detalhes na narrativa, enquanto que os jornalísticos, informativos por excelência (levando-se em consideração sua função e, sobretudo, a forma de diagramação contemporânea), tendem a se tornar cada vez breves, sintéticos e objetivos. Essa nova estrutura dos textos informativos também influenciaram, conforme veremos à frente, a composição estrutural da narrativa contemporânea.

²⁵ Para melhor análise, sugerimos a leitura da dissertação de mestrado defendida em 2005, intitulada *Machado de Assis, crítico da imprensa: o jornal entre palmas e piparotes*, de Marcos Fabrício Lopes da Silva, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, sob orientação da Professora Doutora Constância Lima Duarte.

²⁶ LEMOS. Calvino, o conhecimento e o jornalismo. In: *Em Tese*, 2003, p. 12.

Outra diferença percebida pela pesquisadora, valendo-se, para isso, da análise comparativa entre os textos de ficcionais e jornalísticos de Ítalo Calvino, refere-se à recepção do texto: enquanto o leitor do texto literário é “cúmplice das fabulações do romance ou de outras formas de ficção”, o leitor do texto jornalístico espera “o atendimento do critério de veracidade”.²⁷ Mais do que isso, o discurso de legitimação dos jornais até hoje recusa a constatação científica de que o observador intervém nos fenômenos observados e se baseia, majoritariamente, na negação da mediação. Anuncia-se e se espera que a intervenção dos jornalistas seja mera organização das diversas posições sobre um fato, de modo a determinar a “verdade” sobre ele, preferencialmente, “toda a verdade”, sobre “todos os fatos”.

No entanto, os recursos retóricos que se apresentam nos textos informativos objetivando a formação da opinião pública – à qual já nos referimos anteriormente – não estão ideologicamente presentes apenas nos textos publicitários: eles também podem ser facilmente encontrados nos textos poéticos. As manifestações artísticas, por seu caráter alegórico, tornaram-se importantes meios de divulgar ideias no estado de exceção. Artistas, nas décadas de 1960, 1970 e 1980, serviram-se da literatura, do cinema e da música como instrumentos importantes na luta contra o autoritarismo estatal.

Tal como ocorre com os textos jornalísticos, os textos literários – e aqui podemos estender para os demais tipos de textos artísticos – também já foram utilizados (e ainda são) como importantes instrumentos para a formação da opinião pública na propagação de ideologias de cunho político, moral ou religioso. No período da ditadura, apenas para citar alguns exemplos, tivemos a explosão de formas de

²⁷ LEMOS. Calvino, o conhecimento e o jornalismo. In: *Em Tese*, 2003, p. 13.

manifestações artísticas como o Tropicalismo, na música; o Concretismo e a Poesia Práxis, na literatura; e o Cinema-Novo, nas artes audiovisuais.

Tanto o jornalismo informativo quanto a literatura buscam, de certa forma, como diz Lysardo-Dias, expor para o leitor reflexos da realidade, sejam por meio das crônicas, do noticiário ou dos ensaios:

Assim, a mídia, ao mobilizar representações e instaurar identidades, deixa entrever sua dimensão de fenômeno social que reflete, ao mesmo tempo em que institui, uma compreensão da "realidade" por meio da e na atividade discursiva.

Entendemos que o estudo dos modos de funcionamento do estereótipo na mídia pode contribuir tanto para a compreensão da linguagem como uma prática social, princípio maior que norteia as pesquisas sobre o discurso, quanto para abordar a mídia como fenômeno sócio-discursivo.²⁸

Para Juan Guargurevich,²⁹ o objetivo do texto jornalístico é o de relatar a informação e, por isso, não visa necessariamente ao prazer estético. Em contrapartida, a estudiosa Maria Júlia Sierra diferencia o jornalismo informativo, cujo foco é a notícia, do jornalismo literário, de cunho estético-formal, enquadrando as crônicas³⁰, as colunas, as entrevistas, as reportagens, o editorial, o artigo e a notícia como exemplo de jornalismo informativo, e os ensaios, as biografias, os contos e as histórias verídicas ou conto da vida real como exemplo de jornalismo literário [acrescento, a essa última categoria, o folhetim].

²⁸ LYSARDO-DIAS *apud* EMEDIATO (*et. al.*). *Análise do discurso*, p. 26.

²⁹ GUARGUREVICH *apud* MEDINA, Jorge Lellis Bonfim Medina. *Gêneros jornalísticos: repensando a questão*, p. 47-48.

³⁰ Para essa diferenciação, acredito que a autora pretendia classificar enquanto "jornalismo informativo" a crônica teórica produzida no séc. XIX, que se destinava a analisar criticamente eventos artísticos, e não a crônica narrativa, de cunho artístico-literário, produzida no séc. XX por autores como Luís Fernando Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade e Fernando Sabino.

Não é recente a discussão envolvendo as escritas jornalística e literária, no que diz respeito às influências, às tendências estilísticas e às diferenças em suas formas de composição. Em “Consagração e decadência do academicismo literário: o caso do jornalismo”, Maurício Silva retrata as angústias do escritor acadêmico em escrever seus romances, mas que, por motivos financeiros, não os consegue fazer. Toda essa relação estreita entre a literatura e o jornalismo, no entanto, acarreta em interferências na forma de se fazer literatura: “[...] produzia-se um paulatino esvaziamento de sua expressão estética, em favor de uma escritura mais ágil, efêmera e superficial, logo, *formalmente* menos acadêmica.”³¹ Segundo Maurício Silva, no séc. XIX a profissão de escritor era vista como passatempo. O fato de não haver qualquer proteção aos direitos autorais contribuía para o fato de muitos autores não quererem encarar a literatura como profissão. A profissão de jornalista contribuía significativamente para a projeção dos escritores em suas carreiras: “alargamento do público leitor, prestígio social e reconhecimento dos autores acadêmicos, expansão das possibilidades profissionais do escritor, aumento de sua influência no contexto político republicano, etc.”³² Todavia, se por um lado o jornalismo ajudava a impulsionar o escritor, por outro fazia com que atrelasse o profissional ao poder político-institucional da imprensa, tornando-se cada vez mais dependente e vinculado a ele:

Esse desvio da atuação do jornalismo acabou tendo consequências diversas para a literatura, fazendo com que o escritor passasse a obedecer muito mais às condições de recepção das obras, regida pelo gosto da média dos leitores, do que a seus interesses ficcionais mais profundos. Nesse sentido – mas apenas nesse sentido – pode-se dizer que a incidência do jornalismo sobre a

³¹ SILVA. Consagração e decadência do academicismo literário, p. 78. Grifos do autor.

³² SILVA. Consagração e decadência do academicismo literário, p. 85.

literatura acabou promovendo uma espécie de padronização da narrativa literária e, por extensão, uma queda acentuada de sua qualidade artística.³³

É incontestável, também, a afirmação de que o jornalismo influenciou a estética academicista, com o escritores procurando “diferenciar, deliberadamente, seu processo de escrita, escrevendo parnasianamente para a Academia e ‘jornalisticamente’ para o periódico cotidiano”.³⁴ Essas influências, como bem demonstrou Maurício Silva, acarretaram, inclusive, na “depauperação” da linguagem literária promovida pelo jornalismo, conforme assim considerou a crítica literária, linguagem essa que

deixa de ser trabalhada sob o ritmo das rotativas e dos linotipos. Trata-se, em última instância, de uma transformação na própria concepção do gênero literário, que deveria deixar de ser prolixo como o romance ou metafórico como o poema, para ser sintético e prosaico como a crônica.³⁵

O texto literário, de caráter ficcional, tal como o texto informativo, veicula ideologias, fazendo circular opiniões. A literatura foi utilizada, à sua maneira, como importante forma de resistência e de manifestação no estado de exceção. Jornalistas, escritores, intelectuais em geral, silenciados no período ditatorial e proibidos de se manifestarem sob pena de sofrerem retaliações, encontravam refúgio nas artes, a fim de mostrarem, de maneira subentendida, sua indignação com o sistema político instituído.

³³ SILVA. Consagração e decadência do academicismo literário, p. 88.

³⁴ SILVA. Consagração e decadência do academicismo literário, p. 89.

³⁵ SILVA. Consagração e decadência do academicismo literário, p. 90.

Entendemos que a necessidade de se oporem ao sistema político, de certa forma, contribuiu para o *boom* da produção artística naquele momento histórico – e na qualidade desses textos –, principalmente através dos periódicos (que eram inúmeros), por possuírem circulação mais dinâmica, menor custo e maior amplitude de divulgação dos que os livros e, conseqüentemente, a emergência de concursos artístico-literários.

2 O VALOR DA CULTURA: A IMPORTÂNCIA DA OBRA DE ARTE NAS ESFERAS POLÍTICA E ECONÔMICA

A tese deste livro [Teoria e valor cultural] é a de que deveríamos reconhecer que o valor e a valoração são necessários como uma espécie de lei da natureza e da condição humana, mediante a qual não podemos nos recusar a entrar no jogo do valor, mesmo em ocasiões em que gostaríamos de nos furtar a ele ou suspendê-lo. A necessidade do valor é, nesse sentido, mais semelhante à necessidade de respirar do que, digamos, a de ganhar a vida. Há sempre maneiras de viver enquanto ser humano sem esta última, mas não sem a primeira.

Steven Connor

Nesse capítulo, nossa proposta é a de analisar criticamente o valor da cultura na contemporaneidade. Para isso, buscaremos verificar a influência do sistema capitalista sobre o objeto artístico e a contribuição da indústria cultural nesse processo. Também estudaremos o papel das premiações nos concursos artísticos como incentivo para os artistas contemporâneos desenvolverem seus trabalhos, utilizando, como ilustração, os prêmios concedidos pela *RL* e os critérios utilizados por sua comissão julgadora, a partir da presença de traços recorrentes nos textos vencedores. O escopo dessa discussão é o de permitir supostas identificações ideológicas de artistas e de instituições, dentre elas as acadêmicas, entidades diretamente interessadas na produção artístico-cultural.

No contexto capitalista atual, a cultura passou a ser considerada como pretexto para “a melhoria sociopolítica e para o crescimento econômico”³⁶. Em artigo publicado num congresso sobre Literatura Comparada, Andreas Huyssen alertou para a escassez de estudos acerca do papel da cultura no contexto da globalização, afirmando que esse fenômeno tem sido analisado, sobretudo, sob os prismas econômico, tecnológico (dos veículos de informação/comunicação) e político³⁷.

Por isso, o que vem ocorrendo há anos é a emergência da chamada “indústria cultural”, com fins estritamente econômicos, voltada basicamente para a produção e comercialização de objetos de cunho artístico. A arte gera emprego, aquece o mercado e, conseqüentemente, movimenta o comércio, fazendo com que seja injetado mais dinheiro na economia. Se antigamente a cultura era considerada extensão do capital, restrita a uma parcela da sociedade, a uma elite cultural, política e economicamente dominante, hoje a cultura é o próprio capital. Prova disso é o grande investimento das editoras nos *best-sellers* e das gravadoras em artistas que produzem música popular, com uma larga publicação em programas veiculados nas mídias de massa, como a televisão.

Como consequência do crescimento sem fronteiras do fenômeno da globalização, estamos inseridos no contexto conhecido como “capitalismo cultural”, conforme observou George Yúdice referindo-se à teoria de Jeremy Rifkin ao afirmar que o papel da cultura se alastrou para os campos político e econômico, desencadeando no deslocamento do conceito convencional de cultura. Essa concepção pode levar a obra-de-arte à sua banalização e ao modismo. Devido à

³⁶ YÚDICE. *A conveniência da cultura*, p. 26.

³⁷ Cf. HUYSEN. Literatura e cultura no contexto global. In: MARQUES; VILELA. *Valores*, p. 15.

diversidade cultural, a relação entre cultura e acúmulo de capital é fundamental no processo da globalização. Segundo Yúdice, “a ideia de que as diferentes culturas do povo e as necessidades daí decorrentes deveriam ser reconhecidas é um poderoso argumento que encontrou receptividade em vários fóruns internacionais.”³⁸

Beatriz Sarlo, em “A literatura na esfera pública”, observa que “o mercado cultural – o mercado das artes visuais e o mercado dos museus, o mercado das cidades e do turismo como objetos e práticas culturais – está crescendo”³⁹ graças à sua rentabilidade, pois, segundo ela, “todos sabemos que uma exposição de arte bem-sucedida provoca quase tanta aglomeração como a final de um campeonato de futebol”.⁴⁰

O sociólogo Sérgio Miceli afirma que as bases para essa mercantilização da arte, no Brasil, foram lançadas em meados do século XX, e os principais responsáveis por esse processo são, em conjunto, corporações, poder público, entidades culturais e mídia.⁴¹

Nos anos de 1940 e 1950, dirigentes culturais, intelectuais e artistas pretendiam mobilizar consideráveis montantes de recursos com vistas à constituição de acervos, com obras de grandes mestres clássicos e contemporâneos, buscando dotar o país de instrumentos de ação cultural semelhantes àqueles vigentes nos países centrais, e valendo-se, para tanto, de condições excepcionalmente favoráveis na oferta de tesouros artísticos nas praças tradicionais do mercado europeu de obras de arte, a preços relativamente baixos e depreciados pela guerra.⁴²

³⁸ YÚDICE. *A conveniência da cultura*, p. 40.

³⁹ SARLO. A literatura na esfera pública. In: MARQUES; VILELA. *Valores*, p. 38.

⁴⁰ SARLO. A literatura na esfera pública. In: MARQUES; VILELA. *Valores*, p. 38.

⁴¹ MICELI. Mercado de arte. In: MARQUES; VILELA. *Valores*, p. 80.

⁴² MICELI. Mercado de arte. In: MARQUES; VILELA. *Valores*, p. 80.

No contexto atual, percebe-se a ocorrência de um vasto crescimento desse fenômeno em nível global. Provenientes do fenômeno da globalização, graças à acessibilidade e aos avanços tecnológicos dos meios de comunicação, esses "bens" culturais estão sendo mais facilmente produzidos e difundidos. Estamos transitando facilmente entre as mais variadas culturas, influenciando e sendo influenciados por essas "indústrias", as culturais, cada vez mais transnacionais.

Nas vias cada vez mais rápidas e baratas da internet, a substituição do fax e da máquina datilográfica pelo computador interligado mundialmente possibilitou o aumento da (re) produção e da circulação desses objetos culturais. Livros, filmes, vídeos e imagens são exemplos de textos que podem ser facilmente adquiridos nessa imensa rede. Porém, quais são as intenções que impulsionam todo esse investimento econômico nas artes? George Yúdice explicita alguns, como: 1) o desenvolvimento urbano (mediante, segundo ele, o uso da alta cultura, citando, como exemplo, os museus); 2) o consumo de bens no turismo gerado na promoção de culturas nativas e patrimônios nacionais; 3) lugares históricos que são transformados em parques temáticos (por exemplo, Disney); e 4) a criação de indústrias de cultura transnacional como complemento para a integração supranacional tanto na União Europeia quanto no MERCOSUL.⁴³

A cultura também pode ser fator importante no processo de desenvolvimento econômico e político de cidades e países. Yúdice cita, como exemplo, o caso da construção do Museu Guggenheim, em Bilbao:

⁴³ Cf. YÚDICE. *A conveniência da cultura*, p. 47.

Líderes locais da política e do empresariado, preocupados com a desgastada infraestrutura pós-industrial de Bilbao e com a reputação pelo terrorismo da cidade, procuraram revitalizá-la com investimentos na infraestrutura cultural que atrairia turistas e lançaria fundações para uma complexa economia da indústria de serviços, informação e cultura. Ao investir num museu com a marca distintiva da grandiosidade estilística de Frank Gehry, os líderes da cidade instalaram o magnetismo necessário para atrair atividades que “dariam vida” [à Bilbao].⁴⁴

Enquanto alguns artistas fazem arte popular, visando ao mercado e ao enriquecimento, outros buscam produzir o que alguns autores chamam de arte erudita. Verificamos, entanto, que o primeiro grupo de artistas, hoje, está cada vez mais subserviente à indústria cultural:

os direitos autorais estão cada vez mais nas mãos dos produtores e distribuidores, dos maiores conglomerados de entretenimento que foram cumprindo gradualmente os requisitos para obter a propriedade intelectual, a tal ponto que os “criadores” são hoje um pouco mais do que meros “provedores de conteúdo”.⁴⁵

Andreas Huyssen, por sua vez, considerou ultrapassada a discussão iniciada no início do século passado sobre a dicotomia existente entre as culturas erudita e popular, que foi fundamental para a emergência do contexto conhecido como pós-modernidade. É por esse motivo que, conforme observou Beatriz Sarlo, “os estudos culturais têm desenvolvido metodologias livres de preconceitos elitistas para abordar os produtos das indústrias culturais (que, em quase todo o Ocidente, têm substituído os objetos e práticas da chamada cultura popular).”⁴⁶

⁴⁴ YÚDICE. *A conveniência da cultura*, p. 38-39.

⁴⁵ YÚDICE. *A conveniência da cultura*, p. 37.

⁴⁶ SARLO. A literatura na esfera pública. In: MARQUES; VILELA. *Valores*, p. 38-39.

Adorno e Horkheimer foram pensadores pioneiros sobre a indústria cultural hegemônica, analisando a forma que fabrica a chamada “cultura de massa”, objetivando a manutenção de um domínio cultural e econômico:

Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos.⁴⁷

Diferentemente do mercado referente à indústria cultural, outro incentivador da produção cultural são as academias, por meio dos periódicos. Os suplementos e as revistas literárias são exemplos de veículos que, geralmente vinculados a instituições, como a imprensa ou as universidades, exercem essa função. Além disso, os periódicos também serviram como importantes instrumentos de debates políticos, veiculando textos de intelectuais que criticavam ou afirmavam as ações e decisões públicas.

Andrés Avellaneda, citado por Roxana Patiño, afirma que a proliferação de revistas nas décadas de 1960 e 1970 ocorreu devido a dois fatores⁴⁸: em primeiro lugar, à política acadêmica no sentido estrito – ou seja, tudo o que é relativo à legitimação e certificação do campo de estudos e da vida profissional; por último, o

⁴⁷ HORKHEIMER. A indústria cultural, p. 114.

⁴⁸ PATIÑO. América Latina. In: MARQUES; SOUZA. *Modernidades alternativas na América Latina*, p. 463.

boom das revistas deveu-se à política nacional e internacional dos Estados Unidos, no sentido lato.

Analisando esse ideal político desempenhado pelos intelectuais por meio dos periódicos, a autora de "América Latina: literatura e crítica em revista(s)" observa que algumas revistas acadêmicas que vigoravam na época da ditadura estavam ligadas a projetos político-revolucionários, enquanto que outras serviram como instância legitimadora da institucionalização acadêmica no momento de censura da ditadura militar. Dessa forma, ela demonstra como os periódicos serviram de palco para conflitos políticos, comprovando o importante papel que os periódicos desempenham na propagação de ideias, devido à imensa proporção de público que alcançam.

Alguns periódicos, no entanto, movimentaram (e ainda movimentam) o mercado artístico-cultural ao premiar artistas. A *RL* é um bom exemplo de como, durante os trinta anos de sua existência, incentivou e estimulou a criatividade de seus alunos. Os textos selecionados por uma comissão eram publicados nessa revista de periodicidade anual. Além da publicação, os estudantes que tiveram seus textos selecionados recebiam uma premiação que, além de incentivar a produção cultural, serviam como suplemento para suas rendas, identificando-os com o terceiro grupo de artistas que Sérgio Miceli relaciona em seu artigo "Mercado de arte".

Miceli estabelece diferenças entre três grupos de criadores visuais contemporâneos. Esses grupos são formados por artistas dotados de potencial inovador e que se destoam no mundo da arte; de artistas provenientes de famílias abastadas da elite econômica; e, por último, da maioria de profissionais que não conseguem sobreviver de seu trabalho artístico e que, por isso, suplementam sua

fonte de renda exercendo outras atividades, como professores, responsáveis por ateliês institucionais de arte em museus ou desenhista em escritórios de arquitetura. A esse último grupo pertence a maioria dos artistas contemporâneos.

No entanto, várias perguntas surgem nesse debate sobre o valor mercadológico da obra-de-arte, como “de que forma a indústria cultural afetou (e ainda afeta) especificamente o universo da literatura?”, “qual a contribuição, nesse processo, dos novos recursos tecnológicos?” e “há artistas que fazem suas obras enquanto mercadorias a serem comercializadas?”. Antes de responder essas questões, mister se faz em analisar as consequências da imposição hegemônica que a indústria cultural exerce sobre o mundo das artes.

O caráter mercadológico que a indústria cultural exerce atualmente nos mundos artístico e cultural foi analisado por Adorno e Horkheimer, em *Dialética do esclarecimento*. A mercantilização das obras pela indústria da arte, conforme Marilena Chauí observou sobre a teoria por eles elaborada, pode levar as artes a

[...] perder sua força simbólica e, com ela, o de perder algumas de suas principais características: 1. de expressivas, tendem a tornar-se reprodutivas e repetitivas; 2. de trabalho da criação, tendem a tornar-se eventos para consumo; 3. de experimentação e invenção do novo, tendem a tornar-se consagração do consagrado pela moda e pelo consumo; de duradouras, tendem a tornar-se parte do mercado da moda, passageiro, efêmero, sem passado e sem futuro; [...].⁴⁹

A obra de arte deve ser contemplada e fruída devido a seu valor de visibilidade, de espetacularização. Os problemas ocasionados pela reprodutibilidade dos textos artísticos também foram analisados por Walter Benjamin em seu clássico

⁴⁹ CHAUI. *Convite à filosofia*, p. 291.

ensaio “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica”. Contudo, sob o domínio econômico e ideológico de empresas que fazem parte da indústria cultural, esse prisma se inverte. Dessa forma, torna-se apagado “tanto o próprio trabalho criador dos artistas e das obras como a realidade, mascarando-a e dissimulando-a.”⁵⁰ Assim, ao despertarem o interesse do público, surgem os modismos das obras de arte, com caráter passageiro, rentável, mas que em seguida desaparece sem deixar rastro.

Devido ao contexto econômico e político em que vivemos, é inegável a “importância” que o capital exerce no mundo cultural. Empresas investem milhões em filmes que, além do retorno financeiro nas bilheterias, divulgam o *american way of life* e, conseqüentemente, ajudarão a manter a hegemonia cultural nesse mundo cada dia mais globalizado. Juntamente com as empresas que produzem esse tipo de filme, outras multinacionais lucrarão, de forma indireta, ao exportar para o mundo inteiro roupas, comidas, carros, cigarros, etc. No entanto, não é apenas o mundo das obras de arte que está sob o domínio da indústria cultural: também são afetadas as chamadas “obras do pensamento”. Para exemplificar, Marilena Chauí cita o *boom* dos livros de autoajuda e a deformação com que os acontecimentos históricos são abordados em novelas e filmes.

Como consequência da lucratividade mercadológica da obra-de-arte, há artistas que compõem seus trabalhos focando especificamente as premiações dos concursos de que participam. No caso da literatura, em particular, além dos autores terem seu talento reconhecido, algumas premiações, por seu valor econômico, tornam-se bastante atrativas. Por isso, os critérios de seleção e premiação adotados

⁵⁰ CHAUI. *Convite à filosofia*, p. 291.

em muitos concursos artísticos são tidos como questionáveis e, conseqüentemente, o “valor” artístico dos trabalhos vencedores.

Há autores que, despreocupados com o mercado editorial, produzem arte de forma autônoma, não se submetendo, portanto, às exigências das empresas financiadoras, obras que, em geral, desempenham papel crítico e inovador, desvinculadas a modismos impostos pela indústria cultural. A maioria dos artistas que pertence a essa categoria realiza seus trabalhos com fins políticos (uma vez que também estão relacionados a algum tipo de instituição acadêmica), mas preferindo não se sujeitar às imposições de editoras e/ou empresas relacionadas ao mercado artístico.

Os concursos artístico-literários, de modo geral, exercem importante papel social, econômico e político no que tange à formação da opinião pública, desempenhando função semelhante à da crítica. Ao selecionar, premiar e consagrar textos, direcionam o que deve ser consumido em termos de cultura. Quase sempre vinculados a empresas públicas ou estatais, exercem função semelhante aos desempenhados pelas bússolas, direcionando o gosto dos leitores no mercado artístico, indicando-lhes a tendência do que deve ser lido e consumido. Os concursos literários também contribuem significativamente para o processo de canonização dos textos e artistas que premiam, além de serem vistos pelos autores como meio de se esquivar das chamadas barreiras editoriais que, na maioria das vezes, impedem a publicação dos textos de autores não consagrados.

Ao analisar o julgamento de valor exercido pela crítica e a valorização das obras de arte pelo mercado, Terry Eagleton reconhece o papel ideológico que a crítica desempenha ao julgar os trabalhos artísticos. No entanto, defende que o

mercado (e não o discurso da crítica) é quem deve determinar o que é (ou não) aceitável em termos estético-ideológicos.⁵¹ Eagleton ainda admite que esses papéis se entrecruzam, conforme observamos no papel exercido pelos concursos. O mercado define o quê, como e para quem produzir, conforme observou a economista Maria Regina Nabuco.⁵²

Os grupos de artistas que não se vinculam às empresas que, de certa forma, fazem parte da indústria cultural atualmente, dispõem de outro importante veículo da *mass media* para a divulgação de seu trabalho: a internet. Cada vez mais, escritores, *videomakers* e músicos, entre outros artistas, compõem e publicam seus textos em blogs, sites pessoais ou de relacionamento, disponibilizando gratuitamente, para a aquisição pública, suas obras. Graças à globalização, à informática e aos avanços dos recursos tecnológicos destinados à comunicação, os artistas estão cada vez mais independentes. Dessa forma, não é mais necessário, para se fazer arte e ver seus trabalhos publicados, investimentos exorbitantes e imposições ideológicas, chegando em alguns casos a uma espécie de censura por parte das empresas que dominam o mercado artístico.

Apesar da desvinculação entre artistas e instituições produtoras de cultura, como editoras e empresas fonográficas, não se pode afirmar que essa autonomia, ainda que relativa, desencadeará no desaparecimento das empresas que atuam nesse ramo. É inegável o reconhecimento do fato de que "arte" e "cultura" exercem importante função social no cenário global atual. Aliado a isso, é necessário reconhecer, também, que a indústria cultural, por movimentar muito dinheiro, é e

⁵¹ Cf. EAGLETON. *A função da crítica*, p. 49.

⁵² NABUCO. A agenda básica do Estado neoliberal: eficiência x equidade In: MARQUES; VILELA. *Valores*, p. 63.

ainda será, por muito tempo, uma importante ferramenta de dominação ideológica, política e econômica. No entanto, apesar dos avanços tecnológicos dos meios de comunicação não terem, ainda, propiciados a completa democratização da arte e da cultura, conforme desejava Walter Benjamin, boa parte dessa longa jornada já foi percorrida.

Enquanto periódico que valorizava a produção cultural dos estudantes e professores universitário, a *RL*, patrocinada pela reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais, não visava ao lucro. Distribuída gratuitamente nas universidades brasileiras e estrangeiras, a revista não possuía qualquer comprometimento com questões de ordem mercadológica, servindo-se apenas de veículo editorial para um grupo acadêmico específico. Seus exemplares também eram enviados a escritores brasileiros consagrados naquele momento e a bibliotecas públicas. Os direitos autorais dos textos publicados na *RL* não eram adquiridos pelo periódico. Os valores em espécie oferecidos pela revista se referiam exclusivamente às premiações dos trabalhos vencedores do concurso.

Revistas acadêmicas, de modo geral, não visam ao lucro. São editadas com o objetivo de divulgar ideias e descobertas, frutos dos estudos realizados nas universidades. Dessa forma, os periódicos vinculados às academias, em geral, possuem comprometimento com os conhecimentos científico e artístico. Seus textos não são, portanto, produzidos com o intuito de serem comercializados como *best-sellers*. Outro exemplo que pode ser citado para sustentar essa afirmação é o caso das resenhas produzidas no meio acadêmico. Publicadas em jornais e revistas universitárias, não buscam a *merchandising* da obra resenhada, mas apenas estabelecer diálogos com o hipotexto. Diferentemente das resenhas produzidas pelos

veículos da imprensa comercial, as resenhas acadêmicas não são feitas no calor da hora, são mais aprofundadas, analíticas e detalhadas. Sua preocupação e comprometimento estão voltados para o estudo do texto resenhado, e não para promover o mercado editorial, estimulando a venda de livros.

3 REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (RL): 30 ANOS DE INCENTIVO À ARTE E À CULTURA

3.1 AS REVISTAS LITERÁRIAS BRASILEIRAS NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970

Os anos de 1960 e 1970 foram muito significativos, em termos culturais, no cenário nacional. Vimos surgir, nesse momento, diversos movimentos e periódicos que objetivavam divulgar as obras artístico-literárias produzidas naquele momento. Como exemplo de movimentos que emergiram nessa época podemos destacar o Tropicalismo e as Bienais Nacionais na Bahia.

O final dos anos 60 e início dos 70 assiste ao nascimento e à morte de um grande número de periódicos culturais — a *Revista Civilização Brasileira* talvez seja um dos mais importantes — mas, assiste, também, ao que talvez tenha sido o fenômeno cultural mais interessante do período. Trata-se do surgimento da chamada “imprensa alternativa”, ou “nanica”, em que tablóides de orientações ideológicas diversas dentro do amplo espectro da esquerda — cito o *Pasquim*, *Opinião*, *Movimento*, *Beijo*, *Ex* — concentram boa parte dos textos culturais e literários, ou melhor, da produção/produtores numa cultura que se queria “de resistência”. Paradoxalmente, apesar dos ataques da censura prévia e até por causa deles, tais periódicos alcançaram notoriedade, grandes tiragens e público fiel, ao menos enquanto durou o regime de exceção, e sucumbiram não tanto à censura, mas ao efeito devastador das novas realidades mercadológicas que se impõem a partir do final dos anos 60.⁵³

Também surgiu, nessa mesma época, a revista *Inéditos*, lançada em 1976, que publicava textos poéticos, contos, ensaios sobre cinema, entrevistas, artigos.

⁵³ CAMARGO. *Não há sol que sempre dure*, p. 2.

Entre os autores que tiveram seus textos nela publicados, podemos destacar o poeta e teórico mexicano Octavio Paz, Léa Nilce Mesquita, Moacyr Scliar, Sérgio Sant'Anna⁵⁴, Duílio Gomes, Luiz Vilela, Helvécio Ratton, Eneida Maria de Souza e Sônia Queiroz. Pelo seu conselho editorial passaram autores ilustres como Wander Piroli, Affonso Romano de Sant'Anna, Silviano Santiago, Murilo Rubião, Roberto Drummond, Henry Corrêa de Araújo e Jaime Prado Gouvêa.

Foi também nesse mesmo período, mais especificamente em 1976, que nasceu, no Rio de Janeiro, *José*, uma revista de literatura, traduções, crítica, arquitetura, artes plásticas e teatro, que editou textos de autores como Dirce Côrtes Riedel, Sebastião Uchoa Leite e Jorge Wanderley. Além dessas, também tivemos, no Brasil, importantes revistas como a carioca *Ficção* (especializada em conto, surgida em 1966 e que só retornou apenas dez anos mais tarde, em 1976, sendo editada até 1979); em São Paulo, tivemos a *Escrita*, que circulou entre os anos de 1975 e 1989; e, fora do eixo editorial da região Sudeste, tivemos a cearense *O sacco*, publicada entre 1976 e 1977.

Essa última revista, conforme nos ensina Nelson de Oliveira, apresentava-se

na forma de um sacco que funcionava como capa e contracapa. Ou, na definição de Jackson Sampaio, como um "cordel das bancas urbanas". No interior havia quatro cadernos separados: Prosa (com contos, capítulos de romances e de novelas), Verso (o nome já diz tudo), Imagem (espaço destinado aos artistas plásticos) e Anexo (com o editorial, as entrevistas e reportagens).⁵⁵

⁵⁴ No conto publicado na *RL*, o escritor Sérgio Sant'Anna assinou como "Sérgio Sant'Anna e Silva". Posteriormente, em busca de um nome artístico mais simplificado que o identificasse, passou a assinar seus textos apenas como "Sérgio Sant'Anna", suprimindo seu último nome.

⁵⁵ OLIVEIRA. *Verdades provisórias*, p. 69.

Em seu artigo “*Escrita, José, Almanaque: leituras de romance*”, Maria Lucia de Barros Camargo justifica a explosão de periódicos e a indústria cultural ocorrida na década de 1970, época conhecida genericamente como “imprensa alternativa”:

a década de 70 tem sido apontada, paradoxalmente, como um período de vácuo cultural, de “gavetas vazias”, e de *boom* literário. Vácuo nas universidades com os expurgos decorrentes da aplicação do AI-5, mas grande produtividade intelectual que irá tornar-se bastante visível a partir da segunda metade da década. Década em que a censura exercia seu poder de interdição, ao mesmo tempo em que os meios de comunicação de massa e a indústria editorial se expandiam e se consolidavam. [...] De um modo geral, os anos 70, longe de ser um período de vazio, foi uma década de bastante produtividade, e fertilizada, ao menos em parte, pela própria atuação da máquina repressora.⁵⁶

Claudiner Buzinaro, em sua tese de doutorado, intitulada *Revista do Livro, porta-voz do Instituto Nacional do Livro (INL): análise e indexação de um periódico do século XX*, explica o *boom* das revistas literárias nos anos 1950, dizendo que, nessa época, a intelectualidade brasileira, fortemente influenciada pelas ideias europeias, revolucionaria o cenário político e cultural do Brasil.⁵⁷ Ainda segundo ele, a imprensa, nesse momento de intenso avanço técnico, serviu como divulgadora desses ideais, fazendo surgir, em todo o país, periódicos das mais diversas tendências, dentre eles as revistas literárias, forte veículo cultural “que proporcionam uma rica fonte para pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento.”⁵⁸

Da mesma forma que Buzinaro, Elizabeth Lorenzotti explica a explosão dos periódicos artístico-culturais como os suplementos jornalísticos, a partir do contexto

⁵⁶ CAMARGO. *Escrita, José, Almanaque*, p. 12.

⁵⁷ Cf. BUZINARO. *Revista do Livro, porta-voz do INL: análise e indexação de um periódico do século XX*, p. 9.

⁵⁸ BUZINARO. *Revista do Livro, porta-voz do INL: análise e indexação de um periódico do século XX*, p. 9.

histórico da época. Para ela, na década de 1950, no Brasil, devido ao surgimento de novas técnicas de produção e de administração, a notícia foi priorizada em detrimento da opinião. Juntamente a isso, o perfil dos jornalistas também se modificava através do recrutamento de profissionais provenientes das universidades, formados em ciências humanas. Por esse motivo, surgiu, em praticamente todos os jornais da chamada grande imprensa, os suplementos literários.⁵⁹

Segundo Flora Süssekind (*apud* Elizabeth Lorenzotti), as décadas de 1960 e 1970 são os anos universitários para os estudos literários, reduzindo-se “o espaço jornalístico para os críticos e há um confinamento ao *campus*.”⁶⁰ Ainda segundo ela, os anos de 1940 e 1950 foram marcados pela “crítica de rodapé”, exercida por bacharéis não-especializados e sem rigor conceitual – herança do século XIX – no canto inferior da página.⁶¹ Nessa época, houve um duelo entre críticos-cronistas e críticos-professores, apontando vitória parcial destes. Enquanto os antigos “homens de letras”, autodidatas, defendiam o impressionismo, os críticos formados pelas faculdades do Rio de Janeiro e de São Paulo almejavam a especialização e a pesquisa acadêmica. Contudo, em meados da década de 1960, jornalistas atribuíram à produção crítica acadêmica características inatas a um oponente, taxando-a como um jargão incompreensível ao chamado leitor médio. Como exemplo, ela cita o caso do jornalista Cláudio Abramo, do jornal *O Estado de S. Paulo*, que, mesmo sendo amigo dos críticos que escreviam no *Suplemento Literário*, criticava o academicismo e a universidade. Segundo Lorenzotti, havia certo ressentimento no que diz respeito às pessoas que não cursaram a universidade.

⁵⁹ LORENZOTTI. *Suplemento Literário* – que falta ele faz!, p. 57.

⁶⁰ LORENZOTTI. *Suplemento Literário* – que falta ele faz!, p. 60.

⁶¹ Cf. LORENZOTTI. *Suplemento Literário* – que falta ele faz!, p. 59.

Além disso, os anos cinquenta viram surgir várias revistas nas instituições universitárias, como a *Anhembi*, a *Revista Brasiliense*, a *Revista Brasileira de Estudos Políticos* e a *Revista de História*.⁶² No entanto, esses periódicos possuíam cunho acadêmico, e não artístico-literário, voltados para a publicação de ensaios e artigos científicos.

Ao lado da *RL*, o *Suplemento Literário* do *Minas Gerais* serviria com veículo que exercia esse mesmo papel divulgador e incentivador de jovens poetas e escritores. Comprovando o diálogo estabelecido entre esses dois periódicos, vários escritores que publicaram na *RL* também publicaram (e ainda publicam) no *Suplemento Literário* ou dele participam como membros da comissão editorial, como o escritor Jaime Prado Gouvêa, seu atual diretor.

O *Suplemento* surge num momento político em que Minas Gerais reage ao golpe de 64 e os grupos progressistas conseguem eleger, com maioria esmagadora, o governador Israel Pinheiro, derrotando o candidato dos militares. Nessa época, o AI-5 não tinha sido editado e ainda estava em vigência uma série de prerrogativas constitucionais anteriores. Com isso, Israel Pinheiro, que era um homem muito aberto e inteligente, mas de temperamento um pouco explosivo, apoiou a idéia de se fazer um suplemento voltado para a divulgação da cultura em Minas.⁶³

Marília Andrés Ribeiro, em seu livro *Neovanguardas: Belo Horizonte – anos 60*, aponta a abertura da Livraria do Estudante, em 1966, como um local de “aglutinação de intelectuais, poetas e artistas da nova vanguarda da capital mineira. A livraria não

⁶² Cf. MOTA. *Ideologia da cultura brasileira*, p. 174.

⁶³ Depoimento de Affonso Ávila a Marília Andrés Ribeiro, BH, 22 de março de 1994 *apud* RIBEIRO, *Neovanguardas*, p. 136.

só divulgava a produção dos jovens poetas e intelectuais da cidade, como também promovia exposições dos novos artistas na sua galeria de arte.”⁶⁴

Ao lado das bibliotecas e academias, as livrarias são importantes espaços de divulgação da cultura por promoverem eventos artísticos, como oficinas e cafés filosóficos, ou por serem utilizadas como local de ponto de encontro entre intelectuais e escritores, como ocorre nos lançamentos de livros. A título de ilustração, podemos citar a centenária Livraria Garnier, localizada no Rio de Janeiro, responsável pela divulgação da obra de Machado de Assis; a Pioneira, em São Paulo, frequentada por Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso, e a José Olympio, no Rio de Janeiro, funcionando como ponto de encontro de intelectuais e como editora.

Nos dias atuais, em Belo Horizonte, a livraria Quixote também desempenha esse papel. Nas livrarias antigas, o espaço físico diferia do perfil das livrarias atuais. Antigamente, elas possuíam tipografias, funcionavam como editoras e vendiam, além de livros e artigos de papelaria, vinhos, licores e charutos. Hoje, os eventos artísticos promovidos pelas livrarias contemporâneas também diferem dos realizados naquele momento, quando eram organizados cafés filosóficos e eventos artístico-literários, cujas atividades atraíam intelectuais. Algumas possuíam sala de chá, espaço destinado a reunir artistas e pensadores importantes, como a Livraria Jaraguá, criada em 1942 pela família Mesquita, fundadora do jornal *O Estado de S. Paulo*, bastante frequentada por Tarsila do Amaral, Flávio de Carvalho, Anita Malfatti e Caio Prado Júnior.

⁶⁴ RIBEIRO. *Neovanguardas*, p. 138.

A livraria e papelaria Brasiliense, fundada em São Paulo, em 1943, por Monteiro Lobato, Caio Prado Júnior, Hermes Lima Arthur Neves e Leandro Dupré, serviu de palco para diversas manifestações político-sociais na década de 1970, como comícios e debates. Dentre seus frequentadores, podemos citar Luís Inácio Lula da Silva e Eduardo Suplicy, dois dos responsáveis pela criação do Partido dos Trabalhadores (PT). Deve-se mencionar, também, a Livraria Parthenon, atualmente denominada Veredas, criada pelos bibliófilos Cláudio Blum e José Mindlin, que possuía perfil de biblioteca pública por abrigar e comercializar livros raros.⁶⁵ A tendência atual, entretanto, é a de que livrarias cada vez mais se transformem em *megastores*, equipadas com ambientes de entretenimento como cybercafés e brinquedotecas, comercializando, além de livros, produtos eletrônicos e suprimentos de informática com pedidos realizados pela internet.

Na divulgação da cultura local, também é inegável o papel desempenhado pelas revistas literárias. Apenas para ilustrar essa afirmação, será citado o caso da revista literária norte-americana *New York Review of Books*. Em abril de 2013, foi publicado um artigo sobre sua história e importância no caderno "Prosa e verso", do jornal *O Globo*. Conforme o artigo, a criação do periódico se deu em consequência de uma greve geral na imprensa local, iniciada em dezembro de 1962. Esse movimento de manifestação dos trabalhadores envolvidos com os veículos de imprensa interrompeu a circulação dos principais jornais de Nova York.

⁶⁵ Disponível em: <<http://www.saopauloantiga.com.br/uma-breve-historia-das-livrarias-paulistanas/>>. Acesso em 24 abr. 2013.

O movimento começou com os tipógrafos, ganhou a adesão de 17 mil trabalhadores (de jornalistas a ascensoristas) e se estendeu por 114 dias. A pausa forçada teve efeitos colaterais. Foi nessa época, por exemplo, que os jovens repórteres Gay Talese e Tom Wolfe, livres das obrigações diárias, encontraram tempo para fazer longas e elaboradas reportagens que marcariam a era de ouro do jornalismo literário uma das mais respeitadas publicações literárias do mundo, a *New York Review of Books*.⁶⁶

Naquele momento, a ausência de textos sobre literatura na imprensa americana, que circulavam principalmente por meio de jornais e suplementos literários, levou ao surgimento da revista, instituída com o propósito de refletir sobre a produção literária e atribuir publicidade a editoras. Formada por intelectuais que dispunham de pouco recurso financeiro, porém otimistas com o mercado editorial por acreditar que atrairia altos investimentos, a revista publicou textos de intelectuais hoje consagrados, como Hannah Arendt, Vladimir Nabokov, Elizabeth Bishop e Edmund Wilson.

Outro importante meio de divulgação do conhecimento se dá por meio dos eventos artístico-culturais, como os festivais. Em 1967, foi instituído o I Festival de Inverno da UFMG, na cidade de Ouro Preto, caracterizado por apresentar um “grande avanço na extensão universitária, à medida que visava uma dinamização da cultura artística em outras cidades de Minas.”

O Festival de Inverno nasceu do sonho de um grupo de artistas e intelectuais que vislumbraram a criação de um espaço voltado para a produção e a reflexão sobre as manifestações artísticas. Propunha a realização de cursos intensivos para estudantes de arte, e cursos de aperfeiçoamento para professores e profissionais da área, a organização de manifestações artístico-culturais, o estabelecimento de intercâmbio entre alunos e professores do Brasil e de outros países, e o incremento do turismo cultural.⁶⁷

⁶⁶ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/03/30/a-arte-de-editar-491589.asp>>. Acesso em 8 abr. 2013.

⁶⁷ RIBEIRO. *Neovanguardas*, p. 138.

O Festival de Inverno, entretanto, não foi o único meio de incentivo cultural promovido pela Universidade Federal de Minas Gerais. Conforme retratou Marília A. Ribeiro, na universidade ocorreram “os salões de arte mais representativos da cidade: os salões da Cultura Francesa, [...] e os salões de arte universitária [...]”.⁶⁸

Segundo o depoimento de Celma Alvim à autora de *Neovanguardas: Belo Horizonte – anos 60*, “a efervescência artística se deu na UFMG não só pelo apoio do reitor à minha [Celma Alvim] coordenação [Coordenadoria de Extensão da UFMG], mas também porque o Museu da Pampulha estava em reforma e o Palácio das Artes ainda não tinha sido inaugurado”.⁶⁹ O incentivo que a universidade dava a esses escritores foi, portanto, fundamental para a divulgação de seus trabalhos, promovendo e valorizando a cultura local ao permitir a realização de eventos em suas dependências.

Atualmente, as revistas literárias alteraram bastante sua estrutura. Na visão de Nelson de Oliveira, elas se restringem, basicamente, à tarefa de criticar e avaliar a produção poética e ficcional contemporâneas. Ainda segundo ele, os atuais periódicos destinados à literatura possuem modelo clássico, com espaço destinado ao texto ficcional/poético muito inferior se comparado à seção destinada a textos de cunho crítico-ensaístico.⁷⁰ Esse é o perfil de editoração adotado, por exemplo, pelas revistas *Bravo!* e *Cult*, dois grandes periódicos da atualidade.

Além de estimular a reflexão e os debates acerca de textos literários, essas revistas estão comprometidas, sobretudo, com o mercado editorial, visando ao lucro com a venda de livros e revistas. Exemplo disso é fato de estarem, na imprensa,

⁶⁸ RIBEIRO. *Neovanguardas*, p. 140.

⁶⁹ RIBEIRO. *Neovanguardas*, p. 141.

⁷⁰ OLIVEIRA. Ascensão e queda das revistas literárias, p. 65.

vinculadas a editoras comerciais. Através dos textos que veiculam, essas revistas buscam estimular a venda de livros recém-publicados ou reeditados. O fato de estarem ligadas a grandes empresas dos meios de comunicação justifica sua longa duração no mercado editorial.

Nos capítulos que se seguem, veremos como se estrutura a *RL*, *corpus* desta pesquisa. Para tentar perceber os critérios da comissão julgadora da revista e tendências literárias da época, serão selecionados e analisados alguns contos e poemas, visando encontrar traços recorrentes nos textos vencedores dos concursos.

3.2 RL: GENEALOGIA DE UM PERIÓDICO REVELADOR DE TALENTOS

A *RL*, única do gênero encontrada na realização desta pesquisa, foi criada a exemplo da *Revista Kriterion*, periódico da Faculdade de Filosofia que, desde 1947, divulga ensaios do corpo docente. Sua importância se deve, primeiramente, ao incentivo artístico a que se propunha, com concursos literários nos gêneros conto e poesia e, em seguida, com concursos de ensaios e de ilustrações, este último destinado, sobretudo, aos alunos do curso de Belas Artes da UFMG; em segundo lugar, por ter sido uma das únicas publicações brasileiras voltadas exclusivamente à produção literária do estudante; e, por último, por contar com a participação de autores consagrados na literatura brasileira e por ter revelado uma nova geração de importantes escritores⁷¹ como Luiz Vilela, Sérgio Sant'Anna, Luís Gonzaga Vieira, Henry Corrêa de Araújo, Danilo Gomes, Ronald Claver Camargo, José Márcio Penido, Adão Ventura Ferreira Reis, Walden Camilo de Carvalho, Duílio Gomes e outros que detêm fama nacional como Humberto Werneck, Jaime Prado Gouvêa, Elias José e Luiz Fernando Emediato. Revelou também professores e pesquisadores como Lúcia Castello Branco, Lauro Belchior Mendes, Vera Lúcia Andrade, Wander Miranda, Luís Alberto Ferreira Brandão Santos, Sônia Maria de Melo Queiroz, Leda Maria Martins, Ruth Silviano Brandão, Luiz Cláudio Vieira de Oliveira e Maria Esther Maciel.

Conforme mencionado na "Introdução", a *RL* foi criada por três alunos da universidade – Plínio Carneiro, jornalista, assessor do reitor Aluísio Pimenta, era

⁷¹ Humberto Werneck, José Márcio Penido, Sérgio Sant'Anna, Jaime Prado Gouvêa, Duílio Gomes são apenas alguns dos escritores que, na década de 1960, faziam parte do grupo que ficou conhecido como "Geração suplemento", por sua participação no *Suplemento Literário* do *Minas Gerais*.

aluno de Sociologia; Luís Gonzaga Vieira, acadêmico em Letras; e Luiz Vilela, estudante de Filosofia. Com sua primeira edição publicada em novembro de 1966, o periódico possuía cunho artístico e científico e foi, nestes trinta anos de publicação, patrocinada pela Reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).⁷²

A revista dividia-se estruturalmente em duas partes: na primeira, apresentavam-se os textos literários – contos, crônicas e poemas – premiados pelos concursos, seguidos dos trabalhos classificados como menção honrosa; na segunda seção, eram publicados os ensaios, contos e poemas de ex-alunos e professores da UFMG, além da inserção, a partir da décima edição da revista, dos textos imagéticos vencedores do concurso de ilustrações.

Os textos pictóricos eram dispostos entre os textos verbais, relacionando-se com eles numa relação transtextual, propondo, assim, (re) leituras do texto verbal. A cor vermelha da capa foi substituída pela cor azul logo que a revista se desvinculou da Reitoria e passou a ser editada pela Faculdade de Letras, a partir da edição número 20, referente ao ano de 1988, publicada três anos após a edição anterior, de 1985. No entanto, após essa mudança de gestão, as diagramações interna e externa do periódico permaneceram inalteradas. Apesar da mudança nas cores, bem como o desenho da capa, o visual da folha de rosto, as divisões das seções internas da revista, as publicações recebidas pela revista e as disposições das resenhas e cartas no final de cada edição não se alteraram.


⁷² A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a maior universidade do estado, é considerada uma das melhores do Brasil. Em 1927, a Faculdade de Direito, primeira faculdade da instituição, criada em 1892, fundiu-se à Faculdade de Odontologia, à Faculdade de Medicina e à Escola de Engenharia, formando a Universidade de Minas Gerais (UMG), que, apesar de subsidiada pelo Estado, possuía caráter privado. No entanto, mesmo após sua federalização, ocorrida em 1949, o nome Universidade Federal de Minas Gerais só foi adotado oficialmente pela instituição em 1965.

Editada na Imprensa Universitária da UFMG, a *RL* possuía 23x15,5cm fechada e 23x33cm aberta, capa impressa em 3x0 cores (preto, vermelho cassino e azul turquesa nas edições de números 1 a 19) e 2x0 cores (tintas prata luxo e azul turquesa nas edições de números 20 a 26) e miolo impresso em papel offset 90g, costurado e colado. Como toda revista literária dessa época, os recursos de edição eram ainda precários. As capas, sem muita sofisticação, eram reduzidas a um grafismo simples, próprio da estética do momento. Com a marca da UFMG na capa, a partir do primeiro número, e uma coruja pousando sobre o L da sigla, o periódico imprimiria uma tradição às revistas da universidade, que até hoje primam pela divulgação de trabalhos da comunidade acadêmica.



FIGURA 1 Capa da Revista Literária do corpo discente da Unversidade Federal de Minas Gerais (*RL*). Belo Horizonte, 1985-1989.

Ao longo de sua existência, o concurso da *RL* recebeu 2.348 contos e 11.426 poemas. Foram, ao todo, 13.761 trabalhos de 3.507 estudantes da UFMG. Essas informações, que diziam respeito à quantidade de textos submetidos à apreciação da comissão editorial da revista eram publicadas sob a forma de quadro na seção "Resenha", presente no final de cada edição.



RESENHA

Em dezenove concursos, a estatística da RL está assim:

ESTATÍSTICA RL				
ANOS	ESTUDANTES	TRABALHOS RECEBIDOS		
		CONTOS	POEMAS	TOTAL
1966	61	18	146	164
1967	102	57	198	255
1968	46	38	131	169
1969	121	76	265	341
1970	105	131	221	352
1971	161	68	257	325
1972	123	118	231	349
1973	199	144	238	382
1974	269	172	478	650
1975	92	96	230	326
1976	76	57	275	332
1977	140	108	515	623
1978	77	54	295	349
1979	123	90	560	650
1980	185	159	720	879
1981	126	84	530	614
1982	123	54	545	599
1983	107	80	403	483
1984	96	30	429	459
TOTAL	2332	1634	6667	8301

FIGURA 2 *RL* – Seção "Resenha". Belo Horizonte, 1985.

CENEX/FALE/UFMG			Nº	TÍTULOS	PSEUDÔNIMO
21º. CONCURSO DE CONTOS E DE POEMAS - 1987					
A relação dos 660 trabalhos recebidos, com os respectivos pseudônimos, é a seguinte:					
CONTOS					
Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO			
01	A cidade mal assombrada Marido machão Prefeito democrático	Abelhinha Feliz	09	Aprender aprendendo O juiz Cida	Erasmus
02	Um problema Quando estiver com sessenta e quatro Sisifo	Adelino	10	Aquela camarada Um admirável ser humano Notas sob uma revolução	Esse Fan
03	A fala Quando a ansiedade descansa sob um orelhão O menino vai mais uma vez	Antônio Mariano	11	A lenda do Milton Nascimento A confissão de Antônio Curtido Tonho enrola-papo	Eustáquio Fontes
04	Louca Um conto que não é de fadas A glória e a honra de Adelso Simões	Beatriz Maia	12	Labirintos Variações em torno do mesmo tema Morangos	Hermes
05	Odaliscas O rosto	Clara	13	Irmãosinhos O rapaz do 1001 Os corações futuristas morrem cedo	Jabberwocky
06	O treze	Czara	14	O porão O cavaleiro da noite Vinte e quatro horas	J. Miftraud
07	Um jantar: duelos Retorno Os cúmplices	Doktor Avalanche	15	O grande assalto O aprendiz O caminho do amor	João Pedro
08	Duelo ao por-do-sol Telenovela De negativas e negações	Em Trânsito	16	Solidão Romeu e Julieta Memórias de um utilitário	Juarez Serra
			17	Coração Mortalha As camisolas azuis de um delirante ofício A mulher exilada	Lili Marlene
			18	O quadrante azul Paredes A lição	Marte

FIGURA 3 RL – Relação dos textos recebidos (Seção "Resenha"). Belo Horizonte, 1989.

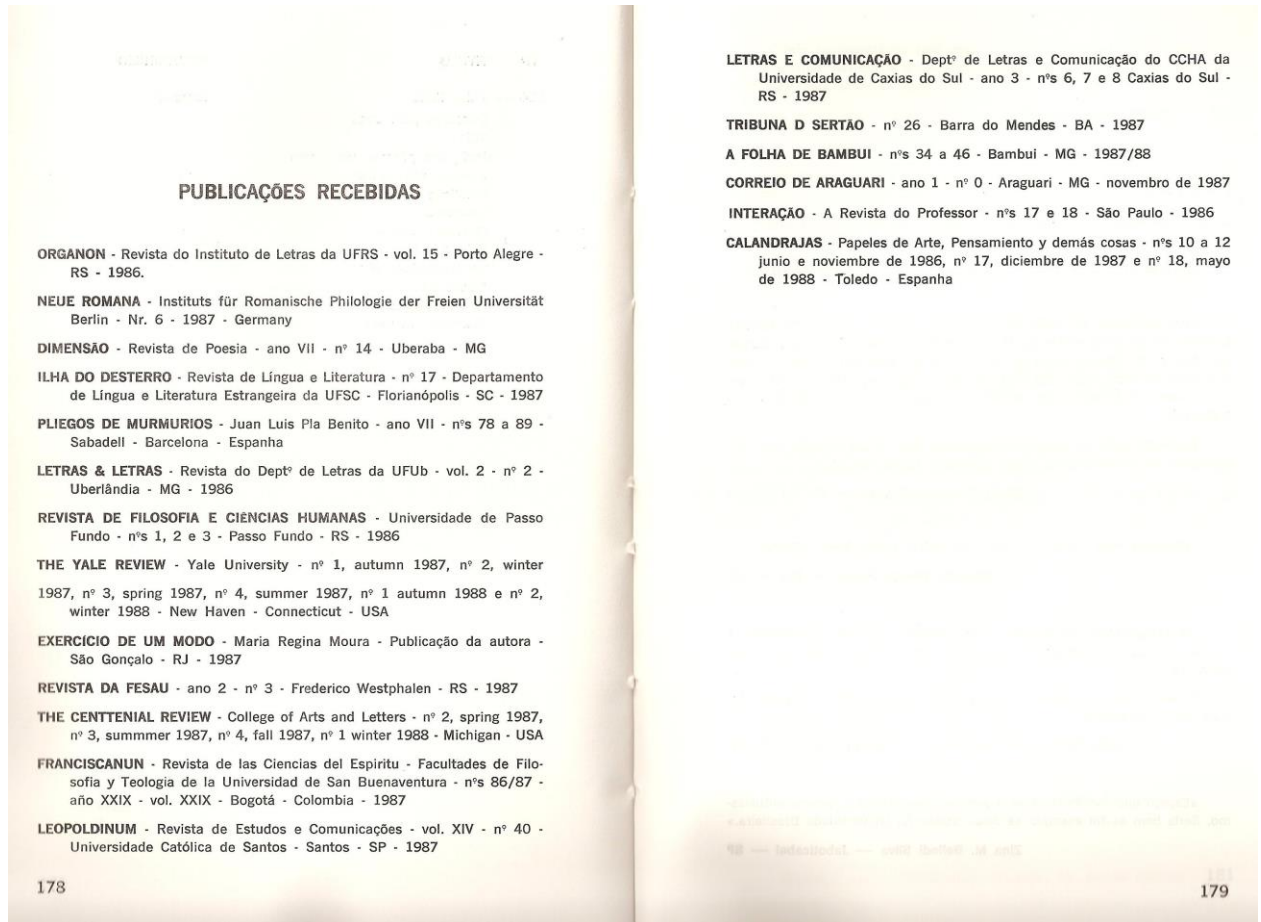


FIGURA 4 *RL* – Seção "Publicações recebidas". Belo Horizonte, 1989.

Em sua segunda edição, a comissão organizadora da revista publicou nota anunciando o sucesso do periódico no meio acadêmico, devido à enorme quantidade de trabalhos recebidos de estudantes de outras universidades que, ainda que não pudessem participar dos concursos, foram submetidos à avaliação. Na mesma nota, a comissão do periódico afirmava que os textos literários selecionados tiveram que ser classificados, por imposições regulamentares, apesar do desejo de publicar todos os textos recebidos. Informa, ainda, que a *RL* atrasou a edição de seu décimo nono número que, segundo nota explicativa publicada pela comissão da revista, deveu-se a questões de ordem editorial. Ao mesmo tempo em que explicava os motivos que levaram ao atraso dessa edição, o corpo editorial aproveitava a nota para anunciar

algumas modificações nos critérios estabelecidos para seu concurso: a partir da décima edição, passaria a privilegiar a publicação pelo conjunto de trabalhos premiados no concurso de contos e poesias, tendo ainda realizado o primeiro concurso de ilustração de textos. Por esse motivo, a *RL*, sempre publicada no mês de novembro, passaria a ser editada, a partir de então, nos meses de dezembro e janeiro, embora mantivesse seu perfil de periodicidade anual.

A *RL* atravessou muitos problemas em sua existência, principalmente no período da ditadura militar, quando a censura universitária resolveu interferir em sua comissão editorial, vetando trabalhos literários que foram enviados para os concursos de textos literários. Conforme consta na nota intitulada "Crise literária", publicada em sua décima quinta edição, esse fato ocorreu na época em que a revista perdeu todo o apoio da direção da UFMG: "a mesma direção que desativou o setor de artes da Reitoria e fechou a Orquestra Sinfônica, além de ignorar por completo a importância do Festival de Inverno e das outras atividades culturais da UFMG."⁷³

Também consta nessa mesma nota a informação de que os responsáveis pelo não fechamento da revista foram os professores Hélio Martins de Araújo e Haroldo de Almeida Mattos, que consideravam a *RL* um periódico de suma importância para o universo acadêmico por seu perfil cultural, equiparando-a à *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, vinculada à Faculdade de Direito da UFMG. Em conjunto com os professores referidos acima, o professor Fábio do Nascimento Moura também contribuiu para a sobrevivência da revista ao conseguir seu patrocínio junto ao Ministério da Educação e Cultura, através do Departamento de Assuntos Estudantis,

⁷³ *Revista Literária do corpo discente da Universidade Federal de Minas Gerais*. 1980, p. 184.

e incentivo de diversos setores da UFMG para os prêmios concedidos aos estudantes vencedores dos concursos.

Crise literária

A Revista Literária foi fundada em 1966, por um estudante de Sociologia — formado em Jornalismo pela Faculdade de Filosofia — e então assessor de imprensa do Reitor da UFMG, Plínio Carneiro, um estudante de Letras, Luiz Gonzaga Vieira, também formado em Jornalismo, e um estudante de Filosofia, Luiz Vilela. Para isto, tiveram todo apoio e incentivo do Reitor Aluizio Pimenta, que garantiu a edição da Revista.

Durante dois anos, essa comissão dirigiu a RL. Em 1968, com a saída de Luiz Vilela, entrou em seu lugar Sérgio Sant'Anna e, nos anos subsequentes, a comissão foi sendo modificada, somente com a manutenção de seu editor, Plínio Carneiro, no cargo até hoje. Os outros participantes da comissão: Otávio Bianchini, cinco anos; Maria Antonieta Antunes Cunha e Ronald Claver Camargo, quatro anos; Dúlio Gomes e Walden Camilo de Carvalho, três anos; Ana Maria de Almeida, dois anos; Magda Frediani Martins, um ano.

Atualmente, a Revista Literária é editada pelo Serviço de Relações Universitárias da UFMG, funcionando na Rua Carangola, 288, sala 807, ligada ao Centro de Extensão da Faculdade de

Letras. A Comissão da Revista é composta pelo seu editor, Plínio Carneiro, pela professora Ana Maria de Almeida, diretora do Centro de Extensão da FALÉ e pelo poeta Ronald Claver Camargo.

Única publicação literária dedicada ao estudante universitário, a RL através de muitos problemas em sua existência, principalmente quando a censura universitária resolveu interferir na comissão, vetando trabalhos literários enviados para os concursos de contos e poemas.

Foi uma época em que a Revista perdeu todo o apoio que tinha da direção da UFMG, a mesma direção que desativou o setor de artes da Retórica e fechou a Orquestra Sinfônica, além de ignorar por completo a importância do Festival de Inverno e das outras atividades culturais da UFMG. Na época, quem salta para a Revista Literária do fechamento foi um parecer dos professores Helió Martins de Araújo e Haroldo de Almeida Mattos, que após vários estudos consideraram a RL de suma importância, ao lado da Revista Brasileira de Estudos Políticos, editada pela Faculdade de Direito.

Outro professor foi importante para

o não fechamento da Revista: Fábio do Nascimento Moura, que conseguiu do Ministério da Educação e Cultura o patrocínio da RL, através do Departamento de Assuntos Estudantis, entidade que financia as edições até hoje. Além disso, o prof. Fábio do Nascimento Moura contatou os diversos setores da UFMG em busca do patrocínio dos prêmios literários que anualmente são oferecidos aos estudantes.

Apoiada pela direção da Faculdade de Letras e pelo atual Reitor, Celso de Vasconcelos Pinheiro, a Revista Literária deve sua existência a muitos outros professores da UFMG, principalmente aos ex-reitores Gerson de Brito Melo Botton e Marcelo de Vasconcelos Goelho, que a defenderam numa época crítica para a cultura brasileira, de 1967 a 1973.

Destaca-se ainda o apoio de várias entidades da UFMG que patrocinam os prêmios literários, como a Retórica, Conselho de Extensão, Conselho de Pesquisa, Fundação do Desenvolvimento da Pesquisa, Faculdade de Letras, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e Fundação Universitária Mendes Pimentel.

Gente famosa

Circulando desde 1966, em quatorze números a Revista Literária publicou 372 trabalhos, sendo 161 contos, 192 poemas, 17 ensaios, uma montagem e um artigo, de autoria de estudantes, ex-alunos, professores, poetas, comistas, ensaístas de Minas Gerais, tudo isto em 2.107 páginas, impressas pela Imprensa Universitária da UFMG.

A RL é dividida em duas partes. Na primeira publica os contos e poemas vencedores dos concursos — os três primeiros lugares — e sempre cinco trabalhos classificados com menção honrosa. Todos os alunos regularmente matriculados nas unidades universitárias e colegiais da UFMG, no total de oito contos e oito poemas. Na segunda parte, a Revista publica ensaios, contos e poemas de ex-alunos e professores da UFMG.

Em quatorze concursos literários, participaram 1695 alunos da UFMG, que enviaram 5.257 trabalhos para as comissões julgadoras, cujos membros já leram em 14 anos, 1.227 contos e 4.040 poemas. No próximo mês, a Revista Literária abre inscrições para o 15º concurso, com prêmios de Cr\$12.000,00, Cr\$8.000,00 e Cr\$45.000,00 para os três melhores contos e os três melhores poemas.

Muita gente famosa já passou pelas páginas da Revista Literária, como Luiz Vilela, Luiz Vieira, Danilo e Dúlio Gomes, Henry Correa de Araújo, Sérgio Sant'Anna, José Márcio Penido, Adão Ventura Ferreira Reis, Ronald Claver Camargo e outros que detêm fama nacional.

Além desses, Humberto Werneck, Fernando Rios, Jaime Prado Gouveia, Otilio Machado Júnior, Elias José, Edgar Pereira dos Reis, Sandra Lyon, Fernando Rubingos, Luiz Fernando Emediato, Luiz Carlos Alves, Ana Maria de Almeida, Magda Frediani, Carlos Felipe, Ana Cecília Carvalho, Osias Ribeiro Neves, Eugênio Gomes, Moacyr Laterza, Liberio Neves Eunício Galery e outros professores e literatos mineiros já publicaram trabalhos na RL.

Da turma que despoita agora nas letras, destacam-se Antônio Barreto, Sônia Queiroz, Hugo de Almeida, José Liberato, Lúcia Castelo Branco, Angélica Ganção Lara Besenê, Kenneth Albert, Alvaro Fraga, Aloyzo Rocha, José Alexandre Martins, Maria Consuelo Porto, Gontijo, Edvaldo Zampieri, Branca Maria de Paula Xavier, Francisco Moraes Mendes, todos ganhadores de

concursos da RL e de outras entidades literárias de Minas e do Brasil.

O fôlder da Revista Literária vem sendo organizado desde 1966, contendo hoje cerca de dois mil endereços de alunos, ex-alunos, professores, escritores, jornalistas e entidades literárias do Brasil e do mundo, todos recebendo, anualmente, um exemplar, gratuitamente, da Revista editada pela UFMG. A tiragem atual da RL é de 2.500 exemplares, com padrão gráfico de alto nível.

Durante muitos anos, o corpo docente da Escola de Belas Artes ilustrou a Revista, coordenado pelos professores Alvaro Apocalypse, Eduardo de Paula, Beatriz Goelho, Wílde Lacerda e Madu. Da época destacam-se ilustrações de Paula Regis, Sandra Bianchi, Joyce Brandão, Lilliane Romaneli, Sérgio Moraes, Lucas Tadeu e Rosa Ruzick. Atualmente, ilustram a RL os artistas Paulo Fatal, Beia Mattos, Rubia Roberta e Helvio Rodrigues.

Entre os ensaístas que já publicaram na RL, estão vários professores de Minas, como Lauro Mendes, Ivete Lara, Vera Lúcia Andrade, Cleonice Mourão, Wander Miranda, Ruth Silveira Brandão, além de Lea Amaral, Walden Camilo de Carvalho, Lauro Augusto Machado Coelho e outros.

Os 15 anos da Revista Literária da UFMG

Em 12-08-80

Dúlio e Danilo Gomes, José Márcio Penido, Luiz Fernando Emediato, Adão Ventura Ferreira Reis e tantos outros que passaram pela UFMG.

A Revista Literária do Corpo Docente da Universidade Federal de Minas Gerais está comemorando quinze anos de vida, uma idade respeitável para uma publicação literária no Brasil. Fundada em 1966 pelos então alunos da UFMG, Plínio Carneiro, Luiz Gonzaga Vieira e Luiz Vilela — com apoio total do Reitor da época, prof. Aluizio Pimenta — a RL, como é conhecida, atravessou períodos críticos em sua existência, chegando quase a encerrar suas atividades.

Hoje, sanados os maiores problemas da publicação — verbas para os concursos de contos e de poemas e para edição da mesma — a Revista Literária pode se orgulhar de ser única no gênero no Brasil: promove concursos, paga religiosamente os prêmios, publica os trabalhos vencedores e distribui a revista a mais de duas mil pessoas e entidades culturais do Brasil e do mundo.

Elogiada pelo Ministério da Educação e Cultura, aplaudida pelos estudantes e ex-alunos da UFMG, pelos professores, pelos assinantes e pela imprensa, a Revista Literária se transformou, pela sua periodicidade, em um marco literário em Minas. Hoje, a maioria dos escritores da nova geração tem seu primeiro livro ligado à RL, como Luiz Vilela, Luiz Gonzaga Vieira,



Três escritores que começaram na Revista Literária: Danilo Gomes, Henry Correa Araújo e Ronald Claver

Aluizio Pimenta, Reitor em 1966, mandou que se criasse na UFMG uma Revista Literária

Os três fundadores da Revista Literária: Plínio Carneiro, Luiz Vilela e Luiz Gonzaga Vieira

FIGURA 5 Nota "Crise literária" (RL). Belo Horizonte, 1980.

RL: DEZ ANOS

A Revista Literária do Corpo Discente da UFMG completa, com este número, dez anos.

Creemos que este marco não é muito comum: nem mesmo para a Universidade torna-se fácil manter uma revista com os objetivos desta, e as dificuldades enfrentadas são de diversos tipos.

Contudo, algumas coincidências se têm juntado para possibilitar que a publicação, a cada ano, cresça. Antes de mais nada, não tem faltado o interesse e o apoio da Reitoria da UFMG, especialmente do Reitor Eduardo Osório Cisalpino e da diretora da Faculdade de Letras, Prof^a Iria Maria Renault de Castro Silva, desde que a Revista, em 1974, foi vinculada ao Centro de Extensão da FALE.

Esse apoio, naturalmente, é o reconhecimento do excelente nível que a Revista tem logrado manter (foi uma das três selecionadas numa triagem de revistas da UFMG, realizada em 1974 pelo Conselho de Pesquisa da Universidade) através do concurso literário anual entre os universitários e a colaboração de professores da UFMG.

Mas, num balanço da vida da Revista, o Centro de Extensão da Faculdade de Letras sente-se no dever de agradecer o desprendimento de professores, como Orlando Bianchini, que paciente e generosamente têm participado da comissão julgadora dos concursos. E, acima de tudo, deve a Revista prestar uma homenagem ao Prof. Plínio Carneiro, que, desde o primeiro número, vem sendo o principal responsável pela sobrevivência da Revista. Não fosse seu empenho e seu

entusiasmo, em mais de uma ocasião, a publicação teria sucumbido.

Nos dois últimos anos, foram realizados concursos de ilustração, organizados pelo Centro de Extensão da Escola de Belas Artes.

Assim, a Revista vai procurando alargar seu programa e tornar-se, cada vez mais, um fator de união da Universidade.

MARIA ANTONIETA ANTUNES CUNHA

FIGURA 6 Nota "RL: dez anos". Belo Horizonte, 1976.

NOTA EDITORIAL

«As coisas sem amor, sem carinho, sem dedicação, ficam insossas, sem aquele calor humano que faz as coisas todas serem importantes.»

(Plínio Carneiro)

No ano de 1983, o Prof. Plínio Carneiro, um dos fundadores da Revista Literária do Corpo Discente da UFMG, passou à Faculdade de Letras a incumbência de dar continuidade a sua publicação. Em 28 de janeiro de 1986, tivemos a triste notícia de sua morte prematura, que muito abalou a todos seus companheiros, colegas e alunos.

Como um ato premonitório, em entrevista comovida, Plínio Carneiro deixou verdadeiro testemunho de seu amor pela Revista e o testamento de uma herança que, nós — professores e intelectuais — temos de aumentar, em memória deste querido professor e jornalista. Dizia ele, em 1983: «Já falaram que a Revista era minha filha, e a uma filha a gente trata sempre bem. Tenho pelas edições da Revista que eu fiz um especial carinho, carinho mesmo, ao ver aquilo que nasceu nas minhas mãos e que cresceu comigo, e que está fazendo 17 anos».

E é com especial carinho que este 20º número da Revista criada pelo Plínio Carneiro é a ele dedicado, em homenagem a seu trabalho. Morreu seu criador mas sua criação permanece, imorredoura, firme marco de sua existência ativa e incansável.

A Comissão da Revista

FIGURA 7 *RL – Nota sobre edição dedicada a Plínio Carneiro.* Belo Horizonte, 1988.

Apesar de todas as dificuldades, a *RL* alcançou âmbito internacional. Podemos perceber sua importância e amplitude através dos trechos de textos publicados na seção *Cartas*, incorporada à revista a partir de sua terceira edição, que traz

comentários, elogios e críticas de professores, escritores, jornalistas, artistas e pesquisadores renomados, como Saulo Laranjeira, Oswaldo França Júnior e Nelly Novaes Coelho; publicações que veiculavam em jornais como *Estado de Minas*, *Suplemento Literário do Minas Gerais*, *O Diário* (Ribeirão Preto – SP); e até um trecho da carta de Xu Yixing, subdiretora do Departamento de Português da Shanghai International Studies University, localizado em Shangai, na China.

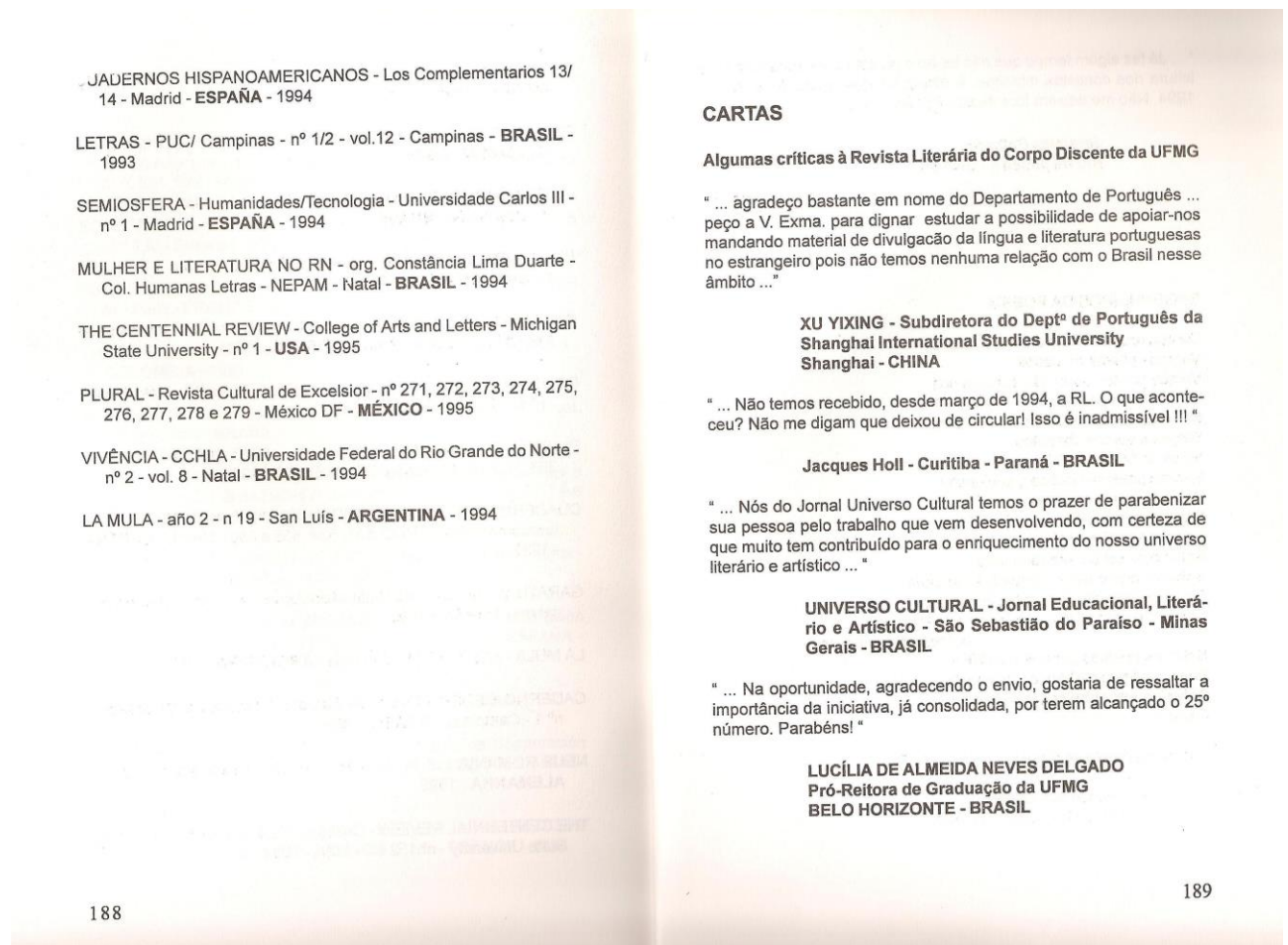


FIGURA 8 RL – Seção "Cartas". Belo Horizonte, 1996.

CARTAS

«... para poder continuar acompanhando o desenvolvimento literário desses jovens, dessas mentes que tanto me fascinam...»

Gisleyne Campanile Campestrin — São Paulo — SP

«... cada vez melhor a RL... parabéns pela qualidade dos trabalhos publicados...»

Ivone Izabel Teixeira — Belo Horizonte — MG

«... pois desejo toda a coleção, que é de sumo interesse...»

Eticar Kuhn — Franca — SP

«... é trabalho de alto nível e muita dedicação, principalmente em prol da divulgação da literatura, exibindo publicações da melhor qualidade e de muito bom gosto...»

Raymundo Antônio de Abreu — Belo Horizonte — MG

«... dessa formidável Revista Literária... quão agradável poder apreciar neste número mais um conto da excelente contista Sandra Lyon, a qual foi premiada nesta revista de 1971 a 1976 e que agora reaparece com um conto que se pode dizer perfeito do ponto de vista literário: Cerco Fechado...»

Antônio Bento Gonçalves de Albuquerque — Belo Horizonte — MG

«... assim continua no rol dos privilegiados que tomam parte das atividades dessa elegantíssima publicação. Pois a RL é para mim a mais nobre coletânea de jovens autores contemporâneos que, despertados do ABC da prosa e do verso, vemo-nos a cada ano que passa laureados por mais um invejável número da nossa RL...»

Aldemir Fernandes Lima — Belo Horizonte — MG

«... Com excelentes trabalhos em prosa e verso, a sua (nossa) revista mantém a sua tradição no sentido de apresentar colaborações de grande interesse a atualidade. Sua pontualidade é tão marcante que já se pode pensar em receber o exemplar de nº 20 daqui a seis anos. Parabéns...»

Wilson Alvarenga Borges — Rio de Janeiro — RJ

FIGURA 9 *RL – Seção "Cartas"*. Belo Horizonte, 1980.

«... o nº 14 da Revista Literária, excelente, por sinal...»

Ernestina Maria Muzzi Machado — Belo Horizonte — MG

«... excelente o número 14 da Revista Literária. Pena que só temos um número por ano. Que tal aumentarmos a frequência para trimestral?...»

Eliezer Zac — São Paulo — SP

«... Recebi o número 14 da Revista Literária... o trabalho merece ser visto...»

Alciene Ribeiro Leite — Ituiutaba — MG

«... envio periódico da excelente Revista Literária editada pelo corpo discente dessa Universidade...»

José Salles Neto — Brasília — DF

«... Verdadeira delícia intelectual a RL e mostra do que poderia ser a cultura, no Brasil, de tão precioso exemplo tivesse muitos seguidores...»

Oswaldo Lopes de Brito — Ribeirão Preto — SP

«... Revista Literária... cujo conteúdo fascinara-me sobremaneira...»

Jarbas Wilson de Moraes Vilela de Avelar — Belo Horizonte — MG

«... um prazer receber novamente esta importante revista literária...»

Rafael Alves Machado — Belo Horizonte — MG

«... enviamos nossos parabéns pelo excelente nº 14...»

Expedite Maia Leite — Belo Horizonte — MG

JORNALIS

«... De alto nível gráfico o número 14 da Revista Literária do Corpo Discente da UFMG, que já está circulando, editada pelo Serviço de Relações Universitárias da Universidade Federal...»

Estado de Minas — 11/06/80 — Minas Gerais

«... Há 14 anos, editada pelo Serviço de Relações Universitárias da UFMG, a Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal transformou-se, nesses anos todos, em uma publicação importante no Brasil. Patrocinada pelo Ministério da Educação e Cultura, a RL vem lançando, através dos anos, vários escritores mineiros, que hoje têm projeção nacional: Luiz Vilela, Luiz Márcio Penido, Adão Ventura, Luiz Gonzaga Vieira, Duílio Gomes, Walden Carvalho, Luiz Fernando Emediato, Henry Correia de Araújo. Mais: Sérgio Santana, Jaime Prado Gouveia, Ronald

Claver, Danilo Gomes, Edgar Pereira dos Reis, Sandra Lyon, Osias Ribeiro Neves, Antônio Barreto e muitos outros. Nesses anos todos, ela foi dirigida pelo jornalista Plínio Carneiro, que a fundou em 1966, junto com Luiz Vilela, Luiz Vieira e o Reitor Aluísio Pimenta...»

Estado de Minas — 24/01/80 — Minas Gerais

«... Há 14 anos que a Revista Literária da Universidade Federal de Minas Gerais vem incentivando alunos e professores da Universidade a seguirem os caminhos literários. É uma das poucas revistas no gênero que se propõe publicar contos de autores inéditos no meio profissional...»

Jornal da Assufemg — nº 13 — outubro de 1979 — Minas Gerais

«... Revista Literária... ilustrações excelentes... Percebe-se que a RL atingiu o principal objetivo: afirmou-se na divulgação e no estímulo da cultura literária de seu pessoal, alunos e mestres, além de chamar a si acolhida de outros autores interessantes, fora de seus quadros. Um esforço nacional. Bravo!...»

«O Diário» — 6/7/80 — Ribeirão Preto — São Paulo

A seguir, cópia da reportagem do jornal «Estado de Minas» de 12 de agosto de 1980, sobre a Revista Literária do Corpo Discente da UFMG.

4 A IMPORTÂNCIA DA *RL* NA FORMAÇÃO DE ESCRITORES

4.1 O PAPEL DO INTELLECTUAL, DO ARTISTA E DO ESCRITOR NOS CENÁRIOS CULTURAL, POLÍTICO E SOCIAL

*Quando me levantar, o céu
estará morto e saqueado,
eu mesmo estarei morto,
morto meu desejo, morto
o pântano sem acordes.*

Carlos Drummond de Andrade

Inicialmente, para falar da importância da *RL* na formação de escritores, é necessário realizar uma abordagem, de forma geral, da contribuição social, política e cultural destes autores, enquanto intelectuais, na comunidade em que estão inseridos. Para isso, buscaremos responder questões tais como “qual a importância do intelectual, numa determinada sociedade, para a formação da opinião pública?”; “o escritor é considerado intelectual?”; e “qual o poder que o escritor possui, enquanto intelectual, de interferir em decisões de ordem política e social?”.

Vejamos, primeiramente, o conceito de intelectual a partir da definição de Norberto Bobbio extraída de seu texto “Os intelectuais e o poder”:

[...] a palavra associa-se ao vocábulo russo *intelligentsia* e designa um conjunto de pessoas que têm uma determinada função e desempenham um papel específico dentro da sociedade. Pode ter sido usada pela primeira vez pelo romancista Boborykin e foi difundida nas últimas décadas do século XIX.⁷⁴

Como podemos observar, essa definição é um tanto quanto abstrata, imprecisa. Elzimar Costa, ao admitir a imprecisão do conceito e sua variação conceitual, explica que isso se deve ao fato de que

cada região produziu seus próprios intelectuais e cada um desses agrupamentos discutiu seu próprio engendramento [...], vários pensadores (filósofos, sociólogos, historiadores, escritores, entre outros), ao longo do século XX, acentuaram matizes diferentes ao abordar questões relativas ao tema.⁷⁵

Se o conceito de intelectual é realmente impreciso, vago e abstrato, resta-nos pelo menos compreender a sua importância e o papel que desempenha no bojo de uma sociedade. Mas, para isso, devemos antes compreender a função da crítica, entendendo melhor quais são os tipos de crítica e de críticos existentes.

Marília Andrés Ribeiro, em seu livro *Neovanguardas: Belo Horizonte – anos 60*, divide, enumera e classifica dois tipos de crítica e, nelas, quatro espécies de crítico. A crítica se subdivide em autoritária e opressora, por um lado, e criativa e militante, por outro. Já os críticos são classificados em passivo, que seria o crítico *voyeur*, o crítico-juiz, o crítico teórico, que organiza os trabalhos dos artistas, e, por último, o crítico militante, companheiro de lutas em grupos militantes.

⁷⁴ BOBBIO *apud* COSTA. O papel dos intelectuais na América Latina, p. 31.

⁷⁵ COSTA. O papel dos intelectuais na América Latina In: *Revista Calígrama*, v. 9, dez. 2004, p. 31.

Afinal, qual o papel da crítica? Qual a relação existente entre o texto literário e a teoria produzida a partir dele? Segundo o artista Frederico Morais, a relação que se estabelece entre uma obra-de-arte e sua crítica – com o perfil de crítica que ele classificou como “engajada” – encontra-se no ramo axiológico. Para ele, esse tipo de crítica, ao mesmo tempo em que atribui valor ao se remeter a seu objeto de análise, dialoga com ele reinterpretando-o, relendo-o.

Com efeito, o crítico, em sua atividade, apropria-se da obra de arte como matéria de reflexão, tal como o artista de apropria de elementos da natureza ou da realidade, objetiva ou subjetiva, para elaborar seu trabalho. E em sua reflexão, para a qual se vale de sua experiência e de seu saber, o crítico agrega valores à obra, valores que não pretende sejam eternos ou imutáveis, que sabe serem precários e relativos, e mais o serão na medida em que forem consumidos. Mas o artista, ao receber de volta do crítico sua obra revificada, responde com novas obras, que já incluem aqueles valores antes mencionados. Quanto mais vitalista o gesto fundador do artista, mais estimulado se sente o crítico para agregar à obra seu imaginário e seu inteligível. Assim crescem juntos, vão crescendo, o artista, o crítico e a obra. E o público também.⁷⁶

Nesses termos, o crítico de arte é, ao mesmo tempo, cocriador da obra, à medida que a (re)significa, a (re)interpreta. Com base nessa releitura dos textos artísticos a partir dos diálogos estabelecidos com seus textos críticos e teóricos, fixam-se as cadeias transtextuais semióticas entre hipotextos e hipertextos.⁷⁷

Além disso, atualmente é muito discutida, por muitos autores, a tese do “fim dos intelectuais”. Segundo Eduardo Prado Coelho, isso ocorre devido a três aspectos:

⁷⁶ MORAIS, Frederico. Catálogo da exposição comemorativa dos anos 80 de Mário Pedrosa *apud* RIBEIRO. *Neovanguardas*, p. 155-156.

⁷⁷ Para esta análise foi utilizada, como referencial teórico, a teoria da *transtextualidade*, elaborada por Gérard Genette. Para estudo mais consistente sobre essa teoria, consulte a edição bilíngue do *Caderno Viva-Voz*, publicado pela Faculdade de Letras da UFMG. GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Ed. bilíngue. Trad. Luciene Guimarães; Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005. (Caderno Viva-Voz).

Em primeiro lugar, e tendo em conta um declínio das grandes narrativas, tal como evidenciou Jean-François Lyotard, o intelectual tem hoje dificuldade em apresentar-se como testemunha do universal, responsável pelos valores fundamentais da humanidade. [...]

O segundo ponto foi devidamente assinalado por um grande nome de intelectual europeu: Umberto Eco. Ele desde há muito que insiste no fato de que os intelectuais precisam desenvolver uma estratégia mediática que, sem compromissos nem demagogias, mas com sentido de eficácia, lhes permita intervir na vida pública.

O terceiro ponto tem a ver com o uso das novas tecnologias, em particular na criação de sites e no desenvolvimento desse fenómeno novo, porventura efêmero, que são os blogs. [...].⁷⁸

Especificamente em relação a esse último aspecto, o autor de *Os universos da crítica* comenta a importância na forma como alguns intelectuais intervêm subjetivamente na narração e descrição dos fatos da realidade, uma vez que os comentários postados nas matérias de jornais e em seus blogs, enquanto novo espaço de circulação de ideias e de discursos, acabam aparecendo em livros.

Os avanços dos recursos tecnológicos proporcionaram, aos escritores e intelectuais contemporâneos, a alteração dos tradicionais locais de encontro. Nas décadas de 1960, 1970 e 1980 os autores faziam dos bares, livrarias e universidades o seu principal ponto de reunião e discussão política, artística e econômica. Essa é uma prática comum de encontro na boemia entre os escritores, como relata o jornalista Luiz Martins, em *Um bom sujeito*, ao discorrer sobre o II Congresso de Escritores realizado em 1947:⁷⁹

⁷⁸ COELHO. Novas configurações da função intelectual. In: GOMES; MARGATO. *O papel do intelectual hoje*, p. 21-22.

⁷⁹ MARTINS *apud* GAMA. *Nos bares da vida*, p. 140.

No Congresso de Belo Horizonte, prazeroso mesmo era o término das sessões noturnas, quando reuníamos um grupo de amigos, varando alegremente a madrugada. Quem eram esses ilustres boêmios? Não se espantem se eu lhes disser os nomes: Carlos Drummond de Andrade, Rodrigo de Mello e Franco, Arnaldo Pedrosa d’Horta, Antonio Candido, Décio de Almeida Prado, Carlos Lacerda. Cheguei a propor que mudássemos para lá, posto que poderia tê-los como companhia na boêmia!⁸⁰

Atualmente, os principais pontos de encontro entre escritores se concentram em eventos com escritores e nas feiras e lançamentos de livros. Esses eventos de debate e discussão, promovidos por editoras e livrarias, proliferaram muito nos últimos dez anos, contando com a participação de editores, escritores e críticos de literatura. Os blogs e redes sociais como Orkut e Facebook se tornaram os principais locais de encontro virtual entre autores, artistas e intelectuais. Os ganhos dessas transformações ficam por conta dos custos e da amplitude de divulgação de seus trabalhos. Se antes os periódicos serviam como principal suporte de circulação de textos e ideias, agora os blogs e sites, disponíveis por um baixo custo na internet, estão se encarregando dessa função. Além disso, escritores estão utilizando novos meios para a publicação de seus textos, evitando passar pela indústria editorial para ter seus textos divulgados. De forma simples e rápida, ele consegue postar seus textos gratuitamente em sites que ganham projeção internacional.

Não acreditamos, porém, no fim das editoras. O que se vê é apenas uma nova ferramenta colocada à disposição do escritor, dela podendo se servir até mesmo como meio de acesso ao mercado editorial. Entretanto, não é proposta deste estudo avaliar a melhor forma de ação e de manifestação do intelectual. Em cada época, utilizando-se dos recursos disponíveis, os intelectuais se organizavam, refletiam, discutiam e se engajavam em ações nas quais acreditavam, exercendo seu papel de

⁸⁰ GAMA. *Nos bares da vida*, p. 140.

crítico. Essa função, que antigamente era desempenhada pelo intelectual, hoje é exercida pelo especialista. A diferença entre eles, segundo Beatriz Sarlo, reside apenas no campo do discurso, politicamente centrado no poder.⁸¹ Nesse mesmo contexto surge também a figura do novo intelectual eletrônico, este com saberes voltados basicamente para o discurso midiático. No entanto, esse discurso necessita de outra instância do saber para ser efetivamente legitimado: o discurso do especialista, resultando no fenômeno que Beatriz Sarlo denominou de “legitimação circular”.⁸²

A decadência dos intelectuais e seu suposto silêncio, posturas marcantes no mundo contemporâneo, não são mais que uma inovação em sua forma de manifestação num contexto emergente. Fato é que, por mais distante (ou menos engajado) do cenário político que os intelectuais estejam, eles ainda assim estão observando suas transformações, enquanto seres interessados nesse dinamismo social. Eduardo Portella atribui o vazio do papel que o intelectual desempenha atualmente em nossa sociedade à falta de interlocutores, grave problema cultural e político que nossa realidade enfrenta:

Hoje, na cena conturbada da baixa modernidade, o intelectual se junta ao político, como atores sociais descartáveis. O primeiro, por falta de audiência; o segundo, por falta de credibilidade. Ambos se encontram na UTI do espírito, com modestas chances de recuperação. Mesmo assim nada nos autoriza a aceitar o fato consumado. Ninguém sai ganhando com essas duas perdas.⁸³

⁸¹ Segundo Beatriz Sarlo, o especialista “precisa de um discurso que abranja não só aquilo que é tecnicamente possível, mas também aquilo que é desejável para a sociedade”, apresentando uma “teoria do bom governo”. Cf. SARLO. *Cenas da vida pós-moderna*, 168.

⁸² Cf. SARLO. *Cenas da vida pós-moderna*, 174.

⁸³ PORTELLA, O intelectual e seus fantasmas, sem paginação. Disponível em: <<http://www.eduardoportella.pro.br/intelectualF.htm>>. Acesso em: 23 set. 2010.

No Brasil, artistas de vanguarda como os modernistas, por exemplo, utilizaram a arte para questionar o contexto político, social, cultural e econômico de sua época. Uma de suas propostas era (re) ler a tradição e os valores da cultura consolidada. Contudo, propunham uma inovação nas estruturas plásticas, imagéticas e estéticas de textos artísticos, objetivando a quebra estrutural de padrões estéticos.

Pierre Bourdieu explica que a invenção da figura do intelectual estaria ligada à sua função de legitimar e deliberar, mediante seu discurso e por força de sua autoridade socialmente reconhecida, a serviço de causas políticas. Assim, era necessária a criação de alguém capaz de discutir, criticar e refletir sobre questões relacionadas às decisões políticas de uma determinada sociedade:

Para isso era-lhe necessário produzir uma figura nova, a do intelectual, inventando para o artista uma missão de subversão profética, inseparavelmente intelectual e política, capaz de fazer aparecer como um partido estético, ético e político, feito para encontrar defensores militantes, tudo que seus adversários descreviam como o resultado de um gosto vulgar ou depravado.⁸⁴

O discurso do intelectual é dotado, portanto, de poder para legitimar os discursos produzidos pelos diversos ramos do conhecimento, visando consolidá-lo. “Há assim valores que cabe à sociedade definir, e outros que estão fora de seu alcance. Opinar sobre estes últimos parece ser tarefa legítima do intelectual.”⁸⁵ Devido ao lócus de enunciação do intelectual, ele ajuda a formar opiniões, por possuir uma autoridade que é sua, exatamente por não dispor de poder (como o político, por exemplo):

⁸⁴ BOURDIEU. *As regras da arte*, p. 150.

⁸⁵ RIBEIRO, Renato J. O cientista e o intelectual. In: NOVAES. *O silêncio dos intelectuais*, p. 145.

Não existe mais a *arena*. O lugar do político (*ágora* ou *recinto*, reunião ou assembleia para a deliberação, ocasião de discursos, comícios, saída de fábrica, greve, manifestação, circulação de jornais inteligentes...) metamorfoseou-se. Chamemos *mídia* a nova cena, a nova "*causa materialis*" do político: lugar utópico, ubíquo, "imaterial", a tela de vídeo é que é a cena. Ora, a tela de vídeo é doméstica, ou privada! A divisão fundamental (Aristóteles) entre o privado (o *idiotikós* grego) e o público (o espaço do comum) apagou-se. [...] Por um lado, a instrução (formidavelmente desenvolvida nas sociedades da abundância) produz aos milhões inteligências "informadas" – a informação tendo tomado o lugar do saber –, enquanto, por outro lado, a destruição das condições de existência política dos intelectuais se consuma: o sistema só pode exhibir, fazer ver e ouvir, algumas *vedetes*, logo convertidas em histriões pelo espetáculo (Debord), retirando o crédito da intelectualidade aos olhos dos *telespectadores*, agora os novos cidadãos.⁸⁶

O intelectual deve pensar/teorizar a ética e a política, articulando-as, conectando-as.⁸⁷ Em "O poder das palavras", Michel Déguj nos chama a atenção para a importância da poesia na política: "se é o caso de mudar a vida mudando o mundo (e reciprocamente), cabe a uma revolução política ou a uma revolução poética empreendê-lo?"⁸⁸ Outra importante discussão acerca do intelectual diz respeito à sua formação e legitimidade de seu discurso: o artista pode ser considerado um intelectual e "que autoridade tem um escritor para se pronunciar sobre a guerra no Iraque ou a proibição da interrupção voluntária da gravidez?"⁸⁹

É perceptível que a maioria dos intelectuais, hoje, está ligada a algum tipo de instituição acadêmica. Esse vínculo institucional atribui legitimidade ao discurso do intelectual, atribuindo-lhe validade e autoridade. Antigamente, seus discursos eram revestidos de poder por estarem vinculados a outra instituição: a Igreja. Atualmente, as universidades vêm se encarregando de exercer essa função. A autonomia da arte

⁸⁶ DÉGUY, Michel. O poder das palavras. In: NOVAES. *O silêncio dos intelectuais*, p. 213.

⁸⁷ DÉGUY, Michel. O poder das palavras. In: NOVAES. *O silêncio dos intelectuais*, p. 217.

⁸⁸ DÉGUY, Michel. O poder das palavras. In: NOVAES. *O silêncio dos intelectuais*, p. 218.

⁸⁹ COELHO. Novas configurações da função intelectual. In: GOMES; MARGATO. *O papel do intelectual hoje*, p. 15.

só começou a se desenvolver a partir do final do século XVIII e início do século XIX, conforme demonstra Renato Ortiz:

É somente na passagem do século XVIII para o XIX que o universo artístico torna-se independente das injunções políticas e religiosas. Até então, a obra de arte cumpria uma função religiosa (luta entre burguesia iluminista e o poder aristocrático), ou ornamental (os retratos nas cortes ou nas famílias dos grandes comerciantes). Este constrangimento se reforçava ainda com a existência do mecenato. *O artista dependia materialmente daquele que o sustentava. A modernidade reformula este quadro.*⁹⁰

No caso do Brasil, Rachel Esteves Lima demonstra, em sua tese de doutorado, que o projeto dos setores oligárquicos de criarem universidades para formarem intelectuais a serviço do Estado, na prática, não funcionou.

[...] a Faculdade de Filosofia contribuiria para a configuração de um “campo cultural” para a incipiente *intelligentsia* brasileira. Caberia a ela coroar o trabalho desenvolvido pelos intelectuais participantes da Semana de Arte Moderna com o objetivo de fazer com que a cultura acompanhasse o processo de modernização em curso no país. Em síntese, tratava-se, também, de uma tentativa de se conferir identidade cultural e social à intelectualidade em ascensão.⁹¹

As Faculdades de Filosofia tornaram-se um espaço de debates, de questionamento e de exercício da crítica, fenômeno que Antonio Candido denominou de “aprendiz de feiticeiro”:

A oligarquia suscitou um “aprendiz de feiticeiro”: criou condições para formar intelectuais que a exprimissem, mas estes desenvolveram uma atitude e um pensamento radical de pequena burguesia, que a negaram. Daí a decepção

⁹⁰ ORTIZ. *Mundialização e cultura*, p. 185. Grifos meus.

⁹¹ LIMA. *A crítica literária na universidade brasileira*, p. 92.

de muitos que contribuíram para a sua fundação (“esta não é a Faculdade dos meus sonhos”).⁹²

Nossa tradição histórica demonstra que a maioria dos intelectuais também esteve ligada partidariamente à esquerda política. Para Eduardo Prado Coelho, essa tradição é problematizada em Estados onde a esquerda deixou de fazer oposição para assumir o poder, e cita, como exemplo, o caso do Brasil. Para ele, quando isso ocorre, há duas posturas que os intelectuais podem adotar: ele trai a sua missão questionadora e passa a ser um defensor do regime ou trai aqueles que eram seus companheiros de luta e passa a criticá-los – essa postura é a mais adotada uma vez que é mais fácil para o intelectual ser oposição do que defender a situação.

Ainda que atuante na vida política de uma sociedade, o intelectual participa do campo político à distância, como já demonstrou Adauto Novaes, numa espécie de “presença ausente”. Mas, quem é o intelectual? O escritor, o jornalista, o cronista ou o artista plástico podem ser considerados intelectuais? Para continuarmos este estudo, faz-se necessário, portanto, conceituar e definir o papel do intelectual. No artigo “Intelectuais em tempos de incerteza”, presente na coletânea *O silêncio dos intelectuais*, Adauto Novaes define a figura do intelectual, dizendo que nem todo artista ou homem de letras pode ser considerado intelectual:

Sabe-se que ele [o intelectual] não é, necessariamente, o homem de letras, o artista, o político, o historiador, o filósofo, o escultor, o sábio etc., ou seja, sabe-se que nem todo homem de letras, nem todo artista, nem todo político etc. é intelectual, o que não significa que um deles não possa vir a ser. Penso, aqui, na definição de Maurice Blanchot: o intelectual é “uma parte de nós mesmos que não apenas nos desvia momentaneamente de nossa tarefa, mas que nos conduz ao que se faz no mundo para julgar e apreciar o que se faz.”⁹³

⁹² CANDIDO *apud* LIMA. *A crítica literária na universidade brasileira*, p. 94.

⁹³ NOVAES. *O silêncio dos intelectuais*, p. 12.

Diante dessa perspectiva, o intelectual não é apenas quem cria ou critica obras que retratam o mundo, mas aquele que age para modificá-lo. A função do intelectual também não está engajada em tomar decisões que venham interferir concretamente numa sociedade: "Ele não é o teórico, muito menos o homem da vida prática e do saber objetivo: pode-se dizer, mais precisamente, que ele encarna o espírito crítico, capaz ao mesmo tempo de reconstruir o passado e construir idealmente o futuro."⁹⁴ O intelectual efetua mediações sem se misturar com a ação e com o poder político, mas, ao mesmo tempo, é parte interessada nessas ações. Ao tecer suas críticas sobre o poder público, o distanciamento se faz necessário para que o discurso do intelectual não esteja contaminado por interesses particulares.

Atualmente, grande parte dos intelectuais está vinculada ao meio acadêmico. Como exemplos de intelectuais que interviram ativamente no cenário político de suas respectivas épocas, podemos nos lembrar de alguns nomes citados por Francisco de Oliveira em seu artigo "No silêncio do pensamento único: intelectuais, marxismo e política no Brasil", publicado na antologia *O silêncio dos intelectuais*, como as figuras de Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Benjamin Constant e Machado de Assis, no séc. XIX; e pensadores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Antonio Candido, Darci Ribeiro e Florestan Fernandes, no séc. XX.

O filósofo francês Jean-François Lyotard afirma que o cenário atual em que vivemos, o das sociedades mais desenvolvidas, "permite iluminar, com o risco mesmo de exagerá-los excessivamente, certos aspectos da formação do saber e dos

⁹⁴ NOVAES. *O silêncio dos intelectuais*, p. 13.

seus efeitos sobre o poder público e as instituições civis”⁹⁵, efeitos esses que, segundo ele, seriam pouco perceptíveis em outro contexto.

Lyotard, ao se referir à legitimação do conhecimento científico, diz que este não é autônomo e que está competindo com outra espécie de saber, que denominou de narrativo. Não há relação de hierarquia ou de dominação do segundo sobre o primeiro, mas alienação em relação a seus usuários. Então, o que vem a ser a “legitimação do conhecimento científico”? Para Lyotard, a legitimação é um processo pelo qual um “legislador” estabelece condições – em geral, condições de consistência interna e de verificação experimental – “para que um enunciado faça parte deste discurso e possa ser levado em consideração”.⁹⁶ Dessa forma, por meio da legitimação, o conhecimento científico passa a ser tornar verdadeiro, e não mais é considerado como mera ideologia.

Dentre os critérios adotados para a legitimação do saber se encontra o jogo de linguagem. Há duas versões do relato de legitimação, segundo Lyotard: uma de ordem mais política e outra de ordem mais filosófica. Ambas estão a serviço do Estado como legitimador de seu poder. Saber e poder, portanto, sempre estarão intimamente interligados entre si.

Uma ciência que não encontrou sua legitimidade não é uma ciência verdadeira; ela cai no nível o mais baixo, o de ideologia ou de instrumento de poder, se o discurso que deveria legitimá-la aparece ele mesmo como dependente de um saber pré-científico, da mesma categoria que um relato “vulgar”. O que não deixa de acontecer se se volta contra ele as regras do jogo da ciência que ele denuncia como empírica.⁹⁷

⁹⁵ LYOTARD. *O pós-moderno*, p. 11.

⁹⁶ LYOTARD. *O pós-moderno*, p. 15.

⁹⁷ LYOTARD. *O pós-moderno*, p. 70.

Para o autor de *A condição pós-moderna*, o “saber” deve ser isolado do “poder”, devendo existir por si mesmo, independentemente de vontade política. A universidade, por sua vez, deve remeter seu material, a ciência, à “formação espiritual e moral da nação.”⁹⁸

A universidade passou a se constituir no *locus* privilegiado da crítica literária especializada, que se distanciaria da vida pública em nome da defesa da autonomia de seu objeto de estudo.

Colocando-se à margem das pressões do mercado literário, a crítica universitária sobreviveu, até os anos 60, voltada para o seu próprio autocentramento, mas o equilíbrio precário entre o humanismo que a justificava e a abordagem teórica com ambições tecnicistas que a embasava acabaram sendo expostos pela política estudantil e 68, que colocou a nu a rede de saber e poder em vigor nas instituições de ensino.⁹⁹

Com a academia se tornando *locus* de referência do intelectual, a crítica literária veiculada pelos jornais tentava seguir as tendências da crítica universitária, a fim de adquirir caráter científico. Para isso, os críticos incorporavam terminologias técnicas do “fenômeno literário”, que culminou no distanciamento entre o texto e seu público.¹⁰⁰

O nascimento de *o intelectual*, como tipo sociológico novo, pressupõe a divisão do trabalho urbano, assim como a origem das instituições universitárias pressupõem um espaço cultural comum, onde essas novas “catedrais do saber” podem surgir, prosperar e confrontar-se livremente.¹⁰¹

⁹⁸ LYOTARD. *O pós-moderno*, p. 59.

⁹⁹ LIMA. *A crítica literária na universidade brasileira*, p. 145 e 146.

¹⁰⁰ Cf. LIMA. *A crítica literária na universidade brasileira*, p. 175.

¹⁰¹ G. Santini, *Università e società nel XII secolo: Pilio da Medicina e lo Studio di Modena*, Modena, STEM Mucchi, 1979, p. 112 *apud* LE GOFF, Jacques, *Os intelectuais na Idade Média*, p. 6. Grifos do autor.

O que se percebe é que, na prática, grande parte dos intelectuais sempre esteve ligada a algum tipo de atividade artística ou cultural, utilizando-se dela para veicular ideologias. Enquanto figura pública, o artista engajado analisa criticamente o contexto histórico-social de sua época, refletindo e fazendo circular ideias sobre os fatos e decisões das autoridades públicas.

Já que o artista participa, como principal oficiante, dessas manifestações coletivas [manifestações do culto], o seu trabalho, as suas angústias e o seu sacrifício têm uma importância reconhecida por todos. Nas sociedades em que a arte mantém uma função associativa, o artista vive a sua vocação como uma verdadeira missão.¹⁰²

Essa angústia do artista a que Eduardo Jardim de Moraes se refere pode ser percebida nos versos de Drummond que, aqui, serviram de epígrafe. A sua indignação com as guerras e conflitos internacionais e sua incapacidade de reverter o cenário bélico que assolava o mundo deram ensejo temático a seu livro de poemas *Sentimento do mundo*, retratando a sua luta, enquanto escritor, para a transformação do contexto histórico e político da época.

Antigamente, segundo Foucault, os escritores exerciam o papel de intelectual. A incumbência dessa tarefa devia-se, sobretudo, ao fato de serem livres, de consciência universal e de manterem postura de oposição à ideologia do Estado ou do Capital.¹⁰³ Com o passar dos anos, o papel do escritor, enquanto intelectual, é deslocado para as universidades, devido a uma “politização da atividade específica

¹⁰² MORAES. O intelectual modernista Mário de Andrade. In: GOMES; MARGATO. *O papel do intelectual hoje*, p. 211-212.

¹⁰³ FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. 9.

de cada um”, momento em que surge um intercâmbio, que Foucault denomina de “ligações transversais” entre os diferentes ramos do saber:

A figura em que se concentram as funções e os prestígios deste novo intelectual não é mais a do “escritor genial”, mas a do “cientista absoluto”; não mais aquele que empunha sozinho os valores de todos, que se opõe ao soberano ou aos governantes injustos e faz ouvir seu grito até na imortalidade; é aquele que detém, com alguns outros, ao serviço do Estado ou contra ele, poderes que podem favorecer ou matar definitivamente a vida.¹⁰⁴

Michel Foucault vê, na tarefa do intelectual, tripla função específica: em primeiro lugar, devido a sua posição de classe enquanto intelectual, exerce a função de um pequeno burguês a serviço do capitalismo; em segundo lugar, a função de suas condições de vida e de trabalho – atualmente concentrado nas instituições acadêmicas; e, por fim, a função de especificidade da política de verdade nas sociedades contemporâneas, nas lutas sociais às quais é engajado, no combate pela ou em torno da verdade.¹⁰⁵ Ao mesmo tempo, Foucault concebe a função do intelectual enquanto aquele que deve lutar contra as forças hegemônicas de poder, e não “traduzir” as ideologias do Estado, legitimando-o.

A literatura, enquanto uma das mais importantes formas de manifestação artística, sempre teve relação estreita com a política, como tema de protesto, de indignação, de reflexão, de crítica ou como espaço de diálogo e de discussão, seja por meio da temática de seus textos, seja pelo engajamento de escritores/intelectuais com questões atreladas ao poder do Estado. Dessa forma, os manifestos literários, as semanas de arte, as exposições, enfim, todo movimento e

¹⁰⁴ FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. 11.

¹⁰⁵ Cf. FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. 13.

toda forma de manifestação artístico-cultural causa repercussão, direta ou indiretamente, na vida política.

A estreita relação existente entre a academia e o cenário político-social é retratada da seguinte forma por Francisco de Oliveira:

A tremenda ampliação dos cursos de pós-graduação nas ciências humanas foi o ambiente onde cresceu o marxismo acadêmico, cuja influência passou em alguns sentidos para os partidos de esquerda clandestinos, através dos militantes de classe média que a universidade marxistizou. Das mestrarias e doutorados, espalhou-se para os movimentos sociais, chegou, timidamente, até o sindicalismo – este sempre refratário aos intelectuais –, e irrigou as dissidências políticas do Partidão, do PC do B, da Ação Popular, da Polop, que se multiplicaram como cogumelos, a maioria enveredando pelas ações armadas.¹⁰⁶

A função do intelectual, dentre outras incumbências, é a de opinar sobre questões que não cabem à sociedade definir.¹⁰⁷ O intelectual ajuda a formar a opinião pública por não dispor de poder público e, na maioria das vezes, por não estar engajado em algum partido político ou ligado a algum ser político. Michel Déguay atenta para a importância de textos poéticos na política: “se é o caso de mudar a vida mudando o mundo (e reciprocamente), cabe a uma revolução política ou a uma revolução poética empreendê-lo?”¹⁰⁸ Na tentativa de demonstrar a importância do intelectual nos cenários político e econômico para a sociedade em que está inserido, encerro esta seção do trabalho utilizando o pensamento de Beatriz Sarlo que sintetiza, de maneira objetiva, seu engajamento e atuação no cenário

¹⁰⁶ OLIVEIRA. No silêncio do pensamento único: intelectuais, marxismo e política no Brasil. In: NOVAES. *O silêncio dos intelectuais*, p. 146.

¹⁰⁷ RIBEIRO. In: NOVAES. *O silêncio dos intelectuais*, p. 145.

¹⁰⁸ DÉGUAY. In: NOVAES. *O silêncio dos intelectuais*, p. 218.

político-social, bem como suas consequências, a partir do momento em que passam a ser vistos como ameaça aos que estão no poder:

Muitos artistas desrespeitaram as fronteiras do ofício e a particularidade de seu apelo. Eram intelectuais, e acharam que a arte tinha algo a dizer à sociedade: eco sonoro da época, embaixadores da beleza junto às massas, que às vezes poderiam reconhecê-la e se ofuscariam diante de seu resplendor; eram um espelho da sociedade ou quiseram que suas obras fossem um espelho carregado por todos os caminhos; exploraram os costumes e proclamaram-se acima deles. Por isso, muitos foram encarcerados, internados em manicômios, reduzidos à mendicância. Outros, porém, reinaram como estrelas nos salões, nos teatros, nos jornais.¹⁰⁹

¹⁰⁹ SARLO. *Cenas da vida pós-moderna*, p. 162.

4.2 OS ANOS DE 1960 E 1970: A CRÍTICA CULTURAL E A *RL*

Os anos de 1960 e 1970, no Brasil, foram marcados pelo desenvolvimento da televisão, que chegou ao Brasil no início dos anos de 1950. Na década de sessenta, passou-se a utilizar o videotape, trazido para o Brasil pelo humorista Chico Anysio. Em 1965, surgiram as emissoras *Rede Globo*, no Rio de Janeiro, e *TV Bandeirantes*, em São Paulo. Na década de 1970, a Copa do México foi transmitida em cores e, em 1973, a Globo transmitiu sua primeira telenovela: *O bem amado*.

Além dessas novidades no cenário artístico-cultural, as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas, nos cenários histórico, político e social, pela forte repressão sofrida no período ditatorial. Nessa época, devido à rigidez da censura, surgiram vários grupos e movimentos artísticos engajados em lutar da forma como podiam contra o regime autoritário dos militares, como o Tropicalismo, a Bossa Nova e o Cinema Novo.

Na tentativa de evitar possíveis represálias ao criticarem e ao lutarem contra o poder ditatorial do Estado, artistas e intelectuais que participavam desses movimentos abusavam, em seus textos, dos recursos das figuras de linguagem, como a metáfora, a alegoria e a ironia. No entanto, não é nova essa prática de se utilizar a arte para manifestações político-sociais. Em toda a história literária brasileira, os chamados recursos de estilo marcaram não apenas um conjunto de características estilísticas de obras produzidas em determinadas épocas, mas também formas de manifestação ideológica produzidas por intelectuais que se engajavam em alguma ação de cunho social, contra a ou a favor da situação. Para

ilustrar essa afirmativa, podemos citar o caso dos escritores caracterizados como “realistas” que, no final do século XIX, abordavam, em suas obras, as transformações ocorridas nos campos científico, social, econômico e político pelo qual o mundo passava naquele momento. Outro exemplo pode ser percebido nos ideais dos Modernistas que se empenhavam, entre outras coisas, em (re) pensar a tradição artística que vinha se consolidando desde o período colonial.

Podemos citar, ainda, o caso dos “modernistas da segunda geração” que, segundo os teóricos, produziam textos de caráter local, como Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz e Érico Veríssimo. Trata-se de um tipo de literatura que, além de retratar os costumes e tradições locais, também dialogava com a política adotada pelo Estado e com outras obras produzidas no restante do país. *Vidas secas*, por exemplo, é uma obra em que são denunciados vários problemas sociais, políticos e econômicos da região nordeste do Brasil, enquanto expõe sua postura diante desses problemas e das atitudes encontradas pelas pessoas e pelo Estado visando a solucioná-los, senão a fugir deles.

As décadas de 1960 e 1970 foram importantes para o cenário cultural brasileiro devido à emergência da enorme quantidade de movimentos artísticos e literários. Marcado pela censura e pela ditadura militar, esse conturbado período de nossa história política é responsável pela inspiração criativa e de protestos socioculturais. Intelectuais e artistas, naquele período, estavam engajados em valorizar e produzir uma arte da chamada cultura de massa, fazendo emergir expressões de uma camada até então “marginalizada” de nossa sociedade, opondo-se à arte burguesa elitista predominante naquele contexto. Para isso, foram criados, nos anos de 1960, os Centros Populares de Cultura (CPCs), movimento fracassado de

alguns intelectuais e estudantes, segundo Marília Andrés, sem apoio popular, como tentativa de aproximação das manifestações artísticas junto ao público, por promover espetáculos teatrais em arenas de rua e nas zonas rurais.

No início dos anos 60, o eixo do debate artístico deslocou-se das questões estéticas para as questões políticas, levando vários intelectuais, críticos e artistas a mudarem suas posições e a se situarem frente às novas perspectivas revolucionárias de construção nacional, direcionadas ao ideário do PCB, e impulsionadas pelos projetos reformistas do governo Goulart. Tanto os concretistas como os neoconcretistas tomaram posição diante da iminência de uma revolução social no Brasil, e muitos deles voltaram suas pesquisas para a criação de uma arte participante, de acordo com a realidade social do país.¹¹⁰

Nos anos de 1960, tivemos a emergência do Cinema Novo, com os cineastas Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos. Em 1963, foi criado o *Suplemento Dominical do Estado de Minas*, que foi fechado em 1964 por ter sido considerado organização de esquerda,¹¹¹ quando o cenário artístico-literário de Minas Gerais contava com a participação de diversos intelectuais como Affonso Ávila, Rui Mourão, Fábio Lucas, Laís Corrêa de Araújo e Maria Luíza Ramos, que publicavam seus textos na revista *Tendência*. Naquela época, havia uma revolução no campo das artes, através de um movimento contrário ao elitismo da arte burguesa e em prol da “ação ascensional das massas”.¹¹² Trata-se de movimento que denunciava os movimentos de vanguarda como decorrente “do mercado capitalista de arte e de ideologia burguesa.”¹¹³

¹¹⁰ RIBEIRO. *Neovanguardas*, p. 64.

¹¹¹ RIBEIRO. *Neovanguardas*, p. 107-108.

¹¹² RIBEIRO. *Neovanguardas*, p. 65.

¹¹³ RIBEIRO. *Neovanguardas*, p. 66.

O movimento *pop-creto* de Waldemar Cordeiro e o Novo Realismo Brasileiro, ao lado da Nova Objetividade Brasileira, compõem os movimentos artísticos desse período, que também estavam voltados para a arte da cultura de massa. A Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, ocorrida em agosto de 1963, na Reitoria da UFMG, contou com a participação de artistas e intelectuais reconhecidos, como Haroldo de Campos, Roberto Pontual e o filósofo Benedito Nunes. Estabeleciam-se, assim, diálogos entre os poetas mineiros e artistas de neovanguardas brasileiros que publicavam em revistas como *Tendência*, *Noigrandes* e *Invenção*.

O artigo "Trinta anos depois: um depoimento muito pessoal" foi escrito pelo poeta mineiro Affonso Ávila, em 1993, exclusivamente para o evento comemorativo dos "30 anos da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda", realizado no saguão da reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais. Neste texto, Ávila retrata a emergência da poesia de vanguarda local, fazendo um balanço 30 anos depois da "Semana de 1963", movimento cultural que marcou a chegada da poesia vanguardista no estado.

Em agosto de 1963, acontecia em Belo Horizonte, com o apoio da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a "Semana Nacional de Poesia de Vanguarda" que reuniu algumas das melhores cabeças pensantes do Brasil naquele momento, incluindo ali poetas, críticos e tradutores. Ainda vivendo sob o clima de euforia desenvolvimentista, advindo do interregno democrático representado pelo governo de Juscelino Kubitschek, mas pressentindo já as "sombras" autoritárias que viriam se abater sobre o país com o golpe militar de 64, os intelectuais se reuniram na "Semana" de Belo Horizonte com uma perspectiva utópica: formar uma frente que congregasse diferentes grupos e tendências compromissados com a "criação de uma linguagem nova e de autenticidade brasileira para a nossa poesia", mas sem abdicar da "preocupação comum de atribuir-lhe função participante no contexto da realidade nacional".¹¹⁴

¹¹⁴ ÁVILA. "Flashes" de uma trajetória. Disponível em: <<http://www.elsonfroes.com.br/kamiquase/ensaio27.htm>>. Acesso em 20 abr. 2013.

O encontro cultural dos “30 anos da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda” promovido pela Secretaria Municipal de Cultura e realizado na UFMG lembrou a participação de escritores e críticos de literatura em 1963, dentre eles Affonso Ávila, Paulo Leminski, Décio Pignatari, Laís Corrêa de Araújo, os irmãos Haroldo e Augusto de Campos, Luiz Costa Lima, Benedito Nunes. Nas palavras de Rogério Barbosa da Silva,

No encontro de 1963, estiveram presentes muitos poetas, mas assinaram o referido documento os do grupo Noigandres, os mineiros de *Tendência* e *Vereda*, além de outros poetas como Roberto Pontual, Pedro Xisto, Paulo Leminski, Frederico Moraes e intelectuais como Benedito Nunes, Luís Costa Lima, Fábio Lucas, entre outros.¹¹⁵

O primeiro encontro desses poetas, ocorrido em 1963, começou a ganhar contorno a partir do patrocínio oferecido pela reitoria da instituição, na figura de seu então reitor, o professor Orlando de Carvalho, homenageado pelos intelectuais no segundo encontro, em 1993, por meio das palavras de Affonso Ávila:

Quando o reitor Orlando de Carvalho, homem de formação udenista, mas sensível às ideias novas, intelectual corajoso e independente – que nesta rememoração queremos homenagear –, quando Orlando de Carvalho, dizíamos, nos acenou com a possibilidade de patrocínio pela Universidade de Minas Gerais (não tinha ainda o título de Federal) de um encontro ou exposição de arte ou poesia de vanguarda, não definia ele bem, quando pintou o ensejo de um evento de tal ordem, não hesitamos: o campo já estava preparado e poderíamos partir sem dúvida para a explicitação poético-ideológica de uma “Frente única nacional”.¹¹⁶

¹¹⁵ Rogério Barbosa da Silva. Diálogos e tensões da poesia experimental brasileira: poesia concreta, poema processo e cia. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/er_13/er13_rbs.pdf>. Acesso em 20 abr. 2013.

¹¹⁶ ÁVILA in: *30 anos da semana nacional de poesia de vanguarda (1963/93)*, p. 16.

O artista de vanguarda, segundo Umberto Eco, é aquele que questiona a cultura pré-existente e as “normas sociais e políticas vigentes em função de um projeto de transformação global da sociedade”,¹¹⁷ além de inovar dentro de um determinado campo artístico. As características da poesia de vanguarda e o objetivo do primeiro encontro realizado entre os intelectuais na capital mineira foram descritos da seguinte forma pela Diretora de Planejamento e Coordenação Cultural, Eleonora Santa Rosa, em seu texto que serviu de prefácio ao livro *30 anos da semana nacional de poesia de vanguarda (1963/93)*:

A invenção, a ruptura de padrões tradicionais, a ousadia de ir à frente, de inovar a linguagem, de estabelecer novos caminhos e significados são características dos poetas e críticos que, há trinta anos atrás, se reuniram em Belo Horizonte para discutir o papel do criador diante da realidade nacional e suas possibilidades de produção estética.¹¹⁸

A pesquisadora Marília Andrés Ribeiro, por sua vez, definiu da seguinte forma o evento de 1963:

Durante os debates foram discutidas questões referentes à concepção revolucionária da arte, à atuação das vanguardas artísticas, ao engajamento político dos intelectuais e artistas e à comunicação “verbivocovisual”, a qual englobava “a criação de novos métodos e meios de aplicação do texto-falado, musicado, escrito ou visualizado”, tendo em vista a “clarificação e eficácia da linguagem, tanto no plano estético quanto no plano da comunicação.”¹¹⁹

Ainda segundo ela, críticos de arte da década de 1960 como Frederico Morais e Olívio Tavares de Araújo se preocupavam em estabelecer diferenças entre o crítico

¹¹⁷ ECO *apud* RIBEIRO. *Neovanguardas*, p. 160.

¹¹⁸ ROSA in: *30 anos da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda (1963/93)*, p. 7.

¹¹⁹ RIBEIRO. *Neovanguardas*, p. 110-111.

de arte e o colunista. Essa diferença consiste na profundidade com que é realizada a reflexão em torno do objeto artístico: enquanto o primeiro faz uma leitura contextualizada da arte de acordo com fatores estéticos, semiológicos, históricos, sociais, políticos e econômicos, o segundo apenas apresenta a obra e comenta as exposições.¹²⁰

Nos anos 60, discutia-se a oposição crítica autoritária e opressora *versus* crítica criativa e militante. Questionavam-se os critérios de julgamento artístico baseados na noção de objetividade científica e apoiados na hierarquia de valores absolutos. Reivindicava-se uma nova crítica aberta às múltiplas possibilidades interpretativas da obra de arte, mais próxima da experiência criativa do artista e engajada no processo de transformação social, comportamental e político da época.¹²¹

Na década de 1960, foi travada uma disputa cultural de cunho regionalista no eixo do Rio/São Paulo, entre os dois suplementos brasileiros de maior expressão: por um lado, o do *Estado de S. Paulo*, com Carpeaux, Paulo Rónai e Lívio Xavier, entre outros; e, de outro, o do *Jornal do Brasil*, organizado por Reinaldo Jardim, com colaboradores como Drummond e Ferreira Gullar. Lúcia Helena Gama afirma, em seu livro *Nos bares da vida*, que a ascensão do suplemento paulista deveu-se, sobretudo, ao diálogo estabelecido entre seus colaboradores e os intelectuais da revista *Clima*¹²².

O *Suplemento Literário* do jornal *Minas Gerais* foi criado em 1966 por uma comissão formada por Murilo Rubião, Aires da Mata Machado Filho e Laís Corrêa de

¹²⁰ RIBEIRO. In: NOVAES. *O silêncio dos intelectuais*, p. 130-131.

¹²¹ RIBEIRO. *Neovanguardas*, p. 153-154.

¹²² Publicada em São Paulo, a revista *Clima* foi um periódico em que intelectuais como Antonio Candido, Ruy Coelho, Paulo Emílio e Décio de Almeida Prado faziam integração entre pesquisa e crítica de arte, e que serviu de preparação para o exercício profissional que exerceriam futuramente. Cf. LIMA. *A crítica literária na universidade brasileira*, p. 118.

Araújo. Vários intelectuais publicaram seus textos nesse periódico, como Silviano Santiago, Fábio Lucas e Affonso Ávila. Enquanto periódico de incentivo à arte e à cultura, *O Suplemento Literário*, ainda ativo nos dias atuais, serviu aos intelectuais brasileiros nos anos de 1960, 1970 e 1980 como um importante veículo de resistência e crítica política e social na época da ditadura militar.

Emergentes na década de 1950, os festivais universitários incentivavam a produção artística e levava cultura para toda a população, cumprindo seus papéis de abertura de espaço cultural ao público, de construção de uma cidade lúdica, de extensão das atividades às ruas e de transformação do lazer em arte criadora.¹²³ Em termos de crítica literária, na década de 1960, em Minas Gerais, foi instituída a cadeira de Teoria da Literatura, assumida por Maria Luíza Ramos, focando uma análise fenomenológica intrínseca do texto literário, compensando uma defasagem do curso de Letras. “O espaço ocupado pelas teorias imanentistas de análise literária acabou gerando críticas de grande parte da intelectualidade brasileira e também dos alunos dos cursos em que essas teorias haviam se tornado hegemônicas.”¹²⁴ Também nessa época eram bastante lidos, nos cursos de Letras, textos dos autores que se enquadravam enquanto formalistas e estruturalistas, tais como Roland Barthes, Mikhail Bakhtin e Roman Jakobson.

Em nível nacional, nos anos de 1960, mais especificamente em 1967, surgiu o Tropicalismo brasileiro. De cunho concretista, antropofágico, politicamente engajado e dotado de uma linguagem peculiar, esse movimento artístico-cultural, segundo

¹²³ Frederico Morais se referindo à função dos museus e das exposições artísticas em geral. Cf. RIBEIRO. *Neovanguardas*, p. 165.

¹²⁴ LIMA. *A crítica literária na universidade brasileira*, p. 131.

Marília Andrés Ribeiro,¹²⁵ é apontado por alguns teóricos como parte de uma “cultura alternativa de esquerda”, de cunho revolucionário, reivindicava, dentre outras coisas, a liberdade de expressão.

Favaretto ainda aproxima o Tropicalismo da Antropofagia, mostrando que, apesar da distância histórica entre esses dois movimentos, ambos realizaram a síntese do nacional e do internacional, do arcaico e do moderno, através do uso de processos de justaposição de elementos contraditórios para desmitificar posições ideológicas e artísticas.¹²⁶

A partir da segunda metade da década de 1970, houve uma transformação no campo da produção artística, com um trabalho mais introspectivo dos artistas e mais voltado ao mercado. Quanto aos trabalhos de cunho científico sobre crítica literária produzidos nos anos de 1970, estudos de pós-graduação realizados na Universidade de São Paulo (USP) demonstram que era tendência o estudo estético e de leitura histórica do texto literário, voltada para a literariedade da obra, com base na “teoria luckacsiana que valorizava a transparência entre forma e conteúdo.”¹²⁷ No entanto, as produções artísticas dos anos de 1970 não preservavam a mesma qualidade das manifestações culturais surgidas na década anterior. Alguns críticos da época acreditavam que essa decadência deveu-se, sobretudo, ao AI-5 e à censura. A década de setenta foi objeto de ensaios, como “O vazio cultural”, escrito pelo jornalista Zuenir Ventura, indicando como o esvaziamento artístico dessa década preocupava os intelectuais da época:

¹²⁵ Cf. RIBEIRO. *Neovanguardas*, p. 67.

¹²⁶ RIBEIRO. *Neovanguardas*, p. 69.

¹²⁷ Cf. LIMA. *A crítica literária na universidade brasileira*, p. 136.

Ao contrário dos primeiros anos da década passada [início dos anos de 1960], a de agora [década de 1970] não apresentava em nenhum dos diversos setores de nossa cultura nem propostas novas nem aquela efervescência criativa que caracterizou o início dos anos 1960, antecipando alguns dos momentos da cultura brasileira mais ricos em inovação e pesquisa. No plano da arquitetura e do urbanismo, nada que se assemelhasse em grandeza inventiva a Brasília; no setor de cinema, nenhum movimento como o Cinema Novo; nada como a Bossa Nova em música; o Grupo de Arena no teatro ou as pesquisas formais dos concretistas na literatura; nada como aqueles movimentos de autorreflexão crítica do país.¹²⁸

Na década de 1970, estudantes universitários nas academias cariocas¹²⁹ e paulistas discutiam o dogmatismo das teorias literárias vigentes que eram ensinadas, “com os adeptos de tal ou qual corrente tentando impor a sua opção como legítima, a “verdadeira” teoria. Esse impasse foi resolvido pelos pesquisadores da USP, considerando como “boa” a crítica voltada para a consciência da literariedade, com base na teoria luckacsiana.¹³⁰

Após ter realizado um panorama simplificado dos principais movimentos artísticos que marcaram os anos de 1960 e 1970 no Brasil, retomemos o tema da *RL*, verificando sua importância enquanto veículo divulgador de pensamentos e de arte no período em que circulava no meio acadêmico. Também será alvo de análise sua contribuição como trampolim para alavancar a carreira de diversos autores, dentre eles alguns cuja obra, inclusive, chegou a ganhar prestígio internacional. Os temas dos subcapítulos que se seguem destinam-se, respectivamente, à revelação de jovens poetas e contistas pelo periódico *corpus* deste estudo.

¹²⁸ VENTURA. In: GASPARI et al. *70/80: cultura em trânsito*, p. 40-41.

¹²⁹ A teoria literária na UFRJ priorizava a primazia do texto em seus estudos em detrimento dos “esquemas historicistas dominantes.” Luiz Costa Lima divulgava as tendências estruturalistas na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e publicou, em 1973, o livro *Estruturalismo e Teoria da Literatura*, resultado de sua tese de doutorado.

¹³⁰ Cf. LIMA. *A crítica literária na universidade brasileira*, p. 136.

4.3 A REVELAÇÃO DE JOVENS POETAS BRASILEIROS NA *RL*

Como em qualquer tempo ou lugar, parte da melhor literatura produzida em Minas Gerais muitas vezes chegou ao leitor, primeiro, nas páginas de revista ou jornais, publicações materialmente precárias e quase sempre efêmeras, antes de ganhar embalagem menos perecível sob a forma de livro. É nelas que, na juventude, muitos bons autores afiam e afinam seus instrumentos.

Humberto Werneck

A *RL*, além de incentivar os estudantes universitários a escreverem textos de cunho artístico-literário, também serviu de inspiração para alunos de outras universidades brasileiras, ainda que, devido a normas editoriais, não pudessem publicar ali os seus trabalhos. Isso é comprovado mediante notas publicadas pelos editores no fim dos volumes do próprio periódico.

Os anos de 1950 presenciaram a explosão de contistas no cenário da literatura brasileira. Apesar do *boom* relativo a esse gênero literário, a *RL* não deixou de prestigiar os textos escritos em verso, publicando, inclusive, mais poemas do que contos. A título de ilustração, na primeira edição da revista foram publicados nove poemas e seis contos e, na segunda edição, foram publicados, no total, oito poemas e sete contos.

No que diz respeito à poesia, na década de 1950 presenciamos a transformação estrutural do poema, transformação percebida por Philadelpho

Menezes como “uma evolução do poema no espaço da página e um introjeção rumo ao epicentro do signo”.¹³¹ A tendência poética que emergia na época caracterizava-se como um movimento de vanguarda: “[poesia de vanguarda é] aquela que, experimentando novos procedimentos de composição de poemas, choca-se com o sistema estético vigente enquanto reflexo de uma ordem ideológica mais ampla, e, por isso, propõe, mesmo que subliminarmente, uma transformação desse complexo cultural.”¹³²

Segundo nota publicada na terceira edição da revista, no primeiro número da *RL* a comissão editorial recebeu, para análise, 164 textos: 146 poemas e 18 contos. Na segunda, um total de 57 contos e 198 poemas. Esses números retratam o sucesso e a ascensão da revista no meio acadêmico em seu primeiro ano de existência. Também com base nesses números, é possível verificar a preferência dos estudantes universitários por textos em verso.

Dentre os poetas que iniciaram sua carreira na *RL* temos o mineiro de Santo Antônio do Itambé, Adão Ventura, que colaborou, ainda, com *Suplemento Literário*. Publicou seu primeiro livro em 1970, intitulado *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul*, enquanto fazia o curso de Direito na UFMG. Adão Ventura, posteriormente, publicou mais cinco livros de poemas.

A contribuição da *RL* para a fortuna crítica de textos poéticos se deve aos ensaios acadêmicos nela publicados sobre poesia ou sobre poetas, brasileiros ou estrangeiros. Logo na primeira edição da revista, foi publicado um ensaio sobre a obra do poeta mineiro Alphonsus de Guimaraens, trabalho acadêmico realizado por

¹³¹ MENEZES. *Poética e visualidade*, p. 69.

¹³² MENEZES. *Poética e visualidade*, p. 10.

Eleonora Fernandes Rennó, que recebeu o Prêmio Esso de Literatura, em 1966. A preferência literária dos estudantes pela composição de textos poéticos, conforme verificada anteriormente, não prevaleceu entre os temas abordados nos estudos críticos. Num total de 51 ensaios produzidos com base em pesquisas acadêmicas, apenas 12 foram realizados envolvendo obras de poetas.

Quanto aos poemas publicados na revista, a grande maioria não apresentava estruturas fixas ou rígidas de métrica e rima. Podemos associar esse fato à forte influência exercida, sobretudo, pelo Concretismo, movimento artístico-poético que surgiu, no Brasil, nos anos de 1950. A *RL*, ao lado de outros periódicos da época, incentivou e revelou uma geração vanguardista de artistas, repletos de novas propostas estilísticas de composição narrativa e poética.

Criada a partir da poesia de Mallarmé, com base na ideia de que a forma estética poética, por si só, carrega consigo uma significação, observa-se, na poesia visual, a substituição da ordem sintática discursiva por uma condensação paratática prenunciadora da nova realidade rítmica, espaço-temporal, onde o "ritmo tradicional, linear, é destruído".¹³³

¹³³ MENEZES. *Poética e visualidade*, p. 20.

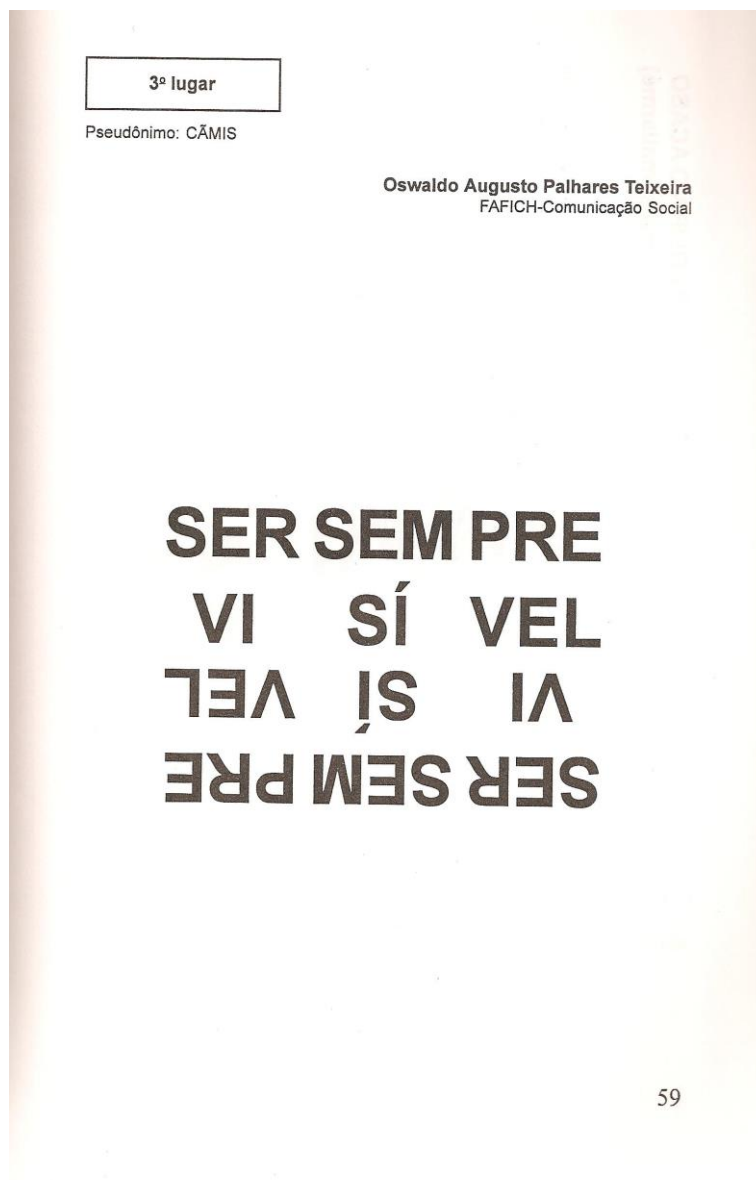


FIGURA 12 Oswaldo Augusto Palhares Teixeira. *Sem pre vi sí vel*, 1996.

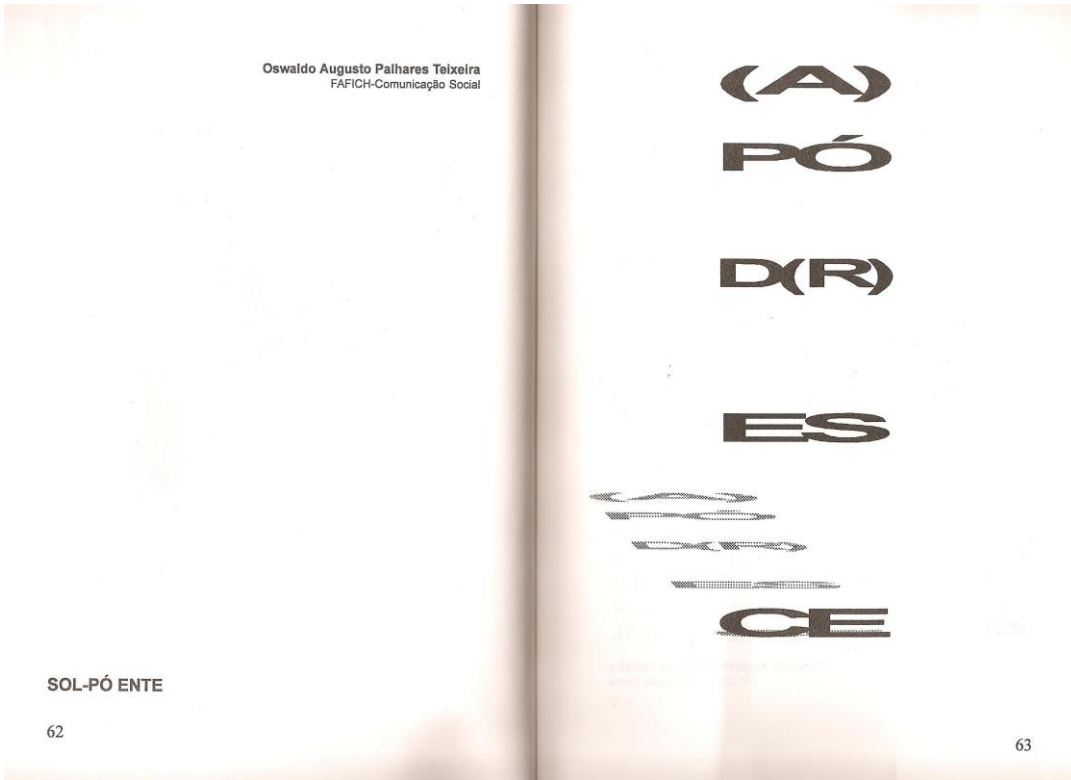


FIGURA 13 Oswaldo Augusto Palhares Teixeira. *Sol – pó ente*, 1996.



FIGURA 14 Oswaldo Augusto Palhares Teixeira. *Ó ínfimo*, 1996.

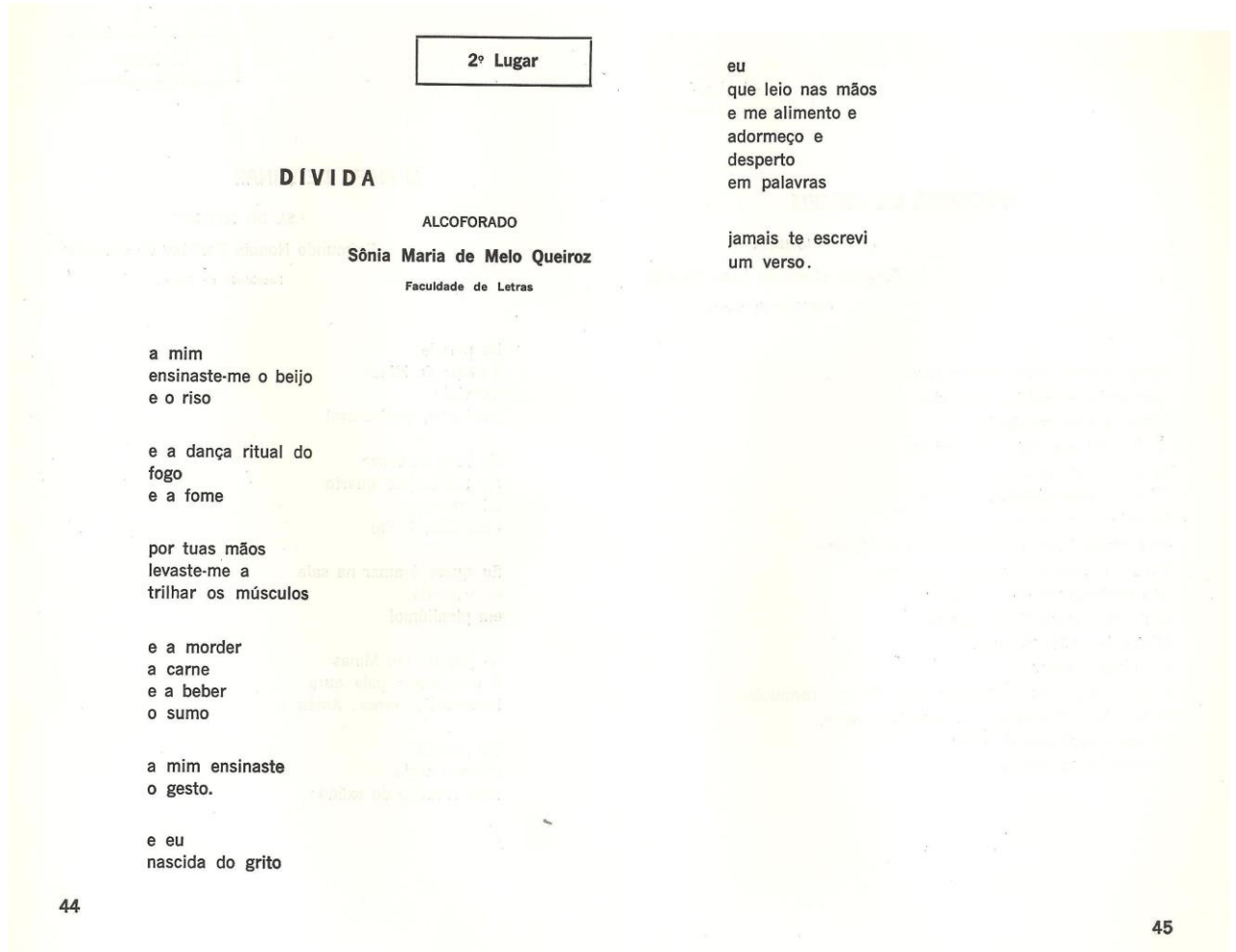


FIGURA 15 Sônia Queiroz. *Dívida*, 1980.

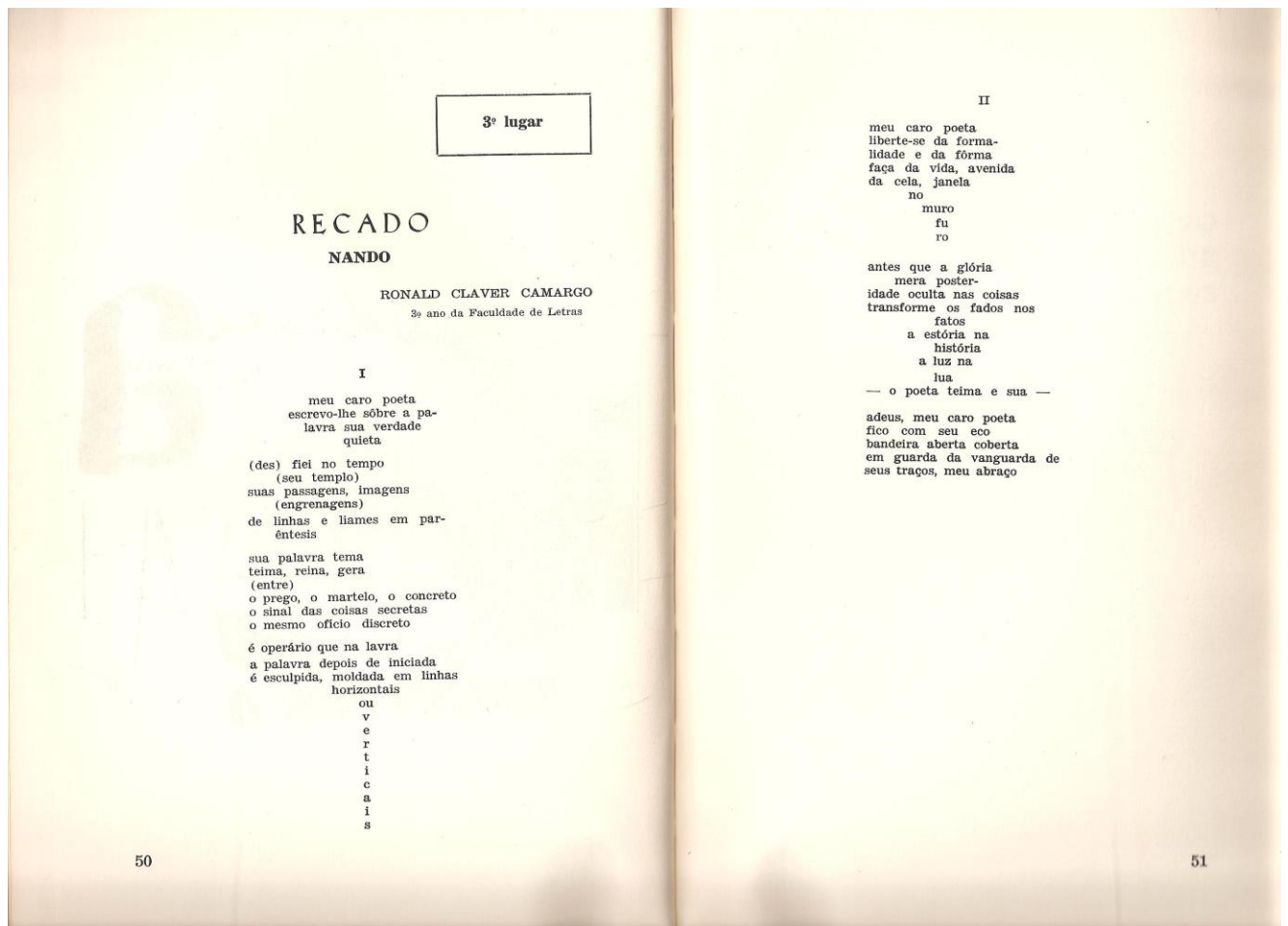


FIGURA 16 Ronald Claver Camargo. *Recado*, 1989.

NOSSO TEMPO

P. Pontes

Não:

Tu não és do meu tempo
 Ou és de agora ou de outrora
 — nunca de 50: és de 70 ou de 40.

Dagora:

Do Estádio ou do Xodó
 Dos botequins do Maletta, das noites do PIC
 Não do Chantecler, do Albergue Mariana,
 Do Cine Glória.

Olha,

Meu tempo é aquele
 Do Montanhês a um cruzeiro
 Do PF do Adão, do Angu do Jesuíno
 Não dos módulos, não do stress

Meu tempo é
 Da avenida de árvores e das árvores da Avenida
 Dos velhos bondes e, principalmente, do Bar do Coelho
 Ali, na zona litigiosa da Praça da Lagoinha

— deusa da cachaça, deusa da arruaça
 Do prato realizado nas madrugadas do Coelho
 (que Deus o tenha em seu fogão de lenha)

81

FIGURA 17 Plínio Carneiro. *Nosso tempo*, 1977.

BRINCADEIRA

Carlos Alberto Marques dos Reis

Para Fernanda e Maíra

bala

bela

bila

bola

bula

bula, não, é de remédio

remédio é amargo

bala, não, é doce.

bola, sim, é colorida,

bela.

bila, o que é bila?

FIGURA 18 Carlos Alberto Marques dos Reis. *Brincadeira*, 1988.

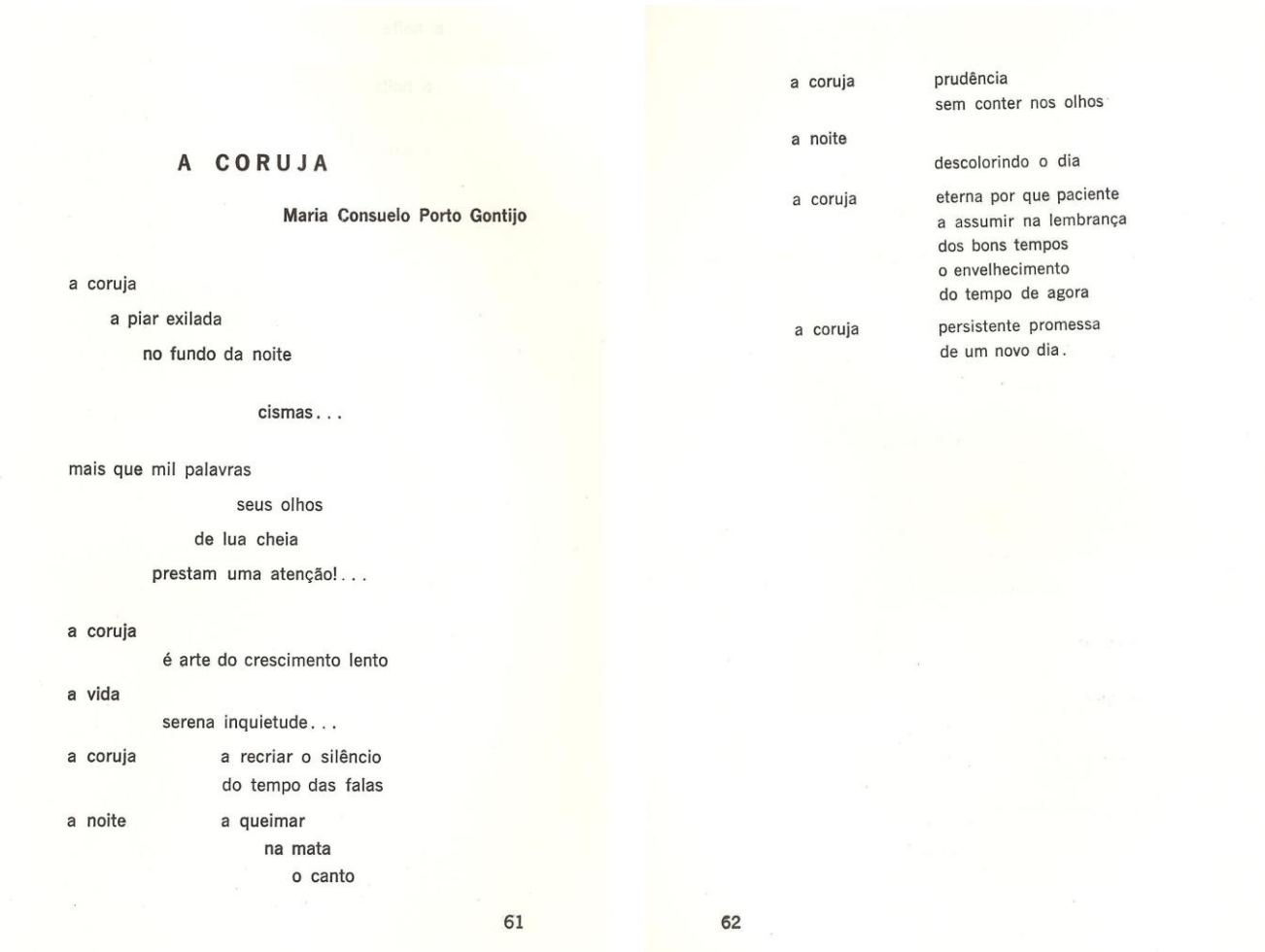


FIGURA 19 Maria Consuelo Porto Gontijo. *A coruja*, 1977.

A poesia visual, tendência em emergência naquele contexto, impulsionada pelo movimento do Concretismo, surgiu nos anos de 1950 com os poetas Décio Pignatari e os irmãos Augusto e Haroldo de Campos, momento em que passou a ser largamente difundida principalmente em periódicos de arte e de literatura:

Mas se a dificuldade de circulação estava vinculada à novidade da abundância gráfico-visual nos poemas, com o passar do tempo a própria função dessas revistas, enquanto divulgadoras de uma poesia experimental, foi se esvaindo, pois que os experimentadores pareciam ter chegado à conclusão de que a inovação poética estava então no último grito da música popular: retomou-se a verbalidade discursiva e o poema versegado (que na música popular

assumem outros valores ao se imbricar com a melodia, os arranjos, os ritmos), abandonando-se a trilha da visualidade.¹³⁴

No que diz respeito à temática proposta pela revista, por imposições regulamentares da comissão editorial, era vedado aos textos que nela circulariam veicular ideologias de cunho partidário, abordar fatos, acontecimentos ou questões relacionadas à política. Entretanto, acredita-se que, pela situação política da época (ditadura militar, censura, etc.), os textos premiados pela comissão editorial e selecionados para publicação estavam carregados de mensagens de cunho ideológico, que se apresentavam de forma implícita, subentendida. A fim de verificar essa ocorrência, foram selecionados e analisados, na próxima seção desta pesquisa, três contos publicados na *RL*.

Por fim, constatou-se que o periódico contribuiu, artisticamente, de maneira peculiar, para o debate do contexto histórico-político da época. Essa contribuição social é, portanto, uma função importante que a revista desempenhou e desempenha ainda hoje, apesar de seu esquecimento. Também se deve a essa função social, aliada a sua contribuição cultural, que a *RL* ocupa papel de destaque na história da Universidade Federal de Minas Gerais e no cenário das literaturas mineira e brasileira.

¹³⁴ MENEZES. *Poética e visualidade*, p. 95.

4.4 OS CONTOS PUBLICADOS NA *RL*

[...] nós aqui, por exemplo: estamos conversando com plena liberdade, falando mal do governo, e nenhum de nós está com medo. Há muito mais liberdade. 'Ditadura', esses meninos escrevem aí nos muros da cidade; quê que eles sabem de ditadura?

Luiz Vilela, *Os novos*.

Para este capítulo, faz-se fundamental trazeremos à tona um trecho do artigo publicado no *Jornal do Brasil*, no início dos anos de 1980, pela escritora, professora e crítica de literatura Heloísa Buarque de Hollanda, ao abordar a produção poética marginal da geração da década de 1970 – e que aqui podemos estender também para os textos em prosa – de jovens engajados politicamente com um ideal de militância contra o regime ditatorial que se apresentava naquele momento histórico. A descrença no quadro político levou os artistas a desconfiarem, inclusive, de todas as instâncias do saber, que serviriam como forma de justificativa e de legitimação, na tentativa de fazer com que a sociedade aceitasse, pacificamente, toda aquela situação:

É possível se pensar a poesia marginal dos anos 70 em várias direções. Fico aqui com um de seus aspectos: um espaço de resistência cultural, um debate político. Em pleno vazio, os jovens – e os não tão jovens – põem em pauta os impasses gerados no quadro do Milagre e desconfiam progressivamente das linguagens institucionalizadas e legitimadas do Poder e do Saber. Simultaneamente, evidencia-se na produção novíssima a significativa reavaliação de um certo sentimento que informou o engajamento político e cultural pré-68.¹³⁵

¹³⁵ GASPARI; HOLANDA; VENTURA. *70/80: Cultura em trânsito*, p. 187.

A professora Sônia Queiroz, uma das autoras que publicou seus textos poéticos na *RL* na época em que era aluna da Faculdade de Letras, afirmou, em conversa realizada para o desenvolvimento deste trabalho, que a censura contribuiu para inspirar os artistas que produziam naquela época. Segundo ela, a classe artística, para que pudesse se manifestar, precisava exercitar sua criatividade, veiculando ideologias e criticando temas relevantes no momento, sem que, por causa disso, pudessem ser censurados.

Estudantes universitários, enquanto jovens intelectuais insatisfeitos com os rumos políticos nos “anos de chumbo”, sentiam-se na obrigação de se manifestarem contra o sistema político daquele momento. Evitando sofrer represálias dos militares, a forma encontrada por eles era utilizar-se da literatura e das artes, por meio das quais poderiam manifestar seu descontentamento de maneira subliminar. Os textos produzidos, portanto, caracterizavam-se pela alegoria e pela ironia. Como consequência da ditadura, artistas e escritores eram estimulados a desenvolver sua criatividade para que não fossem perseguidos politicamente por suas ideias e pensamentos. Coincidência ou não, essa época ficou marcada pela efervescência e riqueza das manifestações culturais produzidas naquele momento.

Os textos vencedores dos concursos promovidos pela *RL*, no entanto, não foram premiados por seu caráter de manifestação contra a ditadura militar. A revista foi um foco de resistência ao regime, mas, principalmente, tratou-se de um veículo que se preocupava em valorizar e divulgar a cultura local produzida pelos estudantes e professores da universidade. Os textos premiados possuem indiscutível qualidade artístico-literário-acadêmica: artística, referindo-se às ilustrações; literária, no que diz

respeito aos textos ficcionais (crônicas e contos) e poesias; e acadêmica, no caso dos textos ensaísticos.

O escritor Luís Gonzaga Vieira, ao se pronunciar sobre a possível relação existente entre o período político e a literatura produzida naquele momento de maior efervescência no campo das artes, afirmou que não acreditava numa possível conexão, mas que simplesmente se tratava de nossa *belle époque*:

Você tem razão sobre a efervescência da segunda metade dos anos sessenta, até o final dos setenta. O que me parece, olhando agora para trás, é que esse período de criação intensa, e de coragem, tem pouco a ver com o período militar iniciado em 1964, a que normalmente se atribui. As frágeis restrições do movimento militar foram apenas o gatilho para que todos nós pudéssemos amadurecer. Não “criamos maravilhas e fomos todos geniais” por causa dos militares, mas porque estávamos descobrindo o mundo em um momento em que as circunstâncias permitiram delicadezas. E não foi só aqui, foi em todos os lugares, como se a espécie tivesse despertado, oferecendo a cada um os limites imaginados que deveriam ser rompidos. Às vezes, penso que estávamos assistindo ao estertor tardio de nossa *belle époque*. Sobre a *belle époque*, pense que na Europa ela termina na virada dos anos vinte, do século XX. Como as ideias no Brasil chegam de caravelas, no dizer de Agripino Grieco...

Quanto aos militares, a que me referi ligeiramente há pouco, fizeram o papel do pai, conforme Freud. Partindo deste ponto, todo o movimento criativo vai ficando muito claro. O resto é fantasia, o que não é um mal por si mesmo.¹³⁶

No entanto, vários indícios nos levam a acreditar que os ideais da *RL* não se furtaram a essa luta contra o sistema. Conforme dito na seção anterior, a partir de sua terceira edição, a revista passou a veicular com regulamento próprio, que estabelecia, dentre outras coisas, que “não seriam aceitos os trabalhos de cunho político-partidário”. No entanto, ao estabelecer critérios visando à seleção de textos

¹³⁶ LUIZ GONZAGA VIEIRA. *Revista Literária do corpo discente da UFMG*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida em 4 set. 2012.

que (não) seriam publicados na revista – caráter ideológico-político-partidário –, a comissão da revista já traçava, dessa forma, um perfil ideológico para o periódico.

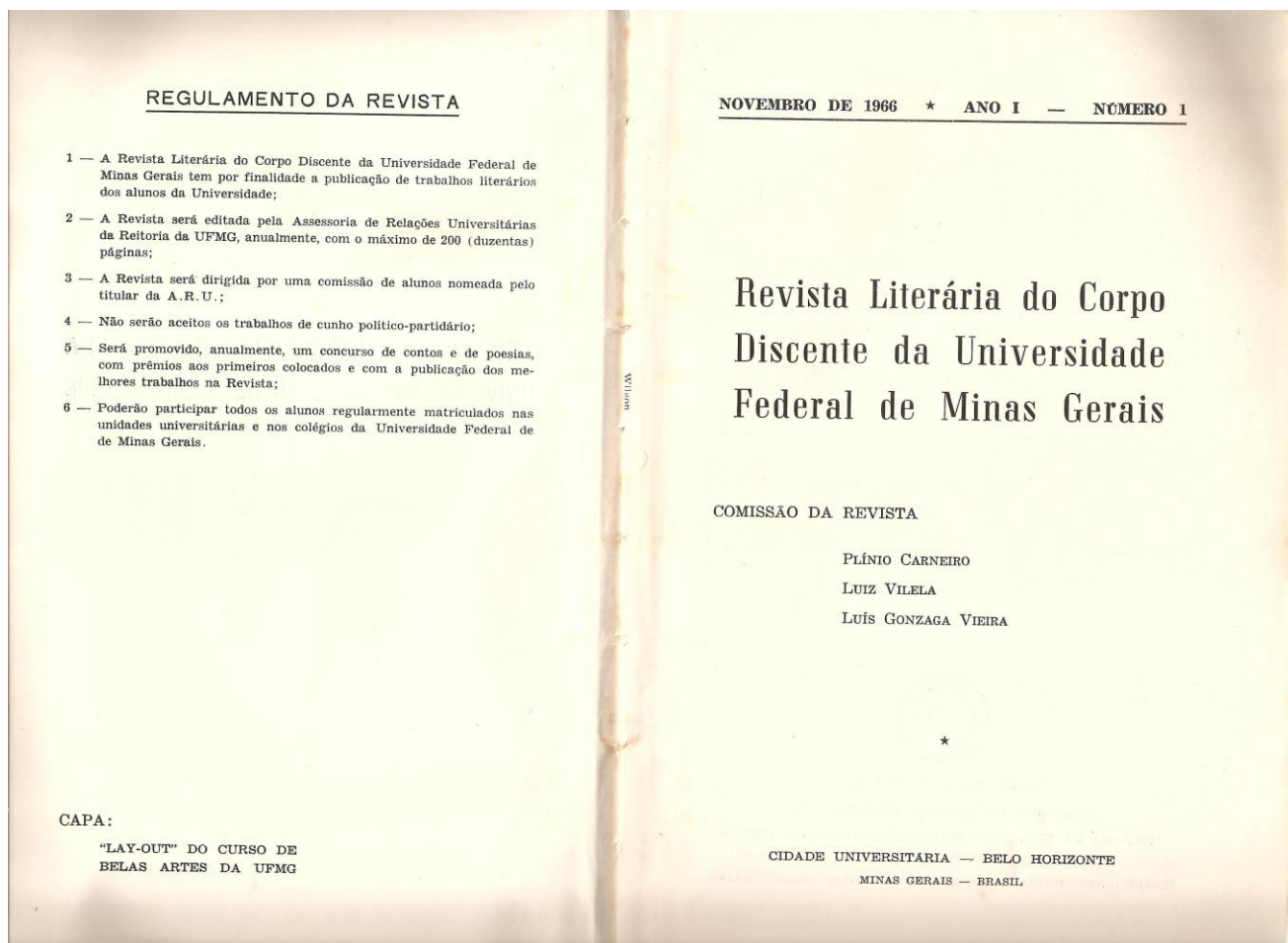


FIGURA 20 *RL – Regulamento e folha de rosto. Belo Horizonte, 1966.*



APRESENTAÇÃO

Eis o segundo número de nossa Revista Literária.

Ele é lançado respondendo aos incentivos e aplausos dos estudantes, escritores, universidades e órgãos literários do País e do Exterior, e às críticas publicadas em diversos jornais brasileiros.

O Reitor da Universidade Federal de Minas Gerais, Professor Gerson de Britto Mello Boson, deu tóda a condição necessária para a continuidade das edições.

O interêsse pela RL pode ser demonstrado pela primeira edição esgotada, e ainda pelo número de contos e de poesias recebidos para o concurso dêste ano. Se, no número 1, os estudantes prestigiaram a revista, enviando 146 poesias e 18 contos, o número de 198 poesias e 57 contos do concurso de 67 superou as expectativas.

Recebemos trabalhos de estudantes de tódas as Unidades da UFMG, e até de outras Universidades, que, infelizmente, fomos obrigados a não aceitar. Os contos e poesias agora selecionados foram classificados por imposições regulamentares, pois o ideal seria publicar todos.

Esperamos que êste segundo número tenha a receptividade do primeiro e continue a receber o apoio dos alunos da Universidade, das entidades que o recebem e da imprensa especializada.

A COMISSÃO

7

FIGURA 21 *Editorial e Apresentação da RL, Belo Horizonte, 1966.*

É difícil acreditar que, em meio à efervescência política que assolava o país, jovens artistas intelectuais, sedentos por liderar uma revolução cultural – tal como narrado em *Os novos*, romance de Luiz Vilela – consentissem, permanecendo calados e inertes. Isso vem reforçar a ideia de que havia, por parte dos alunos que publicavam na revista, uma preocupação em se manifestarem contra a ditadura militar. Para ilustrar essa suposta denúncia social subliminar em textos literários publicados na *RL*, foram selecionados três contos para análise. Um dos contos escolhidos é a narrativa “Confissões de Arnoldo”, de Duílio Gomes, que abre a primeira edição da revista.

1º lugar no concurso de contos

CONFISSÕES DE ARNOLDO

TANNY

Duílio Gomes

1º Ano — Faculdade de Direito

Meu nome é Arnoldo e eu moro aqui mesmo, na favela do dois a um. Mãe tá sempre falando pra gente que pobre não tem vez e eu estou cansado de saber disso. Outro dia mesmo eu estava engraxando o sapato de um cara lá na cidade (sou engraxate, sabe) e vai daí, depois que acabei de dar o lustro e tava na hora de receber o dinheiro, o camarada foi saindo sem pagar. Aí eu chamei o sujeito, até com muita educação, pra ver se ele pagava, porquê às vezes esquece mesmo de pagar e vai saindo distraído. Mas então, eu chamei: ô, faz favor, o senhor esqueceu de me pagar. O moço parece que não escutou e continuou andando, parece até que apressou mais o passo, o sapato brilhando tanto debaixo do sol que eu até senti uma coisa gozada de ver aquele sapato brilhando tanto porquê eu nunca tinha caprichado assim em sapato de ninguém, nem mesmo no do Marcolino, que é meu padrinho e que eu costume engraxar de graça. Dava até pena ver aquele homem com o sapato tão legal de bonito querendo fintar a gente. Eu já tava até com vontade de deixar ele ir embora assim mesmo, sem pagar, mas resolvi e saí correndo atrás dele. Cheguei lá perto dele e pedi meus honorários: ô moço, o senhor se esqueceu de pagar a engraxada. Ele olhou pra mim e falou: ah, é mesmo? Eu falei que era duzentos. Ele deu uma cuspada de lado e falou que era da polícia e que polícia não paga nada e era pra eu ir andando logo

11

senão eu ia preso. Quando eu contei pra mãe êsse caso ela repetiu que pobre não tem vez. Que diabo, é assim mesmo. Mãe dá um duro desgraçado aqui no dois a um, porquê a família é grande e pai a gente não conheceu desde pequeno. Eu sou o mais velho e depois de mim tem mais quatro, tudo engatinhando ainda, de tão pequeno, só a Neuzinha é que já tem cinco anos e ajuda um pouco na casa. Eu qualquer dia dêsses vou fazer nove anos. Mas, como eu falei, mãe dá um duro danado pra sustentar a gente que até dá pena de ver ela carregando água lá na cidade e catando papel. Eu às vezes ajudo ela. Ela fala, Nodinho pega aquele papelão ali. Aí eu vou e pego o papelão e ponho ele dentro do saco de anagem. As vezes nós passamos o dia inteirinho assim, catando papel. Eu gosto de catar papel. Quando chove é que não é muito bom não porquê a água amolece tudo e quando a gente vai vender a papelada eles não aceitam e o dia fica perdido. Quando chove a gente não cata papel nem carrega água, pois quem é que vai querer água se a água tá descendo do céu que é uma desgraça. Por isso é que quando chove a gente deita de barriga vazia. Porquê também ninguém vai engraxar sapato pra afundar ele na lama e perder o dinheiro. E quem não ganha o dinheiro sou eu. Chego em casa de mão abanando. E todo mundo deita de barriga vazia. Não tem sopa. Nem chôro. Porquê se chorar mãe vem lá de dentro e vai batendo sem parar até a gente parar com o chôro. Quando eu fico assim, querendo dormir mas com fome, e não consigo dormir, eu começo a pensar numa porção de coisa boa de comer. Fico pensando em bôlo, em doce, chocolate, sorvete e aí então daí a pouco já estou roncando. Mãe fala que nos dias de chuva eu converso sôzinho, dormindo, mas eu acho que não deve ser não, porquê, senão, como é que a gente vai conseguir falar se a gente tá dormindo. Não sei como é que pode. Qualquer dia eu pergunto ao Pé de Cabra, que é um amigo que eu tenho e é inteligente, que todo mundo fala que ele é inteligente e eu acho bom ter amigo esperto assim. O Pé de Cabra é de menor mas já foi preso uma porção de vezes. Era meu colega na escola mas foi expulso porquê respondeu a professora com um palavrão que mulher professora não deve de ouvir. Se ela não fôsse professora até que não tinha

12

muita importância, porquê tôda moça daqui tá acostumada com isso, mas professora a gente sabe que é diferente, sei lá. Mas o caso é que Pé de Cabra já foi preso: uma vez porquê tava muito baratinado, depois de beber uma garrafa de cachaça. Deu de jogar pedra nos carros lá na cidade. Falou que tinha raiva de gente rica. Eu acho que eu também tenho, mas não falo, que não sou bôbo. Quebrou os vidros de um carro azul, grandão, muito bacana e a dona que tava dirigindo chamou um meganha na mesma hora. O meganha pegou ele pelo braço e foi dando empurrão nele. No dia seguinte Pé de Cabra voltou, com um curativo na cabeça. Falou que o delegado era boa praça e todo mundo riu. Quando Pé de Cabra ri a gente tem de rir também pois ele tem só dois dentes na boca e fica muito gozado. Aí ele acha que é muito engraçado e começa a inventar uma porção de caso. O Pé de Cabra é bom de bola, também. Quando tem futebol lá na cidade todo mundo desce. Não fica nenhum. A gente sempre arruma dinheiro pro futebol. Quem não vai é porquê tá doente ou tá preso.

Outra coisa boa é quando chega o carnaval. A Maria Totonho ensaia a Escola de Samba um mês inteiro antes do carnaval. A gente vai pro terreiro dela e fica vendo. Todo mundo dança. Tem dia que o pessoal resolve ficar sambando a noite inteira e quando a gente acorda às cinco horas, que é a hora da gente levantar aqui no dois a um, eles ainda estão lá, uns dormindo no chão, outros bebendo cachaça e pulando mole com cara de sono, sem parar. Quando eu crescer vou ser sambista. Ou então passista da nossa Escola de Samba. O nome da Escola é "Quem tem perna tá com tudo". A coisa mais bacana da Escola de Samba são as fantasias. Maria Totonho e as amigas lá dela têm mania de costurar fantasia pra carnaval. A Totonho é tarada com carnaval. Tem gente até que fala que ela gosta mais de carnaval do que de homem, mas isso é mentira porquê a casa dela é a que fica mais cheia deles, mais do que qualquer outra daqui do dois a um. Ela é muito bonita, eu acho. A Neuzinha falou que quando fór moça de maior quer ser que nem a Totonho, só pra usar aquele perfume doído que ela usa e que deixa a gente tonto de tão cheiroso de bom e

13

aquela flor vermelha de papel de sêda que ela usa no cabelo. O cabelo dela é o mais escorrido daqui. Todo mundo fala. O cabelo de mãe não é escorrido mas eu acho o cabelo dela mais legal do que o da Totonho. Eu até já briguei com o Geraldo por causa disso, por causa de que ele falou que o cabelo de mãe é cabelo que não vê pente, mas depois que eu rolei com ele e dei um sóco bem na orelha dêle que até saiu sangue e todo mundo que tava vendo a briga falou que eu sou dos bom, descendo correndo pra cidade e comprei um pente branco na venda do só Lulu, que ele disse era pente de dona muito educada e subi de nóvo correndo e dei pra mãe e comecei a chorar, que nem bôbo. Mãe falou pra eu não ficar gastando dinheiro à toa com trem sem importância pra vida mas até que ela gostou bem e agora penteia o cabelo todo dia, o cabelo de todo mundo de casa, menos o meu, porquê no dia que eu saí com o cabelo todo arrumadinho, pensando que a turma ia ficar bôba de ver, o Pé de Cabra, aquele merdinha, juntou a molecada tôda e veio atrás de mim gritando, óia a menina bonita, vamo dá um passeio. Eu fingi que não tava ouvindo. E eles atrás, que nem rabo de bicho que acompanha o bicho pra tôda parte. Ai então eu enfizei e peguei um calhau e joguei e o calhau foi cair bem na cabeça do Corcunda, um menino que tem um caroço nas costas, mas que é um aleijado muito danado de esperto, e o melado escorreu da cabeça dêle, bem feito. Ai todo mundo correu. Eu também corri. Quando olhei pra trás, lá tava o corcunda, berrando que nem leitão que vai morrer de foçada e com a mãe dêle, que tava ali por perto e que ouviu a gritaria dêle, mandando cada nome de todo o tamanho. Ai eu resolvi ir lá pro cruzeiro, que é a parte mais alta do dois a um e que tem esse nome por conta da cruz de madeira que tem lá, uma cruz grande pra burro e que ia dar muita lenha pra fogo mas que ninguém tem coragem de quebrar por causa da maldição de Deus Nosso Senhor, é claro. Mas nem bem eu cheguei no cruzeiro encontrei o Pé de Cabra lá com a molecada dele. Eles olharam pra mim com receio, quer dizer, mais com jeito de respeito do que de medo, que medo ninguém tem aqui no dois a um e quem tem medo é chamado de galinha e ninguém quer ser galinha, pode

perguntar pra qualquer um. Mas vai daí o Pé de Cabra tava lá, né. Fui chegando e me assentei também no chão com eles e nem falei ôi. Ninguém falou ôi pra mim, também. Ficou todo mundo sentado e calado, que nem entêrro, olhando lá pra baixo, móde ver se encontrava sinal de confusão. O Pé de Cabra aí falou assim: "Tô com vontade de comer coquinho amarelo". Nem bem falou e foi se levantando, que ele é resolvido assim mesmo. Eu também levantei e acompanhei ele. Daí a pouco tava todo mundo atrás de nós. Descemos o outro lado do morro e fomos catar coquinho amarelo. O Pé de Cabra subiu num pé de coqueiro e se despencou lá de cima. Sorte dêle é que ele tem osso mole, de tanto cair no chão e assim não quebrou nada. Depois que todo mundo já tava cheio de coquinho se resolveu que o dia tava quente, precisando da gente tomar banho no laguinho. Desceu aquele mundão de gente pro laguinho e todo mundo nadou pra valer até a pele da gente ficar encarquilhada, com jeito de roxo. Quando a gente voltou pro dois a um tava todo mundo amigo de nóvo e o Pé de Cabra combinou comigo de ir ver macumba amanhã no terreiro da Joaninha. Falei pra ele que vou sim.

Quando entrei em casa encontrei a mãe do Corcunda com mãe. Nem liguei pra ela. Fui lá pra dentro e procurei pão debaixo da caçarola, que é o lugar onde mãe esconde ele. Achei um pedaço e comi ele todo. Daí a pouco Neuzinha entrou e falou que o pão era dela e começou a chorar. Me lembrei que tinha um coquinho no bolso e dei pra ela. Ela comeu com tanta esganação que acabou engasgando. Comecei a rir e mãe veio lá da sala com a mãe do Corcunda pra ver o quê que era. Dona Lurdinha, que é o nome da mãe do Corcunda, encheu uma caneca d'água e deu pra Neuzinha enquanto mãe ia batendo de leve nas costas dela que era pra ela melhorar. Depois que a Neuzinha parou do engasgo, dona Lurdinha falou pra mãe que ela, a Neuzinha, tava bem taludinha e que eu também tava taludo que era uma beleza e aí mãe falou pra ela que o Corcunda também tá crescendo e ficando um homem e as duas ficaram assim, conversando essa conversa bôba e eu fui saindo, até satisfeito porquê as duas nem tavam mais brigando. Mulher é assim

mesmo. Nem bem acabou de brigar e já tá se ralando, falando bem dos filhos e como é que elas vão fazer amanhã pra arrumar dinheiro, se cair chuva. Quando eu cheguei lá fora já tava escuro. Vou te contar, tem dia que a noite tá uma coisa doída de bonita. Tem estrêla que não acaba mais. Eu fico contando elas. Depois perco a conta. Ai começo a olhar a lua. E olho, olho, olho e vejo uma porção de coisa. Bacana é que a gente parece que vai ficar maluco, quando fica olhando muito pra lua. Dá um troço gozado na gente e a pele se arrupia tôda. Mas daí a pouco eu já fico cansado de ver a lua. Ai então eu vou pra casa do padrinho Marcolino. Ele comprou um rádio de pilha e tôda noite, depois que ele chega da cidade, madrinha liga o rádio e a casa fica assim de gente, todo mundo querendo ver o rádio e ouvir música.

Por causa do rádio, que só padrinho que tem aqui no morro, todo mundo trata ele com mais respeito. Madrinha senta perto do rádio e fica tomando conta. Tem moleque que é bem capaz de querer pegar e quebrar aquele troço que padrinho fala que é mais fraco do que bebê nascido de pouco e que custou um dinheirão, que ele tá pagando devagar.

As vêzes mãe também vem ouvir música e traz a Neuzinha. Os outros três pequenos ficam em casa, com a dona Zilinha, que é uma dona velha muito boa e por causa de não ter filho fica tomando conta dos filhos dos outros.

Hoje, quem apareceu aqui, pra ouvir rádio foi o Pé de Cabra. Chegou e ficou lá fora mesmo, debruçado na janela. Fingi que não vi ele, porquê ele é meio doído e ia dar aquele maior berro pra mim na hora que me enxergasse ali, assim, ôi Nôdão, que ele me chama de Nôdão, todo mundo me chama de Nôdão, só mãe é que me chama de Nodinho, e aí, se ele ia brigar pra mim, com todo mundo calado, ouvindo música, ia ser aquele vexame e eu fico muito vermelho de raiva quando tem vexame comigo. Mas não adiantou muito não porquê o Pé de Cabra cansou de ficar dependurado na janela e veio vindo, ginguando o corpo, tirando onda, que ele gosta de sair onda, aquele mascarado banguela mas muito legal, e veio vindo, veio vindo, mas sem me ver, e eu já tava até com raiva de mim mesmo de

ter vindo ali, e vai daí, bumba, ele me viu. Engraçado é que não berrou pra mim, do jeito que ele faz. Fiquei até pensando que ele tava doente. Mas era melhor ele ter gritado do que ter feito a coisa que ele fez, que eu já falei que ele é doído e olha bem se não é doideira o que o Pé de Cabra fez: pegou o rádio, antes que madrinha pudesse fazer qualquer coisa, que ela tava muito entretida conversando baixinho com uma dona lá perto dela, pegou o rádio, levantou ele na maior altura e gritou assim, "óia, Nôdão, esse troço é demais, né?" Vou te contar, todo mundo ficou olhando pra ele, pensando que ele tava ficando maluco e daí a pouco apareceu padrinho, danado da vida, berrando pra ele que ele era um moleque muito desgraçado da peste e foi dando pontapé nêle e chamando ele de filho da mãe e tomou o rádio e botou o rádio no lugar que ele tava antes. Pé de Cabra parece que nem se importou, que ele é mesmo sem-vergonha e veio pro meu lado e aí falou: tudo legal aí, seu cara de pau? Aí eu comecei a rir e Pé de Cabra falou que tinha uma garrafa de cachaça lá fora e que tava me procurando pra nós beber ela. Falei pra ele que cachaça roubada não presta e aí ele ficou muito fulo de raiva comigo e berrou que ele tinha comprado ela com muito sacrifício de economia e que se eu não tava querendo ele ia fazer a pista e convidar gente de coragem pra beber com ele, que ele não anda com galinha medrosa. Falou em galinha medrosa comigo é mesmo que mexer com mãe: falei pra ele que ia sim e que era pra ele parar com aquela palhaçada de me chamar de galinha que eu ia quebrar a cabeça dêle igual eu quebrei a cabeça do Corcunda. Ai ele falou que tinha passado na casa do Corcunda e que ele tava deitado, com a cabeça cheia de pano branco com mancha de sangue, que a mãe lá dêle tinha botado nêle. Achei graça e fiquei pensando como é que pode ser o Corcunda com a cabeça cheia de pano branco, que nem lavadeira. Pé de Cabra também desatou a rir e o pessoal da casa olhando pra gente, feito bôbo, de ver a gente rindo assim, igual ao Zé da Venda, que uma vez tirou a sorte grande na Federal. Aí se resolveu que era melhor a gente sair e beber a nossa cachaça em paz lá fora. Pé de Cabra tirou a tampinha com os dois dentes que ele tem na boca e que até parece mesmo feito só pra abrir

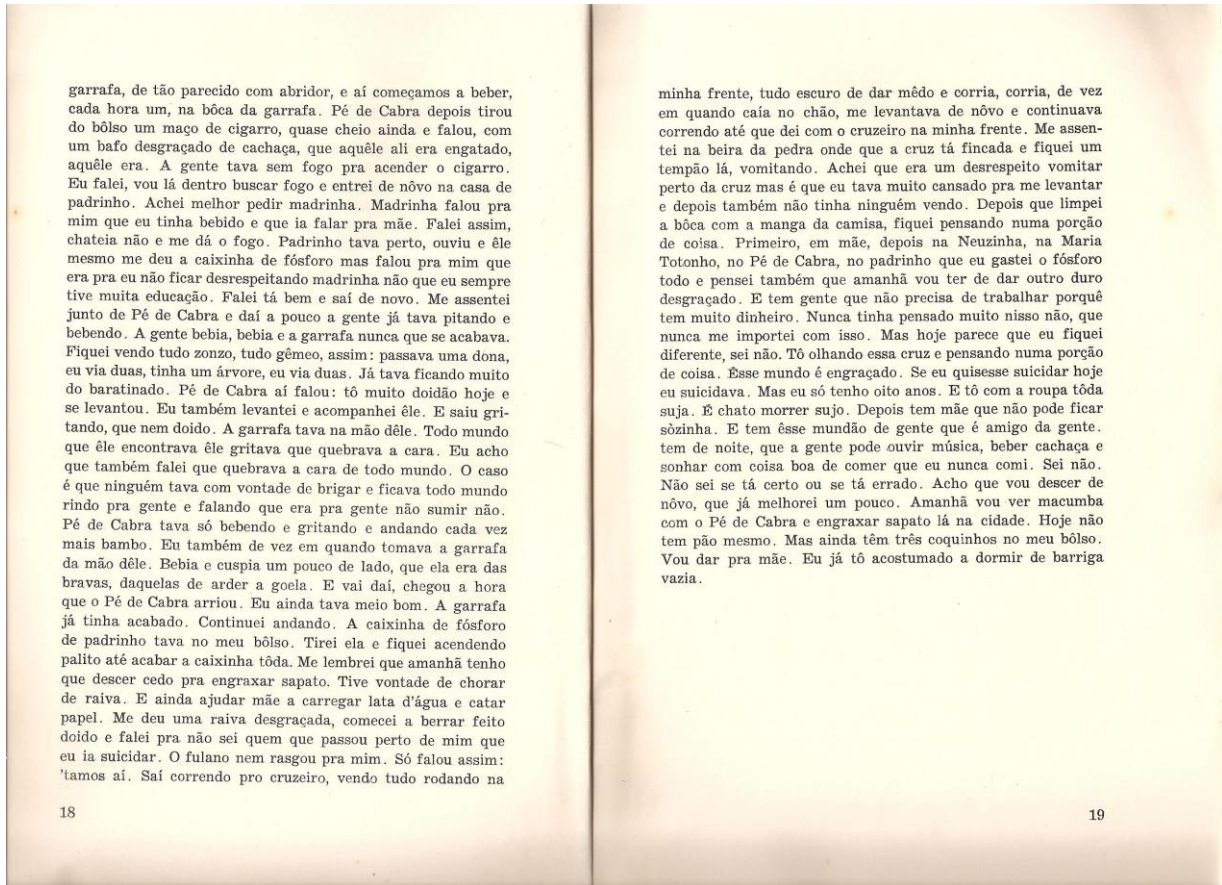


FIGURA 22 Duílio Gomes. *Confissões de Arnoldo*, 1966.

Os detalhes descritivos do protagonista como sua classe social, sua profissão, seu perfil econômico e sua relação com as autoridades vêm denunciar a realidade político-social da época. Arnoldo, também conhecido como Nôdão, um menino pobre, morador de favela, que, apesar de seus oito anos de idade, trabalhava como engraxate ou catando papel nas ruas para ajudar no sustento da família, tinha medo de gente rica, assim como seu amigo, de alcunha Pé de Cabra. Cauteloso, Arnoldo, por não gostar dos ricos, não deixava transparecer seu sentimento, tal como fazia seu amigo, Pé de Cabra: "eu acho que eu também tenho, mas não falo, que não sou bôbo." Os ricos geralmente são pessoas dotadas de poder social devido a seu perfil econômico e, portanto, dotados também de poder político.

Esse conto reconstrói o momento social brasileiro em que moradores de periferias são estigmatizados pela sociedade na qual estão inseridos. Arnoldo e Pé de Cabra, bem como todos os seus amigos na favela, adoravam jogar futebol: “Quando tem futebol lá na cidade todo mundo desce. Não fica nenhum. A gente sempre arruma dinheiro pro futebol. Quem não vai é porquê tá doente ou tá prêso.”¹³⁷

Arnoldo, um menino que começava a perceber as injustiças econômicas e sociais que o cercavam, ao descobrir que no mundo “tem gente que não precisa de trabalhar porque tem muito dinheiro”, teve sua primeira desilusão ao entender como funciona a relação social de poder, sobretudo num Estado autoritário. Ao engraxar o sapato de um policial “com muita atenção”, que saiu sem pagar, sentiu-se decepcionado por ter sido injustiçado por alguém que, ao contrário, deveria protegê-lo:

Eu já tava até com vontade de deixar êle ir embora assim mesmo, sem pagar, mas resolvi e saí correndo atrás dele. Cheguei lá perto dele e pedi meus honorários: ô moço, o senhor se esqueceu de pagar a engraxada. Êle olhou pra mim e falou: ah, é mesmo? Eu falei que era duzentos. Êle deu uma cuspidada de lado e falou que era da polícia e que polícia não paga nada e era pra eu ir andando logo senão eu ia prêso. Quando eu contei pra mãe esse caso ela repetiu que pobre não tem vez.¹³⁸

Pela forma como reflete os problemas sociais, o conto se apresenta como texto bastante oportuno de ser publicado num periódico artístico-literário em contexto político anterior à dominação pelo autoritarismo dos militares mediante o período de ditadura. O golpe já havia ocorrido em 1964 e a publicação antecedeu o

¹³⁷ *Revista Literária do corpo discente da Universidade Federal de Minas Gerais*. 1966, p. 13.

¹³⁸ *Revista Literária do corpo discente da Universidade Federal de Minas Gerais*. 1966, p. 11-12.

Ato Institucional nº 5, decretado em dezembro de 1969, atribuindo amplos poderes aos governantes e instituindo a censura.

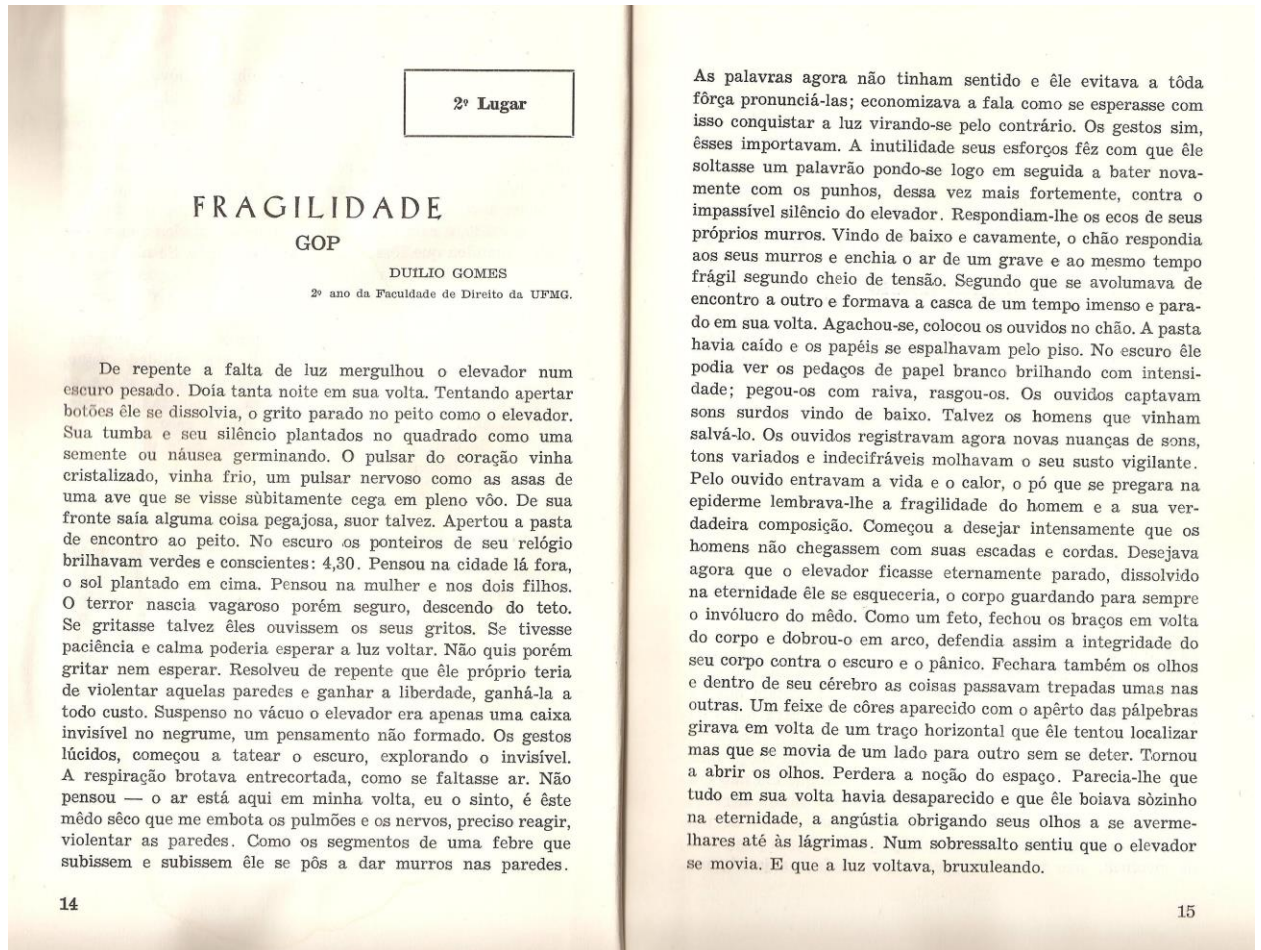


FIGURA 23 Duílio Gomes. *Fragilidade*, 1968.

O segundo texto selecionado para análise tirou o segundo lugar no concurso de conto da *RL*. Trata-se do conto “Fragilidade”, também de Duílio Gomes, publicado na terceira edição do periódico. Nele, é narrado o desespero, a angústia, o medo, enfim, a “fragilidade” de um homem que, em meio às trevas, sente-se acuado, sem poder de reação, diante de uma situação de perigo – nesse caso, ficar preso no elevador: “De repente a falta de luz mergulhou o elevador num escuro pesado. Doía

tanta noite em sua volta. Tentando apertar botões êle se dissolvia, o grito parado no peito como o elevador.”

O cenário onde se passa a estória faz referência à cela de uma prisão: “Sua tumba e seu silêncio plantados no quadrado como uma semente ou náuse germinando”, em que ele, preso, “Pensou na cidade lá fora, o sol plantado em cima. Pensou na mulher e nos dois filhos.”¹³⁹

Sentimento semelhante ao de alguém que fora condenado a cumprir pena privativa de liberdade em regime fechado, o tempo não passava: “Segundo que se avolumava de encontro a outro e formava a casca de um tempo imenso e parado em sua volta.” Se quisesse ser um homem livre, teria que lutar por sua liberdade: “Resolveu de repente que êle próprio teria de violentar aquelas paredes e ganhar a liberdade, ganhá-la a todo custo.”¹⁴⁰

Em meio à repressão e à censura da época, o protagonista, esperançoso, na expectativa de ser libertado, imaginava outros homens “mudos” vindo libertá-lo: “Os ouvidos captavam sons surdos vindo de baixo. Talvez os homens que vinham salvá-lo.” Sem poder reagir, só restava-lhe proteger a si mesmo: “como um feto, fechou os braços em volta do corpo e dobrou-o em arco, defendia assim a integridade de seu corpo contra o escuro e o pânico.”¹⁴¹

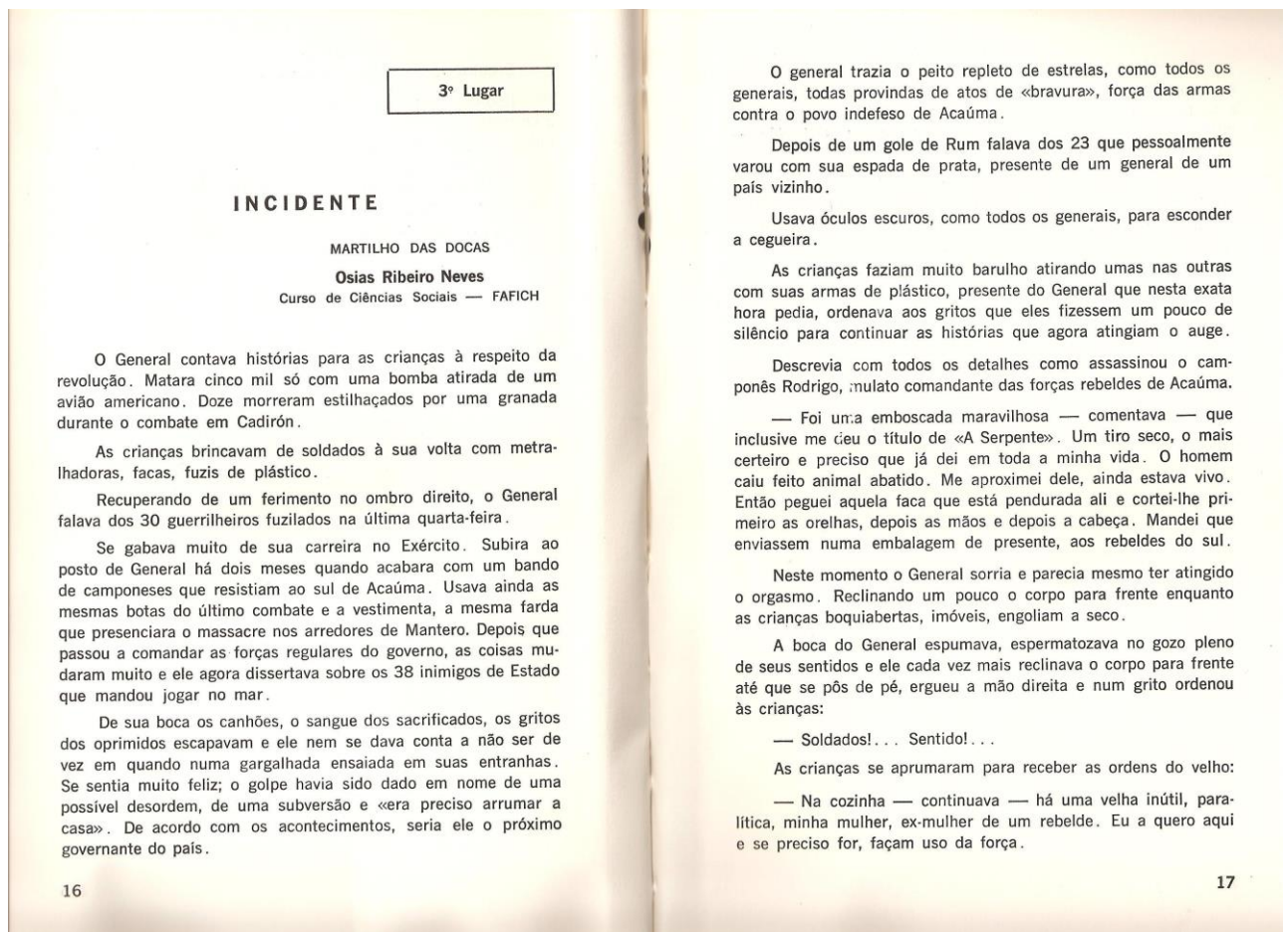
No final da narrativa, ao reabrir os olhos, após se proteger do medo que o envolvia, a energia elétrica do local onde encontrava enclausurado é restabelecida e, como consequência, é devolvida a liberdade ao personagem: “Perdera a noção do

¹³⁹ *Revista Literária do corpo discente da Universidade Federal de Minas Gerais*. 1968, p. 14.

¹⁴⁰ *Revista Literária do corpo discente da Universidade Federal de Minas Gerais*. 1968, p. 14.

¹⁴¹ *Revista Literária do corpo discente da Universidade Federal de Minas Gerais*. 1968, p. 15.

espaço. Parecia-lhe que tudo em sua volta havia desaparecido e que êle boiava sozinho na eternidade, a angústia obrigando seus olhos a se avermelharem até às lágrimas. Num sobressalto sentiu que o elevador se movia. E que a luz voltava, bruxuleando.”¹⁴²



¹⁴² *Revista Literária do corpo discente da Universidade Federal de Minas Gerais*. 1968, p. 15.

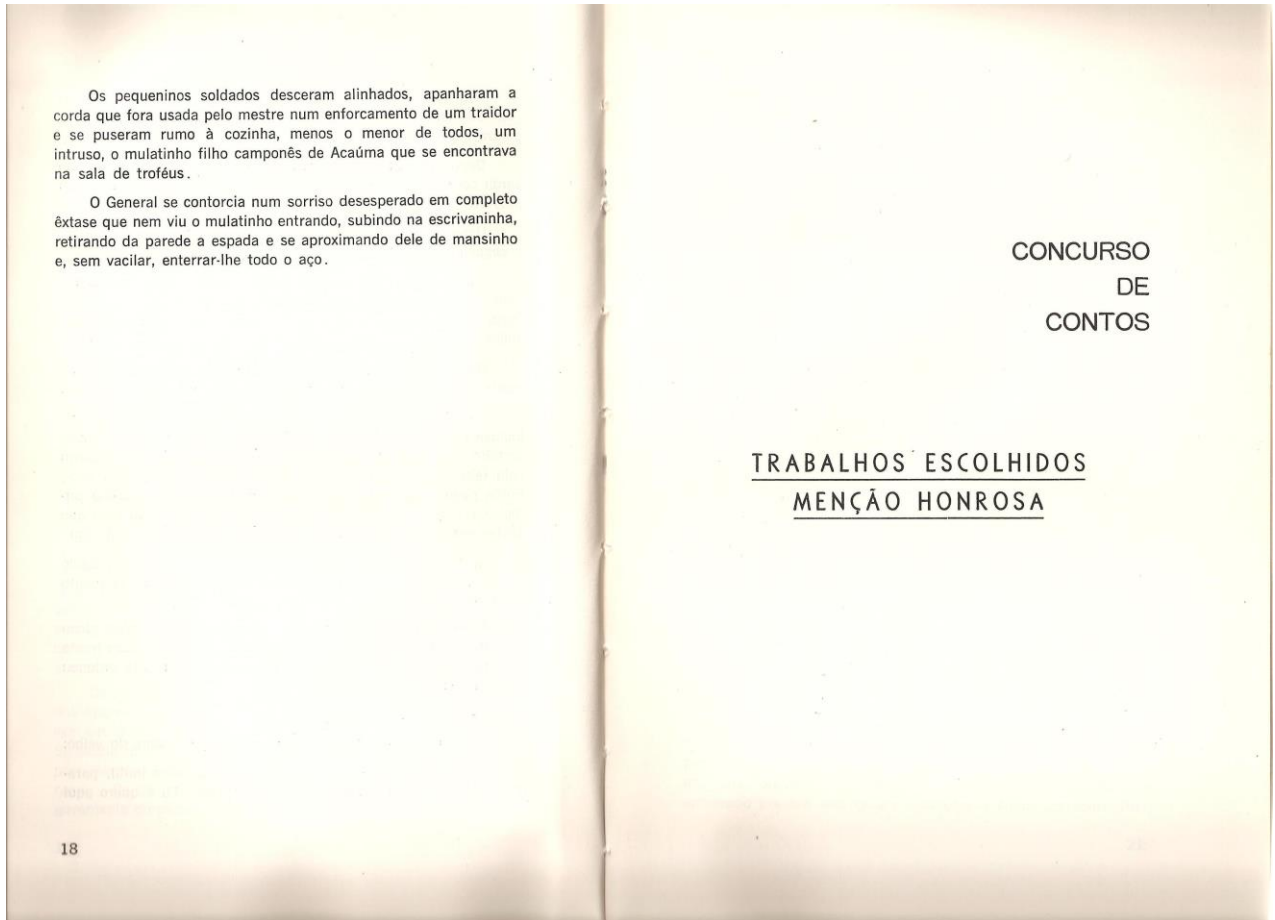


FIGURA 24 Osias Ribeiro Neves. *Incidente*, 1977.

O terceiro conto selecionado para análise chama-se “Incidente”, de Osias Ribeiro Neves, premiado como terceiro lugar no concurso de contos e publicado na décima segunda edição da revista. Nesse texto é narrada a história de um general aposentado do Exército, protagonista do conto, personagem que contava para crianças histórias de guerra, relatando suas conquistas bélicas nas batalhas que participara, na época em que ainda era oficial. A violência, a opressão, as guerras, tal como o contexto social da época, ditavam o enredo da narrativa: “De sua boca os canhões, o sangue dos sacrificados, os gritos dos oprimidos escapavam e ele nem se

dava conta a não ser de vez em quando numa gargalhada ensaiada em suas entranhas.”¹⁴³

Por meio dessa narrativa, demonstra-se, alegoricamente, o tratamento dos militares em relação aos civis, descrevendo a prepotência com que pessoas vinculadas às forças armadas são treinadas a matar. A desigualdade de forças entre os combatentes que figuravam em lados opostos, simbolizando o poder dos militares sobre a sociedade civil, também é retratada de forma subtendida e irônica no texto literário: “O general trazia o peito repleto de estrelas, como todos os generais, todas provindas de atos de ‘bravura’, força das armas contra o povo indefeso de Acaúma.”¹⁴⁴

A “cegueira”, enquanto metáfora da ignorância do mundo exterior em detrimento de interesses particulares, apresenta-se como uma das características do personagem principal enquanto sequela de sua carreira como combatente: “usava óculos escuros, como todos os generais, para esconder a cegueira.” Outra característica inerente ao general é a morbidez. Essa enfermidade do protagonista se apresenta, na narrativa, como um sentimento de perversão, de sadismo, por sentir prazer em ações que repugnáveis por pessoas comuns: ele se excitava com o sofrimento alheio. Após descrever uma detalhada cena de execução após torturar o inimigo, o general sorria e se inflamava, chegando a sentir prazer, “atingido um orgasmo, [...] enquanto as crianças boquiabertas, imóveis, engoliam a seco.”¹⁴⁵

A partir de traços recorrentes nos textos vencedores dos concursos, com o objetivo de ressaltar preferência dos referidos membros, esses contos são, em geral,

¹⁴³ *Revista Literária do corpo discente da Universidade Federal de Minas Gerais*. 1977, p. 16.

¹⁴⁴ *Revista Literária do corpo discente da Universidade Federal de Minas Gerais*. 1977, p. 17.

¹⁴⁵ *Revista Literária do corpo discente da Universidade Federal de Minas Gerais*. 1977, p. 17.

curtos, não excedendo, em sua maioria, três ou quatro páginas. Até a décima oitava edição da revista, a maioria dos contos premiados pertencia a alunos vinculados à Faculdade de Direito. Somente a partir do décimo nono número, publicada em janeiro de 1985, é que se inicia uma inversão nesse quadro, em que a maioria dos escritores, a partir de então, estavam vinculados à Faculdade de Letras da UFMG.¹⁴⁶

O curso de Direito, ao lado da Medicina e das Engenharias, é detentor de maior prestígio social, uma vez que os cargos ocupados por juristas, médicos e engenheiros, além de possuírem maiores *status*, também gozam de maiores salários. Por isso, esses cursos sempre foram mais concorridos e frequentados, sobretudo pelo público masculino, num momento em que o homem ainda era o responsável pelo sustento da família. Em contrapartida, o curso de Letras, ainda em emergência nos anos de 1960 e 1970, era mais destinado ao público feminino, assim como os demais cursos de licenciatura. Nos anos de 1980 e 1990 se iniciou essa ruptura de paradigmas, abrindo-se as portas para que cursos dotados de maior prestígio fossem frequentados por mulheres, enquanto as licenciaturas e demais cursos, que culminavam em profissões menos prestigiadas pela sociedade – em geral, cursos ligados às manifestações artísticas e humanas – passassem a ser frequentados também pelo público masculino. Esse fenômeno vem explicar a inversão ocorrida nos anos de 1980, passando-se da predominância quantitativa de textos produzidos por alunos vinculados aos cursos de Direito para a publicação de textos dos alunos pertencentes ao curso de Letras.

¹⁴⁶ É importante ressaltar que a Faculdade de Letras se desvinculou da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) em 1968 e, em 1983, passou a funcionar em prédio próprio, onde, desde então, se encontra situada.

A maioria das narrativas vencedoras do concurso apresenta, bem como os textos publicados na seção de menção honrosa, traços característicos da prosa contemporânea, como narrativa fragmentada, ausência de longos trechos descritivos de cenários e de personagens e hibridização de gêneros textuais. Os contos publicados no periódico apresentam frases ininterruptas, inovação no uso de sinais de pontuação, empregando uma narrativa com traços da oralidade, visando a criar um estilo próprio ou com o intuito de atribuir sonoridade ao texto. Esse estilo vinculava-se à estética formal de textos poéticos pela não observação das normas de pontuação previstas na Gramática Normativa, pela composição dos períodos que se iniciam com letras minúsculas, apresentando um texto com parágrafos assimétricos, narrativa que lembra autores como Guimarães Rosa e Mário de Andrade.

Assim como a narrativa tradicional no século XIX foi fortemente influenciada pela pintura de seres e lugares e pela fotografia, a narrativa contemporânea, por sua vez fortemente influenciada pelo cinema (dinamismo das imagens), é caracterizada por provocar no leitor uma impressão de movimento e descontinuidade. Assim, a narrativa moderna dispersa fragmentos descritivos de lugares que fazem parte do "panorama interior" das personagens ou do narrador, é pobre em detalhes, sem minúcias e rica em mobilidade.¹⁴⁷

Outro dado importante refere-se ao fato de que, semelhante ao que ocorre com os textos poéticos, cuja maioria dos que circulavam na *RL* apresentava características do movimento concretista, a maioria dos contos possuía traços que permitem caracterizar sua narrativa como contemporânea (fragmentada, não-linear, imagética, com reflexos da oralidade).

No entanto, da mesma forma que podemos encontrar na revista, excepcionalmente, poemas com estruturas mais rígidas, clássicas, como a forma do

¹⁴⁷ BIAGGI. *Cinema e vídeo na obra de Guimarães Rosa*, p. 83.

soneto (“Soneto do relógio de pulso”, de Ernesto Penafort, e “Soneto da mediocridade”¹⁴⁸, de Sócrates Zenóbio Pinheiro Neto), foram encontrados também contos com características da narrativa tradicional, linear, lenta, utilizando-se um léxico mais formal, semelhantes, por exemplo, à narrativa do séc. XIX (“O estrado”, de Giovani Bertu, e “Todos os apartamentos”, de José Alexandre Gomes Marino).

Essa hibridização de gêneros literários que se apresenta nos textos que veiculados na revista vem demonstrar seu caráter heterogêneo, retratando, portanto, que seus autores, estudantes universitários, liam e se inspiravam em autores modernistas, alguns até contemporâneos à revista, como os três Andrades – Oswald, Mário e Carlos Drummond – Guimarães Rosa, Murilo Mendes e Pedro Nava, contudo sem deixar de lado a narrativa tradicional da literatura clássica, composta por autores como Machado de Assis, Euclides da Cunha e José de Alencar.

¹⁴⁸ Esse soneto, apesar do título e de sua estrutura (dois quartetos e dois tercetos), estrofes e versos rimados, não possui as características tradicionais rígidas da forma que um soneto clássico se apresenta, mas, ao contrário, é carregado de traços da poesia contemporânea da era pós-moderna (versos curtos – às vezes, composto por apenas uma palavra apenas –, visualidade, etc.), tal como o próprio poeta pretende justificar em seu *post scriptum*: “soneto que testifica a continuada preocupação subconsciente do poeta em fazer exegese da forma, eis que o conteúdo permanece intocável. De parte disso, denota a ânsia de liberdade de expressão, ainda <encarcerada> no sonetismo. Constata-se um pronome proclítico iniciando o 5º verso – tentativa de libertação da forma, ante os cânones da Língua.”

POR FAVOR, LEVEM-ME

ZUMBI

Henry Corrêa de Araújo
Faculdade de Filosofia — 1º Ano — Letras

primeiro

eu vi as mãos lá embaixo depois entrei no elevador e o velho do andar de cima que é rico e tuberculoso me emprestou seus óculos tartaruga então vi as mãos de verdade e só não vou dizer com meus próprios olhos porque se eu disser com meus próprios olhos podem me achar individualista e me acusarem de estar fazendo pouco caso do velho e seu brilho podre direi apenas que vi as mãos lá embaixo duas gordas aranhas andando lentamente sobre o assalto e também às vezes correndo

corriam co-

mo se fossem um bando de meninos xifópagos que acabasse de pregar uma peça em alguém e agora, sem saber exatamente onde, procurasse se esconder indo e vindo ou tocassem num imenso piano branco uma imensa sinfonia

de quando

em quando procuravam as largatixasmãos escalar o muro do edifício onde eu me encontrava, no dia vinte e um de maio de um ano qualquer, beirando sempre a calha enferrujada por onde escorria um líquido grosso e pegajoso tentavam a subida com uma pontualidade que já se tornara monótona e quando eu percebia que iriam seguir me refugiava de olhos fechados ponta de lança ou no armário ou no banheiro ou debaixo da cama

23

entretanto não me era fácil adivinhar as atitudes que sempre e cronometricamente tomavam e elas poderiam tanto tentar novamente a aproximação como ir ao bar da esquina, pedir, esperar, serem servidas e comer avidamente um sanduíche e voltar arrotando salame barato ou como já fizeram anteriormente por mais de três vezes, mergulhar e nem meu amigo kafka saberia com que finalidade — no asfalto quente e se deixarem ficar imóveis como as outroramortas mãos dêle

tinha medo?

não é verdade

que eu tivesse coragem mas medo também não antes elas me repugnavam o cheiro forte da terra que desprendiam mesmo de longe e que iam diretamente ao fígado a cor nunca fixa vacilando camale(m)ão entre o róxo e o pálido

é claro? daqui

onde estou no momento à direita da porta principal precisamente entre o sétimo e o nono andar meus olhos olhando-as abriam-se e se fechavam rapidamente como o foco de uma máquina de retratos que estivesse tirando retratos simultâneos ou então nas mãos de uma criança fosse um furtivo passado tempo

é claro poderiam

ser também os olhos de um solitário farol de uma solitária ilha piscapiscando verticalmente contra coisa nenhuma ou contra o chão onde elas agora permaneciam imóveis à escuta

a da direita

(sem o braço e o resto do corpo é provável que não saibam mesmo qual é a da direita mas por favor façam um esforço) tem uma cicatriz entre o dedo indicador e o médio apesar de as lentes do velho rico e tuberculoso estarem embaçadas e não me permitirem vê-la de imediato posso confirmá-la porque a mão direita (diga-se de passagem não pertence a Deus) foi a que da última vez tentou asfixiar-se (minha cicatriz é visível e me tem causado sérios e imprevisíveis aborrecimentos sociais) foi a que da última vez tentou matar-me. Vocês vão dizer que deve ter sido trágico, horrível, angustiante, coitadinho

24

dêle, mas nem tanto o que não pude mesmo conter o riso um riso imenso uma imensa ponte ligando o meu prazer ao seu ódio sabia-a morta e não me contive ao seu contacto áspero e macio e à lembrança de certos fatos passados os quais se me permitem não vou recontá-los a não ser a marca, o corte profundo sobre a carne fresca nada restou de sua visita.

outro dia meu

pobre e querido irmão esteve aqui à direita da porta principal exatamente entre o sétimo e o nono andar mostrei para êle as mãos e êle não entendeu e nem eu porque começou a chorar e disse que eu estava doído e que as mãos mirando bem eram miragem. Não façam juízos precipitados do meu pobre louco e querido irmão porque êle tremia e urinava muito e só depois que eu segurei com a minha mão a mão dêle foi que eu percebi que não devia mostrar as mãos dêle para ninguém

digo se me pro-

meterem não tremer e não urinar como meu pobre louco e querido irmão eu as mostro para vocês as duas gordas aranhas saltitando sobre o asfalto

o carro do ve-

lho quase pegou a da esquerda porque a da esquerda é mão bôba não no sentido que vocês vulgarmente dão à palavra é que ela é mão bôba mesmo mão bôba de insulina. O trânsito ficou interrompido horas e dias e o inspetor sem poder decifrar a causa do tumulto ficou movimentando os braços violentamente como aqueles bonecos que a gente vê nos carros de pipoca tocados pelo vento eu descí lá e falei isto é tentei falar fazer compreender ao inspetor que a mão era a causa de tudo mas êle fingiu — por burrice ou por medo — não me entender e também as outras pessoas e então mais por compaixão eu os deixei ali horas e dias

horas e dias

teriam permanecido ali se elas não tivessem retornado e retornado o ataque eu as vi lá embaixo saindo entre a multidão e olhando para mim e apontando-me com seus ponteagudos e gordurosos dedos VOCEVOC EVOCEVOCEVOCEVOCEVOC

25

VOCEU eu as ouvia e o grito repercutia em todo o quarto transformado momentaneamente numa gigantesca câmara de eco. Sabia que em breve estariam novamente aqui principalmente a mão direita mas eu digo que não vou me assustar e desta vez não me esconderei absolutamente dentro de armário nenhum e nem debaixo da cama como uma barata até que cheguem simplesmente ligarei a radiola estereofônica colocarei a nona abrirei a geladeira tirarei uma cerveja gelada e farei muitas outras coisas que a gente faz quando espera a mulher amada ou uma visita importante

logo que che-

guem as receberei como se fossem a mulher amada ou a visita importante e enquanto se embriagam não deixarei de rir um só minuto e continuarei rindo duzentas mil noites até que no momento exato e oportuno direi

POR FAVOR
LEVEM-ME

26

FIGURA 22 Henry Corrêa de Araújo. *Por favor, levem-me*. 1966.

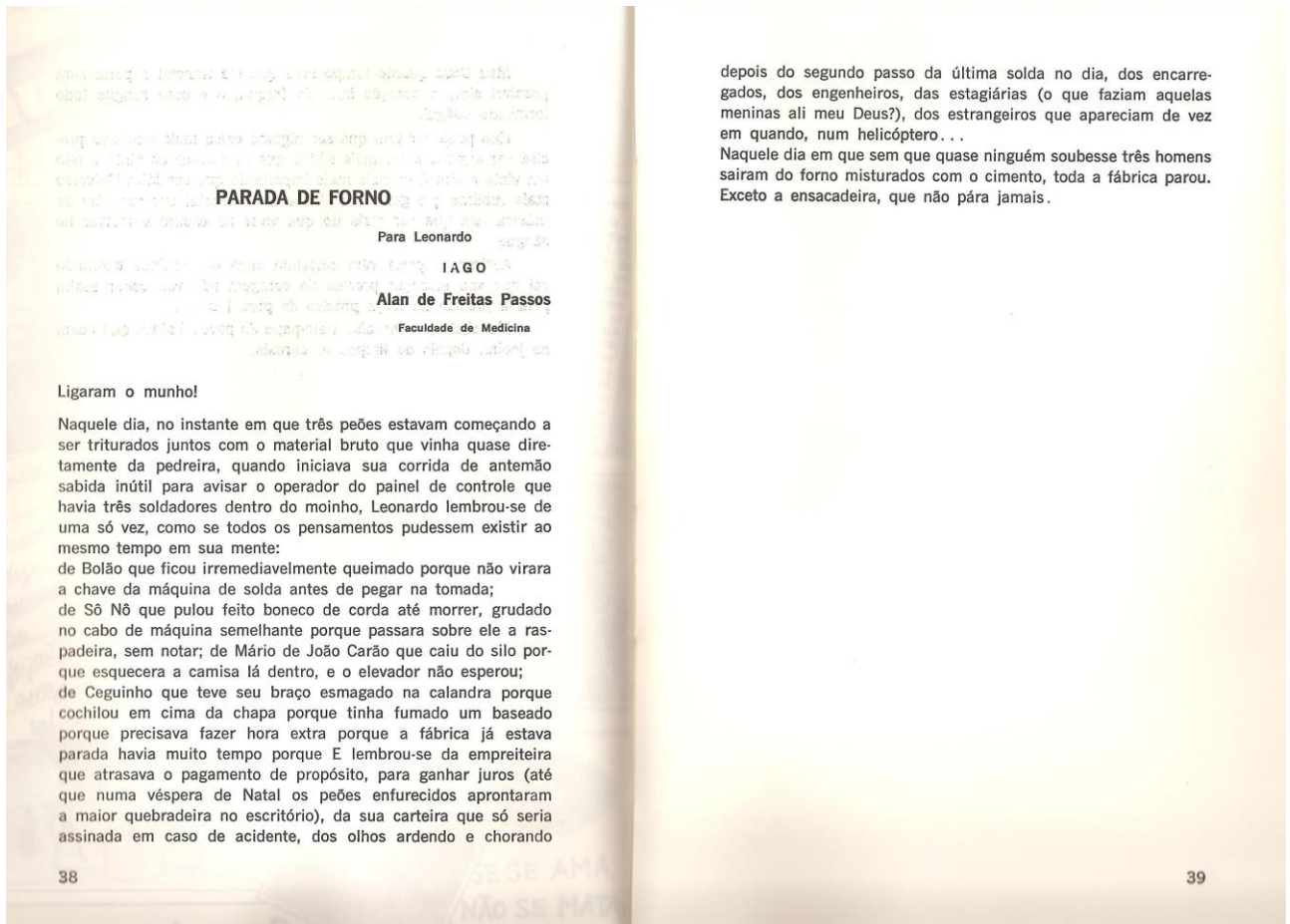


FIGURA 25 Alan de Freitas Passos. *Parada de forno*. 1980.

A partir da escolha dos textos premiados pelos concursos promovidos pela *RL* é possível se pensar a tendência literária do momento, uma vez que os critérios adotados pelas comissões julgadoras dos concursos da *RL* convergiam com os adotados por outros concursos literários a eles contemporâneos. A título de conclusão deste capítulo, encerramos esta análise a partir dos dados apontados sobretudo nesta seção e na anterior, na tentativa de verificar os traços recorrentes presentes nos textos poéticos publicados pela revista, retratando o perfil da comissão julgadora. Verificou-se, então, como tendência de premiação nos concursos de poesia promovidos pelo periódico, a predileção pela comissão julgadora da revista

por textos que se destacavam pelo recurso visual e sonoro, ressaltando a forma estética do texto poético, influência da poesia concreta e poesia práxis, tendências literárias naquele momento. Quanto ao concurso de contos, constatou-se que a tendência da comissão da revista era a de premiar textos que, em geral, possuíam narrativa fragmentada, traços de oralidade e recursos visuais característico da prosa literária contemporânea, influenciada pelas técnicas narrativas do cinema (movimento imagético), que destoavam da narrativa tradicional, focada nas normas e padrões estilísticos da linguagem normatizada pela gramática e calcadas na pintura e na fotografia. Esses resultados, por fim, demonstram ainda o perfil de leitor de textos literários naquele instante, interessado em obras que se relacionassem com outras artes, como o cinema e a música.

5 O PRESENTE DOS AUTORES DA REVISTA

Canção

*Pus o meu sonho num navio
e o navio em cima do mar;
depois abri o mar com as mãos,
para o meu sonho naufragar.*

*Minhas mãos ainda estão molhadas
do azul das ondas entreabertas,
e a cor que escorre dos meus dedos
colore as areias desertas.*

*O vento vem vindo de longe,
a noite se curva de frio;
debaixo da água vai morrendo
meu sonho dentro de um navio...*

*Chorarei quanto for preciso,
para fazer com que o mar cresça,
e o meu navio chegue ao fundo
e o meu sonho desapareça.*

*Depois, tudo estará perfeito:
praia lisa, águas ordenadas,
meus olhos secos como pedras
e as minhas duas mãos quebradas.*

Cecília Meireles

Nesta seção do trabalho, nosso objetivo será o de retratar os frutos que colhemos da *RL*, verificando a situação atual dos colaboradores do periódico. Além disso, será constatada a relevância do periódico, na cultura mineira e no cenário nacional, e sua importância enquanto mola propulsora na carreira de diversos artistas.

O periódico contribuiu para revelar diversos talentos artísticos, seja no campo da literatura ou das artes plásticas, tanto em trabalhos ficcionais quanto em textos teórico-críticos. A maioria dos ilustradores que participaram da revista eram, na época, estudantes universitários. Geralmente vinculados aos cursos de Comunicação Social ou à Escola de Belas Artes, estes jovens viriam a se tornar, no futuro, professores universitários. Apenas para mencionar alguns nomes que passaram pela revista, verificamos os nomes de Marcelo Kraiser, Isabel Cristina Azevedo Passos, Marcelo Drummond Lage, Jarbas Juarez Antunes, Mário Zavagli e Álvaro Brandão Apocalypse. Apesar de reconhecer a contribuição da revista para a revelação de jovens artistas plásticos, nos deteremos na atual situação dos autores de textos publicados na revista (ensaios acadêmicos, narrativas em prosa – contos e crônicas – e textos poéticos).

As ilustrações publicadas nas edições da *RL* são, em geral, formadas por desenhos em preto-e-branco feitos em papel a partir da interpretação dos textos literários vencedores dos concursos promovidos pela revista. Refletem a tendência vanguardista local formada por um grupo de artistas plásticos nas décadas de 1960 e 1970, influenciados pela Escola Guinard. Essa produção artística representa, segundo afirmou o professor da Escola de Belas Artes da UFMG, Eugênio Pacceli Horta, em entrevista concedida ao autor desta pesquisa, um momento de extrema relevância para a história da cultura local. As imagens também retratam a inquietude da arte contemporânea, com traços delineados, bem definidos, abstraindo minuciosamente expressões fisionômicas das figuras humanas. Compostos pela diversidade de referências artísticas, paradoxalmente hibridizadas, num único pictograma, por estéticas provenientes dos estilos neoclássico e conceitualista, esses objetos visuais

são, em geral, preenchidos por elementos antagônicos, divergentes, provocando no leitor, num primeiro momento, sensação de estranhamento. Permeiam, no entanto, nossa experiência sensorial, extrapolando os liames artísticos do objeto. Estabelecem diálogos intertextuais com os textos literários formando uma cadeia transemiótica de resignificação. É perceptível, ainda, a influência de artistas como Salvador Dali, com imagens oníricas, bizarras, porém de excelente qualidade plástica, e do *ready-made* dadaísta de Marcel Duchamp.

CONCURSO DE ILUSTRAÇÕES


O Concurso de Ilustrações para a Revista Literária do Corpo Discente da UFMG nº 10 teve a participação de doze alunos da Universidade Federal de Minas Gerais, que enviaram um total de 33 trabalhos. Foram dez alunos da Escola de Belas Artes, um do Curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e um do Curso de Engenharia Elétrica da Escola de Engenharia.

Os trabalhos foram julgados observando-se a qualidade gráfica, a abordagem do texto escolhido e as exigências fixadas no regulamento do concurso. A Comissão Julgadora foi formada pelos professores Júlio Espíndola de Castro Netto e Sandra Maria Bianchi, da Escola de Belas Artes, e Maria Antonieta Antunes Cunha, da Faculdade de Letras.

O primeiro prêmio foi para Maria José Boaventura Leite, da EBA, ilustrando o trabalho "O Coronel Não Verá Jamais os Seus Filhos"; o segundo para Lina Isabel Cristina de Azevedo Passos, da EBA, ilustrando o trabalho "O Ventre da Terra"; o terceiro para Elizabeth Netto Calil Zarur, também da EBA, ilustrando o trabalho "Carrinho de Rolimã".

As menções honrosas: Sandra Cristina de Oliveira Castro, da EBA, trabalho "Cotidiano"; Sérgio Nunes de Moraes, da EBA, trabalho "Retrato"; Maria José Boaventura Leite, da EBA, trabalhos "Retrato" e "Lágrima de Urso"; Gérson Flávio Lopes Bosen, da EBA, trabalho "O Ventre da Terra".

A coordenação do concurso foi da profª Maria do Carmo Vivacqua Martins, do Centro de Extensão da Escola de Belas Artes.

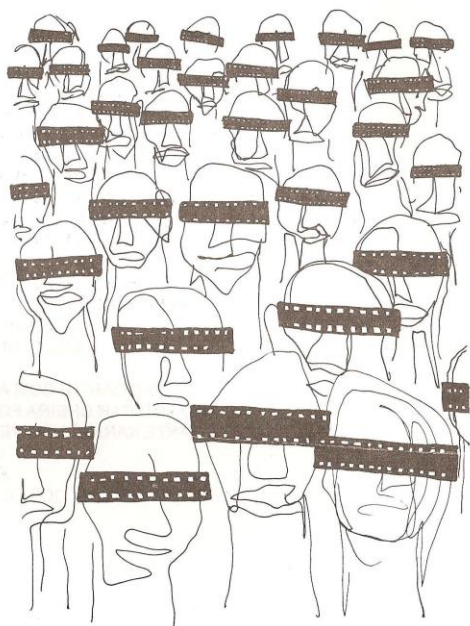


Endereço para correspondência:

SERVIÇO DE RELAÇÕES UNIVERSITÁRIAS DA UFMG
 8º andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
 Rua Carangola, 288

30.000 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

FIGURA 26 Nota sobre o concurso de ilustrações publicada na edição 10 da *RL*. Belo Horizonte, 1976.



Gisele de Moura Siqueira

AVISO NA ENTRADA DO CINEMA

Anísio Viana da Silva

NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS POR OBJETOS PERDIDOS NA SALA
 NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS POR PERDIDOS NA SALA
 NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELO ESCURO DA SALA
 NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA SALA

NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA PRÁTICA DE ATIVIDADES
 ESCUSAS NO ESCURO DA SALA
 NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA VENDA DE OBJETOS ESTRAN-
 NHOS NA SALA
 NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS POR VENDIDOS NA SALA
 NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELO SEXO NA SALA

NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS POR ESTRANHOS NÃO IDENTIFICA-
 DOS NO ESCURO DA SALA
 NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS POR OBJETOS DE ESTRANHOS
 QUE VOAM PELA SALA
 NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS POR OBJETOS VOADORES NÃO
 IDENTIFICADOS ESCUSOS E PERDIDOS NA SALA

ESTES ÓVNIS NÃO SÃO DE NOSSA RESPONSABILIDADE

FIGURA 27 Gisele de Moura Siqueira. Ilustração do texto *Aviso na entrada do cinema*, de Anísio Viana da Silva. Belo Horizonte, 1989.

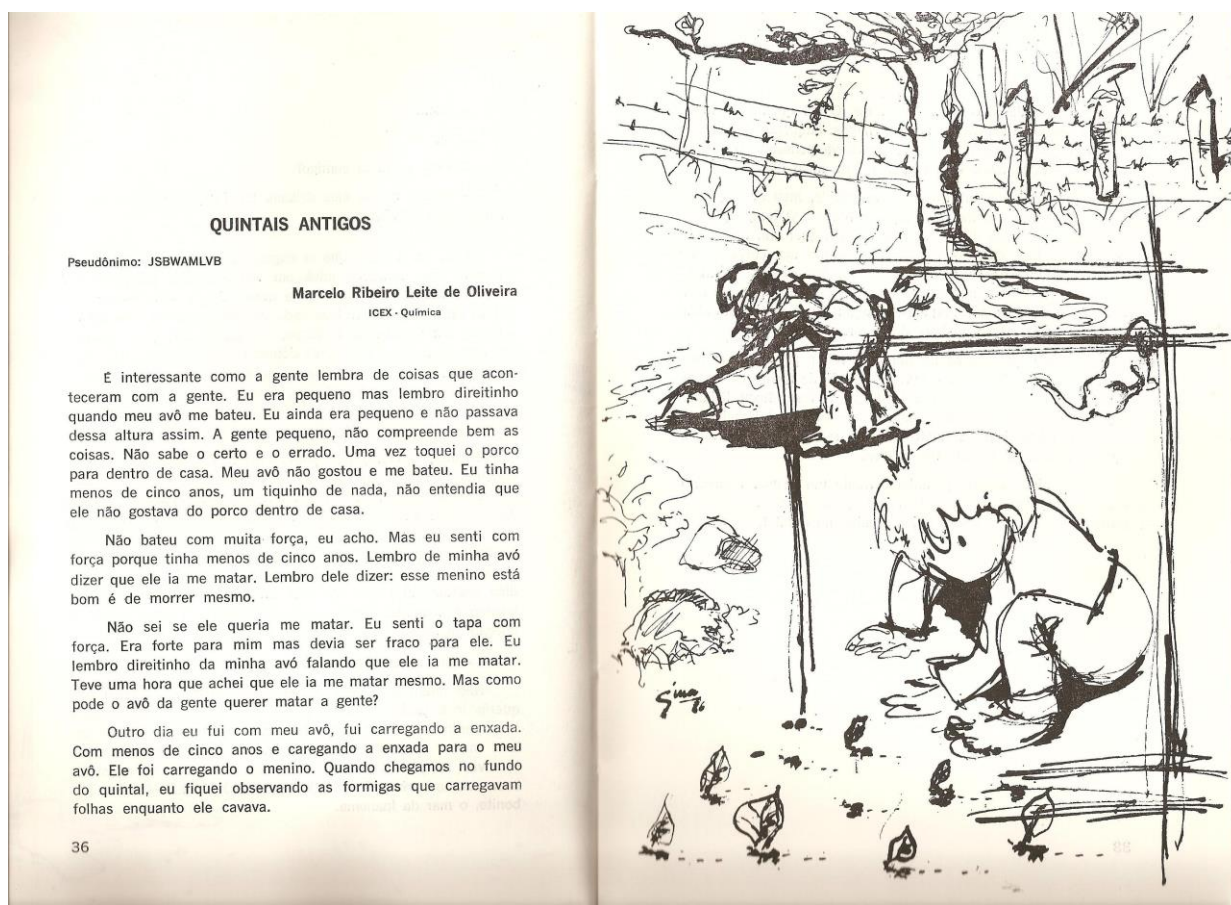


FIGURA 28 Ilustração do texto *Quintais antigos*, de Marcelo Ribeiro Leite de Oliveira. Belo Horizonte, 1988.



Roberto de Oliveira Melo

DAS ÁGUAS QUE SABEM DE MARÇOS

Fabício César da Cruz e Franco

Fui hipnotizado pelas ondas
de um olhar
implacavelmente azul.

E na força das águas,
aportei

onde os olhos sabem suas lágrimas:

enseadas lentas
praias desertas e cais
abandonados
em noites de recuerdos ao luar

súbito

ventou um silêncio de brisa
e sem demora
:águas passadas,

sem ressaca.

FIGURA 29 Roberto de Oliveira Melo. Ilustração do texto *Das águas que sabem de marços*, de Fabício César da Cruz e Franco. Belo Horizonte, 1996.

CARRINHO DE ROLIMÃ

S/P

Maria de Fátima Rocha
Instituto de Ciências Biológicas

Não traga lembranças,
elas pertencem aos segrediros.

Você Francisco,
é um segreideiro.
Repito cinco vezes esta mesma frase,
são cinco frases diferentes.

Você é cômico,
faz rir os ventos
e a claridade fraquinha da noite.

Como fazer uma bandeira brasileira:
(Achado entre muitas bugigangas,
dentro de um coração.)
Corte de uma cartolina branca,
um triângulo.
E de uma cartolina azul,
corte um círculo.
Cole o círculo azul sobre o triângulo branco.
E uma faixa preta, de cartolina, corta
o círculo azul ao meio.

92

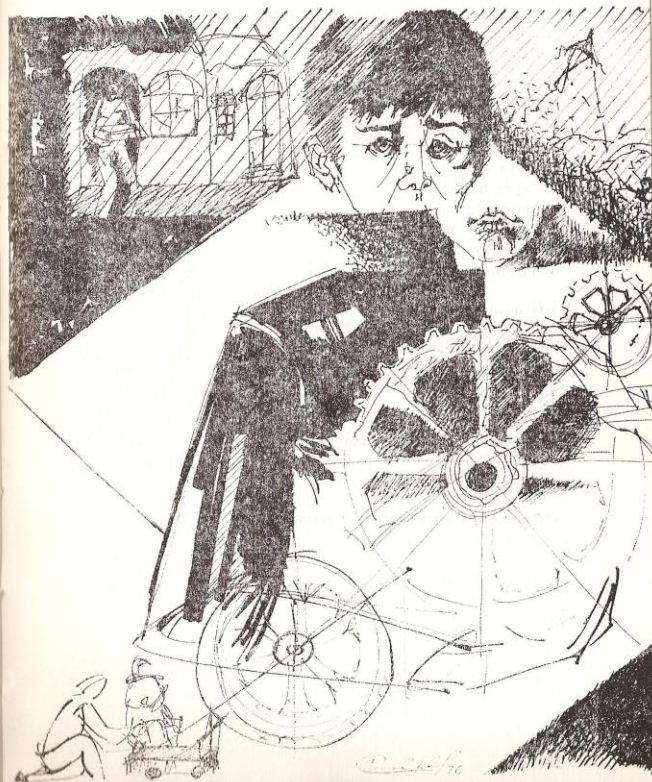


FIGURA 30 Elizabeth Netto Calil Zarur. Ilustração do texto *Carrinho de rolimã*, de Maria de Fátima Rocha. Belo Horizonte, 1975.



Ilustração: João Valdênio Silva

FIGURA 31 João Valdênio Silva. Ilustração do texto *A mulher exilada*, de Venus Brasileira Couy. Belo Horizonte, 1989.

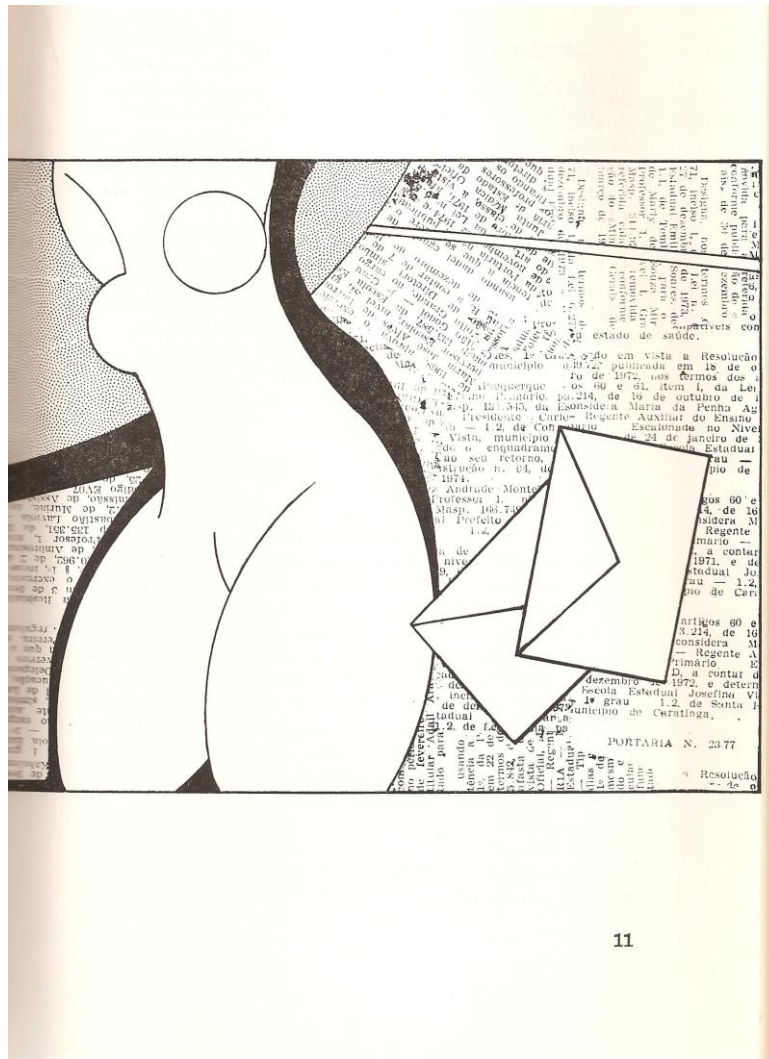


FIGURA 32 Sérgio Nunes Morais. Ilustração do texto *Além*, de Hugo de Almeida Souza. Belo Horizonte, 1976.

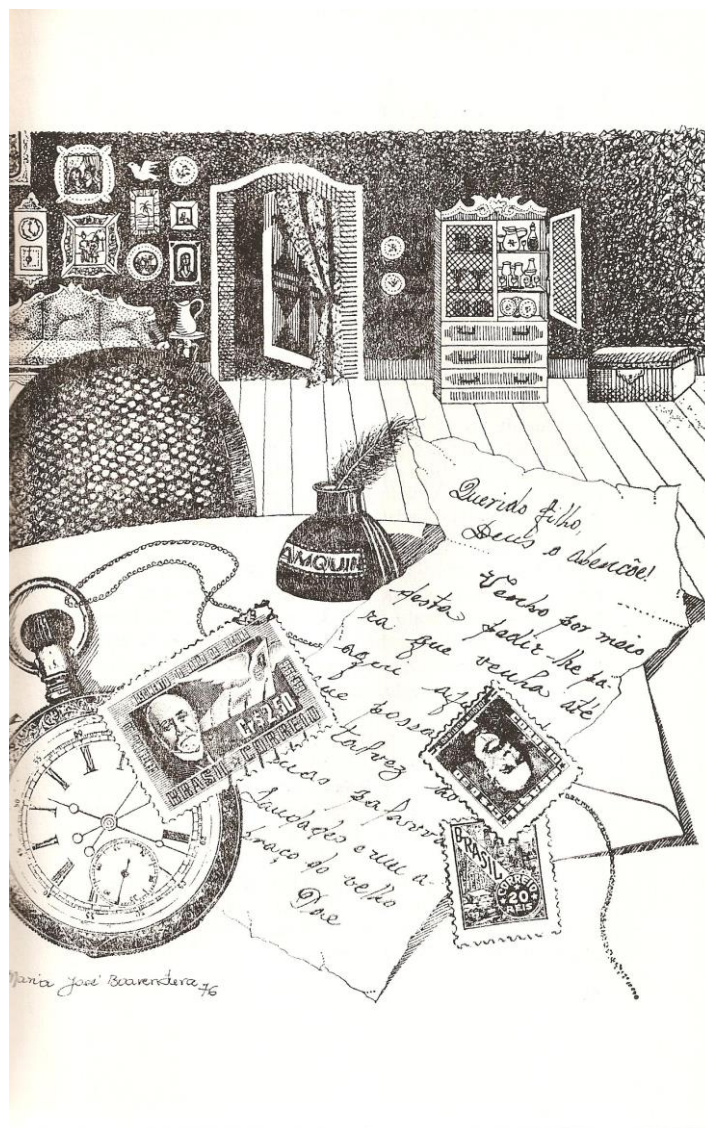


FIGURA 33 Maria José Boaventura Leite. Ilustração do texto *O coronel não verá jamais os seus filhos*, de Luiz Fernando de Souza Emediato. Belo Horizonte, 1975.

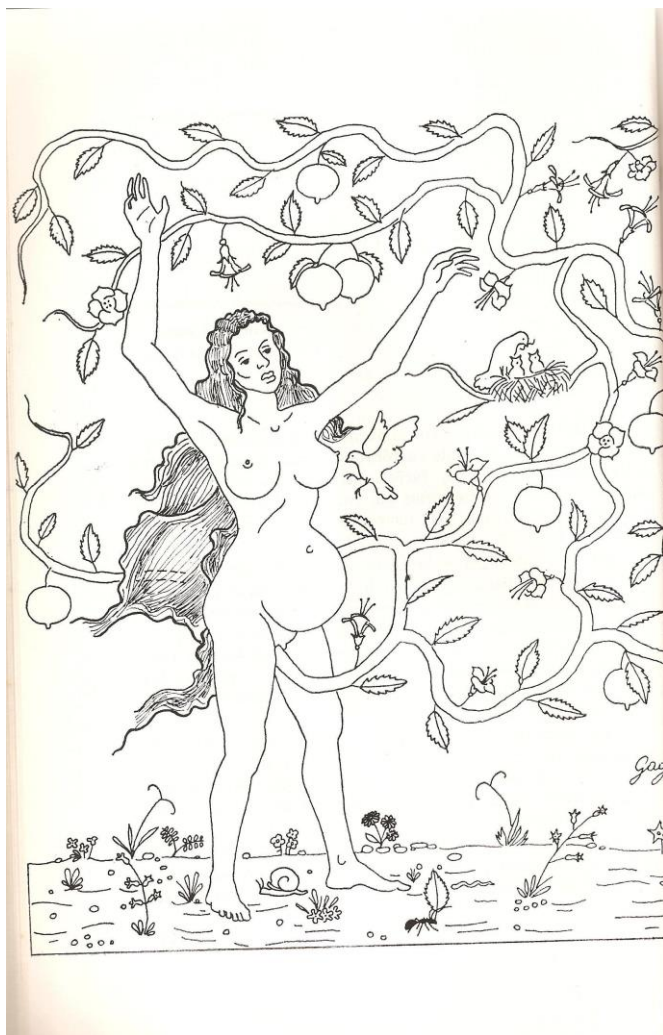


FIGURA 34 Lina Isabel Cristina de Azevedo. Ilustração do texto *O ventre da Terra*, de Sandra Lyon. Belo Horizonte, 1975.

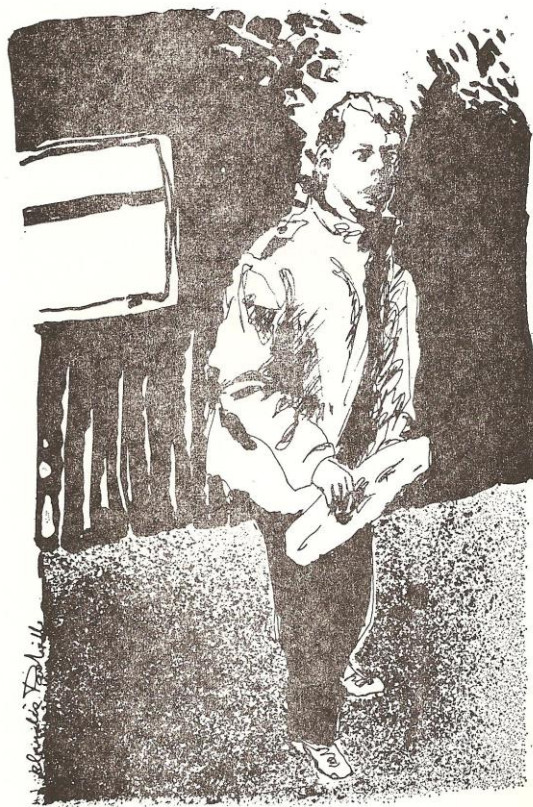


Ilustração: Cláudia Paoliello

77

FIGURA 35 Cláudia Paoliello. Belo Horizonte, 1989.

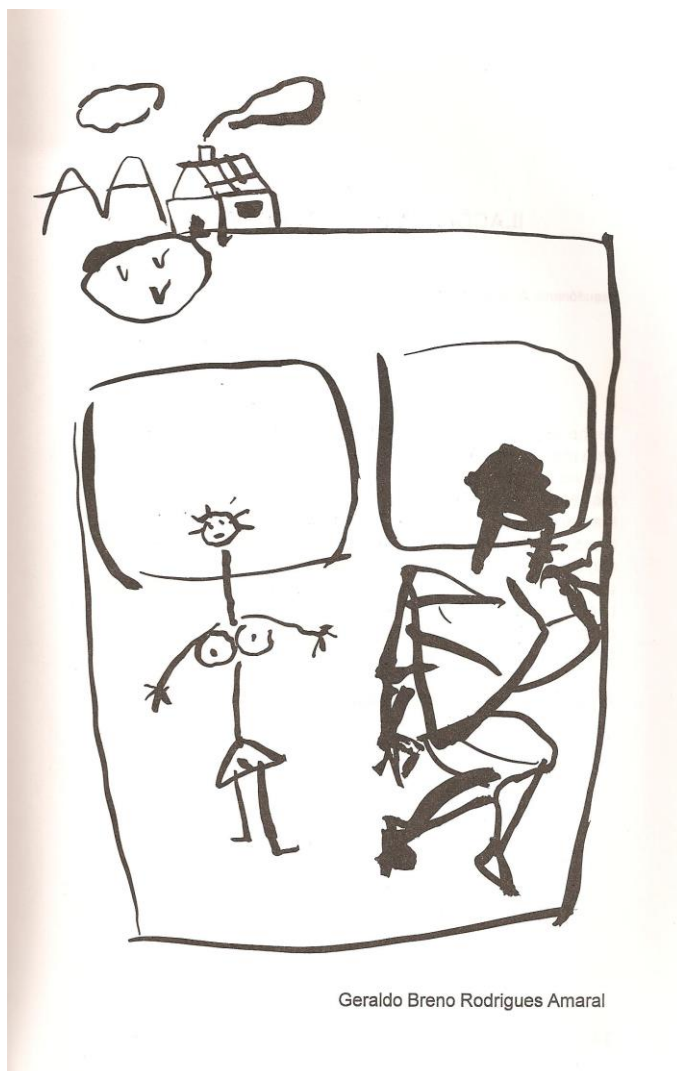


FIGURA 36 Geraldo Breno Rodrigues Amaral. Belo Horizonte, 1989.

A inacessibilidade à maioria dos participantes do periódico – autores, membros do Conselho Editorial e da Comissão da Revista –, entretanto, dificultou a elaboração deste trabalho, uma vez que nos forçou a reconstruir o percurso do *corpus* pesquisado, um acervo apagado, desconfigurado. Trabalho semelhante foi realizado por Elizabeth Roudinesco, ao sistematizar os pensamentos de Freud e de Lacan. Em seu livro *Genealogias*, relatando a dificuldade que encontrou ao se deparar com o

escasso acervo arquivístico de Lacan, afirmou que sua tarefa consistiu em “reconstruir as marcas de uma memória apagada.”¹⁴⁹

Tal como aconteceu com Roudinesco, a ausência de arquivos comprometeu significativamente a análise de alguns dados, ensejando a reflexão sobre uma forma diferenciada de se fazer pesquisa, a partir da reconstrução do próprio objeto. Por esse motivo, algumas alterações nos rumos do percurso anteriormente traçado foram necessárias, acarretando, também, o atraso na elaboração de sua conclusão. Apesar de todas as pedras no caminho, como dizia Drummond, esses obstáculos serviram de inspiração para seguir em frente.

A ausência de respostas às tentativas de contato com alguns participantes da revista retrata a vontade de se apagar o passado, de suprimir o arquivo, tentando ocultá-lo, deixando-o se esvaír na memória. Esse exercício mnemônico nem sempre é prazeroso – às vezes, ao contrário, por ser doloroso, é digno de ser esquecido. Aliada a isso, a imprecisão e vaguidão das lembranças da época e dos eventos artístico-acadêmicos por parte dos autores, que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa, acerca do período em que ainda eram estudantes, também foi fator preponderante para o comprometimento da análise de alguns pontos.

É necessário ainda ressaltar que a grande maioria dos autores que publicaram na revista ainda está viva. Por esse motivo, ainda não há um acervo arquivístico bibliográfico, museológico e documental montado com os pertences dos autores, disponível para consulta. O mesmo ocorre com os acervos dos escritores já falecidos, cujos arquivos ainda não se encontram organizados em museus ou órgãos semelhantes. No entanto, apesar das dificuldades previstas, jamais pensamos em

¹⁴⁹ ROUDINESCO. Jacques Lacan e a história apagada, p. 85.

abandonar nosso propósito e desistir de prosseguir com a pesquisa. Ao contrário, esse desafio serviu como espécie de combustível para seu desenvolvimento.

A falta de acervo arquivístico provoca no pesquisador um sentimento de angústia. O vazio nos rastros nesse processo de reconstrução e reconstituição do objeto, em nosso caso a *RL*, levou-nos a refletir de forma diferente sobre a revista. Ao invés de recolher depoimentos e dados de como o periódico foi recepcionado naquele momento, mas sem perder de vista esse propósito, fomos compelidos a refletir sobre o objeto a partir do olhar contemplativo da perspectiva contemporânea, vislumbrando uma leitura e interpretação com base nas convicções atuais. Se essa carência de arquivos dificultou o desenvolvimento deste estudo, por outro lado obrigou-nos a enveredar por um trajeto inusitado, desconhecido até então e, por isso, mais sedutor.

Iniciaremos com o presente dos próprios fundadores da *RL*: Luiz Vilela, Luís Gonzaga Vieira e Plínio Carneiro. Nossa intenção, no entanto, não é a de analisar a qualidade poética dos autores, mas apenas a de apresentar o desenvolvimento de suas atividades pós-*RL* ligadas à literatura (obras publicadas, carreira acadêmica, envolvimento com eventos artísticos, etc.), enquanto escritores e intelectuais.

Luiz Vilela nasceu em 1942 na cidade de Ituiutaba, interior de Minas Gerais. Autor de diversos livros, sua obra foi bastante premiada em concursos de literatura. Dentre os mais conhecidos estão os romances *O inferno é aqui mesmo* (1979), *Entre amigos* (1983), *Graça* (1989) e *Perdição* (2010). Seus trabalhos mais premiados são os livros de contos *Tremor de Terra* (1967), vencedor do Prêmio Nacional de Ficção, em Brasília, e *O fim de tudo* (1973), vencedor do Prêmio Jabuti.

Os bastidores dos estudantes, bem como seus encontros nos Diretórios Acadêmicos e a vida boêmia dos literatos nas décadas de 1960 e 1970, auge da ditadura militar no Brasil, estão registrados por Vilela em seu romance *Os novos*, publicado pela primeira vez em 1971. Nesse romance, ele retrata a forte repressão que o Estado exercia no espaço universitário, além do modo como os jovens universitários perambulavam pelos bares da cidade, em busca de diversão e de diálogo. Humberto Werneck expõe, com sensibilidade, como aquele período histórico ficou marcado no texto narrativo: "O ambiente físico, moral e político em que os jovens dessa geração chegaram à cena, na Belo Horizonte dos anos 1960, ganharia tratamento ficcional no romance de estreia de Luiz Vilela, *Os novos* (1971)."¹⁵⁰

Jovens intelectuais em ascensão, sedentos por imergir no mundo da arte, no romance também é narrado o surgimento de uma elite representada por estudantes que, indignados com o cenário político-social da época, sentiam-se obrigados a se manifestarem, contribuindo, de alguma forma, para a transformação desse quadro. Para isso, os jovens intelectuais se reuniam na academia ou em bares para discutir filosofia, política, arte, literatura e ciência.

Escrito por alguém que se encontrava no seio das manifestações da universidade e no calor da efervescência das produções artísticas no Brasil dos anos de 1960 e 1970, Vilela se utilizou de uma perspectiva peculiar, em *Os novos*, para ilustrar o que a literatura simbolizava para uma elite intelectual e socialmente emergente: os estudantes universitários. Engajados em questões de cunho social, os discentes se utilizavam dos periódicos disponíveis naquela época para divulgarem seus pensamentos por meio da arte. Essa preferência por periódicos em detrimento

¹⁵⁰ WERNECK. 1920-1970: meio século de literatura mineira nos periódicos, p. 37.

de livros se deve ao fato de serem veículos comunicacionais economicamente mais viáveis, e à maior visibilidade alcançada com a publicidade dos textos.

Luiz Vilela, estudante de Filosofia na época em que ajudou a fundar a *RL*, valeu-se do periódico para promover sua carreira de escritor ao participar ativamente da revista enquanto autor, publicando seus primeiros contos, ou como membro do Conselho Editorial, ajudando a avaliar os textos que concorriam às premiações oferecidas pela revista. O jovem estudante, enquanto adquiria experiência, ganhava prestígio como autor de literatura. Tal como ocorreu com outros escritores, pode-se afirmar que a revista contribuiu diretamente para o reconhecimento da obra de Luiz Vilela nos dias atuais.

Outro membro fundador da revista foi o estudante de Letras Luís Gonzaga Vieira. Formado em jornalismo, Vieira participou do periódico por três vezes, enquanto membro da comissão julgadora dos concursos, publicando, também, uma crônica intitulada "Do diário de um pequeno burguês", na primeira edição do periódico, além dos contos "Prelúdio", "Presente de aniversário" e "Réquiem", publicados nas segunda, terceira e vigésima-terceira edição da revista, respectivamente.

Em 1973, mudou-se para o Rio de Janeiro, local em que reside até os dias de hoje, trabalhando como jornalista. Além do periódico para os discentes da UFMG, Luís Gonzaga publicava igualmente seus contos em outros periódicos, como o *Suplemento Literário* e a revista *Estória*. Em 1969, publicou, pela Editora Inter Livros, o livro de contos *Aprendiz de feiticeiro*, surpreendendo pela proposta refinada e lúcida de adentrar nos subterrâneos da classe média, não apenas em seus aspectos

socioeconômicos e políticos, mas com interesse na angústia existencial.¹⁵¹ Segundo ele, a *RL* possuía sua importância enquanto suporte que dava oportunidade a jovens artistas de demonstrarem seu talento. Porém, para ele, o *Suplemento Literário* era periódico “bem superior” em termos de qualidade dos textos que veiculava. Em resposta a um questionário aplicado para a realização deste trabalho, afirmou que os autores mais lidos naquela época eram Murilo Rubião, Sérgio Sant’Anna e Henry Correa de Araújo (destes, apenas o primeiro não participou da revista).

Luís Gonzaga Vieira disse, ainda, que a vida boêmia que os artistas levavam naquela época era importante para transmitir “experiências e vida pessoal”, contando que alguns autores se encontravam em bares, como o bar “Lua Nova”, localizado no Edifício Maletta, próximo à Faculdade de Direito da UFMG, apelidado por seus frequentadores de “Lua Nava”, em homenagem ao autor do romance *Beira-mar*. No entanto, segundo Paulinho Assunção, no livro homônimo do edifício, cuja coordenação editorial pertence a José Eduardo Gonçalves e Sílvia Rubião, o bar *Lua Nova* foi assim denominado e conhecido popularmente por seus frequentadores por causa de seu irmão, José Nava:

Todos com o mesmo rumo, todos com o mesmo propósito: a mesa ou o ajuntamento de mesas do bar Lua Nova – ou Lua Nava –, em referência ao irmão de Pedro Nava, o também escritor José Nava, outro frequentador contumaz durante o tempo em que viveu em Belo Horizonte.¹⁵²

¹⁵¹ Disponível em: <<http://www.wideiasubalterna.blogspot.com/2009/08/o-conto-brasileiro-contemporaneo-iv.html>>. Acesso em: 13 mar. 2013.

¹⁵² ASSUNÇÃO, Paulinho. *Maletta*. Belo Horizonte: Conceito, 2010. p. 26.

Apesar de a maioria dos alunos que publicaram nas primeiras quinze edições da *RL* serem estudantes de Direito, segundo Luís Gonzaga Vieira, não havia relação entre a revista e a *Revista de Estudos Políticos*, vinculada à Faculdade de Direito da UFMG, considerado “o periódico mais importante da universidade”.

O terceiro e último membro responsável pela criação do periódico foi Plínio Carneiro, que assinava seus textos utilizando o pseudônimo “P. Pontes”, jornalista e estudante de Ciências Sociais, assessor do reitor da UFMG na época de criação da revista, professor Aluísio Pimenta. Devido a seu cargo e graças a sua influência, Plínio conseguiu apoio da própria reitoria para a criação e manutenção da *RL*, motivo pelo qual o jornalista se considerava o “pai” do periódico. Com textos publicados sempre na segunda seção, uma vez que não poderia participar do concurso artístico, a fim de não manchar sua credibilidade e lisura, Plínio nos brindou com uma obra poética extremamente polida. Sua esposa na época, a Procuradora do Estado de Minas Gerais, Dra. Elisabeth Carneiro, foi a principal crítica de seu trabalho, ajudando-o no processo de lapidação de seus textos. Foi o autor que mais publicou na revista, somando, no total, vinte e seis textos, sendo onze poemas, uma crônica e quatorze contos. Foi ainda o participante que por mais vezes integrou a comissão julgadora da revista: dezessete.

Em conversa sobre a trajetória profissional de Plínio, realizada no final do ano de 2012, Elisabeth Carneiro afirmou que ele não tinha o hábito de se encontrar com outros escritores em bares, livrarias ou na própria universidade para discussões e troca de ideias. Segundo ela, Plínio era um homem muito caseiro e familiar. O casal se conheceu em 1966, num comício realizado na Praça Afonso Arinos, localizada próxima à Faculdade de Direito da UFMG, quando ela ainda era aluna. Ela conta que

a polícia dispersou o movimento político de manifestação contra a ditadura, forçando as pessoas que participavam da manifestação, colocando-as dentro da faculdade. Como Plínio participava do movimento, acabou conhecendo Elisabeth, com quem se casou e teve três filhos: Cristiano, advogado, hoje com 43 anos de idade; Ana Teresa, também advogada, com 41 anos; e Flávia, atualmente com 37 anos, única a não seguir carreira jurídica, tornando-se jornalista, como o pai.

Plínio Carneiro escrevia seus textos literários exclusivamente para a *RL*, não publicando, portanto, em nenhum outro periódico do gênero. Segundo Elisabeth Carneiro, ele escreveu vários artigos informativos sobre assuntos variados, publicando-os em variados veículos midiáticos da imprensa. Sua contribuição artística para a cultura mineira não se restringiu à literatura: ele também foi um dos fundadores da Banda-Mole, bloco carnavalesco de grande expressão que desfila ainda nos dias atuais nas ruas da cidade de Belo Horizonte. Veio a falecer precocemente, em 1986, em Salvador, quando viajava a passeio com a família.

Sérgio Sant'Anna é natural do Rio de Janeiro. Nascido em 1941, é reconhecido como um dos maiores contistas da contemporaneidade. Publicou diversos livros, dentre eles, os livros de contos *O sobrevivente* (contos, 1969), *Notas de Manfredo Rangel*, *Repórter* (contos, 1973). Venceu por três vezes o Prêmio Jabuti, com as obras *Amazona* (contos, 1986), *Um crime delicado* (romance, 1997) e *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro* (contos, 1982). Recebeu ainda o Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira, em 2004, com o livro de contos *O voo da madrugada*. Um dos autores de literatura mais premiados da atualidade, o escritor Sérgio Sant'Anna teve participação discreta na *RL*, publicando na primeira edição o

conto “Didática” e, na terceira, o conto “Assassino”, edição esta em que ajudou a integrar a comissão julgadora.

Em entrevista concedida à emissora de televisão *Globo News*, num programa de literatura que foi ao ar em dezembro de 2012, o autor de *O livro de Praga – Narrativas de amor e arte*, ao ser perguntado sobre as premiações que marcaram sua carreira, respondeu que, apesar de sua obra ter sido bastante premiada, um dos prêmios mais significativos que recebeu foi o promovido por uma instituição de ensino da época em que ainda era estudante. Por ter sido premiado na época em que ainda era estudante de Direito na UFMG, Sérgio Sant’Anna possivelmente fazia alusão ao prêmio referente ao primeiro concurso de contos promovido pela *RL*. Sérgio Sant’Anna participou da revista utilizando o nome artístico “Sérgio Sant’Anna e Silva”. Posteriormente, em busca de um nome mais simplificado que o identificasse enquanto escritor, ele suprimiu seu nome familiar, passando a assinar seus textos como “Sérgio Sant’Anna”.

Outro autor que mencionou a premiação recebida pela *RL* em seu depoimento, concedido a Maria Cristina Bahia, foi o contista Duílio Gomes:

um escritor nascido de suplementos e revistas literárias. Inclusive os críticos percebem isto, porque eles falam em grupo “Estória”, grupo “Suplemento Literário”, e esse movimento parece que foi um marco mesmo, em 65,66. [...] Em 66, eu [Duílio Gomes] entrei no concurso da *Revista Literária da Universidade Federal de Minas Gerais* e tirei o primeiro lugar. E a partir daí o negócio começou a crescer pra mim, eu conheci o pessoal da revista Estória. Nesse mesmo ano eu já estava publicando no *Suplemento Literário do Minas Gerais*, e também o pessoal todo da Estória estava no Suplemento.¹⁵³

¹⁵³ TOLENTINO. *Literatura portuguesa no Suplemento Literário do Minas Gerais*, p. 37.

O jornalista e escritor Humberto Werneck, mineiro de Belo Horizonte, contabiliza mais de trinta anos de profissão. Nessa longa jornada, publicou os livros *O desatino da rapaziada*; *O santo sujo: a vida de Jayme Ovalle*, este último ganhou, em 2008, o prêmio de biografia da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e que ficou em terceiro lugar no Prêmio Jabuti; e *Pequenos fantasmas*, reunião de contos de sua juventude. Werneck teve, assim como Sérgio Sant'Anna, pouca participação na *RL*, publicando, nela, apenas o conto "Acontecimento de família", que ficou em segundo lugar no segundo concurso de contos, sem ter composto por nenhuma vez a comissão julgadora da revista. Por outro lado, possui diversos textos publicados no *Suplemento Literário* mineiro, dentre eles, o ensaio sobre jornais e revistas de literatura, intitulado "1920-1970: meio século de literatura mineira nos periódicos."

Duílio Gomes,¹⁵⁴ reconhecido pela crítica como um dos maiores expoentes dos contistas mineiros surgidos nos anos de 1960 e 1970, é natural de Mariana, cidade natal de Alphonsus de Guimaraens. Publicou cinco livros de contos: *O Nascimento dos leões* (1972), *Janeiro digestivo* (1975), *Verde suicida* (1980), *Fogo verde* (1982) e *Deus dos abismos* (1980). Formou-se em Direito pela UFMG. Na década de 1980, foi colaborador do caderno *Idéias*, do *Jornal do Brasil*, quando se tornou um dos organizadores das Bienais Nestlé de Literatura, em São Paulo. Foi um dos escritores que não tentou melhor situação profissional na imprensa do Rio de Janeiro ou de São

154

Disponível

em:

<http://books.google.com.br/books?id=V1B6_oBNaeQC&pg=PA600&lpg=PA600&dq=publicacoes+de++DU%C3%8DLIO+GOMES&source=bl&ots=c5vpl9zm2u&sig=LCVHnk3rpWU6xR87syBC3uHHfpo&hl=pt-BR&ei=gp3ESoSckJPQ8Qa-07A1&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=2&ved=0CAwQ6AEwAQ#v=onepage&q=&f=true> .
Acesso em: 01 out. 2009.

Paulo, permanecendo em Belo Horizonte, assim como Jaime Prado Gouvêa e Carlos Herculano Lopes.

Em novembro de 2011, aos 67 anos de idade, Duílio Gomes faleceu devido a uma parada respiratória. Sua participação, além de membro integrante da comissão da revista, foi intensa, somando, ao longo dos trinta anos de existência do periódico, dezenove contos, inclusive vencendo, com a narrativa “Confissões de Arnaldo”, o primeiro concurso promovido pela revista.

Danilo Gomes¹⁵⁵, irmão de Duílio, nasceu em 1942, também na cidade de Mariana, interior de Minas Gerais. Começou a trabalhar no Ministério da Agricultura – Serviço Florestal, que funcionava na Rua da Bahia, em 1961, mesmo ano em que ingressou no jornal *Diário da Tarde*. Desde então, tem colaborado em jornais como *Estado de Minas*, *Hoje em Dia* e no *Suplemento Literário*. Fora de Minas, tem escrito para diversos periódicos, como os jornais *Correio Braziliense*, *Jornal de Brasília*, *Jornal de Letras*, e para revistas como a *Revista da Academia Brasiliense de Letras*, *Revista da Academia de Letras do Brasil* (Brasília), *Revista Blau* (Porto Alegre), *A Cidade em construção* (Brasília). Publicou os livros *Escritores brasileiros ao vivo*, *Uma rua chamada Ouvidor*, *Água do Catete*, *Antigos cafés do Rio de Janeiro*, *Em torno de Rubem Braga* e *Mineiridade que sobrevive ao tempo: nos 80 anos do poeta Alphonsus de Guimaraens Filho*. Em 1975, Danilo se transferiu para Brasília, onde se formou, em 1985, em Comunicação Social (Jornalismo). Trabalhou ainda no Ministério das Minas e Energia, e é redator da Radiobrás; membro do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal; membro da Academia de Letras do Brasil

¹⁵⁵ As informações relativas à produção artística e à vida profissional do autor foram extraídas do site <<http://www.academiamineiradeletras.org.br/danilogomes.asp>> Acesso em: 01 out. 2009.

(sediada em Brasília); da Academia Mineira de Letras, onde ocupa a Cadeira nº I, sucedendo a Cyro dos Anjos; da Academia Marianense de Letras; da Casa do Escritor, de São Roque, no estado de São Paulo; e do Grêmio Literário Tristão de Ataíde, na cidade de Ouro Preto, município vizinho a sua terra natal. Além disso, o contista mineiro integra a Academia Norte-Riograndense de Letras, ocupando o cargo de sócio-correspondente. Em 1997, época do centenário de Belo Horizonte, recebeu da Prefeitura Municipal o diploma de Embaixador do Centenário.

Danilo Gomes, assim como seu irmão, Duílio, teve participação expressiva na revista. Apesar de não ter participado da comissão julgadora e de não ter vencido nenhum concurso promovido pela revista – sua melhor colocação foi em terceiro lugar na quarta edição do concurso com o conto “Quinta-feira”. Foi um dos autores mais ecléticos que participou do periódico, publicando, no total, quatorze textos, sendo dez contos, dois ensaios e dois poemas.

O poeta Adão Ventura Ferreira Reis nasceu em Santo Antônio do Itambé, interior do estado de Minas Gerais.¹⁵⁶ Neto e bisneto de escravos, os primeiros anos foram vividos praticamente na roça, em péssimas condições. Com muito esforço, quando morando em Belo Horizonte, conseguiu estudar, formando-se em Direito pela UFMG. Publicou o primeiro livro ainda na faculdade, quando já colaborava no *Suplemento Literário* do *Minas Gerais*. Depois de formado, e de exercer várias atividades, mudou-se para Brasília, onde presidiu a Fundação Palmares, entidade governamental dedicada à cultura negra.

Em 1973, Adão Ventura esteve nos Estados Unidos lecionando literatura brasileira na Universidade do Novo México e participou do famoso International

¹⁵⁶ Disponível em: <<http://www.dubolsinho.com.br/autores.htm#adao>>. Acesso em: 01 out. 2009.

Writing Program, da Universidade de Iowa, destinado ao intercâmbio entre escritores jovens. Ganhou vários prêmios em concursos de poesia e tem poemas traduzidos para diversas línguas, entre elas inglês, espanhol, alemão e húngaro. Publicou *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul* (1970), *As musculaturas do Arco Triunfo* (1976), *Jequitinhonha – Poemas do Vale* (1980), *Texturaafro*, (1992), *Litanias de cão* (2002) e *A cor da pele*, que teve sucessivas edições e foi adotado diversas vezes em vestibulares, tornando-se não apenas o seu livro mais famoso, mas colocando-o como um dos maiores poetas brasileiros negros do século XX. Faleceu em Belo Horizonte, em junho de 2004, quando preparava a edição de suas obras completas, reunindo todos os livros publicados e dezenas de poemas inéditos. A partir dos originais, foi publicada, em 2006, a antologia póstuma *Costura de Nuvens*, título que o próprio poeta havia escolhido.¹⁵⁷ Publicou, no total, nove poemas na *RL*, tendo como última participação o texto “Viver”, na seção de menção honrosa da décima quinta edição, referente ao ano de 1980.

Tal como a maioria dos contistas selecionados para compor este *corpus*, Jaime Prado Gouvêa bacharelou-se em Direito pela UFMG. No jornalismo, teve passagens pela redação do *Jornal da Tarde*, de São Paulo, e pela sucursal belo-horizontina de *O Globo*, entre 1971 e 1973¹⁵⁸. Integrou a geração responsável pelo *Suplemento Literário* do *Minas Gerais* em algumas de suas fases mais importantes (entre 1969 e 1986). Estreou em livro com os contos *Areia tornando em pedra* (Editora Oficina) em 1970, vencedor do Concurso Nacional de Contos Estado do Paraná do ano anterior, prosseguindo com *Dorinha Dorê* (Editora Interlivros), de 1975, e *Fichas de vitrola*

¹⁵⁷

Disponível

em:

<http://www.cultura.mg.gov.br/?task=interna&sec=6&cat=9&con=1446&all_not=y&limitstart=45>.

Acesso em: 01 out. 2009.

¹⁵⁸ Disponível em: <www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=4944>. Acesso em 13 mar. 2013.

(Editora Guanabara), de 1986, que vencera o Prêmio Nacional Guimarães Rosa da Secretaria de Cultura de Minas Gerais, em 1982. Lançou também, em 1991, seu único romance: *O altar das montanhas de Minas*, pela Editora Siciliano. Atualmente, Jaime é editor do *Suplemento Literário*. Apesar de não ter participado da comissão julgadora da revista, assim como Danilo Gomes, sua participação como autor foi efetiva. Publicou cinco contos na *RL*, tendo vencido o terceiro, o quinto e ficado em segundo lugar no sexto concurso promovido pela revista. Além disso, Jaime Prado Gouvêa teve publicado mais dois contos na seção de menção honrosa/trabalhos escolhidos. Participou até a oitava edição da revista, referente ao ano de 1973, publicando a narrativa "O chefe".

Nos anos de 1960 e 1970, vários escritores saíram de Belo Horizonte para conseguirem melhor situação profissional como jornalista na imprensa do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Brasília. Naquele momento, os veículos de comunicação em Minas Gerais ainda eram estruturalmente precários, uma vez que a capital mineira iniciava seu processo de desenvolvimento, encontrando-se, portanto, em condições, até então, bem provincianas. Dentre os escritores que deixaram a capital mineira podemos citar Luís Gonzaga Vieira, Danilo Gomes, Valdimir Diniz, Luiz Vilela, Humberto Werneck, Sérgio Sant'Anna e Luiz Fernando Emediato. Permaneceram em Minas Gerais, dentre outros, Jaime Prado Gouvêa, Carlos Herculano Lopes, Duílio Gomes e Plínio Carneiro.

O escritor mineiro Ronald Claver cursou Letras na UFMG. Atleticano apaixonado, o professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira aposentado pelo Colégio Técnico da UFMG possui vasta dedicação ao mundo das letras, com mais de 40 livros publicados. Vencedor de vários concursos, ele também participou

de inúmeras oficinas de literatura, como os cursos oferecidos nas edições dos Festivais de Inverno, evento promovido anualmente pela UFMG. Ronald Claver foi o membro mais atuante da *RL*, tanto na comissão julgadora, quanto como autor de textos. Publicou na revista, ao todo, 25 poemas, além de um texto de montagem intitulado “Travessia em Guimarães Rosa”, feito em parceria com Antônio Sérgio Bueno. Ajudou a compor, por 17 vezes, a comissão julgadora do periódico. Também foi Secretário de Municipal de Esportes da cidade de Belo Horizonte na gestão do prefeito petista Patrus Ananias.

Ronald atualmente coordena e leciona em cursos e oficinas de criação literária na capital mineira, como o promovido pela Organização dos Aposentados e Pensionais (OAP) e pelo Conservatório de Música, ambas as instituições vinculados à Universidade Federal de Minas Gerais; e pela associação *Amigas da Cultura*, uma entidade sem fins lucrativos formada por mulheres, em 1953, para a valorização e divulgação da cultura feminina. Também é responsável pela oficina *Escrever com arte*, que tem como conteúdo programático seus livros *Escrever sem doer*, publicado, em 1992, pela Editora UFMG; *Escrever com prazer*, publicado, em 1999, pela Editora Dimensão; e *Escrever e brincar*, publicado, em 2004, pela Quinteto Editorial.

Continua escrevendo e publicando textos, possuindo, segundo informação fornecida pelo próprio autor, aproximadamente seis livros inéditos. Promove, ainda, a atividade cultural que acontece nas noites, esquinas e bares de Belo Horizonte intitulada *A noite da poesia e da cachaça*, sem local nem data pré-definidos, na qual, “de vez em quando, fazemos a noite da poesia e da cachaça, eu [Ronald Claver] e

mais uma turma de atores e atoras nos bares da vida e nas esquinas.”¹⁵⁹ Ronald Claver é também autor de um disco musical denominado *O jardim dos animais*, realizado em parceria com o compositor paraibano Paulo Ró. Residente há mais de 30 anos à rua Mário de Andrade, Ronald é “editor, redator e único repórter de um jornal mural de grande sucesso, *Os desclassificados do João*”¹⁶⁰, periódico em que publica todas as sextas-feiras textos de conteúdos diversos (exceto sobre política e futebol), afixado no Bar do João, localizado quase em frente a sua casa. Dentre seus livros publicados, merecem destaque a obra de literatura infanto-juvenil *A última sessão de cinema*, vencedora do Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira, em 1986; os livros *Senhora do mundo*, vencedor do Prêmio Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte, em 1982, promovido pela Fundação Municipal de Cultura, da Prefeitura da capital mineira; e *Bar de Café São Jorge* que, em 1992, recebeu menção especial como texto finalista do Prêmio Literário Casas de las Américas, em Cuba.

Walden Camilo de Carvalho era aluno do curso de Formação de Atores. Atualmente mora em Divinópolis – depois de ter vivido 41 anos em Belo Horizonte –, local onde desempenha as funções de Consultor e Professor de Gerenciamento Humano, de Gestão de Conflitos e de Estratégias de Organizações. Publicou o livro de contos *Cordiais saudações*, em 1979, pela Editora Codecri. Sua participação na *RL* consistiu na publicação de oito contos, dentre eles dois vencedores do concurso com o conto “Rosa”, na segunda edição, e “Desafio”, na décima segunda edição da revista, e um terceiro lugar, com o conto “Muito pequena estória de um menino que foi para a janela”, na terceira edição. Além disso, Walden Camilo publicou dois

¹⁵⁹ CLAVER. *Atualidade* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida em 15 abr. 2013.

¹⁶⁰ *Estado de Minas*. Caderno de cultura, p. 4. 16 mar.

ensaios, intitulados “Informação básica para uma iniciação à ficção científica, com uma introdução sobre literatura fantástica”, na quinta edição, e “Pequena introdução ao romance gótico”, na sexta edição do periódico. Em 2010, Walden Camilo de Carvalho publicou o poema “Os que passam” e o conto “Os que esperam” na edição número 1.330 do *Suplemento Literário*. No entanto, por não ter lançado livros e por não ter publicado, após mais de trinta anos de sua última participação na *RL*, pode-se afirmar que ele não seguiu carreira de escritor.

Quanto às autoras que participaram da revista no período compreendido entre os anos de 1966 a 1980, quatro foram selecionadas para compor este *corpus*: Ana Maria de Almeida, Sandra Lyon, Sônia Queiroz e Lúcia Castello Branco. A maioria seguiu carreira literária, acadêmica, tornando-se escritoras, professoras universitárias e críticas de arte e de literatura. Dentre elas, podemos citar, como exemplo, as professoras Ana Maria de Almeida, Lúcia Castello Branco e Sônia Queiroz, sendo a primeira professora aposentada da Faculdade de Letras da UFMG, enquanto que as últimas são professoras ativas na mesma instituição.

A professora e escritora Sônia Queiroz é, atualmente, professora associada da universidade. Graduada e Mestre em Letras pela UFMG, Doutora em Semiótica pela PUC-SP, possui publicados, além de diversos poemas esparsos em jornais e revistas e livros de cunho científico na área da teoria da literatura e estudos da cultura, três livros de poesia, intitulados *O sacro ofício* (1980), vencedor do Prêmio Cidade de Belo Horizonte, em 1980; *Relações cordiais* (1997), integrante da Coleção Poesia Orbital, em 1997; e *Corra água por onde correr* (Edições Bichinho Gritador, em 2003), e um livro de contos, intitulado *Madrinha* (publicado pela Editora Dez Escritos, em 1987; com segunda edição pela Edições Bichinho Gritador, em 1998), em que

divulga uma experiência literária realizada com a língua da Tabatinga. Participou, ainda, das antologias de poemas *Palavra de mulher* (Ed. Fontana, 1979) e *Taquicardias* (Ed. Dubolso, 18985).

Dirigiu a Editora UFMG no período de 1987 a 1995 e o Centro Cultural UFMG entre 2010 e 2011. Nos dias atuais, coordena o Laboratório de Edição da FALE/UFMG e, desde 2002, integra o quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (Pós-Lit) da mesma universidade, atuando no mestrado em Teoria da Literatura e no doutorado em Literatura Comparada, nas linhas de pesquisa "Literatura, História e Memória Cultural" e "Poéticas da Modernidade". A pesquisa realizada no mestrado, sobre um remanescente de língua africana falado no bairro Tabatinga, em Bom Despacho (MG), deu origem ao livro *Pé Preto no Barro Branco: a língua dos negros da Tabatinga*, publicado pela Editora UFMG em 1998. No doutorado, desenvolveu pesquisa sobre as edições do conto oral no Brasil, com ênfase no processo de transcrição e transcrição das narrativas orais, abordado como tradução intersemiótica e intercultural, da performance oral ao livro impresso e aos produtos multimidiáticos. A parte dos resultados dessa pesquisa relativa às edições em livro dos contos da tradição oral brasileira foi publicada em 2004 pela Editora Autêntica, no livro *Na captura da voz*, em co-autoria com Maria Inês de Almeida, que aborda as edições das narrativas indígenas.

De 2007 a 2010, desenvolveu a pesquisa *Minas afro-descendente: histórias da tradição banto*, iniciada em estágio de pós-doutorado na UNEB Salvador, supervisionado pela etnolinguísta Yeda Pessoa de Castro. Neste pós-doutorado, trabalhou na identificação e edição de narrativas da tradição oral banto, registradas

em coletâneas publicadas a partir de recolhas em Angola e Moçambique, presentes também em recolhas feitas em Minas Gerais. No momento, pesquisa o vocabulário de línguas africanas do grupo banto (umbundo, quimbundo e quicongo) presente nos contos e cantos da tradição oral afro-descendente em Minas.

Nos últimos anos, por meio de estudos especiais e grupo de estudos no Pós-Lit/UFMG, tem promovido e supervisionado traduções que visam, além de desenvolver nos estudantes a fluência de leitura em língua estrangeira (francês), disponibilizar textos importantes para pesquisas desenvolvidas no programa, nos campos da transtextualidade e das literaturas africanas de tradição oral: extratos do livro *Palimpsestos*, de Gérard Genette, e artigos de Jean Derive.

Sua participação na *RL* ocorreu a partir da nona edição, com a publicação do poema "Navigari Necesse (carta à Penélope)", na seção de menção honrosa/trabalhos escolhidos. Em seguida, tirou o segundo lugar com o poema "Ópera do verde e do sal" no décimo concurso de contos promovido pela revista, chegando a vencer a décima quarta edição do concurso com o poema "Das esposas", em 1979. Além disso, o texto "Dívida" ficou em segundo lugar na décima quinta edição do concurso de poemas da revista, voltando a vencer novamente na edição posterior, décima sexta, com o texto poético "Maturidade". Publicou ainda o conto "O dia de quebrar o coco", na décima sétima edição da revista, e o poema "Composição", na vigésima quarta, integrando a comissão julgadora de textos verbais do periódico em sua vigésima edição.

Ana Maria de Almeida é professora aposentada da Faculdade de Letras da UFMG. Tornou-se Doutora em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras da

UFMG, em 1991, com a tese de doutorado sobre a obra do escritor mineiro Guimarães Rosa, intitulada *A demanda da santa escritura*, sob orientação da professora Eneida Maria de Souza. Por ter ocupado o cargo de diretora da faculdade nos últimos anos de vida da revista, foi personagem importante na história do periódico. Enquanto memória, sua experiência é, portanto, fundamental para este estudo. No entanto, apesar das diversas formas de contato, não consegui encontrá-la. Sua participação na *RL* foi expressiva, tanto como autora quanto como membro da comissão julgadora. Estreou no periódico em 1974, em sua nona edição, com a publicação do conto "Lição de Malamar". Publicou, além do texto referido, um poema, intitulado "A projeção da casa", e mais sete narrativas: "O semeador", "Interlúdio da mulher morta", "As três juremas em ritmo de desencanto", "Meio-dia", "Cachorro sem dono", "Esmeralda, esmeraldas...", "Nós, marginais". Em 1980, quando o periódico passou a ser vinculado à Faculdade de Letras, Ana Maria de Almeida, professora de Literatura Brasileira naquela época, assumiu a direção da revista. Afastada da vida acadêmica desde sua aposentadoria, ela é figura importante por ter conduzido os trabalhos do periódico enquanto membro da comissão julgadora, além de ter publicado vários textos. A impossibilidade de encontrar a professora impediu o acesso a muitas informações sobre a revista, como, por exemplo, os critérios de avaliação, a divulgação do periódico, e a seleção de textos para publicação.

A carioca Lúcia Castello Branco ocupa, atualmente, o cargo de Professora Titular na Faculdade de Letras da UFMG. Com mais de uma dezena de livros publicados, tanto crítico-teóricos quanto ficcionais, dentre eles alguns dedicados à literatura infantil, Lúcia publicou, na *RL* os contos "Lágrima de urso", "Mata-me de

amor”, “Final do jogo”, e os poemas “Viajante – caminhante das quebradas de além-mar”, “Descobrimento”, “O fio”, “Acalanto”, “Claustro” e “Amar, amares”. A autora de *Eros travestido: um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro*, livro publicado em 1985 a partir de sua pesquisa desenvolvida no curso de Mestrado em Literatura Luso-Brasileira na Indiana University sobre o erotismo na literatura brasileira produzida no final do século XIX, também participou da banca julgadora de ensaios na edição nº 25 da revista, em 1994. Infelizmente, também não obteve sucesso nas tentativas de contato com a professora e escritora Lúcia Castello Branco, apesar de lecionar na UFMG, instituição à qual esta pesquisa se vincula.

Sandra Lyon, estudante de Medicina na época, foi a discente que mais teve textos publicados na *RL*. No total, foram quinze contos. Venceu o concurso em 1972, em sua sétima edição, com a narrativa “O tecedor da chuva”; ficou em segundo lugar, em 1975, na décima edição do concurso, com o conto “O ventre da terra”; e, por fim, recebeu por quatro vezes o prêmio de terceiro lugar com os textos “Uma vez no sótão”, “O mercador de Pessíntia”, “A estação das uvas” e “Malícias do pano verde”. Publicou, ainda, seis contos no *Suplemento Literário* entre os anos de 1975 e 1986. São eles: “Por essas estradas” (v. 10, n. 458, jun. 1975), ilustrado por Gilberto de Abreu; “O tecedor da chuva” (v. 10, n. 461, jul. 1975); “O surdo” (v. 19, n. 941, out. 1984), ilustrado por Júnia Grimaldi; “Seja o que o diabo mandar” (v. 19, n. 949, dez. 1984); “A estação das uvas” (v. 21, n. 1024, mai. 1986), ilustrado por Eliana Rangel; “E jamais voltarás ao ventre espúrio” (v. 20, n. 987, ago. 1985), ilustrado por Ferruccio Verdolin Filho.

Em maio de 2010, ganhou o Título de Cidadania Honorária, oferecido pela Câmara Municipal de Belo Horizonte por iniciativa do vereador Leonardo Matos,

sendo, atualmente, a cidadã honorária mais nova da capital mineira. Da mesma forma que ocorreu com as professoras Ana Maria de Almeida e Lúcia Castello Branco, as diversas tentativas de contato com a médica Sandra Lyon também foram frustradas.

Além dos autores citados, faz-se necessário afirmar que diversos intelectuais, como Eneida Maria de Souza, José Américo Miranda, Vera Lúcia Casa Nova, Letícia Malard, Rita Espescht, Carlos Herculano Lopes, Reinaldo Martiniano Marques, Fabrício Marques de Oliveira, Ruth Silviano Brandão, Luiz Cláudio Vieira de Oliveira, Marcelo Kraiser, Luís Alberto Brandão, Sérgio Peixoto, Maria Esther Maciel de Oliveira, Vera Lúcia Menezes, Carlos Alberto Marques dos Reis e Marcílio França Castro, dentre outros, marcaram sua passagem pela revista, publicando textos artístico-literários, ensaios ou atuando como membro de comissão julgadora. No entanto, optamos por delimitar o *corpus* selecionando alguns nomes para viabilizar o desenvolvimento deste estudo.

Com base nos depoimentos colhidos pelas pessoas que participaram da revista, ficou a sensação de que a maioria nutre um sentimento de carinho pelo periódico. Paradoxalmente, conforme afirmado anteriormente, o contato com vários personagens da revista foi frustrado, o que sugere uma suposta tentativa de negação do passado.

Ao corresponder com alguns dos participantes da revista por e-mail, colocando-os em contato mais de trinta anos depois, ficou evidente que a amizade que uns nutrem por outros permanece inalterada, embora se constate que em muitos persista muita mágoa nas correspondências trocadas entre eles. Ao mesmo tempo, propunham marcar um (re) encontro a título de confraternização para

relembrem aquele momento de suas vidas, aproveitavam a oportunidade para resgatar suas inquietações, suas angústias. O distanciamento provocado pelo lapso temporal, entretanto, atribuía ao discurso dos autores um tom de relativização das desavenças. O contato entre eles foi aos poucos dirimindo a ponto de, atualmente, ter desaparecido. Apesar disso, a maioria se compõe de intelectuais ativos, produzindo, escrevendo, publicando, seja por meio da imprensa, de editoras, lecionando nas academias ou participando de algum tipo de evento relacionado às artes ou ao universo literário.

Verificou-se, por fim, que a maioria dos participantes da revista é composta por jornalistas e professor universitários, prosseguindo em sua carreira de escritor como autor de textos artístico-literários ou de trabalhos teórico-críticos. Ainda com base nos dados analisados a partir das declarações dos autores, em termos de concurso artístico-literário, constatou-se que o maior prêmio oferecido pelo concurso foi, indiscutivelmente, a publicação de seus textos.

CONCLUSÃO

O principal objetivo deste estudo foi o de resgatar um periódico que se encontrava esquecido, abandonado nas prateleiras da biblioteca. Para tanto, foi necessário contextualizá-lo historicamente, analisando pontualmente alguns de seus textos na tentativa de entendermos o perfil dessa revista. A reconstituição da trajetória da *RL* foi uma verdadeira atividade de anamnese, a história de uma geração de pessoas que ajudou a fundá-la e a mantê-la, provavelmente num dos primeiros momentos em que aqueles estudantes universitários eram reconhecidos enquanto intelectuais. Por esse motivo, parte deste trabalho destinou-se a refletir sobre a importância que o intelectual exerce na sociedade, enquanto ser politicamente engajado nos meios acadêmico ou artístico, e acerca do valor da arte, enquanto objeto cultural e produto do capital.

Por ter sido a única do gênero (revista de cunho artístico-literário organizada exclusivamente por estudantes de uma instituição de ensino para publicar seus próprios trabalhos, contendo concurso artístico, comissão julgadora e premiações para os vencedores, apoiados pela Reitoria da própria universidade), foi necessário realizar um estudo crítico a respeito da posição que ocupam professor e aluno no meio acadêmico. Como orientação para essa discussão, refletimos sobre as seguintes indagações: “Qual é o papel exercido por um discente numa universidade?”, “Quais são as prerrogativas dos docentes e dos discentes?” e “Quantos veículos comunicacionais são disponibilizados pela instituição de ensino para dar voz aos estudantes, objetivando a propagação de suas ideias?”

É inegável a valorização dos currículos dos cursos e de profissionais a partir da quantidade e qualidade de publicações que promovem. No entanto, as instituições acadêmicas, de forma geral, oferecem poucos suportes, quando existentes, visando a dar publicidade aos trabalhos realizados pelos discentes. Mesmo em revistas de natureza acadêmica, muitas vezes se faz necessário que alunos insiram nomes de professores nos textos para receberem pareceres favoráveis à sua publicação. Por essas razões, a *RL* foi importante instrumento comunicacional, por ter atribuído voz aos discentes. Assim, os estudantes, por disporem de pouco espaço para divulgar suas ideias, resolveram se organizar e fundar o periódico.

Atualmente, nas universidades, os alunos dispõem de veículos para publicarem seus textos, limitados, em geral, à circulação de trabalhos acadêmicos – resalto que não foi encontrado nenhum outro periódico impresso nos moldes da *RL* voltado exclusivamente para divulgação dos trabalhos artísticos dos alunos, que seja organizado por discentes, patrocinado pela reitoria da instituição e premiando em espécie os autores premiados. A própria Faculdade de Letras da UFMG, apenas a título de exemplo, conta com a revista de periodicidade anual *Em Tese*, dedicada exclusivamente à publicação de artigos dos alunos do curso de pós-graduação, antes veiculada na versão impressa e atualmente circulando no formato eletrônico. Além dessa, encontramos a *Revista TEIA*, em formato eletrônico, vinculada à Câmara de Pesquisa da FALE/UFMG, que visa a publicar textos ficcionais, em prosa e poesia, traduções, crônicas e ensaios realizados a partir de temas e desafios propostos aos estudantes.

Podemos citar, por fim, a *Revista Crioula*, periódico exclusivo dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literatura em Língua

Portuguesa da Universidade de São Paulo, que neste ano completa sua décima terceira edição, revista que recebe textos inéditos de estudantes dos cursos de Pós-Graduação *stricto sensu*, tanto do Brasil quanto do exterior, com foco em textos que priorizam a literatura africana em língua portuguesa.

Hoje em dia poderíamos ler a *RL* como uma revista que, mais do que um veículo de resistência à ditadura militar, também foi um grande divulgador da cultura local dos estudantes, ajudando a impulsionar a carreira de diversos escritores. Seus prêmios, além de destinarem gratificações pecuniárias para os vencedores – se levarmos em consideração o contexto de universitários, eram muito bem recebidos pelos jovens intelectuais – consistiam na publicação desses textos, impulsionando o reconhecimento de sua qualidade artística. Também poderíamos pensar, em termos de currículo, que a *RL* seria uma excelente forma de preenchimento dos requisitos exigidos pelo mercado, sobretudo para aqueles que pretendem seguir carreira acadêmica.

Podemos afirmar, ainda, que a *RL* contribuiu significativamente para o *boom* literário de contistas e poetas mineiros, incentivando-os a pensar o espaço universitário e a cultura, valorizando os trabalhos de estudantes jovens e talentosos, mediante publicações e premiações em dinheiro, destinada aos vencedores dos concursos por ela promovidos. O *glamour*, nas festas de premiações, em que os autores de textos vencedores dos concursos recebiam seus prêmios das mãos do reitor da UFMG, também impulsionava a produção literária e artística da época.

A universidade, dessa forma, refletia sobre si mesma enquanto valorizava a produção acadêmica e artística de seus alunos, por divulgar e publicar textos num periódico por eles organizado e por ela financiado (a *RL* possuía apoio direto do

gabinete da reitoria da universidade). Eram textos de estudantes universitários, intelectuais em ascensão, enquanto intelectuais e cidadãos preocupados com o cenário político-social em que se encontravam.

O romance *Os novos*, de Luiz Vilela, escrito no calor da hora, representa a tentativa desenfreada de registrar o momento histórico que Luís Gonzaga Vieira denominou de nossa *belle époque*, marcada por uma geração de estudantes que lutavam incessantemente por seus direitos. O periódico, portanto, representa essa geração, interessada no desenvolvimento artístico-cultural e no conhecimento científico.

Os textos da revista eram destinados a uma elite intelectual. Seu público era composto por estudantes universitários, como os autores dos textos da *RL*, intelectuais espalhados pelo mundo e não por cidadãos comuns, conforme ficou demonstrado nas cartas que os responsáveis pela revista recebiam. Os cursos de extensão são uma tentativa de minimizar esse problema. São atividades que visam a reduzir as fronteiras existentes entre universidade e sociedade, tentando aproximá-las. Enquanto prestam um serviço social, as instituições de ensino viabilizam seu ensino, aperfeiçoando o processo pedagógico de ensino/aprendizagem com questões de ordem prática.

A revista, da mesma forma que o livro *Os novos*, retrata uma geração que não se deixava abater pelos problemas políticos, econômicos e sociais da época. Ao contrário, reflete uma geração que ficaria marcada pela resistência e oposição ao poder autoritário das ditaduras dos militares que assolavam a América Latina nos anos de 1960 e 1970. A *RL*, além de importante veículo cultural editada pelos discentes da Universidade Federal de Minas Gerais, nas décadas de 1960 a 1990,

deve ser considerada, à sua maneira, consoante a sua proposta enquanto veículo midiático, um importante espaço de resistência política no período ditatorial.

Naquele momento de extrema repressão política, conhecido como “anos de chumbo”, jovens intelectuais produziam seus textos artísticos densos de recursos estilísticos, a fim de não sofrerem as consequências da censura previstas naquele regime, mantendo discurso irônico e metafórico, característico da arte literária. É plausível pensar, por esse motivo, que as diversas tentativas de fechamento da revista naquele momento histórico tinham seus propósitos, afinal, não é comum censurar uma revista artística cujos textos, supostamente, não poderiam versar sobre temas de cunho político-partidário, conforme nota publicada pelo próprio periódico, uma vez que estes não teriam o condão de ofender a ordem pública.

A resistência, por parte dos professores e alunos, no estado de exceção, para o não fechamento do periódico não foi em vão. A revista perdurou até meados da década de noventa, quando enfrentou outro problema: a política financeira institucional. Em 1996, a *RL* publicava sua última edição, pelo menos com esse nome. Por meio de uma entrevista realizada com o atual diretor do Conservatório de Música, Carlos Alberto Marques dos Reis, que trabalhou durante muitos anos na edição da revista, tomamos ciência da publicação de mais uma edição do periódico, porém com título diverso do original. Essa revista, denominada *IPSIS*, destoava-se do perfil da *RL*, pois se destinava apenas à publicação de textos ficcionais e acadêmicos de alunos da Faculdade de Letras da UFMG, e não de toda comunidade universitária.

Um dos motivos que determinou o fim da revista foi a adoção, naquela época, de uma política econômica de corte de gastos, privilegiando alguns segmentos

institucionais em detrimento de outros. Alguns departamentos da universidade, com poucos recursos financeiros, tiveram que reestruturar seus orçamentos. Enquanto revista de caráter artístico – as universidades estão priorizando, atualmente, a produção acadêmica –, o periódico dos discentes teve sua sobrevivência comprometida por essa medida administrativa. A época em que a *RL* foi extinta, meados da década de 1990, coincide com o advento da internet. Essa transformação na sociedade, que passou a viver da era da “cibercultura”, acarretou, também, alterações nas expectativas acadêmicas. Qual seria o futuro do texto impresso – e, conseqüentemente, dos livros, jornais, revistas, etc. – na era digital? Qual seria o futuro dos periódicos de literatura nesse contexto? Deveria a *RL* aderir a esse novo formato midiático, reestruturando-se, aderindo às novas tecnologias? É possível que esse tenha sido um dos pensamentos que tenham levado ao término do periódico ou que, pelo menos, tenha contribuído para seu fim.

A repercussão da proposta de retorno da revista em formato digital se apresenta como, no mínimo, sensata. Conforme já foi dito anteriormente, uma série de aspectos positivos viabilizaria sua retomada, como o baixo custo, a fácil acessibilidade, a ampla divulgação, a facilidade de arquivar, a não deterioração do material, dentre outros benefícios. Apesar de ser possível a retomada da revista na modalidade impressa, acredita-se que o perfil eletrônico se apresenta como forma mais viável por todos os benefícios de que dispõe, como a ampla divulgação na internet, a facilidade de armazenamento sem deterioração e preenchimento de espaço físico nas bibliotecas.

Aliado a isso, outro aspecto que se observou ao longo desta pesquisa foi a emergência de diversos concursos literários nas décadas de 1980 e 1990, visando ao

desenvolvimento artístico-cultural, sobretudo os fomentados pelo governo, além de outros concursos já consagrados, como o Prêmio Machado de Assis, promovido anualmente pela Academia Brasileira de Letras (ABL), a fim de premiar escritores brasileiros pelo conjunto da obra, considerado o prêmio de literatura mais importante no nível nacional, criado em 1941, e o Prêmio Jabuti, promovido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), cuja primeira edição ocorreu em 1959. Enquanto aquele oferece como premiação o valor de R\$ 30 mil, além de um diploma e um troféu esculpido pelo artista plástico Mário Agostinelli, este oferece para o vencedor premiação no valor de R\$ 35 mil, mais troféu Jabuti Dourado, e, para os segundos e terceiros colocados, apenas troféus.

Quando instituído, o Prêmio Jabuti contava apenas com sete categorias de premiação. Atualmente são contempladas vinte e uma categorias, como tradução, ilustração, capa e projeto gráfico, além das categorias tradicionais como romance, contos e crônicas, poesia, reportagem, biografia e livro infantil. Por valorizar e incentivar a cultura popular, o prêmio Jabuti carrega esse nome como símbolo do modernismo e nacionalismo brasileiros.

Em nível internacional, temos o já consagrado Prêmio Nobel de Literatura, criado em 1901 por Alfred Nobel, que premia com o equivalente a milhão e duzentos mil dólares um escritor de qualquer nacionalidade, pelo conjunto de seu trabalho. Além desse, o Prêmio Camões de literatura, instituído em 1988 pelos governos de Portugal e do Brasil, considerado como o prêmio mais importante em língua portuguesa, com o objetivo de premiar um escritor a partir do conjunto de sua obra neste idioma. O valor do prêmio, hoje, é de R\$ 100 mil euros, o equivalente a US\$ 127,2 mil.

No Brasil, os prêmios de literatura que merecem destaque, além dos citados acima, são o Prêmio Nestlé de Literatura – que até 1993 se chamava Bienal Nestlé de Literatura Brasileira –, cuja primeira edição ocorreu em 1982, que buscava incentivar o surgimento de novos escritores no cenário literário nacional e fomentar a produção de escritores contemporâneos, além de homenagear autores já consagrados.¹⁶¹ A premiação oferecida por esse concurso era de, aproximadamente, R\$ 50 mil reais para o autor do livro, além de um troféu, enquanto que a editora do livro vencedor recebia apenas um troféu. Dentre os autores que já receberam esse prêmio podemos citar Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Mário Quintana, Manoel de Barros, Carlos Heitor Cony, Antônio Cícero, Marçal Aquino e Lygia Fagundes Telles.

Outro concurso literário que merece destaque o recém-extinto Prêmio Juca Pato, promovido pela União Brasileira de Escritores (UBE) em parceria com o jornal *Folha de São Paulo*. Criado em 1963, esse prêmio perdurou até 2008, tendo premiado autores como Câmara Cascudo, José Mindlin, Gilberto Mendonça Teles, Antonio Candido e Sérgio Buarque de Holanda.

Especificamente no estado de Minas Gerais, os concursos de literatura mais importantes da atualidade são o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura, lançado em dezembro de 2007, promovido pela Secretaria de Estado de Cultura, e o Prêmio Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte, com apoio da Fundação Municipal de Cultura, órgão vinculado à Prefeitura de Belo Horizonte. Atualmente, o primeiro conta com premiação de, no total, R\$ 212 mil, divididos da seguinte forma: R\$ 120 mil para a categoria Conjunto da Obra; R\$ 50 mil para as categorias Poesia e

¹⁶¹ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%AAmio_Nestl%C3%A9_de_Literatura>. Acesso em 18 mar. 2013.

Ficção, sendo R\$ 25 mil para cada; e R\$ 42 mil para a categoria Jovem Escritor Mineiro; enquanto que o segundo conta com premiação total no valor de R\$ 50 mil distribuídos em quatro categorias: romance, poesia, conto e dramaturgia.

O Prêmio Nacional Cidade de Belo Horizonte premiou, ao longo de seis décadas de duração, vários autores atualmente consagrados como Autran Dourado, Duílio Gomes, Ronald Claver, Francisco de Moraes Mendes, Ana Cecília Carvalho e Paulinho Assunção.

Criado em 1947, na comemoração do cinquentenário da capital, o Concurso Nacional de Literatura Prêmio Cidade de Belo Horizonte é o concurso literário mais antigo do país. Um de seus principais atributos é o fato de o concurso premiar apenas obras inéditas. A cada edição, o Prêmio Cidade de Belo Horizonte contribui para o surgimento de novos escritores e obras. Autores como Carlos Herculano Lopes, Antônio Barreto, Luis Giffoni, Roseana Murray, Maximiano de Figueiredo Portes (Maxs Portes), entre outros, integram a galeria de vencedores do concurso.¹⁶²

Utilizando-se como parâmetro as estruturas da maioria dos textos vencedores dos concursos literários promovidos pela *RL*, é nítida a predileção, pelos membros integrantes de sua comissão julgadora, por uma literatura que apresentasse traços modernos, como crônicas de caráter menos informativo e mais narrativo, semelhante ao estilo dos contos e das novelas, contos que apresentam enredo fragmentado, linguagem mais distante do prolixismo da norma culta e mais próxima da oralidade; e por poemas esteticamente voltados à visualidade, inspirados pelo movimento Concretista.

162

Essa preferência não é exclusiva da comissão da *RL*, mas trata-se de uma tendência da estética contemporânea, oriunda da influência que exerceu a linguagem jornalística nos textos literários, conforme demonstrou Maurício Silva, no texto “Consagração e decadência do academicismo literário: o caso do jornalismo”. Os textos que circulam em outros periódicos literários (suplementos, revistas, cadernos, etc.), contemporâneos à revista, também possuem, em geral, as mesmas características, conforme afirma Humberto Werneck, em seu artigo “Santa Sheerazade: padroeira dos jornalistas”, publicado em 2012, numa edição especial do *Suplemento Literário* sobre jornalismo cultural. Além disso, os textos vencedores de concursos literários da atualidade possuem essa formatação, tal como os textos de vários autores premiados pelo concurso da revista, o que sugere que os critérios utilizados pelas comissões julgadoras da revista – bem como suas predileções estético-literárias – são semelhantes aos de outros concursos.

De modo geral, a título de encerramento, os resultados alcançados por esta pesquisa se apresentaram, na medida do possível, satisfatórios, levando-se em conta o desafio de estudar um tema absolutamente inédito, sem trabalhos acadêmicos sobre o *corpus* foco deste estudo, que pudessem servir de fonte de consulta para dar suporte teórico às críticas aqui desenvolvidas. Em compensação, a sensação de pioneirismo, aliada à superação desse desafio, é extremamente gratificante.

Por esse motivo, devido ao ineditismo desta pesquisa, pela ausência de estudos realizados sobre a *RL* ou sobre qualquer outro periódico semelhante, gostaria de finalizar este trabalho de forma otimista, com a certeza de que servirá como documento arquivístico, sendo utilizado como fonte de pesquisa para o desenvolvimento de novos trabalhos acadêmicos.

Encerro este trabalho propondo aos pesquisadores o desafio de continuarem explorando esse periódico, propiciando a continuidade deste estudo, pois a revista, enquanto arquivo, é objeto em constante (re)construção e (re)leitura, por possuir caráter de obra inacabada, assim definido por Reinaldo Martiniano Marques:

A teorização e o tratamento de fundos documentais existentes em arquivos literários devem estar atentos à natureza heteróclita e híbrida dos materiais e objetos que os constituem, transformando-os num misto de biblioteca, arquivos documentais e museu. Dotados de um caráter aberto, dinâmico, os arquivos estão sempre inacabados, na medida em que podem acolher novos documentos e materiais. Pode-se dizer que são um verdadeiro *work in progress*.¹⁶³

Aliado a isso (por que não?), uma vez catalogada, que a revista possa, agora, ser digitalizada, reativada, que seja dada a ela maior publicidade, permitindo-se, assim, que possa circular com maior frequência, tanto no meio universitário quanto na sociedade, incentivando o desenvolvimento cultural, o surgimento de novos talentos artísticos e propiciando a circulação de textos e ideias dos discentes.

¹⁶³ MARQUES in: SOUZA; MIRANDA. *Crítica e coleção*, p. 201.

REFERÊNCIAS

30 anos da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda (1963/93). Belo Horizonte: PBH: Secretaria Municipal de Cultura, 1993.

ASSUNÇÃO, Paulinho. *Maletta*. Belo Horizonte: Conceito, 2010.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BIAGGI, Enio Luiz de Carvalho. *Cinema e vídeo na obra de Guimarães Rosa: uma análise intersemiótica de "Cara-de-Bronze" e "Famigerado"*. (Dissertação: Mestrado em Teoria da Literatura). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lúcia Machado. 2. ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

BUZINARO, Claudiner Assis. *Revista do livro, porta voz do INL: memória e indexação de um periódico do século XX*. (Tese: Doutorado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.

CONNOR, Steven. *Teoria e valor cultural*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

COSTA, Elzimar. O papel dos intelectuais na América Latina. In: *Caligrama* – revista de estudos românicos, Belo Horizonte: UFMG – Departamento de Letras Românicas, v. 9, dez. 2004. p. 29-56.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo* – uma impressão freudiana. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

EAGLETON, Terry. *A função da crítica*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William (org.). *Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

FERREIRA, Ana Paula. Espaço e ambiência em poesia digital. *O eixo e a roda*. Belo Horizonte, FALE/UFMG, v. 20, n. 2, 2011. p. 35-55.

FIGUEIREDO, Vera L. F. *Os crimes do texto: Rubem Fonseca e a ficção contemporânea*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 23. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GAMA, Lúcia Helena. *Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo 1940-1950*. 2. ed. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 1998.

GASPARI, Elio; HOLLANDA, Heloísa Buarque de; VENTURA, Zuenir. *70/80: cultura em trânsito: da repressão à abertura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

GOMES, Renato C.; MARGATO, Izabel (orgs.). *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de; GONÇALVES, Marcos Augusto. *Cultura e participação nos anos 60*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Poesia jovem – anos 70*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 113-156.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos e mídia*. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Trad. Margarida Sérvulo Correia. 2. ed. Lisboa: Gradiva, [s. d.].

LE MOS, Cláudia R. F. Calvino, o conhecimento e o jornalismo. *Em Tese*, Belo Horizonte, v. 6, p. 11-20, ago. 2003, Poslit/FALE.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. Coleção Trans.

LIMA, Rachel Esteves. *A crítica literária na universidade brasileira*. (Tese: Doutorado em Literatura Comparada). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997.

LORENZOTTI, Elizabeth. *Suplemento literário – que falta ele faz!* São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MARQUES, Reinaldo; VILELA, Lúcia (orgs.). *Valores: arte, mercado, política*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Abralic, 2002.

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. In: *Revista Symposium*. Universidade Católica de Pernambuco. Ano 5, n. 1, jan-jun. 2001, p. 45-55.

MENEZES, Philadelpho. *Poética e visualidade: uma trajetória da poesia brasileira contemporânea*. Campinas: Ed. Unicamp, 1991.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1977.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. Trad. Sérgio Grossi Porto. 2. ed. Brasília, Ed. UNB, 2002. Col. Comunicação.

NOVAES, Aduino (org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

OLIVEIRA, Nelson de. Ascensão e queda das revistas literárias. In: _____. *Verdades provisórias*. São Paulo: Escrituras, 2003. p. 65-73.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PATÍÑO, Roxana. América Latina: literatura e crítica em revista(s). In: MARQUES, Reinaldo; SOUZA, Eneida Maria de. *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009. p. 456-469.

PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. 2. ed. Trad. Sérgio Grossi Porto. Brasília, Ed. UNB, 2002. Col. Comunicação.

REIS, Edgar Pereira dos; MESQUITA, Lea Nilce. *Talupa/Lixeratura: 30 anos*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1998.

RIBEIRO, Marília Andrés. *Neovanguardas: Belo Horizonte – anos 60*. Belo Horizonte: C/ Arte, 1997.

RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

ROUDINESCO, Elizabeth. *Genealogias*. Trad. Nelly Ladvoat Cintra. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

SAID, Edward W. *Cultura e política*. Trad. Luiz Bernardo Peicás. São Paulo: Boitempo, 2003. (Cap. "O papel público de escritores e intelectuais").

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. São Paulo: Razão Social, 1992.

_____. *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?* São Paulo: Paulus, 2005.

_____. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTIAGO, Silviano. Regionalismo(s): aquém e além da literatura, aquém e além do estado-nação. In: *Suplemento Literário*, Belo Horizonte, jun. 2005. p. 3-9.

SARLO. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. 4. ed. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2006.

SILVA, Maurício. Consagração e decadência do academicismo literário: o caso do jornalismo. *Aletria – Revista de Estudos de Literatura*, v. 6, 1998-1999. p. 77-95.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. 8. ed. v. 1. Coimbra: Almedina, 1993.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (orgs.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

TOLENTINO, Eliana da Conceição. *Literatura portuguesa no Suplemento Literário do Minas Gerais: relações Brasil/Portugal*. (Tese: Doutorado em Literatura Comparada) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Revista Literária do corpo discente da Universidade Federal de Minas Gerais (RL)*. Belo Horizonte: UFMG, 1966-1996.

UFMG, FACULDADE DE LETRAS. *Ipsis; Revista Literária do corpo discente da UFMG*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

VILELA, Luiz. *Os novos: romance*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

WERNECK, Humberto. 1920-1970: meio século de literatura mineira nos periódicos. In: *Suplemento literário*. Belo Horizonte, p. 33-37.

YÚDICE, George. A conveniência da cultura. In: _____. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Trad. Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 25-64.

Sites

ÁVILA, Carlos. "Flashes" de uma trajetória. Disponível em: <<http://www.elsonfroes.com.br/kamiquase/ensaio27.htm>>. Acesso em 20 abr. 2013.

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. *Escrita, José, Almanaque: leituras de romance*. Disponível em: <http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim_de_Pesquisa2/texto_mlucia.htm> Acesso em: 23 ago. 2008.

_____. *Não há sol que sempre dure – revistas literárias brasileiras: anos 70*. Disponível em: <http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim_de_Pesquisa3/texto_mlucia.htm> Acesso em: 31 mai. 2008.

FREITAS, Guilherme. *A Arte de editar. O Globo*, abr. 2013, Caderno "Prosa". Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/03/30/a-arte-de-editar-491589.asp>>. Acesso em 8 abr. 2013.

GARCIA, Gláucia. *Uma breve história das livrarias paulistas*. Disponível em: <<http://www.saopauloantiga.com.br/uma-breve-historia-das-livrarias-paulistas/>>. Acesso em 24 abr. 2013.
Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/esthermaciel/>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

GREGÓRIO, Sérgio Biagi. *Dicionário de Símbolos*. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/dicionariodesimbolos/cegueira>>. Acesso em: 23 fev. 2013.

PORTELLA. O intelectual e seus fantasmas. Disponível em: <<http://www.eduardoportella.pro.br/intelectualF.htm>>. Acesso em: 23 set. 2010.

SANTIAGO, Silvano. *O narrador pós-moderno*. Disponível em: <<http://literaturabrasileiracinco.blogspot.com.br/2008/08/o-narrador-ps-moderno.html>>. Acesso em 24 fev. 2013.

SILVA, Rogério Barbosa da. Diálogos e tensões da poesia experimental brasileira: poesia concreta, poema processo e cia. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/er_13/er13_rbs.pdf>. Acesso em 20 abr. 2013.

Artigos não assinados

Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4785763Z6>>. Acesso em 13 abr. 2013.

Disponível em: <<http://www.dubolsinho.com.br/autores.htm#adao>>. Acesso em: 01 out. 2009.

Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4727987H3>>. Acesso em: 13 abr. 2013.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%AAmio_Nestl%C3%A9_de_Literatura>. Acesso em 18 mar. 2013.

Disponível em: <http://www.palavrarte.com/equipe/equipe_antbarreto.htm>. Acesso em 09 abr. 2013.

Disponível em: <<http://www.coletivo21.com.br/francisco-morais-mendes/>>. Acesso em: 09 abr. 2013.

Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/noticia.do?evento=portlet&pAc=not&idConteudo=88571&pIdPlc=&app=salanoticias>>. Acesso em 18 mar. 2013.

Livraria antigamente. Disponível em: <<http://blogcarlossantos.com.br/livraria-antigamente/>>. Acesso em: 24 abr 2013.

Entrevistas

Carlos Alberto Marques dos Reis, maio de 2010.

Elisabeth Carneiro, dezembro de 2012.

Jaime Prado Gouvêa, agosto de 2010.

Ronald Claver Camargo, março de 2010.

Sônia Maria de Melo Queiroz, agosto de 2012.

Eugênio Pacceli Horta, abril de 2013.

ANEXOS

RELAÇÃO DOS TEXTOS PUBLICADOS NA *REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA UFMG*

TEXTOS LITERÁRIOS

Revista Literária nº 1 (1966)

Comissão da revista

Plínio Carneiro

Luiz Vilela

Luís Gonzaga Vieira

Concurso de Contos

- 1º lugar: "Confições de Arnaldo" / Duílio Gomes – 1º ano da Faculdade de Direito
- Trabalhos escolhidos: "Por favor, leve-me" / Henry Corrêa de Araújo – 1º ano da Faculdade de Letras; "Didática" / Sérgio Sant'Anna e Silva – 5º ano da Faculdade de Direito

Concurso de Poesias

- 1º lugar: "Meditação sobre o morto" / Marco Aurélio Duarte Gonçalves – 2º ano da Faculdade de Direito
- Trabalhos escolhidos: "Profissão de fé: poeta e poema" / Fernando Rios – 3º ano da Faculdade de Filosofia (Ciências Sociais)

Segunda Seção

Poesias

- "Face falsa" / P. Pontes
- "Tempo teimoso" / P. Pontes

- "Não me convém" / P. Pontes
- "Uma luz ao longe" / P. Pontes
- "Descoberta da poesia" / P. Pontes
- "Elegia" / Valmiki Villela Guimarães
- "Meu pai ajuntou..." / José F. G. Gabrich

Crônicas

- "Três crônicas" / Elisa Maria Pereira
- "Mudança" / P. Pontes
- "Nada passa" / Mabel de Britto Lommez

Contos

- "Rodoviária" / Luiz Vilela
- "Fuga" / João Bosco Araújo Moreira
- "Do diário de um pequeno burguês" / Luís Gonzaga Vieira

Ensaio

- "A poesia de Alphonsus de Guimaraens – ensaio de interpretação" / Eleonora Fernandes Rennó – 3º ano da Faculdade de Filosofia (Jornalismo) – Menção honrosa no Prêmio Esso de Literatura para universitários, em 1966

Revista Literária nº 2 (1967)

Comissão da revista

Plínio Carneiro
Luiz Vilela
Luís Gonzaga Vieira

Concurso de Contos

- 1º lugar: "Rosa" / Walden Camilo de Carvalho – 1º ano do curso de Formação de Atores
- 2º lugar: "Acontecimento de família" / Humberto Werneck – 3º ano da Faculdade de Direito
- 3º lugar: "A chave no escuro" / José Márcio Penido – 5º ano da Faculdade de Direito

Concurso de Contos – Trabalhos escolhidos

- “Semifacio” / Elisa Maria Pereira – 4º ano da Faculdade de Ciências Econômicas (Sociologia e Política)
- “Verão” / Duílio Gomes – 2º ano da Faculdade de Direito

Concurso de Poesias

- 1º lugar: “Duas mil vezes” / Henry Corrêa de Araújo – 2º ano da Faculdade de Filosofia (Letras)
- 2º lugar: “Sobre o pistoleiro e sua postura” / Fernando Rios – 4º ano do Instituto Central de Ciências Humanas (Ciências Sociais)
- 3º lugar: “Cachorro morto” / Marco Aurélio Duarte Gonçalves – 3º ano da Faculdade de Direito

Concurso de Poesias – Trabalhos escolhidos

- “A ausente” / Adão Ventura Ferreira Reis – 1º ano da Faculdade de Direito
- “Poema II” / Maria Souza Muniz – 3º ano Clássico (Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia)

Segunda Seção

Poesias

- “Incelença” / Lauro Augusto Machado Coelho
- “Cantata” / Lauro Augusto Machado Coelho
- “Jardineiro” / P. Pontes

Contos

- “A boa pinta” / João Bosco de Araújo Moreira
- “Prelúdio” / Luís Gonzaga Vieira

Ensaio

- “Ievtuchenko” / Introdução e tradução de Lauro Augusto Machado Coelho
-

Revista Literária nº 3 (1968)

Comissão da revista

Plínio Carneiro
Luís Gonzaga Vieira
Sérgio Sant'Anna

Concurso de contos

- 1º lugar: "Do outro lado" / Jaime Prado Gouvêa – 2º ano da Faculdade de Direito
- 2º lugar: "Fragilidade" / Duílio Gomes – 2º ano da Faculdade de Direito
- 3º lugar: "Muito pequena estória de um menino que foi para a janela" / Walden Camilo de Carvalho – 2º ano do curso de Formação de Atores (Teatro Universitário da UFMG)

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos

- "Circe" / Odilon Machado Júnior – 1º ano da Faculdade de Direito
- "Presente de aniversário" / Jaime Prado Gouvêa – 2º ano da Faculdade de Direito
- "O verão na estufa" / Duílio Gomes – 2º ano da Faculdade de Direito

Concurso de poesias

- 1º lugar: "A sala" / Henry Corrêa de Araújo – 3º ano de Letras da Faculdade de Filosofia
- 2º lugar: "Cinco sentidos" / Regis Antônio D. Gonçalves – 3º ano de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia
- 3º lugar: "Alucinógeno" / Cláudia Lília Versiani – 1º ano de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia

Concursos de poesias – Trabalhos escolhidos

- "Reinvenção para o pastoreio" / Ailton Santos – 1º ano da Faculdade de Direito
- "Poema" / Adão Ventura Ferreira Reis – 2º ano da Faculdade de Direito

Segunda seção

Poesias

- "Poema do amor mais puro" / Élcio Naves
- "Verve" / Élcio Naves
- "Construção e decepção da amada" / Valdimir Diniz¹⁶⁴
- "Tempo e modo" / P. Pontes
- "Lichuva" / P. Pontes

Contos

- "A namorada azul" / João Bosco Araújo Moreira
- "Ordem" / Miriam L. Moreira Leite
- "Assassino" / Sérgio Sant'Anna
- "Do diário de um pequeno burguês" / Luís Gonzaga Vieira

Ensaio

- "Angústia – de Graciliano Ramos (notas esparsas)" / Lauro Augusto Machado Coelho

Revista Literária nº 4 (1969)

Comissão da revista

Plínio Carneiro
Duílio Gomes
Walden Camilo de Carvalho

Concurso de contos

- 1º lugar: "Samambaia/trepadeira" / Luiz Márcio Ribeiro Viana – 2º Ciclo Básico da Faculdade de Ciências Econômicas
- 2º lugar: "Ascensão e queda" / Athos Batista Franco – 1º ano da Faculdade de Direito

¹⁶⁴ O poeta Valdimir Diniz é natural de Belo Horizonte. Publicou, em vida, os livros *Poesia aos sábados*, em 1971, pelas Edições Oficina, e *Até o 8º round*, em 1977, ganhador do Prêmio Remington de Poesia. Publicou seus textos na revista *Vereda* e no *Suplemento Literário* mineiro. Morreu em 1986, em Brasília, local onde residia, em acidente de automóvel.

- 3º lugar: "Quinta-feira" / Danilo Gomes – 1º ano da Faculdade de Direito

Concurso de contos – trabalhos escolhidos

- "O sonho" / Luiz Fernando de Andrade Figueiredo – Colégio Universitário
- "Casa de família" / Odilon Machado Júnior – 2º ano da Faculdade de Direito
- "Submundo" / Maria Cecília de Oliveira – 1º ano de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
- "O último momento" / João Batista Cruz – 3º ano da Faculdade de Direito

Concurso de poesias

- 1º lugar: "Poemas/móveis – a) a cama" / Adão Ventura Ferreira Reis – 3º ano da Faculdade de Direito
- 2º lugar: "No muro" / Regis Antônio Duarte Gonçalves – 4º ano de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
- 3º lugar: "Recado" / Ronald Claver Camargo – 3º ano Faculdade de Letras

Concurso de poesias – Trabalhos escolhidos

- "Sentido" / Léa Nilce Mesquita¹⁶⁵ – 3º ano da Faculdade de Letras
- "Temporis II" / Ailton Santos – 2º ano da Faculdade de Direito
- "Perda opção (I)" / Alexandre Vivacqua – 3º ano de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
- "O alfinete" / Regis Antônio Duarte Gonçalves – 4º ano de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
- "Poemas/móveis – b) a cadeira" / Adão Ventura Ferreira Reis – 3º ano da Faculdade de Direito
- "Robot (agonia e êxtase)" / Ronaldo Claver Camargo – 3º ano da Faculdade de Letras

¹⁶⁵ Léa Nilce Mesquita foi responsável, ao lado do professor e escritor Edgar Pereira dos Reis, pelo projeto *Talupa/Lixeratura: 30 anos*, uma revista encomendada especialmente para a comemoração dos 30 anos da Faculdade de Letras da UFMG. Lançada em 1998, esse projeto, aprovado pela Secretaria Estadual da Cultura (Lei Estadual de Incentivo à Cultura) e Ministério da Cultura (Lei de Incentivo Cultural), visava a busca de "desaparecidos" ou de comemoração dos 30 anos de criação literária. Conforme consta na nota de apresentação sobre os editores do projeto, Léa Nilce Mesquita não ganhou prêmios nem publicou livros. *Talupa/Lixeratura* foi um mural, que culminou num jornal de literatura, surgido a partir de um projeto iniciado na Faculdade de Letras da UFMG nos anos de 1968. Seu propósito era a publicação de textos artístico-literários ("poemas, textos de humor, charges, desenhos, frases de efeito") dos escritores que estavam "escondidos" na instituição.

Segunda seção

Poesias

- "Esquírola" / Hélvia Barros
- "Direções" / Joaquim Martins
- "Visão (5)" / Frederico Ozanan Drummond
- "Sombras" / Maria do Carmo da Fonseca Brandão

Contos

- "João ninguém" / Beatriz Chaves
- "O irmão" / Walden Camilo de Carvalho.
- "À memória costurada" / Duílio Gomes
- "A tragédia" / Plínio Carneiro

Revista Literária nº 5 (1970)

Comissão da revista

Plínio Carneiro
Duílio Gomes
Walden Camilo de Carvalho

- 1º lugar: "Lá pelas oito" / Jaime Prado Gouvêa – 4º ano da Faculdade de Direito
- 2º lugar: "Cavalo em azul" / Odilon Machado Júnior – 3º ano da Faculdade de Direito
- 3º lugar: "Campeão" / Sérgio Roberto Duarte Tross – 1º ano de Comunicação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos

- "Beladona" / Oswaldo Antônio Ferreira da Cunha – 2º ano de Psicologia
- "Faróis" / Marcus Diniz Mundim – 4º ano da Faculdade de Direito
- "A manada" / Luiz Fernando de Andrade Figueiredo – 1º ano do Instituto de Ciências Biológicas

Concurso de poesias

- 1º lugar: "Áurea, alma e o nosso sorriso" / Luiz Márcio Ribeiro Viana – 3º ano da Faculdade de Ciências Econômicas
- 2º lugar: "A propósito de algumas fases do tratamento dentário" / Adão Ventura Ferreira Reis – 4º ano da Faculdade de Direito
- 3º lugar: "Poema" / Oswaldo Eustáquio de Melo – 1º ano do curso de Formação de Atores

Concurso de poesias – Trabalhos escolhidos

- "Diálogo" / Ronald Claver Camargo – 4º ano da Faculdade de Letras
- "A morte" / Adão Ventura Ferreira Reis – 4º ano da Faculdade de Direito
- "Do filho pródigo: pouso e fuga (em 7 tempos)" / Magda Frediani Martins¹⁶⁶ – 4º ano da Faculdade de Letras
- "Do objeto feito para colocar cinzas" / Jader Martins – 4º ano da Escola de Engenharia
- "O fruto" / Oswaldo Eustáquio de Mello

Segunda seção

Poesias

- "Passagem" / Léa Nilce Mesquita
- "Poema" / Regina Souza
- "Poema" / Magda Frediani Martins
- "Permanência" / Ronald Claver Camargo

Contos

- "O lobo e eu" / Elias José
- "Três odes iguais a ódio" / Edgard Pereira dos Reis
- "O velho senhor do fim da rua" / Walden Carvalho
- "E agora os macacos" / Duílio Gomes
- "Casamento na roça" / Plínio Carneiro

¹⁶⁶ Magda Frediani Martins, juntamente com a professora Léa Nilce Mesquita, foi editora do jornal da Faculdade de Letras da UFMG na década de 1960. É autora do livro de literatura infanto-juvenil *Massapão, massapim* e da obra *Enciclopédia de pesquisas escolares*, em 4 volumes, publicado em conjunto com a autora Maria Filomena Guimarães. Em 1998, colaborou na publicação da revista *Talupa/Lixeratura*, editada por Edgar Pereira dos Reis e Léa Nilce Mesquita na Faculdade de Letras da UFMG.

Ensaaios

- “Informação básica para uma iniciação à ficção científica, com uma introdução sobre literatura fantástica” / Walden Carvalho
 - “Frost – Rápida visão de dois aspectos” / Glória Maria de Mello
-

Revista Literária nº 6 (1971)

Comissão da revista

Plínio Carneiro
Duílio Gomes
Walden Camilo de Carvalho

Concurso de contos

- 1º lugar: “Imenso, cego, brutal” / Edgard Pereira dos Reis – 4º ano da Faculdade de Letras
- 2º lugar: “Vocês ainda não viram nada” / Jaime Prado Gouvêa – 4º ano da Faculdade de Direito
- 3º lugar: “Uma vez no sótão” / Sandra Lyon – 1º ano da Faculdade de Medicina (ICB)

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- “Daqui a dez anos” / Edgar Pereira dos Reis – 4º ano da Faculdade de Letras
- “O velho, de partida” / Sandra Lyon – 1º ano da Faculdade de Medicina (ICB)
- “Ronda” / Maria das Graças Silva – 1º ano de Formação de Atores Teatro Universitário
- “Referência” / Oswaldo Antônio Ferreira da Cunha – 3º ano de Psicologia (Fafich)

Concursos de poesias

- 1º lugar: Perspectiva sobre o dentro de um cadáver/ Adão Ventura Ferreira Reis – 5º ano da Faculdade de Direito
- 2º lugar: “Poema da inútil utilização” / Maria Auxiliadora Rocha – Faculdade de Letras

- 3º lugar: “Imagem simples” / Luiz Otávio Linhares Renault – 1º ano da Faculdade de Direito

Concurso de poesias – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- “Cisne” / Ana Cecília Carvalho¹⁶⁷ – 1º ano de Psicologia (FAFICH)
- “Fase I” / Maria Alice Martins Alves Costa – 1º ano da Escola de Arquitetura
- “Poemas das instituições” / Adão Ventura Ferreira Reis – 5º ano da Faculdade de Direito
- “Imagem” / Léa Nilce Mesquita – 4º ano da Faculdade de Letras
- “Ode nº 1” / Maria Consuelo Neiva Porto – Matemática (ICEX)

Segunda seção

Poesias

- “Âncora ou diálogo em profundo” / Ronald Claver
- “Vôo” / Ronald Claver
- “Oração” / Fernando Sant’anna Rubinger
- “Relação” / Eliana Nehmy
- “Duração” / Eliana Nehmy

Contos

- “A heresia” / Walden Carvalho
- “Trilogia com máquina a vapor, etc.” / Duílio Gomes
- “Dos velhos papéis” / Plínio Carneiro

¹⁶⁷ Ana Cecília de Carvalho (contista com um livro publicado). Graduada em Psicologia, é doutora em Letras (Literatura Comparada) pelo Poslit (UFMG). É autora dos livros *Trilha sonora para o capitão do sonho* (1975); *Livro de Registros* (1976); *Pedrinho Dá o Grito* (1991); *Uma mulher, outra mulher* (1993); *Policarpo, o inseto desclassificado* (1993); *Papagaios: uma história de detetives, piratas e mágicos* (1994); *O Ourives Sapador do Pólo Norte* (1995); *O mundo do meu amigo* (1996); *Pedrito Pega el Grito* (1999); *El Orfebre Zapador del Polo Norte* (1999); *A poética do suicídio em Sylvia Plath* (Ed. da UFMG, 2003); *O livro neurótico de receitas* (2012, Editora Ophicina de Arte&Prosa). Dentre os prêmios que sua obra recebeu, merecem destaque os prêmios recebidos em 1974 – IV Concurso de Contos da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, (O casamento), promovido pela Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais; em 1975 e 1985 – Prêmio Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte (livro inédito), promovido pela Prefeitura de Belo Horizonte; em 1991 – Prêmio Nacional de Literatura de Brasília (livro de contos inéditos), Fundação Cultural do Distrito Federal; destaque de 1993 – com o livro *Policarpo, o inseto desclassificado*, promovido pelo Jornal *Estado de Minas*.

Ensaaios

- “Pequena introdução ao romance gótico” / Walden Carvalho

Especial

- “A assistência total: ‘Mendes Pimentel’ / Maria Beatriz Chaves Araújo

Revista Literária nº 7 (1972)

Comissão da revista

Plínio Carneiro
Magda Frediani Martins
Ronald Claver Camargo

Concurso de contos

- 1º lugar: “O tecedor da chuva” / Sandra Lyon – Faculdade de Medicina
- 2º lugar: “Informações de combate” / Márcio José da Cunha Jardim – História (FAFICH)
- 3º lugar: “Odiado é o dia do diabo” / Stela Cardoso de Carvalho – Faculdade de Letras

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- “Nostalgia” / Eugênio Gomez – Faculdade de Medicina
- “Oito/tempos de rosa-flor” / Regina Lúcia Ferreira Neves – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / Comunicação
- “Fragmentos de um livro inédito de Caio Soveral” / Danilo Gomes – Faculdade de Direito
- “Dulica dois graus a mais” / Sandra Lyon – Faculdade de Medicina

Concurso de poesias

- 1º lugar: “Componência” / Antônio Carlos Gomes da Costa – Faculdade de Medicina
- 2º lugar: “Antes” / Eugênio Gomez – Faculdade de Medicina
- 3º lugar: “Você” / Maria Consuelo Neiva Porto – Matemática (ICEX)

Concurso de poesias – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- “O lapso” / Ana Cecília Carvalho – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / Psicologia
- “Poemicida” / Marlúcio José de Godoy – Escola de Engenharia
- “Reminiscência” / Luiz Fernando de Souza Emediato¹⁶⁸ – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / Comunicação
- “Grito do mar” / Charles Magno Medeiros – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / Comunicação
- “Postal de Minas” / Liliana Helita Torres Mendes Oliveira – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / Comunicação

Segunda seção

Poesias

- “Poema para Joaquim Cardozo” / Luiz Carlos Alves
- “O homem da rua” / Libério Neves
- “A rua” / Ronald Claver
- “Os entes queridos” / Magda Frediani
- “Poema de A(mor-te)mpo” / Magda Frediani
- “Intercomunicação” / Carlos Felipe
- “Poema” / Max Martins
- “Soneto do relógio de pulso” / Ernesto Penafort

¹⁶⁸ Luiz Fernando de Souza Emediato é formado em Comunicação Social pela UFMG. Iniciou sua carreira de jornalista em 1973 como estagiário na sucursal mineira do *Jornal do Brasil*. Em 1978, transferiu-se para a capital paulista, indo trabalhar no jornal *O Estado de S. Paulo*, local em que trabalhou por dez anos. Nesse último jornal, fundou o “Caderno 2”, voltado à publicação de crônicas, seção em que foi o principal autor. Seus principais textos foram posteriormente reunidos na obra *A grande ilusão*. Foi vencedor de importantes prêmios literários, como o Concurso de Contos do Paraná e o Prêmio Esso de Literatura. Também foi vencedor dos prêmios de imprensa da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) e, em 1982, foi premiado com o Prêmio Internacional de Jornalismo Rei de Espanha, da agência de notícias Efe. Juntamente com o jornalista Marcos Wilson, dirigiu o jornalismo do SBT até 1991, quando deixou as redações de jornais para montar empresa própria, a *Geração Editorial*. Entre agosto de 2007 e agosto de 2009, foi presidente do Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador (Codefat), enquanto líder da Força Sindical. Possui os seguintes livros publicados: *A Grande Ilusão* (crônicas); *Eu vi mamãe nascer* (ficção infanto-juvenil); *Geração abandonada* (crônicas); *O outro lado do paraíso* (ficção infanto-juvenil); *Trevas no paraíso: histórias de amor e guerra nos anos de chumbo* (contos) e *Um projeto para o Brasil: a proposta da força sindical* (não ficção).

Contos

- "O nascimento dos leões" / Duílio Gomes
- "O soldado arcanjo" / Plínio Carneiro
- "A viagem" / Márcia Ramalho
- "Do diário de um pequeno Burguês" / Luís Gonzaga Vieira

Montagem

- "Travessia em Guimarães Rosa – A poesia, o rio, a vida e a morte" / Ronald Claver e Antônio Sérgio Bueno

Revista Literária nº 8 (1973)

Comissão da revista

Plínio Carneiro
 Ronald Claver Camargo
 Orlando Bianchini

Concurso de contos

- 1º lugar: "Livro de registros" / Ana Cecília Carvalho – 3º ano de Psicologia (FAFICH)
- 2º lugar: "Do ato de amar Cyrilla" / Regina Lúcia Ferreira Neves – 4º ano de Comunicação Social (FAFICH)
- 3º lugar: "O mercador de Pessíntia" / Sandra Lyon – 3º ano da Faculdade de Medicina

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "O chefe" / Jaime Prado Gouvêa – 5º ano da Faculdade de Direito
- "Recordando Martim" / Danilo Gomes – 4º ano da Faculdade de Direito
- "Mecânica do imutável" / Luiz Fernando de Souza Emediato / 2º ano de Comunicação Social de Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
- "Cão laporte" / Geraldo Félix Lima – Instituto de Ciências Biológicas
- "Estória" / Jackson Drummond Zuim – Faculdade de Letras

Concurso de poesias

- 1º lugar: "Esfinge" / Osias Ribeiro Neves – Ciências Sociais (FAFICH)
- 2º lugar: "Estruturas" / Luiz Fernando de Souza Emediato – 2º ano de Comunicação Social (FAFICH)
- 3º lugar: "Poemágua" / Eugênio Gomes – 4º ano da Faculdade de Medicina

Concurso de poesias – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "Pirâmide" / Sâmia Akl – 1º ano de Psicologia (FAFICH)
- "Certidão de idade" / Ana Maria Donagema Proença – 4º ano da Faculdade de Direito
- "As minas que o mar banhou" / Mônica de Catella Noronha – 2º ano da Faculdade de Letras
- "Offertorium" / Maria da Graça Britto de Azevedo – Faculdade de Letras
- "In Memoriam" / Eugênio Gomes – Faculdade de Medicina

Segunda seção

Poesias

- "Canção" / Luiz Carlos Alves
- "Poema" / Luiz Carlos Alves
- "Antigo amar de amor amigo" / Moacyr Laterza
- "Êmbolo" / Libério Neves
- "O gato" / Orlando Bianchini
- "Reticências..." / João Batista Viana Dias [poesia classificada em 1º lugar pela Academia Mineira de Letras, em concurso promovido pelo diretório acadêmico da Faculdade de Direito da UFMG]
- "Funeral do tempo" / P. Pontes
- "Sonhos Alados" / Ronaldo Claver
- "Premissa" / Ronald Claver
- "Roteiro da mina de Morro Velho" / Henry Correa de Araújo

Contos

- "Verão II" / Duílio Gomes
- "A viagem" / Plínio Carneiro
- "O mendigo" / João Bosco de Araújo Moreira
- "Na pensão de Dona Romana" / Danilo Gomes

Ensaio

- “Notas para a explicação de um poema de Nerval: EL Desdichado” – Lauro Augusto Machado Coelho

Revista Literária nº 9 (1974)**Comissão da revista**

Plínio Carneiro
Orlando Bianchini
Maria Antonieta Antunes Cunha

Concurso de contos

- 1º lugar: “Estreita estrada” / Luiz Fernando de Souza Emediato – 3º ano de Comunicação Social (FAFICH)
- 2º lugar: “1616 canavial” / Carlos Maurício de Andrade Júnior – 1º ano da Faculdade de Letras
- 3º lugar: “A estação das uvas” / Sandra Lyon – 4º ano da Faculdade de Medicina

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- “O aguadeiro” / Kenneth Albernaz Barbosa – 2º ano de Comunicação Social da FAFICH
- “Notas para o roteiro de um romance” / Danilo Gomes – 5º ano da Faculdade de Direito
- “Peixe-alecrim, peixe-pecado” / Sandra Lyon – 4º ano da Faculdade de Medicina
- “Segredo” / Antônio de Pádua Barreto Carvalho¹⁶⁹ – Faculdade de Letras

¹⁶⁹ Antônio de Pádua Barreto de Carvalho nasceu em Passos (MG), em 13 de junho de 1954. Reside em Belo Horizonte desde 1973. Morou também em algumas cidades do Oriente Médio, onde trabalhou como projetista de Engenharia Civil, na construção de estradas, pontes e ferrovias. É formado em História pela Fafi-BH e em Letras pela UFMG. Passou a assinar seus textos como “Antônio Barreto” a partir da 11ª edição a *RL*, em 1976. É ganhador de vários prêmios nacionais e internacionais de literatura nos gêneros poesia, conto, romance e literatura infanto-juvenil. Participa também de várias antologias nacionais e estrangeiras de poesia e contos. Foi redator do *Suplemento Literário*, articulista

- "Solidão urbana" / Osias Ribeiro Neves – 3º ano de Ciências Sociais (FAFICH)

Concurso de poemas

- 1º lugar: "Ária de América por um antigo marinheiro" / Antônio de Pádua Barreto Carvalho – Faculdade de Letras
- 2º lugar: "Perplexidade" / Antônio Carlos Gomes da Costa – 1º ano Faculdade de Educação
- 3º lugar: "Navigari Necesses (Carta à Penélope)" / Sônia Maria de Melo Queiroz – 3º ano da Faculdade de Letras

Concurso de poemas – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "O gado" / Antônio de Pádua Barreto Carvalho – Faculdade de Letras
- "Parávola" / Antônio de Pádua Barreto Carvalho – Faculdade de Letras
- "Eu, de nome Lutero Reis" / Luiz Otávio Linhares Renault – 4º ano da Faculdade de Direito
- "Os sobreviventes" / Eugênio Gomes – 3º ano da Faculdade de Medicina
- "Por estas sucessões testamentárias" / José Gomes da Costa – 5º ano da Faculdade de Direito

Segunda seção

Poemas

- "A louca de La Paz" / Mônica Catella Noronha
- "Quem" / Ana Cecília Carvalho
- "Noturno" / Charles Magno Medeiros
- "Jato" / Luiz Carlos Alves
- "Poema" / Luiz Carlos Alves
- "Poema" / Luiz Carlos Alves
- "O rato" / Orlando Bianchini
- "Aquém" / Danilo dos Santos Pereira
- "Profecia" / Eduardo Lopes
- "Meu sonho Dom Quixote" / Valéria Furtado Azevedo
- "Poema proposta" / Ronald Claver

e cronista do jornal *Estado de Minas* e da revista *Morada*, de Belo Horizonte. Colabora com textos críticos, poemas e artigos de opinião para "El Clarín" (Buenos Aires), "Ror" (Barcelona); "Zidcht" (Frankfurt), "Somam" (Bruxelas); dentre outros periódicos. Atualmente coordena a Coleção "Para Ler o Mundo", da Formato Editori. Disponível em: <http://www.palavrarte.com/equipe/equipe_antbarreto.htm>. Acesso em 09 abr. 2013.

Contos

- "O pássaro de terno de linho branco" / Octávio R. Mendonça Neto
- "Meu caso de lixo" / Hiran Firmino
- "André" / Hugo de Almeida Souza
- "Lição de Malamar" / Ana Maria de Almeida
- "Antes que esfrie" / Walden Carvalho
- "Centauro" / Duílio Gomes
- "As visões de Dona Olga" / Plínio Carneiro

Ensaio

- "As unidades narrativas em *As mulheres de Mantilha*" / Lauro Belchior Mendes

Revista Literária nº 10 (1975)

Comissão da revista

Plínio Carneiro
Orlando Bianchini
Maria Antonieta Antunes Cunha

Concurso de contos

- 1º lugar: "O coronel não verá jamais os seus filhos" / Luiz Fernando de Souza Emediato – Comunicação Social (FAFICH)
- 2º lugar: "O ventre da terra" / Sandra Lyon – Faculdade de Medicina
- 3º lugar: "O verdadeiro profeta do apocalipse" / Antônio de Pádua Barreto Carvalho – Faculdade de Letras

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "Eufrásio" / José Liberato Costa Póvoa – Faculdade de Direito
- "Cotidiano" / Sílvia Rubião Resende¹⁷⁰ – Comunicação Social (FAFICH)

¹⁷⁰ A poetisa Sílvia Rubião Resende é sobrinha do escritor mineiro Murilo Rubião. É autora do livro "Tangências: poemas", publicado em 2005 pela editora 7Letras. Atualmente é coordenadora do projeto cultural *Ofício da palavra*, vinculado ao Museu de Artes e Ofícios, realizado em conjunto com o jornalista José Eduardo Gonçalves. Esse evento artístico iniciado há 7 anos convida, para debates,

- "O sol por testemunha" / Hugo de Almeida Souza – Comunicação Social (FAFICH)
- "Das breves notas de um desaparecido" / Osias Ribeiro Neves – Ciências Sociais (FAFICH)
- "Lágrima de urso" / Lúcia Castello Branco – Faculdade de Letras

Concurso de poemas

- 1º lugar: "Liturgia da palavra" / Antônio de Pádua Barreto Carvalho – Faculdade de Letras
- 2º lugar: "Ópera do verde e do sal" / Sônia Maria de Melo Queiroz – Faculdade de Letras
- 3º lugar: "O medo" / Luiz Fernando de Souza Emediato – Comunicação Social (FAFICH)

Concurso de poemas – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "Brasília" / Antônio Carlos Gomes da Costa – Faculdade de Educação
- "Considerações latinas" / Osias Ribeiro Neves – Ciências Sociais (FAFICH)
- "Retrato" / Liana Valle – Escola de Arquitetura
- "Peitoral de janela" / Sandra Mansur Froes – Faculdade de Letras
- "Carrinho de rolimã" / Maria de Fátima Rocha – Instituto de Ciências Biológicas

Segunda seção

Poemas

- "(H)era" / Moacyr Laterza
- "Congonhas" / Luís Carlos Alves
- "Ressurreição de fantasma" / Luís Carvalho Alves
- "Rosa (João Guimarães)" / Valéria Furtado Azevedo
- "A saga dos homens" / Danilo dos Santos Pereira
- "Poema bula (venda sob receita médica)" / Ronald Claver

Contos

- "Starville" / Duílio Gomes

- "Dois pequenos esboços, enquanto é tempo, acerca de um problema mais complexo, que ainda vale a pena" / Walden Camilo de Carvalho
- "Las cien perlas" / Gabriela Arciniegas
- "O semeador" / Ana Maria de Almeida
- "Uma loura gostosa" / Sérgio Bittencourt Almeida
- "Adeus, covertinha!" / Danilo Gomes
- "Sinfonia número quarenta" / Plínio Carneiro

Ensaaios

- "Alina Reyes: a traição do anagrama" / Cleonice Paes Barreto Mourão
- "A representação e o ritual e em 'Final do jogo', de Júlio Cortazar" / Vera Lúcia Andrade

Revista Literária nº 11 (1976)

Comissão da revista

Plínio Carneiro
Orlando Bianchini
Maria Antonieta Antunes Cunha

Concurso de contos

- 1º lugar: "Além" / Hugo de Almeida Souza – Comunicação Social (FAFICH)
- 2º lugar: "Mata-me de amor" / Lúcia Castello Branco – Faculdade de Letras
- 3º lugar: "Malícias do pano verde" / Sandra Lyon – Faculdade de Medicina

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "Marcolino" / José Liberato Costa Póvoa – Faculdade de Direito
- "Onde está Muriel?" / Maria Lúcia Silva Couto – Faculdade de Letras
- "Avatar" / Ângela Cançado Lara Resende – Faculdade de Letras

Concurso de poemas

- 1º lugar: "Quatro tempos e o reverso" / Ozias Ribeiro Neves – Ciências Sociais (FAFICH)

- 2º lugar: "Talvez" / Lígia Augusta Muniz – Comunicação Social (FAFICH)
- 3º lugar: "Viajante – caminhante das quebradas de além-mar" / Lúcia Castello Branco – Faculdade de Letras

Concurso de poemas – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "Conto para a amada que dorme" / Álvaro Eustáquio Rocha Fraga – Comunicação Social (FAFICH)

Segunda seção

Poemas

- "Ars poética" / Luiz Carlos Alves
- "Poema" / Luiz Carlos Alves
- "Intervenção" / Danilo dos Santos Pereira
- "Atlântico" / Valéria Furtado Azevedo
- "Eu, à propósito de um 'cuba-libre' " / Eduardo Lopes
- "Canção urbana" / Ronald Claver

Contos

- "Um cansado corporal" / Danilo Gomes
- "Além da graxa e do óleo" / Antônio Barreto
- "À nossa volta" / Regina Neves
- "Roberval & Eliana" / Eugênio Gomez
- "A barata" / Kenneth Albernoz
- "Em decúbito dorsal" / Plínio Carneiro

Ensaio

- "O trágico em 'boquinhos pintadas': sentido e função do destino" / Vera Lúcia Andrade
-

Revista Literária nº 12 (1977)

Comissão da revista

Plínio Carneiro
Orlando Bianchini
Maria Antonieta Antunes Cunha

Concurso de contos

- 1º lugar: "Desafio" / Walden Camilo de Carvalho – História (FAFICH)
- 2º lugar: "Cochó do péga" / Aloyzo de Souza Rocha Filho – Comunicação Social (FAFICH)
- 3º lugar: "Incidente" / Osias Ribeiro Neves – Ciências Sociais (FAFICH)

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "Final do jogo" / Lúcia Castello Branco – Faculdade de Letras
- "O estrado" / Giovani Bertu – Curso de Engenharia Mecânica – Escola de Engenharia
- "Todos os apartamentos" / José Alexandre Gomes Marino – Escola de Belas Artes

Concurso de poemas

- 1º lugar: "Augusto Franco" / Nuno Tomaz Pires de Carvalho – Faculdade de Direito
- 2º lugar: "Descobrimento" / Lúcia Castello Branco – Faculdade de Letras
- 3º lugar: " 'Minas' Mujer" / José Angel Silva Delgado – Escola de Arquitetura

Concurso de poemas – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "Lembranças" / Cláudio da Cunha Pimenta – Faculdade de Letras
- "De alguns depoimentos e um relato" / Osias Ribeiro Neves – Ciências Sociais (FAFICH)
- "Soneto da mediocridade" / Sócrates Zenóbio Pinheiro Neto – Faculdade de Ciências Econômicas (CEDEPLAR)

Segunda seção

Poemas

- "O pombo" / Maria Consuelo Porto Gontijo
- "A coruja" / Maria Consuelo Porto Gontijo
- "O poeta na ponte" / Valéria Furtado Azevedo
- "João vida" / Valéria Furtado Azevedo
- "Momento" / Álvaro Eustáquio Rocha Fraga
- "Bicho" / Régis A. D. Gonçalves
- "Quietude" / Lígia Muniz
- "Extensões" / Reinaldo Reis
- "17 bissextos inéditos" / Renato de Pinho
- "À flor da pele" / Ronald Claver
- "Nosso tempo" / P. Pontes

Contos

- "Choro convulso" / Hugo de Almeida Souza
- "Espia, mãe, você já reparou que aqui não tem urubu?" / Welber S. Braga
- "Interlúdio da mulher morta" / Ana Maria de Almeida
- "Banda Veneno" / Duílio Gomes

Ensaio

- "50 anos do primeiro livro de Eduardo Frieiro" / Danilo Gomes
- "Índios e letras no Brasil" / Ana Maria Viegas

Revista Literária nº 13 (1978)

Comissão da revista

Plínio Carneiro
Ana Maria de Almeida
Ronald Claver Camargo

Concurso de contos

- 1º lugar: "Pé-de-janta" / José Liberato Costa Póvoa – Faculdade de Direito
- 2º lugar: "Os revisores de catálogos" / Edwaldo Zampier Salles – Matemática (ICEX)
- 3º lugar: "Rua da palha" / Aloyzo de Souza Rocha Filho – Comunicação Social (FAFICH)

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "Do lado de cá da ponte" / José Alexandre Gomes Marino – Escola de Belas Artes
- "Inácio, um santo-minotouro" / Branca Maria de Paula Xavier – Mestrado em Filosofia
- "O engenheiro" / Sílvia Rubião Resende – Faculdade de Letras

Concurso de poemas

- 1º lugar: "O fio" / Lúcia Castello Branco – Faculdade de Letras
- 2º lugar: "Gérmem em el silêncio de America" / Gerson Murilo Ávila de Paula – Ciência da Computação (ICEX)
- 3º lugar: "Os operários da palavra" / José Alexandre Gomes Marino – Escola de Belas Artes

Concurso de poemas – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "Migalha" / Anna Maria Viegas – Mestrado (Faculdade de Educação)
- "Ver-te não te quero verde" / Napoleão Laureano de Andrade – Física (ICEX)
- "Sapato" / Miguel Ângelo Freitas Ribeiro – Filosofia

Segunda seção

Poemas

- "Composição" / Luiz Carlos Alves
- "Ritornelo" / Danilo Gomes
- "México de Carlos Fuentes" / Danilo Gomes
- "Fauna" / Eurípedes Alcântara
- "Poema incerto poema" / Osias Ribeiro Neves
- "Primeiro poema para Isabella" / Osias Ribeiro Neves
- "Breves considerações sobre a poesia" / Osias Ribeiro Neves
- "O papagaio" / Maria Consuelo Porto Gontijo

- "A tartaruga" / Maria Consuelo Porto Gontijo
- "O vagalume" / Maria Consuelo Porto Gontijo
- "Roteiro lírico sentimental num quarto de pensão" / Ronald Claver

Contos

- "Hipoconóia" / Arthur Lopes Filho
- "Arrul" / Arthur Lopes Filho
- "À noite coaxamos" / Duílio Gomes
- "Cercos fechados" / Sandra Lyon
- "Sai dia, entra dia" / Eunice Dutra Galery
- "As três juremas em ritmo de desencanto" / Ana Maria de Almeida
- "Problema de família" / Plínio Carneiro

Ensaio

- "Sargento Getúlio: linguagem e poder" / Wander Melo Miranda

Revista Literária nº 14 (1979)

Comissão da revista

Plínio Carneiro
Ana Maria de Almeida
Ronald Claver Camargo

Concurso de contos

- 1º lugar: "O punhal é uma flor vermelha" / Francisco de Moraes Mendes¹⁷¹ – Comunicação Social (FAFICH)

¹⁷¹ O escritor e jornalista Francisco de Moraes Mendes cursou Mestrado de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da UFMG. Publicou os livros de contos *Escreva, querida* (Editora Mazza, 1996) e *A razão selvagem* (Ciência do Acidente, 2003). Resenhou livros nos jornais *Correio Braziliense* e *O Tempo*, no qual foi cronista durante sete anos. Publicou contos no jornal *Rascunho*, de Curitiba, na revista eletrônica *Paralelos*, nos ônibus de BH (projeto *A tela e o texto*). Possui sete prêmios literários, dentre eles o Prêmio Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte e o Minas de Cultura, recebidos por seu primeiro livro, em 1993, e o prêmio Luiz Vilela, promovido pela Fundação de Cultura de Ituiutaba. *A razão selvagem* foi semifinalista do Prêmio Portugal Telecom, em 2003. Em 2011,

- 2º lugar: "Lucidez" / Aloyzo de Souza Rocha Filho – Comunicação Social (FAFICH)
- 3º lugar: "A vaca cristalina" / José Liberato Costa Póvoa – Faculdade de Direito

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "O ponto final" / Fausto Albuquerque Mendes – Escola de Engenharia
- "Nas cirandas dessa vida" / Sólon de Araújo – Escola de Engenharia
- "As fotos" / Edwaldo Zampier Salles – Filosofia

Concurso de poemas

- 1º lugar: "Das esposas" / Sônia Maria de Melo Queiroz – Mestrado (FALE)
- 2º lugar: "3x4" / Sandra Duarte Penna – Instituto de Ciências Biológicas
- 3º lugar: "Tiradentes" / Rita Espeschit – Instituto de Ciências Biológicas

Concurso de poemas – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "Tempo" / Álvaro Eustáquio Rocha Fraga – Comunicação Social (FAFICH)
- "Poema de Pablo" / Carlos Antônio Leite Brandão – Escola de Arquitetura
- "Minasgerou" / Ricardo Márcio Camargos – Comunicação Social (FAFICH)

Segunda seção

Poemas

- "O sertanista Bernardo Sayão" / Fritz Teixeira de Salles
- "Ouro Preto" / Leda Maria Martins
- "A outra pedra" / Antônio Eduardo de Castro
- "Haroldo & Augusto" / Amador Ribeiro Neto
- "Ode em 3 tempos" / Maria Consuelo Porto Gontijo
- "Parto com dor" / Elza Beatriz de Araújo
- "Personagem" / Antônio Barreto
- "As vinhas da ira" / Antônio Barreto
- "Trivial completo" / Maria Clara Arreguy Maia
- "Canção de Iázar" / Ângela Cançado L. Resende
- "Roteiro tragicômico em 7 dias de amor" / Ronald Claver

Contos

- "Hóspedes da chuva" / Sandra Lyon
- "Meio-dia" / Ana Maria de Almeida
- "Por tantos séculos que o amor resultou insolúvel" / Danilo Gomes
- "De noite" / Maria do Carmo Brandão
- "De gordura e magreza" / Eunice Dutra Galery
- "Ânima" (*) / Ângela Caçado L. Resende (*) premiado no concurso de contos da academia municipalista de letras/ Minas Caixa, em 1978
- "Choque ao portador" / Duílio Gomes
- "Um dia de medo" / Plínio Carneiro

Ensaaios

- "A narrativa: um caminho a percorrer ou a construir" / Ivete Lara Camargos Walty
- "A fala do corpo ou o silêncio de papel" / Léa Selma Amaral

Revista Literária nº 15 (1980)

Comissão da revista

Plínio Carneiro
Ana Maria de Almeida
Ronald Claver Camargo

Concurso de contos

- 1º lugar: "A teia" / Francisco de Moraes Mendes – Comunicação Social (FAFICH)
- 2º lugar: "Todas as bonecas" / José Maria Braga – Comunicação Social (FAFICH)
- 3º lugar: "Marruá" / José Liberato Costa Póvoa – Faculdade de Direito

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- “Os papagaios de Ru” / Gerson Murilo Ávila de Paula – Psicologia (FAFICH)
- “Outo” / Maria José Somerlate Barbosa – Faculdade de Letras
- “Parada de corno” / Alan de Freitas Passos – Faculdade de Medicina

Concurso de poemas

- 1º lugar: “O mapa de minas” / Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho – Faculdade de Letras
- 2º lugar: “Dívida” / Sônia Maria de Melo Queiroz – Faculdade de Letras
- 3º lugar: “Anatomia da origem” / Clarissa Cançado Lara Resende – Faculdade de Direito

Concurso de poemas – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- “Brasileiro por acaso” / Avanilton Murilo de Aguilar Cruz – Faculdade de Letras
- “A Agostinho neto” / José Cândido de Siqueira – Faculdade de Letras
- “Sinais de fumaça” / Antônio Carlos de Souza Pereira – Faculdade de Letras

Segunda seção

Poemas

- “Viver” / Adão Ventura
- “Labor” / Álvaro Fraga
- “Tardinha” / Amador Ribeiro Neto
- “O trem mais veloz do mundo” / Sidney Martins
- “O caçador” / Ângela Cançado
- “Latino” / Antônio Barreto
- “Tapete” / Joanyr de Oliveira
- “A lua cheia quer se banhar no rio” / José Alexandre Marino
- “A propósito de um retrato em uma carteira” / Lúcia Afonso
- “Acalanto” / Lúcia Castello Branco
- “Morrendo de saudades” / Marcus Vinícius Araújo Nascimento
- “O boi” / Maia Consuelo Porto Gontijo
- “Perfis” / Renato de Pinho
- “Que terror é este, companheiras?” / Nilza Rocha Feres
- “De bufo galope” / Pascoal Motta

- “Noturno para amor gemente” / Paulinho Assunção¹⁷²
- “Mulher” / Ronald Claver
- “Freeway” / Rosa Neves

Contos

- “Corpo dourado de pantera” / Duílio Gomes
- “Mulher brincando com menina” / Ângela Cançado
- “Esse sangue” / Carlos Herculano Lopes¹⁷³
- “Objeto de estimação” / Sandra Lyon
- “Arabescos” / Maria do Carmo Brandão
- “Numa varanda, em Jacareípe” / Danilo Gomes
- “Depoimento” / Eunice Dutra Galéry
- “Cachorro sem dono” / Ana Maria de Almeida
- “O guardião” / Plínio Carneiro

Ensaio

- “Da sacralização do leitor ao sacrilégio do real”. Proposta de leitura de “Le sang d’agneau” / Lea Selma Amaral

Pesquisa

- “Livro de bolso” / Maria das Graças Rodrigues Paulino

¹⁷² O poeta Paulinho Assunção foi membro da comissão do *Suplemento Literário* no início dos anos de 1980. Também foi redator na assessoria de imprensa do Palácio das Artes entre os anos de 1976 a 1987, quando, a partir de então, passou a dedicar-se ao jornalismo. Em 1976, participou do *Jornal Movimento*, em Belo Horizonte, considerado um dos mais importantes periódicos de resistência à ditadura militar. Venceu o Prêmio Minas de Cultura (Guimarães Rosa) com o livro de contos *Pequeno tratado sobre as ilusões* (2003, editora Campo das Letras, em Portugal). Possui publicados os livros *Cantigas de amor & outras geografias* (poesia, 1980); *A sagrada blasfêmia dos bares* (poesia, 1981); *Diário do mundo* (poesia, 1984), esse último vencedor do Prêmio Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte, em 1983. Publicou, ainda, diversos livros artesanais como o selo Edições 2 Luas, que ele próprio afirmou ser “a menor editora do mundo”.

¹⁷³ Carlos Herculano Lopes nasceu em 1956, no Vale do Rio Doce, Minas Gerais. Formou-se em Comunicação Social pela UFMG. Atualmente é escritor e jornalista, sendo responsável pelo Caderno “EM Cultura”, do *Jornal Estado de Minas*. Autor dos romances *Sombras de julho*, vencedor da Quinta Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, em 1990, e *O vestido*, finalista do Prêmio Jabuti, em 2005. Além desses, possui publicado os seguintes livros: *O sol nas paredes* (contos, 1980); *Memórias da sede* (contos), vencedor do Prêmio Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte, em 1982; *A dança dos cabelos* (1984), vencedor do Prêmio Guimarães Rosa, promovido pela Secretaria de Cultura de Minas Gerais. Pelo conjunto da obra, foi um dos dez finalistas do Prêmio Jorge Amado de Literatura, em 2002.

Revista Literária nº 16 (1981)

Comissão da revista

Plínio Carneiro
Ana Maria de Almeida
Ronald Claver Camargo

Concurso de contos

- 1º lugar: "É pato ou galo?" / Antenor Pimenta Madeira – Engenharia Mecânica
- 2º lugar: "Algumas notas sobre o homem que não dormia" / Alan de Freitas Passos - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Filosofia (FAFICH)
- 3º lugar: "A história de um lobo manso" / Joviano Gonçalves dos Santos – Faculdade de Letras

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "Os Judas deixados no escuro" / Gerson Murilo Ávila da Cunha – Filosofia (FAFICH)
- "Verdes eram as asas" / Raisia Maria dos Santos Lage – Faculdade de Letras
- "Ad nauseam" / Maria do Carmo de Carvalho – Faculdade de Medicina

Concurso poemas

- 1º lugar: "Maturidade" / Sônia Maria de Melo Queiroz – Faculdade de Letras
- 2º lugar: "Manhã em Diamantina" / Avanilton Murilo de Aguiar Cruz – Faculdade de Letras
- 3º lugar: "A redentora" / Virgílio Antônio Cunha de Mattos – Faculdade de Direito

Concurso de poemas – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "Procura da poesia" / Roberto Barros de Carvalho – Faculdade de Letras
- "Da nossa parte" / Sérgio Coelho de Medeiros – Faculdade de Letras
- "Sobre a dona" / Maria Auxiliadora Cunha Grossi – Faculdade de Letras

Segunda seção

Poemas

- "Perfis" / Renato de Pinho
- "Claustro" / Lúcia Castello Branco
- "Marítima" / Álvaro Fraga
- "Caminito" / Paulinho Assunção
- "Classificados" / Marcus Vinícius de Araújo Nascimento
- "O corvo" / Maria Consuelo Porto Gontijo
- "Como estão as coisas" / Salomão Souza
- "Poema de entrega e compreensão" / Antônio Barreto
- "Homem" / Ronald Claver
- "Os descaminhos do coração" / Ronald Claver

Contos

- "O espelho embaçado" / Melânia Silva de Aguiar
- "Semente velha" / Kenneth Albernaz
- "Um brilho na noite" / Carlos Herculano Lopes
- "Do grande cansaço de ter sempre vivido em estado passional" / Danilo Gomes
- "Esmeralda, esmeraldas..." / Ana Maria de Almeida
- "Uma questão de posseiros" / Sandra Lyon
- "Clóvis, o coxo" / Duílio Gomes
- "O jogador" / Plínio Carneiro

Ensaaios

- "Missa do galo – uma reapresentação de uma representação" / Suzana Cardoso Teixeira de Salles
 - "As veredas do sertão rosiano" / Luiz Otávio Savassi Rocha
 - "João do rio" / Danilo Gomes
-

Revista Literária nº 17 (1982)

Comissão da revista

Plínio Carneiro
Ana Maria de Almeida
Ronald Claver Camargo

Concurso de contos

- 1º lugar: "A delicadeza do amor" / Sandra Duarte Penna – Faculdade de Medicina
- 2º lugar: "A confraria" / Francisco de Moraes Mendes – Comunicação Social (FAFICH)
- 3º lugar: "Relato de um sobrevivente" / Alan de Freitas Passos – Filosofia (FAFICH)

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "Os filhos" / José Wilson Barbosa de Sales – Comunicação Social (FAFICH)
- "Major procopão" / Antenor Pimenta Madeira – Engenharia Mecânica (ICEX)
- "O tesouro de Joaquim Malaquias" / Joviano Gonçalves dos Santos – Faculdade de Letras

Concurso de poemas

- 1º lugar: "Água" / Sérgio Coelho de Medeiros – Faculdade de Letras
- 2º lugar: "Poiesis" / Roberto Barros de Carvalho – Faculdade de Letras
- 3º lugar: "Das coisas" / José Luiz Deroma e Silva – Filosofia (FAFICH)

Concurso de poemas – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "Lua Dimel" / Rita Espeschit – Medicina (ICB)
- "Tribunal" / Eduardo José Tollendal – Pós-graduação (FALE)
- "Timoneiro" / Zina Vieira – Comunicação Social (FAFICH)

Segunda seção

Poemas

- "Girassol" / Julizar Dantas
- "Qu'est ce d' amour" / Francisco I

- "Que é do amor?" / Moacyr Laterza
- "Artigo 1º" / Amador Ribeiro Leite
- "Teoria" / Ângela Lara Resende
- "Cantiga 1" / Leda Maria Martins
- "Amar, amares" / Lúcia Castello Branco
- "Matuto" / Maria Consuelo Porto Gontijo
- "Noite qualquer" / Maria do Carmo Brandão
- "Emergência" / Maria Magdalena Lana Gastelois
- "Marinha" / Paschoal Motta
- "Blue" / Paulinho Assunção
- "O sol da Ânsia" / Salomão Souza
- "Ubi sunt das rimas fáceis ou poema das sete fáceis" / Valmiki Villela Guimarães
- "Duelo" / Ronald Claver

Contos

- "Toca o bonde, Ana" / Branca Maria de Paula
- "Parlenda dos Quarent'Anos" / Danilo Gomes
- "A negrinha" / Plínio Carneiro
- "Noite vazia" / Maria do Carmo Brandão
- "A resposta" / Eunice Dutra Galéry
- "O dia de quebrar o coco" / Sônia Queiroz
- "Deus dos abismos" / Duílio Gomes
- "Carta de alforria" / Sandra Lyon

Ensaio

- "O regionalismo no universo literário de *Absalom, Absalom!* e *Fogo morto*" / Maria do Carmo Lanna Figueiredo
-

Revista Literária nº 18 (1983)

Comissão da revista

Ana Maria de Almeida
Ronald Claver Camargo

Concurso de contos

- 1º lugar: "Uma quarta-feira antiga" / Antenor Pimenta Madeira – Engenharia Mecânica – Escola de Engenharia
- 2º lugar: "Paráfrase" / Lúcio Emílio do Espírito Santo – Faculdade de Direito
- 3º lugar: "Sonhos no espelho" / Maria Beatriz Mac Dowell da Costa – Mestrado em Filosofia (FAFICH)

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "As esposas mortas" / Edmundo de Novaes Gomes – História (FAFICH)
- "O sortilégio da violeta" / Maria Esther Maciel de Oliveira¹⁷⁴ – Faculdade de Letras
- "Nas margens do caderno" / Alan de Freitas Passos – Mestrado em Filosofia (FAFICH)

¹⁷⁴ Maria Esther Maciel de Oliveira Borges é, atualmente, professora associada de Teoria da Literatura e Literatura Comparada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), nos níveis de graduação e pós-graduação. Possui Mestrado em Literatura Brasileira pela UFMG (1990), Doutorado em Literatura Comparada pela mesma instituição (1995) e Pós-Doutorado na área de Cinema pela Universidade de Londres (1999/2000). Foi professora residente do IEAT – Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares da UFMG (2009/2010). Dentre suas publicações, destacam-se os livros: *As vertigens da lucidez – poesia e crítica em Octavio Paz*; *Vôo Transverso – poesia, modernidade e fim do século XX*; *A memória das coisas ensaios de literatura, cinema e artes plásticas* (finalista do Prêmio Jabuti 2005); *O cinema enciclopédico de Peter Greenaway* (org.); *O livro de Zenóbia* (ficção); *O livro dos nomes* (ficção, finalista de vários prêmios literários nacionais, incluindo o Jabuti e o Portugal Telecom 2009); *O animal escrito* (ensaio), *As ironias da ordem* (ensaio) e *Escrever/pensar o animal* (org.). Desenvolveu, como pesquisadora do CNPq, os projetos "Poéticas do Inventário" (2004/2007) e "Bestiários Contemporâneos - animais na literatura" (2007-2010). Seu projeto atual, com bolsa de Produtividade do CNPq, intitulado Zooliteratura brasileira: animais, animalidade e os limites do humano. É, ainda, colunista semanal do caderno de cultura do jornal *Estado de Minas*. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/esthermaciel/>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

Concurso de poemas

- 1º lugar: "Os sentidos"; "Tato"; "Visão"; "Paz"; "Faça (como fazer)"; "Audição"; "Olfato"; "Paladar" / Sérgio Coelho de Medeiros – Faculdade de Letras
- 2º lugar: "Poema de segunda-feira"; "Aviso a um pacato cidadão"; "Uma estorinha à toa"; "Poema do exílio" / Nuno Tomaz Pires de Carvalho – Doutorado (Faculdade de Direito)
- 3º lugar: "Estorinha matreira"; "Querências"; "Testemunho"; "Gestação"; "Conceito" / Maria Esther Maciel de Oliveira – Faculdade de Letras

Concurso de poemas – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "Noturno nº 0" / Luci Clea Soalheiro
- "Sandramara" / Luci Clea Soalheiro
- "Retrospectiva" / Luci Clea Soalheiro
- "Balanço" / Roberto Barros de Carvalho
- "Clubre Princesa Isabel Rosa de Ouro" / Roberto Barros de Carvalho
- "Duo" / Roberto Barros de Carvalho
- "Um pijama para dois" / Roberto Barros de Carvalho
- "Dói demais o braço" / Roberto Barros de Carvalho
- "Inventário" / Roberto Barros de Carvalho

Segunda seção

Poemas

- "Torres altas" / Leda Maria Martins
- "Os vaga-lumes desaparecem I" / J. N. Bedran
- "Os vaga-lumes desaparecem II" / J. N. Bedran
- "Os vaga-lumes desaparecem III" / J. N. Bedran
- "Pampulha" / Ronald Claver
- "Speak White" / Michele Lalonde (trad. Eunice Dutra Galéry)
- "Festa do Divino em Diamantina" / Adão Ventura
- "Rito de passagem" / Paulinho Assunção
- "O poema" / Sérgio Alves Peixoto
- "Hamlet" / Sérgio Alves Peixoto
- "Esfinge" / Sérgio Alves Peixoto
- "Para Drummond" / Maria do Carmo Brandão
- "Mulher operária" / Maria do Carmo Brandão
- "Fatos fundamentais com sabor a Barroco" / Eunice Dutra Galéry

- “Fruição” / Eunice Dutra Galéry
- “Análise” / Eunice Dutra Galéry
- “Pauta” / Eunice Dutra Galéry
- “Aparência” / Eunice Dutra Galéry
- “O inexplicável” / Eunice Dutra Galéry
- “Mudo” / Eunice Dutra Galéry
- “Em surdina” / Eunice Dutra Galéry

Contos

- “Nós, marginais” / Ana Maria de Almeida
- “O círculo da destruição” / Sandra Lyon
- “Gallina” / Duílio Gomes
- “As carpideiras” / Arthur Lopes Filho

Ensaio

- “E o que era papel, molhou-se; o que era vidro, quebrou-se; entrou por uma porta, saiu por outra, quem quiser que conte outra” / Maria Zilda Ferreira Cury
- “Literatura infantil: entre o selvagem e o doméstico” / Ivete Lara Camargos Walty

Revista Literária nº 19 (1985)

Comissão da revista

Ana Maria de Almeida
Ronald Claver Camargo

Concurso de contos

- 1º lugar: “Rosas na catedral”; “Uma história incrível”; “O fantasma de Raul Tomásio” / Antenor Pimenta Madeira – Escola de Engenharia
- 2º lugar: “O Vesúvio”; “Papairanóico filhaalcoólica”; “Rei Midas” / Maria do Espírito Santo Gontijo – Faculdade de Letras
- 3º lugar: “Meta-paixão”; “De mensageira triste para o seu grande amor ou El dia que me queiras” / Gracia Regina Gonçalves – Faculdade de Letras

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- “Comuin” / Maurício Lara Camargos – Comunicação Social (FAFICH)
- “E bandeiras” / Sérgio Francisco Cruz Fantini¹⁷⁵ – Faculdade de Letras
- “Tobias lunar” / Marcílio França Castro¹⁷⁶ – Faculdade de Direito

Concurso de poemas

- 1º lugar: “Sandino – general de homens livres” / Sérgio Coelho Medeiros – Faculdade de Letras
- 2º lugar: “Poesias” / Henriette Mourão do Amaral – Psicologia (FAFICH)
- 3º lugar: “Trindade”; “Sem título”; “Segunda mão”; “Consulta”; “Chinatown” / Rita de Cássia Espeschte Braga – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Comunicação Social (FAFICH)

¹⁷⁵ Sérgio Francisco Cruz Fantini é autor do livro literatura infanto-juvenil *A baleia Conceição*. A partir de 1976, publicou zines e livros de poemas; realizou shows, exposições, recitais e performances. Possui textos publicados nas seguintes antologias: *Novos contistas mineiros* (Mercado Aberto); *Contos jovens* (Brasiliense); *Belo Horizonte, a cidade escrita* (ALMG/UFMG); *Temporada de Poesia/Salto de Tigre* (PBH); *Mini-antologia da minipoesia brasileira* (PorOra); *Geração 90, Manuscritos de Computador* (Boitempo); *Os cem menores contos brasileiros do século* (Ateliê); *Contos cruéis* (Geração); *Quartas histórias* - contos baseados em narrativas de Guimarães Rosa (Garamond); *Cenas da favela* – as melhores histórias da periferia brasileira (Geração/Ediouro); *35 maneiras de chegar a lugar nenhum* (Bertrand Brasil); *Capitu mandou flores* - contos para Machado de Assis nos cem anos de sua morte (Geração); *Pitanga* (Lisboa, Portugal); *90-00* - cuentos brasileños contemporáneos (Ediciones Copé, Peru) e *Como se não houvesse amanhã* - 20 contos baseados em músicas da Legião Urbana (Record). Publicou os livros *Diz xis, cada um cada um, materiaes* (Dubolso); *Coleta seletiva* (Ciência do Acidente); *A ponto de explodir, Camping Pop* (Yiyi Jambo, Paraguai); *Silas* (Jovens Escribas) e *A Baleia Conceição* (Infantil, Formato). Foi curador do 8º Salão do Livro e Encontro de Literatura de Belo Horizonte (2007) e do 9º Encontro das Literaturas de Belo Horizonte (2008). Em 2008, foi lançado o curta-metragem de animação *Terra*, do diretor Sávio Leite, baseado num poema de Sérgio Fantini, que também assina o co-roteiro. Num ano, o curta foi selecionado para dezenas de festivais no Brasil e em outros países, como França, Finlândia, Chile, Cuba, Estados Unidos, Equador, Peru e Portugal, além de vencer alguns deles, como os de São Paulo, Rio Grande do Sul, Cineport em João Pessoa e Sabará. Disponível em: <http://www.familiafantini.com.br/detalhes.asp?id=36&cat_id=10&cat_nome=Notas%20Biogr%E1ficas&topo=&nome=S%E9rgio%20Fantini>. Acesso em 13 abr. 2013.

¹⁷⁶ Marcílio França Castro nasceu em Belo Horizonte em maio de 1967. É, atualmente, doutorando em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras das UFMG e trabalha na Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Em 2009, foi premiado com a bolsa Funarte de Criação Literária pelo projeto *Breve Cartografia de lugares sem nenhum interesse*, de narrativas ficcionais. Autor dos livros de contos *A casa dos outros* (2009) e *Breve cartografia de lugares sem nenhum interesse* (2011), sendo este vencedor do Prêmio Clarice Lispector (modalidade conto), concurso literário promovido pela Fundação Biblioteca Nacional.

Concurso de poemas – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- “Comercial II” / Sérgio Francisco Cruz Fantini – Faculdade de Letras
- “Advertência muda” / Cássio Barbosa Cruz – Faculdade de Ciências Econômicas
- “A morte da rosa” / José Mariano da Cunha Filho – Faculdade de Medicina
- “Os ventos de minha infância” / Simone Maria de Souza – Faculdade de Letras
- “A rede” / Thaís Guimarães – Faculdade de Letras

Segunda seção

Poemas

- “Poema concreto” / José Amâncio Carvalho
- “Pedra de amolar” / José Amâncio Carvalho
- “7 poemas idiotas e uma canção cinzenta” / Ronald Claver
- “Amar é...” / Carlos Aberto Marques dos Reis
- “Racha” / Marcus Bacamarte¹⁷⁷
- “Sem título” / Marcus Bacamarte

Contos

- “A morte de Marcondes ou as cartas que não chegaram” / Carlos Henrique Lopes
- “Página de corte” / José Narciso Bedran
- “O soldadinho de chumbo” / Duílio Gomes

Ensaio

- “As manhas da jabuti Manifesto Antropófago” / Lauro Belchior Mendes
- “O mito em Iracema de José de Alencar” / Ingeborg Scheible-Turchetti
- “Bricolagem em Avalovara: (re)constituição do corpo” / Ilza Matias de Sousa

¹⁷⁷ Marcus Vinícius de Freitas possui Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (1990), Ph.D. em Portuguese And Brazilian Studies – Brown University (2000 – sob orientação do Prof. Emeritus George Monteiro) e Pós-Doutorado em Teoria e História Literária pela Unicamp (2009-2010, sob supervisão de Francisco Foot Hardman). Atualmente exerce o cargo de Professor Titular de Teoria da Literatura na UFMG. Possui publicados 9 livros, 15 capítulos de livros, 32 artigos completos em periódicos e 78 apresentações de trabalhos em eventos. Recebeu 15 prêmios ou títulos, dentre eles o Prêmio Petrobrás Cultural (2007), a Menção Honrosa do Prêmio Jabuti (2002) e a titulação como membro da Phi Beta Kappa Society (2000). Disponível em: < <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4785763Z6>>. Acesso em 13 abr. 2013.

Revista Literária nº 20 (1988)

Comissão da revista

Ana Maria de Almeida
Ronald Claver Camargo

Comissão julgadora de 20º Concurso de Contos e Poemas

Ronald Claver
Luiz Cláudio Vieira de Oliveira
Sônia Maria de Melo Queiroz

Concurso de contos

- 1º lugar: "Zólio" / Marcílio França Castro – Faculdade de Direito
- 2º lugar: "O menino no quarto" / Maurício Fernandes de Castro – Faculdade de Letras
- 3º lugar: "Tribuzanas urbanas III" / Alan de Freitas Passos – Mestrado em Filosofia (FAFICH)

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "Chicken-in" / Olímpio José Pimenta Neto – Filosofia (FAFICH)
- "Never more" / Rita Espeschit – Comunicação Social (FAFICH)
- "Quintais antigos" / Marcelo Ribeiro Leite de Oliveira – Química (ICEX)

Concurso de poemas

- 1º lugar: "Solange" / Sérgio Coelho de Medeiros – Faculdade de Letras
- 2º lugar: "A primeira mulher"; "Revivenda"; "Legítima defesa"; "Dúvida existencial nº 3.747 (45º dor de corno)"; "Ocupações" / Cássio Barbosa Cruz – Faculdade de Ciências Econômicas
- 3º lugar: "Conferência de Genebra"; "Ad eternum"; "Coisa de poeta"; "Eu, meus poemas e o amor"; "Um dia na vida de M" / Adar Carvalhais Jr. – História (FAFICH)

Concurso de poemas – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- “Clarice” / Luci Cléa Soalheiro – Faculdade de Letras
- “Our town” / Olímpio José Pimenta Neto – Filosofia (FAFICH)
- “A vida em Ouro Preto” / Wilson Luiz Moreira Barbosa – História (FAFICH)

Segunda seção

Poemas

- “A projeção da casa” / Ana Maria de Almeida
- “Circo” / Ronald Claver
- “O mel do amor” / Ronald Claver
- “Permanência” / Lúcia Gouvêa Pimentel
- “Gaveta” / Lúcia Gouvêa Pimentel
- “Brincadeira” / Carlos Alberto Marques dos Reis
- “Romã/ tico-tico” / Carlos Alberto Marques dos Reis
- “Mariana” / Carlos Alberto Marques dos Reis
- “Ao meu filho morto” / Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

Contos

- “Fatias” / Magda Velloso Fernandes Tolentino
- “Mar” / Maria do Carmo Brandão
- “Briga” / Maria do Carmo Brandão

Ensaio

- “Reflexões sobre o ufanismo na literatura brasileira” / Lauro Belchior Mendes
 - “Os viajantes de 70” / Leopoldo Comitti
 - “Três poemas: três poetas” / Léa Selma Amaral
 - “Em torno do(s) Prazer(es) do(s) Texto(s)” / Simone Cerqueira Batitucci
-

Revista Literária nº 21 (1989)

Coordenadora: Ana Maria de Almeida
Subcoordenador: Carlos Alberto Marques dos Reis

Comissão da revista

Ana Maria de Almeida
Ronald Claver Camargos
Carlos Alberto Marques dos Reis

Comissão julgadora de 21º Concurso de Contos e Poemas

Professora Rosa Maria Neves da Silva
Professor Sérgio Alves Peixoto
Universitária Eliane Mourão

Comissão julgadora do concurso de ilustrações

Isabel Cristina de Azevedo Passos (EBA/UFMG)
Jarbas Juarez Antunes (EBA/UFMG)
Márcio Sampaio (EBA/UFMG)
Pompea Peret Britto da Rocha (EBA/UFMG)

Concurso de contos

- 1º lugar: "Odaliscas"; "O rosto" / Ana Cristina Fernandes Morais Cavalcanti – Faculdade de Letras
- 2º lugar: "Coração-mortalha"; "As camisolas azuis de um delirante ofício" / Vênus Brasileira Couy – Faculdade de Letras
- 3º lugar: "Amorchxx"; "Retrato em branco e preto"; "Lolita, meu amor" / Terezinha Taborda Moreira – Faculdade de Letras

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "Irmãozinhos" / César Geraldo Guimarães – Faculdade de Letras

Concurso de poemas

- 1º lugar: "Misiones"; "Delícia Argentina"; "Coelho de Alice em Wonderland"; "Moda primavera-verão"; "Once upon a time" / Rita Espeschit – Comunicação Social (FAFICH)
- 2º lugar: "Efêmero"; "Amolação"; "Sem referencial"; "Corte e sutura", "Desencanto" / Flávio Gonçalves Mota – Faculdade de Letras
- 3º lugar: "Quarto-abacate"; "Confins"; "Rostos"; "Língua-de-trapos"; "Free-jazz" / Sérgio Aurélio de Souza – Faculdade de Letras

Concurso de poemas – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "Ritos de iniciação" / César Geraldo Guimarães – Faculdade de Letras
- "Lição de casa" / César Geraldo Guimarães
- "Mistérios dolosos" / César Geraldo Guimarães
- "Inventário amaro" / César Geraldo Guimarães
- "Esquizofrenia em primeira exibição" / César Geraldo Guimarães

Segunda seção

Poemas

- "Encanto" / José Amâncio de Carvalho
- "Manhã" / José Amâncio de Carvalho
- "Gênesis" / Orlando Bianchini
- "Baú" / Tânia Diniz

Contos

- "Fantasias de uma mulher casada" / Vera Lucia Menezes de Oliveira e Paiva
- "O salto" / Tânia Diniz
- "A viagem" / Magda Velloso Fernandes de Tolentino

Ensaio

- "Desliciosamentos – ensaios poéticos a Claude Monet por *A Estação Saint-Lazare*" / Eliane Mourão e Luís Alberto dos Santos
- "Razão e Loucura em *O louco do cat*" / Luiz Cláudio Vieira de Oliveira
- "Reflexões sobre *O menino de engenho*" / Lauro Belchior Mendes
- "Análise do discurso pedagógico" / Valéria Martins de Souza

Revista Literária nº 22 (1990)

Comissão da revista

Ana Maria de Almeida
 Ronald Claver Camargos
 Carlos Alberto Marques dos Reis

Comissão julgadora de 22º Concurso de Contos e Poemas

Ana Maria de Almeida
 Ronald Claver Camargos
 Carlos Alberto Marques dos Reis
 Reinaldo Martiniano Marques

Comissão julgadora do concurso de ilustrações

Isabel Cristina de Azevedo Passos (EBA/UFMG)
 Márcio Sampaio (EBA/UFMG)
 Mário Zavagli (EBA/UFMG)

Concurso de contos

- 1º lugar: "O movimento das ruas"; "A visita"; "Solidão que nada" / Luiz Alberto dos Santos – Faculdade de Letras
- 2º lugar: "O desespero de Mr. Lênin" / José Adércio Leite
- 3º lugar: "O urubu e o burro" / Aerton de Paulo Silva

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "O diário de Medéia" / Guiomar de Grammont – Mestrado em Filosofia (FAFICH)

Concurso de poemas

- 1º lugar: "Desliz"; "A câmara clara"; "O heterogêneo"; "Arte: estudo nº 1"; "Arte: estudo nº 2" / Luiz Alberto dos Santos – Faculdade de Letras
- 2º lugar: "Sem título I"; "Sem título II"; "Sem título III"; "Sem título IV"; "Sem título V" / Denise Costa de Almeida – Faculdade de Letras
- 3º lugar: "Caixa de pandora"; "Quimera"; "Sudário"; "De um amor sem piedade"; "Canto geral" / Fabrício César da Cruz e Franco – Comunicação Social (FAFICH)

Concurso de poemas – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- “Quatro poemas de amor e uma canção sem desespero – poema nº 1” / Denise Costa de Almeida
- “Melodrama” / Vênus Brasileira Couy

Segunda seção

Poemas

- “Minas I” / Carlos Alberto Marques dos Reis
- “Coisas de Minas” / Carlos Alberto Marques dos Reis
- “Surreal” / Maria Nazareth Soares Fonseca
- “Vide bula” / José Amâncio de Carvalho

Contos

- “Aos quatro ventos” / Sérgio Aurélio de Souza
- “Um dia, um homem” / Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva
- “Vestido Branco” / Ilka Valle de Carvalho
- “Partido verde” / Tânia Diniz

Ensaaios

- “Garimpo de desejos: escavação de sentido na linguagem de *Os dois irmãos*” / Vera Lúcia Felício Pereira
- “Notas para uma poética de desmetaforização” / Idelber V. Aguiar
- “Chapeuzinho amarelo: a subversão do mito” / Nírley A. Oliveira

Terceira Seção

- “Ô Lapassi & outros ritmos de ouvido: modo de usar” / Rique Aleixo
- “Os simulacros dos ambulacros” – César Geraldo Guimarães
- “Os ritmos do corpo e os ritmos da escrita em *Véspera de lua*” – Ruth Silviano Brandão¹⁷⁸

¹⁷⁸ Ruth Silviano Brandão é doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente, é professora de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da UFMG. Possui publicados os livros *Mulher ao pé da letra* (ensaio, vencedor do Prêmio Nacional Cidade de Belo Horizonte, em 1989, publicado pela editora UFMG); *Pássaro em voo* (editora Miguilim, em 1994, poesia); *Literatura e psicanálise* (ensaio, publicado pela Editora da Universidade, UFRGS, 1996). É coautora, com Lúca Castello Branco, dos livros *A mulher escrita* (Casa Maria Editorial, 1989);

- “Alegria dos homens” / Orlando Bianchini

Revista Literária nº 23 (1991)

Comissão da revista

Ana Maria de Almeida
 Ronald Claver Camargos
 Carlos Alberto Marques dos Reis

Comissão julgadora de 23º Concurso de Contos e Poemas

Ana Maria de Almeida
 Ronald Claver Camargos
 Carlos Alberto Marques dos Reis
 Acir Pimenta Madeira

Comissão julgadora do concurso de ilustrações

Isabel Cristina de Azevedo Passos (EBA/UFMG)
 Márcio Sampaio (EBA/UFMG)
 Jarbas Juarez Antunes (EBA/UFMG)

Concurso de contos

- 1º lugar: “Presente” / Luiz Dias Bahia / Mestrado em Economia (FACE)
- 2º lugar: “A senhorita Thompson” / Denise Costa de Almeida – Faculdade de Letras
- 3º lugar: “Feliz aniversário” / Luís Alberto F. Brandão Santos¹⁷⁹ – Mestrado em Literatura Brasileira (FALE)

Literaterras: bordas do corpo literário (ensaios, Ed. UFMG, 1995); e, com José Marcos Resende Oliveira, do livro *Machado de Assis leitor: uma viagem à roda de livros*, publicado em 2011.

¹⁷⁹ É professor titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde atua, desde 1996, na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Possui os títulos de Doutor em Literatura Comparada (1996), Mestre em Literatura Brasileira (1992), e Licenciatura Plena em Inglês e Literaturas (1989) e em Português e Literaturas (1988) pela UFMG. Realizou pós-doutorado na Universidade de São Paulo (2004-2005) e na Universidade Federal de Santa Catarina (2010-2011). É um dos líderes do grupo de pesquisa TransVerso - Fórum Transdisciplinar de Criação e Estudos Poéticos. Ensaísta e ficcionista, publicou, entre outros, os livros

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- “Impacto” / Adalgisa Botelho de Mendonça – Faculdade de Letras

Concurso de poemas

- 1º lugar: “De como a princesa Somaprabha respondeu ao rei, seu pai, mediante aos três pretendentes”; “Trama”; “Delírios de Carl Jung”; “Exílio”; “Conselho chinês” / Maria Esther Maciel de Oliveira – Doutorado em Literatura Comparada (FALE)
- 2º lugar: “Fantasias para violino, voz, piano, flauta e percussão” / Luís Alberto F. Brandão dos Santos Santos – Mestrado em Literatura Brasileira (FALE)
- 3º lugar: “Cartilha brasileira” / Carlos Eduardo Cherem

Concurso de poemas – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- “Dispersos” / Antônio Rodrigues Alves Júnior – Mestrado em Direito Constitucional (Faculdade de Direito)
- “Inventário” / Maria Esther Maciel de Oliveira – Doutorado em Literatura Comparada (FALE)
- “Allegro” / Denise Costa de Almeida – Faculdade de Letras

Segunda seção

Poemas

- “Tempo e modo” / Plínio Carneiro
- “Feito flor” / Tânia Diniz
- “Curral del Rei” / Ronald Claver
- “Não importa o coração” / Ronald Claver

Grafias da identidade: literatura contemporânea e imaginário nacional (Finalista do Prêmio Jabuti na categoria teoria/crítica literária), *Um olho de vidro: a narrativa de Sérgio Sant’Anna* (Prêmio Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte, categoria ensaio), *Chuva de letras* (Prêmio Nacional de Literatura João-de-Barro, Finalista do Prêmio Jabuti, Livro selecionado para o PNBE 2011, Programa Nacional Biblioteca da Escola, do MEC), *Manhã do Brasil* (Finalista do Prêmio Portugal Telecom e Finalista do Prêmio São Paulo de Literatura), *Saber de pedra: o livro das estátuas* (Bolsa Vitae de Artes: literatura) e *Tablados: livro de livros*. Como pesquisador do CNPq, desenvolve atualmente o projeto Espaço como Categoria Transdisciplinar, vinculado ao IEAT - Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares da UFMG, por meio do Programa Professor Residente. Disponível em: < <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4727987H3>>. Acesso em: 13 abr. 2013.

Contos

- "A volta do campeão" / Luiz Vilela
- "Réquiem" / Luís Gonzaga Vieira
- "Dez/encontros" / Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva
- "A fila" / Magda Velloso Fernandes de Tolentino

Ensaaios

- "A festa de Babette" / Cesar Nardelli Cambraia
- "Querelle – muito além de qualquer princípio" / Márcio Venício Barbosa

Revista Literária nº 24 (1992)

Comissão da revista

Ana Maria de Almeida
 Ronald Claver Camargos
 Carlos Alberto Marques dos Reis

Comissão julgadora de 24º Concurso de Contos e Poemas

Ana Maria de Almeida
 Ronald Claver Camargos
 Carlos Alberto Marques dos Reis
 Leopoldo Comitti

Comissão julgadora do concurso de ilustrações

Isabel Cristina de Azevedo Passos (EBA/UFMG)
 Márcio Sampaio (EBA/UFMG)
 Jarbas Juarez Antunes (EBA/UFMG)

Concurso de contos

- 1º lugar: "Escreva querida" / Francisco de Moraes Mendes – Mestrado em Literatura Brasileira (FALE)
- 2º lugar: "Noite quase" / Luís Alberto F. Brandão Santos – Mestrado em Literatura Brasileira (FALE)
- 3º lugar: "Bang" / Jacira Meneghello Delvivo – Faculdade de Letras

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "Posfácio à obra de Isaac Zembrain" / Daniel Galupo de Paula Penna – História (FAFICH)
- "Luiz Fernando em contos de luz" / Denise Costa de Almeida – Faculdade de Letras

Concurso de poemas

- 1º lugar: "I – O mago"; "XIII – A temperança"; "VIII – O ermitão"; "VII – A carruagem"; "XVIII – A lua" / Luís Alberto F. Brandão Santos – Mestrado em Literatura Brasileira (FALE)
- 2º lugar: "Os grafitos de Paidéia" / Denise Costa de Almeida – Faculdade de Letras
- 3º lugar: "Amar exato"; "Separação"; "Despedida"; "Estio"; "Quase em tempo" / Luiz Dias Bahia – Mestrado em Ciências Econômicas (FACE)

Concurso de poemas – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "Coração 1"; "Coração 2"; "Coração 3"; "Coração 4"; "Coração 5" / Jovino Rabêlo Machado – Faculdade de Letras
- "Seis propostas para o próximo milênio" / Luís Alberto F. Brandão Santos Santos – Mestrado em Literatura Brasileira (FALE)

Segunda seção

Poemas

- "Curto circuito" / Ronald Claver
- "Marginal" / Ronald Claver
- "Composição" / Sônia Maria de Melo Queiroz

Contos

- "O pedido" / Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva
- "O sonho" / Magda Veloso Fernandes de Tolentino

Ensaio

- "Reflexões sobre a família ou Martins Pena e amor" / Regina Horta Duarte
- "A imagem (i)material: notas sobre o vídeo-poesia de Ernesto M. de Melo e Castro" / Júlio Pinto
- "Propostas por uma prática da leitura" / Luiz Cláudio Vieira de Oliveira
- "As filhas perversas" / Leopoldo Comitti

Revista Literária nº 25 (1994)

Comissão editorial

Maria Esther Maciel de Oliveira
Ronald Claver Camargos
Carlos Alberto Marques dos Reis
José Américo de Miranda Barros

Comissão julgadora do 25º concurso de contos, poemas e ensaios

Contos

Carlos Herculano de Oliveira
Francisco de Morais Mendes

Poemas

Jair Tadeu da Fonseca
Rita de Cássia Espeschit Braga
Ronald Claver Camargo

Ensaio

Eneida Maria de Souza
Lúcia Castello Branco
Vera Lúcia de Carvalho Casa Nova

Comissão julgadora do concurso de ilustração

Marcelo Drummond Lage (EBA/UFMG)
Isabel Cristina Azevedo Passos (EBA/UFMG)
Antônio Eustáquio Costa Dias (EBA/UFMG)

Concurso de contos

- 1º lugar: "Cheiro de rosas e mamãe morta"; "Colecionador de cenas"; "Tratado sobre a bomba" / Elvira Maria Caetano Pereira – Faculdade de Letras
- 2º lugar: "Um primeiro instante"; "Do jogo e das peças"; "Arlequim, arlequim" / Jussara Santos – Faculdade de Letras
- 3º lugar: "Pizzas"; "Diluição na narrativa"; "Olhos do mito" / Fabrício Marques de Oliveira¹⁸⁰ – Mestrado em Literatura Brasileira (FALE)

¹⁸⁰ Fabrício Marques de Oliveira é professor universitário na área de Comunicação, em nível de Graduação, desde 1999, e em nível de Pós-Graduação a partir de 2005. Possui mestrado em Teoria da Literatura pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (1996) e doutorado em Literatura Comparada pela mesma instituição (2004). Como jornalista, trabalhou como repórter, redator e editor nos jornais *Diário da Tarde* e *O Tempo* e na revista *Palavra*, e recebeu diversos prêmios regionais e nacionais, como o primeiro lugar no Prêmio Abrelpe de Reportagem (2006). Colaborou com a Folha de S. Paulo e a revista *Vida Simples* (Ed. Abril), e dirigiu o *Suplemento Literário* de Minas Gerais, do qual faz parte do conselho editorial desde 2009. É autor de *Samplers* (poemas, editora Relume Dumará, 2000, Prêmios Culturais de Literatura do Estado da Bahia), *Aço em flor: a poesia de Paulo Leminski* (ensaio, Autêntica, 2001), *Meu pequeno fim* (poemas, Scriptum, 2002), *Dez conversas* (entrevistas com poetas contemporâneos, edição bilíngüe, Gutenberg, 2004), *Sebastião Nunes* (organizador, Ed. UFMG, 2008) e *A fera incompletude* (poemas, Dobra Editorial, 2011 resultado do Programa de Bolsas de Estímulo à Criação Artística Categoria Criação Literária, Funarte, em 2008, o livro foi indicado ao Prêmio Portugal Telecom e ao Prêmio Jabuti em 2012). Disponível em: < <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4708923P2>>. Acesso em 13 abr. 2013.

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- “Libertango” / Jacques de Oliveira Bernardes / Ciência da Computação
- “O tão esperado descanso da cabeça do Sr. Leal ou onde quer que você esteja não esqueça de escrever” / André Felipe Pinto Duarte – Filosofia (FAFICH)
- “A herança” / Idalmo Geraldo Duarte Júnior – Comunicação Social/Radialismo (FAFICH)

Concurso de poemas

- 1º lugar: “Algum”; “Todos”; “Página”; “Nenhuma”; “Breve” / Carlos Augusto Novais – Mestrado em Literatura Brasileira (FALE)
- 2º lugar: “E então que quereis, Maiakovski?”; “Tarde”; “Família”; “Poema de amor morto”; “Memória das cacimbas” / Antônio Rodrigues de Souza – Faculdade de Letras
- 3º lugar: “Comer um anjo”; “A palavra do anjo”; “Anunciação”; “A nudez é um anjo”; “Gênese” / Luís Alberto Ferreira Brandão Santos – Doutorado em Literatura Comparada (FALE)

Concurso de poemas – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- “Sem título” / Manoel Marcos Rodrigues das Neves – Faculdade de Letras
- “Diário de Anita II” / Celi Márcio Silva Santos – Faculdade de Letras

Concurso de ensaios

- 1º lugar: “A paixão da narrativa impossível (iluminação: Sérgio Sant’Anna)” / Luís Alberto Ferreira Brandão Santos – Doutorado em Literatura Comparada (FALE)
- 2º lugar: “Poesia concreta, labirinto?” / Andréa Soares Santos – Faculdade de Letras
- 3º lugar: “Ouvir sons, olhar montanhas” / Telma Mourão Blanck – Faculdade de Letras

Concurso de ensaios – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- “Jonas (ou no ventre do paradoxo)” / Rui Rothe-Neves – Faculdade de Letras

Segunda seção

Poemas

- "Desvio" / Maria Esther Maciel
- "La Rica" / Ivan Cupertino
- "Judith" / Carlos Alberto Marques Reis
- "Misiones" / Rita Espescht

Contos

- "O limite" / Carlos Herculano Lopes
- "A surpresa" / Carlos Herculano Lopes
- "Miragens" / Carlos Herculano Lopes
- "Exame de objeto delito" / Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva
- "Mulher à espera do trem ao entardecer" / Constance Pierce (Trad. Sérgio Alvez Peixoto)

Ensaio

- "Um verso de Castro Alves" / José Américo Alves
- "Mário Quintana e a ira romântica" / César Nardelli

Revista Literária nº 26 (1996)

Coordenador: Carlos Alberto Marques dos Reis

Subcoordenador: Ronald Claver Camargo

Comissão julgadora do 26º concurso de contos, poemas e ensaios

Contos

Carlos Herculano de Oliveira

Letícia Malard

Poemas

Antônio de Pádua Barreto
Rita de Cássia Espescht Braga
Ronald Claver Camargo

Comissão julgadora do concurso de ilustração

Marcelo Kraiser
Isabel Cristina Azevedo Passos
Vlad Eugen Poenaru

Concurso de contos

- 1º lugar: "O fio da memória" / Bernardo Rigueira Rennó Lima – Comunicação Social (FAFICH)
- 2º lugar: "O sonho das tartarugas azuis" / Edson Rodrigues de Moraes Filho – Faculdade de Letras
- 3º lugar: "Domingo" / Alexandre Magno Alves – Ciências Sociais (FAFICH)

Concurso de contos – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "A última hora de Mário" / Fabrício Marques de Oliveira – Faculdade de Letras
- "Alongando o dia" / Marcos Áureo Luiz – Faculdade de Letras
- "Ilações sobre perspicácia" / Celi Márcio Santos – Faculdade de Letras

Concurso de poemas

- 1º lugar: "Leitmotiv"; "Origami"; "Aviso na entrada do cinema"; "Vidarte"; "Asas do desejo" / Anísio Viana da Silva – Faculdade de Letras
- 2º lugar: "Vinte e quatro quadros por segundo"; "Bolero"; "Exercício da vertigem"; "A estrutura do dia"; "Das águas que sabem de Marços" / Fabrício César da Cruz e Franco – Faculdade de Direito
- 3º lugar: "Ser sem pre vi si vel"; "Um lance de dardo jamais abolirá o acaso (quasemallarmé)"; "Sol – pó ente"; "Us/Uz"; "O ínfimo" / Oswaldo Augusto Palhares Teixeira – Comunicação Social (FAFICH)

Concurso de poemas – Trabalhos escolhidos – Menção honrosa

- "O enterrado vivo" / Fabrício Marques de Oliveira – Faculdade de Letras – Mestrado em Teoria da Literatura

- “Nunquitudes” / Alexandre Rodrigues da Costa – Faculdade de Letras
- “Andante” / Alan Castellano Valente – Faculdade de Letras

Segunda seção

Poemas

- “Strip tease” / Ângelo Machado
- “Múltipla escolha” / José Amâncio de Carvalho
- “Porto Seguro” / Carlos Alberto Marques dos Reis
- “Encenação das sobras” / José A. R. Frota.
- “Outono” / Tila Amarante Cohen

Contos

- “Bolas e versos” / Vera Lúcia Meneses de Oliveira e Paiva
- “Bagdá-Iraque” / Fábio Alves da Silva Júnior

Ensaaios

- “As três Isauras: fichas de arquivo desordenado da memória familiar em *A dança dos cabelos*” / Letícia Malard
- “Autoinvenção e metamorfose” / Ruth Silviano Brandão
- “Dia dos mortos” / Rui Rothe-Neves
- “Duelo da existência contra a não-existência: uma leitura de *O cavaleiro inexistente*, de Ítalo Calvino” / Isabel Rodrigues (Graduação/FALE/UFMG)
- “Estruturalismo e semiótica” / Luiz Cláudio Vieira de Oliveira

ILUSTRAÇÕES

Revista Literária nº 1

(não possui ilustrações)

Revista Literária nº 2

(não possui ilustrações)

Revista Literária nº 3

(não possui ilustrações)

Revista Literária nº 4

Ilustrações sem relação de nomes dos autores. Textos criados pelos alunos da Escola de Belas Artes da UFMG

Revista Literária nº 5

Ilustradores (alunos do curso de Especialização em Desenho da EBA sob supervisão do prof. Álvaro Brandão Apocalypse):

Ana Lúcia Goulart

Elizabeth Lana da Rocha

Erlí de Oliveira Fantini Chanchan

Iara de Oliveira e Silva

Madge Harry O'Brien

Marcus Micheletti Dias

Maria Cármem Batista Bahia

Maria Mercês de Sá

Mauro Lúcio Starling
Rosângela de Carvalho Ferreira
Vanice Ayres Leite

Revista Literária nº 6

Ilustradores (alunos do curso de Especialização em Desenho da EBA sob supervisão do prof. Álvaro Brandão Apocalypse):

Ana Raquel Máximo Pereira
Delane Rosa Teixeira
Erenice Picinim
Ivone Luzia Vieira
Jan Deckers
Leila Pontes de Albuquerque
Marcília Luciano Azevedo
Maria Cristina Ferreira de Melo
Maria Valéria Fleury Amado Henriques
Marisa Santos de Castro Ferrari
Vânia de Campos Menezes
Verônica Botelho Pinto

Segunda Sessão: Erli de Oliveira Fantini Chanchan (4ª série)

Revista Literária nº 7

Ilustradores (alunos da Escola de Belas Artes da UFMG):

Márcia Meyer Ferreira Guimarães
Joyce Maria Silveira Brandão
Margarida Geralda Santos Cendon
Maria Lídice Faria
Lúcio Flávio Ribeiro Baía
Andréia Rocha Santos

Maria Caldeira
Geraldo Roberto da Silva
Sandra Maria Bianchi
Marcília Luciano Azevedo (3ª série)
Glaura Mary Pereira (4ª série)

Revista Literária nº 8

Ilustradores:

Ana Lúcia Neto Martins
Antônia Lúcia do Couto e Lima
Íris Ribeiro de Lacerda
Isabel Cristina de Azevedo Passos
Jaroslava Dopitova
Joyce Maria Silveira Brandão
Leandro Gontijo de Abreu Teixeira
Liliane Izapovitz Romanelli
Márcia Meyer Ferreira Guimarães
Maria Barbosa
Maria Lídice Faria
Paula Regis Junqueira
Rosângela Teixeira Lisboa
Terezinha Morais de Rezende
Virgínia Christófaru Ribeiro

Supervisão: prof. Eduardo de Paula

Revista Literária nº 9

I concurso de ilustrações da *Revista Literária*

19 candidatos

Comissão Julgadora – professores:

Álvaro Brandão Apocalypse

Beatriz Ramos de Vasconcellos Coelho

Júlio Espíndola de Castro Neto

Concurso de ilustrações

1º Lugar: Paula Régis Junqueira (EBA) – ilustrou o poema “Eu, de nome Lutero Reis”

2º Lugar: Sandra Bianchi (EBA) – ilustrou o poema “O rato”

Menção honrosa: (todos alunos da EBA)

Isabel Cristina Passos

Alvina Maciel

Paula Régis Junqueira

Liliane Izapovitz Romanelli

Verônica Bezerra Neves

Geraldo Roberto

Sérgio Morais (aluno do Coltec)

Revista Literária nº 10

Total de ilustrações enviadas: 33 – 12 alunos (10 EBA; 1 Psicologia; 1 Engenharia Elétrica)

Critérios: qualidade gráfica, abordagem do texto escolhido, exigências fixadas no regulamento do concurso.

Comissão julgadora: professores

Júlio Espíndola de Castro Netto (EBA)

Sandra Maria Bianchi (EBA)

Maria Antonieta Antunes Cunhas (FALE)

Concurso de ilustrações

1º Lugar: Maria José Boaventura Leite (EBA) – “O coronel não verá jamais os seus filhos”

2º Lugar: Lina Isabel Cristina de Azevedo (EBA) – “O ventre da Terra”

3º Lugar: Elizabeth Netto Calil Zarur (EBA) – “Carrinho de rolimã”

Menção honrosa

Sandra Cristina de Oliveira Castro (EBA) – “Cotidiano”

Sérgio Nunes de Moraes (EBA) – “Retrato”

Maria José Boaventura Leite (EBA) – “Retrato” e “Lágrima de urso”

Gérson Flávio Lopes Boson (EBA) – “O ventre da Terra”

Revista Literária nº 11

Comissão do concurso de ilustrações:

Prof. Wilde Damaso Lacerda (Belas Artes)

Prof. Márcio Sampaio (Belas Artes)

Profa. Rosângela Carvalho (Belas Artes)

Coordenação: profa. Maria do Carmo Vivacqua Martins, do Cenex EBA

Total de ilustrações enviadas: 25

Concurso de ilustrações

1º Lugar: Lucas Tadeu Salgado (trabalho "Marcolino")

2º Lugar: Sérgio Nunes de Moraes (trabalho "Além")

3º Lugar: Rosa Helena Razuck (trabalho "Mata-me de amor")

Menção Honrosa

Elizabeth Nato Calil Zarur ("Quatro tempos e o reverso")

Revista Literária nº 12

(Não possui ilustrações)

Revista Literária nº 13**Ilustradores:**

Paulo de Tarso Correa (Paulo Fatal) (Belas Artes)

Rúbia Roberta R. S. Furtado (Belas Artes)

Maria Beatriz Mattos Almeida Satles Bretas (Profa. Com. Social)

Revista Literária nº 14**Ilustradores:**

Hélvio Rodrigues da Silva (Belas Artes)

Paulo de Tarso Correa (Paulo Fatal) (Belas Artes)

Rúbia Roberta R. S. Furtado (Belas Artes)

Maria Beatriz Mattos Almeida Satles Bretas (Profa. Com. Social)

Revista Literária nº 15**Ilustradores:**

Hélvio Rodrigues da Silva (aluno da EBA)

José Ricardo Ozólio (aluno da EBA)

Humberto Grisolia de Oliveira Neto (aluno Com. Social)

Professoras da Com. Social:

- Maria Beatriz A. S. Bretas
- Rubia Roberta

Revista Literária nº 16

Ilustradores:

Alan de Freitas Passos (aluno da Filosofia)

Alunos da Comunicação Social:

- Marta Vieira Silva
- Humberto Grizolia de Oliveira Neto
- Carlos Murilo Trindade Moreno

Hélvio Rodrigues da Silva (aluno da EBA)

Rúbia Roberta (profa. Comunicação Social)

Revista Literária nº 17

Ilustradores:

Rosa Maria Alves Pereira (servidora da Fafich)

Hélvio Rodrigues da Silva (aluno Belas Artes)

Rúbia Roberta (profa. da Com. Social)

Carlos Murilo Trindade Moreno (aluno da Comunicação Social)

Revista Literária nº 18

Ilustradores:

Jimmy Leroy (aluno Belas Artes)

Rúbia Roberta (profa. da Com. Social – Fafich)

Revista Literária nº 19

Ilustradores (alunos da Escola de Belas Artes da UFMG):

Fernando Augusto

Irmgard Schanner

Jimmy Leroy

Cláudia Pauliello
Adriano José Esteves
Denise R. Rodrigues
Gina S. Nogueira
Eugênio Pachielli
Maria do Carmo Almeida
Carlos Magno Coelho
Cláudia Diniz Silveira
Magda Rezende de Oliveira
Marisa Vasconcelos Dutra
Domenique Lapouble Correa
Beatriz Menezes
Fernando Cruz
Adriana Silveira
Adriana Leão
Agnaldo Pinho
Lúcio César de Oliveira

Revista Literária n° 20

Ilustradores (alunos da Escola de Belas Artes da UFMG):

Adriano Estêves
Denise Rachael
Eimir Fonseca Magalhães
Getúlio Moreira
Gina S. Nogueira
João Valdênio Silva
José M. Fernandes Machado
Soraya Fernandes Lages

Revista Literária nº 21

Comissão julgadora do concurso de ilustrações

Isabel Cristina de Azevedo Passos (EBA/UFMG)

Jarbas Juarez Antunes (EBA/UFMG)

Márcio Sampaio (EBA/UFMG)

Pompea Peret Britto da Rocha (EBA/UFMG)

Ilustradores:

Adriano José de Souza Esteves

João Valdênio Silva

Adriana Leão

Fernando Gomes da Cruz

Lúcia Mota

Cláudia Paoliello

Revista Literária nº 22

Comissão julgadora do concurso de ilustrações

Isabel Cristina de Azevedo Passos (EBA/UFMG)

Márcio Sampaio (EBA/UFMG)

Mário Zavagli (EBA/UFMG)

Ilustradores:

Fernando Coimbra Perdigão

Ana América Antunes Rezende

João Valdênio Silva

Beatriz Mourão

Revista Literária nº 23

Comissão julgadora do concurso de ilustrações

Isabel Cristina de Azevedo Passos (EBA/UFMG)

Márcio Sampaio (EBA/UFMG)

Jarbas Juarez Antunes (EBA/UFMG)

Ilustradores:

Paulo Roberto Barbosa

Fernando Coimbra Perdigão

Paulo Roberto Barbosa

Ana América Antunes Rezende

Maria do Carmo Olímpio da Fonseca

Fernando Coimbra Perdigão

Beatriz Mourão

Revista Literária nº 24

Comissão julgadora do concurso de ilustrações

Isabel Cristina de Azevedo Passos (EBA/UFMG)

Márcio Sampaio (EBA/UFMG)

Jarbas Juarez Antunes (EBA/UFMG)

Ilustrações sem os nomes dos autores.

Revista Literária n° 25

Comissão julgadora do concurso de ilustração

Marcelo Drummond Lage (EBA/UFMG)
Isabel Cristina Azevedo Passos (EBA/UFMG)
Antônio Eustáquio Costa Dias (EBA/UFMG)

Ilustradores:

Geraldo Magela de Miranda Lima
Walfredo Macedo Veiga Júnior
Sílvia Campos Aroeira
Carlos Magno Oliveira Rodrigues
Beatriz Mourão
Kássia Gonçalves Rocha
Túlio Márcio de Oliveira
Iriam Gomes Starling

Revista Literária n° 26

Comissão julgadora do concurso de ilustração

Marcelo Kraiser
Isabel Cristina Azevedo Passos
Vlad Eugen Poenaru

Ilustradores:

Gisele de Moura Siqueira
Livia Haele Arnaut
Geraldo Breno Rodrigues Amaral
Eugênio Paccelli Horta

Carla da Costa Teixeira

Carla da Costa Teixeira

Roberto de Oliveira Melo

Bruno Corrêa

Mirian Lourdes Scofield Osório Vieira